



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
ÁREA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

RAQUEL FRANÇA DOS SANTOS FERREIRA

A “Última Página” de *O Cruzeiro*: crônicas e escrita
política de Rachel de Queiroz no pós-64

Niterói, julho de 2015

RAQUEL FRANÇA DOS SANTOS FERREIRA

A “Última Página” de *O Cruzeiro*: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no pós-64

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor.

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Giselle Martins Venancio**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

F383 Ferreira, Raquel França dos Santos.
A “Última Página” de O Cruzeiro : crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no Pós-64 / Raquel França dos Santos Ferreira. – 2015.
284 f. : il.

Orientadora: Giselle Martins Venancio.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2015.
Bibliografia: f. 272-284.

1. Queiróz, Rachel de, 1910-2003. 2. O Cruzeiro (Revista).
3. Crônica brasileira. 4. História. 5. Literatura. 6. Ditadura militar.
I. Venancio, Giselle Martins. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 928.69

RAQUEL FRANÇA DOS SANTOS FERREIRA

A “Última Página” de *O Cruzeiro*: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz no pós-64

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Giselle Martins Venancio – Orientadora (UFF)

Prof.^a Dr.^a María Verónica Secreto – Arguidora (UFF)

Prof.^a Dr.^a Denise Rollemberg – Arguidora (UFF)

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Ribas – Arguidora (UERJ)

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos – Arguidor (UFC)

Prof.^a Dr.^a Karla Carloni – Suplente (UFF)

Prof.^a Dr.^a Márcia de Almeida Gonçalves – Suplente (UERJ)

Niterói, julho de 2015

À memória de meu pai, IVANILDO

E ao futuro de meu filho, HEITOR

AGRADECIMENTOS

O Desafio

Por: Raquel Ferreira

Reunidos estávamos, em uma tarde primaveril dos idos de 2010, na sala da Coordenadoria de Publicações Seriadas da Fundação Biblioteca Nacional quando, subitamente, nossa Coordenadora Carla Ramos demandou a mim: “preciso da crônica *Regeneração*, de Rachel de Queiroz. Acho que saiu em *O Cruzeiro*, na década de 60. Encontra para mim, por favor?”

Nesse percurso de investigação, longo e tortuoso, *Chronos* e *Mnemosine* debatiam-se em minha cabeça. *Chronos*, aquele grego que nos consome ao mesmo passo que nos preenche, insistente e apressado marcando os prazos, a disciplina. *Mnemosine*, igualmente grega, porém lânguida, delicada, selecionando as lembranças, os silêncios, as ausências.

Cumprindo os protocolos iniciais sinalizamos o amparo da Fundação Biblioteca Nacional – RJ, sem cujo afastamento com a manutenção de proventos, esse trabalho seria inviável.

Páginas viradas, somaram-se forças. Muitas. Das mudanças, gratas contribuições como as da Prof^a Dr^a Giselle Martins Venancio: orientação sempre firme, precisa, valiosa; as da Banca de Qualificação, com as ponderações das professoras María Verónica Secreto e Márcia de Almeida Gonçalves, e as das arguições dos professores Régis Lopes, Denise Rollemberg, Maria Cristina Ribas e, novamente, María Verônica Secreto, presentes na Banca de Defesa.

Mnemosine delicadamente aponta a participação Natália Guerellus, cuja aproximação entre nossos objetos de estudo resultou em trocas de informações sobre acervos, curiosidades, preciosidades.

Fundamentais também foram as indagações e os debates proporcionados pelos “Arstistas”, Prof^a Dr^a Celina Mello e Prof. Dr. Pedro Paulo Catharina. Sem esquecer, *Mnemosine*, dos nossos amigos Irineu E. Jones Corrêa, Maria Ione Caser, Maria do Sameiro Fangueiro, Fernando Monteiro Barros e todos de *Periódicos & Literatura*.

Peço licença, meu caro *Chronos*, mas preciso aqui avisar a Lia Jordão, Rafaella Bettamio, Otávio Alexandre e Pedro Lapera que valeu!! Está valendo cada minuto!

Dos funcionários do PPGH-UFF precisamos ressaltar o trabalho sempre prestimoso e solícito.

Calma. Há outras pessoas que a suave *Mnemosine* não cansa de citar: Iris, Debora, Alex, Zêila, Wilson e Meri. Imprescindíveis nas horas de sobrecarga doméstica: fica com o Heitor? Pega ele na escola? Posso almoçar com vocês? E por aí vai...

Corações em festa, Leonardo e Heitor, homens da minha vida: estamos chegando juntos e inteiros ao fim dessa jornada!

Mnemosine, minha cara, mais alguém? Ora, claro! Como poderia esquecer? Luciana!! Revisa para mim, por favor, cunhada?

Desafio aceito, cinco anos depois, aqui lhes rendo meus sinceros e irrestritos agradecimentos.

Rio de Janeiro, 08/02/2015

RESUMO

FERREIRA, Raquel França dos Santos. **A “Última Página” de *O Cruzeiro*: crônicas e escrita política de Rachel de Queiroz, no pós-64.** Tese. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal Fluminense, 2015.

História e Literatura se encontram em uma pesquisa que teve por objetivo principal analisar a escrita política da cearense Rachel de Queiroz, em suas crônicas publicadas na revista *O Cruzeiro*, entre os anos de 1964 e 1975. Regionalismo, identidades regionais e nacional, memórias, ditadura, e política foram algumas das categorias visitadas durante a pesquisa que contou, ainda, com uma contextualização do suporte, *O Cruzeiro*, de modo a revelar sua importância para o período. Da experiência de Rachel de Queiroz extraímos representações, opiniões e projetos, traduzidos aos leitores em seus textos semanais. Das crônicas, então, nos restam a leitura e a análise que nos permitiu resgatar os cotidianos vividos e as marcas de um tempo.

Palavras-chave: Rachel de Queiroz; O Cruzeiro; Crônicas; História; Literatura; Ditadura Militar

ABSTRACT

FERREIRA, Raquel França dos Santos. **The “Última Página” of *O Cruzeiro*: chronicles and political writing of Rachel de Queiroz after 1964.** Thesis. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal Fluminense, 2015.

History and Literature are together in a survey that was aimed at analyzing the political writing of the Brazilian writer Rachel de Queiroz, in her chronicles published in the magazine *O Cruzeiro*, between the years 1964 and 1975. Regionalism, regional and national identities, memories, dictatorship and politics were some of the categories surveyed during the research, which was also conducted with a background support, *O Cruzeiro*, to reveal its importance for the period. Exploring Rachel de Queiroz experiences allowed us to extract representations, opinions and projects, translated to the readers in her weekly texts. Through the chronicles, then, we may read and analyse that what allowed us to rescue the everyday lived and marks a while.

Keywords: Rachel de Queiroz; O Cruzeiro; Chronicles; History; Literature; Dictatorial Government

RESUMÉ

FERREIRA, Raquel França dos Santos. **Le “Última Página” dans *O Cruzeiro*: essais et écriture politique dans Rachel de Queiroz depuis 1964.** Thèse. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal Fluminense, 2015.

Histoire et littérature sont dans une enquête qui visait à analyser la politique écrite par Rachel de Queiroz, dans ses essais publiés dans le magazine *O Cruzeiro*, entre les années 1964 et 1975. Le régionalisme, identités régionales et nationales, des souvenirs, de la dictature et de la politique ont été parmi les catégories interrogés au cours de la recherche qui a également été menée avec un support de fond, *O Cruzeiro*, de révéler son importance pour la période. Sur Rachel de Queiroz représentations on peut extrait de l'expérience, des opinions et des projets, traduits aux lecteurs dans leurs textes hebdomadaires. Dans les chroniques, la lecture et l'analyse puis nous sommes partis nous ont permis de sauver le quotidien vécu et marque un temps.

Mots-clés: Rachel de Queiroz; O Cruzeiro; Chroniques; Histoire; Littérature; Dictature

ABREVIACOES E SIGLAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – ABL

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA – CFC

DIÁRIOS ASSOCIADOS – DA

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – FBN

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO– PCB

PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO – PSD

PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO – PTB

UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL – UDN

ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 (p. 26): “Um Tesouro”. Última crônica de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro*. 22/01/1975, p. 82.

ILUSTRAÇÃO 2 (p. 51): Capa da primeira *Cruzeiro*, ainda sem o artigo “O”. 10/11/1928.

ILUSTRAÇÃO 3 (p.73): Crônica “Louvor do Quarto Centenário”. *O Cruzeiro*. 17/07/1965, p. 114.

ILUSTRAÇÃO 4 (p. 74): Crônica “A Feira das Vaidades”. *O Cruzeiro*. 18/12/1965, p. 122.

ILUSTRAÇÃO 5 (p. 78): Crônica “Missa em Português”. *O Cruzeiro*. 02/10/65, p. 114.

ILUSTRAÇÃO 6 (p.120): Especial sobre 20 anos da morte de Getúlio Vargas. *O Cruzeiro*.1974, p.25.

ILUSTRAÇÃO 7 (p.121): Especial sobre os 20 anos da morte de Getúlio Vargas. *O Cruzeiro*. 1974, pp. 30-31.

ILUSTRAÇÃO 8 (p. 124): Rachel no velório de Assis Chateaubriand. *O Cruzeiro*. 27/04/1968, p. 47.

ILUSTRAÇÃO 9 (p. 157): “Proibido”. *O Cruzeiro*. 29/04/1968, p. 122.

ILUSTRAÇÃO 10 (p. 158): Proibições. *O Cruzeiro*. 28/04/1968, p. 115.

ILUSTRAÇÃO 11 (p.161): Edição especial histórica com reportagem sobre a “Revolução” com imagem do governador de Minas Gerais entre 1961-1966, Magalhães Pinto. *O Cruzeiro*. 10/04/1964, capa.

ILUSTRAÇÃO 12 (p. 196): Expediente contando com a colaboração de Rachel de Queiroz. *O Cruzeiro*. 12/03/1975, p. 82.

ILUSTRAÇÃO 13 (p. 197): Expediente da revista sem a constar a colaboração de Rachel de Queiroz. *O Cruzeiro*. 23/04/1975, p. 82.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
Capítulo 1: UMA ESCRITORA, UMA REVISTA, 430 CRÔNICAS.....	25
1.1 Rachel de Queiroz: singularidade plural.....	33
1.2 <i>O Cruzeiro</i>	47
1.3 Crônicas em revista.....	64
Capítulo 2: CALEDOSCÓPIOS RACHELIANOS: DOS APELOS ESTRANGEIROS À CULTURA NACIONAL.....	77
2.1 <i>Traduttore, Traditore</i> : marcas do outro.....	82
2.2 A ONU e as questões (trans) nacionais.....	90
2.3 Língua nacional e alteridade.....	97
2.4 Perfis culturais: uma relação entre identidades e valores nacionais.....	104
2.5 Censura e língua nacional.....	111
2.6 O Cruzeiro e a defesa de uma cultura nacional.....	115
Capítulo 3: O NACIONAL EM MOSAICOS: ESCRITAS REGIONALISTAS.....	123
3.1 Um Norte.....	128
3.2 Nordeste nas veias.....	135
3.3 O que é o Sudeste?	141
3.4 Perspectivas do Centro Oeste e do Sul do Brasil	150
3.5 Gosto de Brasil.....	154
Capítulo 4: ÚLTIMAS PÁGINAS DE RACHEL DE QUEIROZ: MULTIPLICIDADE NA SINGULARIDADE.....	160
4.1 Olhares Políticos:.....	164
4.2 Projetos de Nação?	176
4.3 Filosofias de Vida.....	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
ANEXO I - MAPEAMENTO DE ATAS E PARECERES DA ATUAÇÃO DE RACHEL DE QUEIROZ NA REVISTA CULTURA.....	203
ANEXO II - IDEIAS, TEMAS, INTELECTUAIS, PERSONALIDADES E INSTITUIÇÕES NAS CRÔNICAS.....	213
BIBLIOGRAFIA.....	272

INTRODUÇÃO

Rachel de Queiroz, *O Cruzeiro* e crônicas. Três universos de pesquisa que se encontraram nessa Tese. Inicialmente projetou-se uma pesquisa que envolvesse a trajetória biográfica da autora cearense e discutisse, em seus textos semanais publicados em *O Cruzeiro* entre os anos de 1964 a 1975, que noções de política e cidadania teriam sido elaboradas e divulgadas por Rachel. Posteriormente, dada a oportunidade de trabalho com as crônicas cujo destaque se apresentou muito mais instigante, desenvolvemos uma estrutura narrativa que emprestou uma centralidade à obra da escritora na revista, ampliando as discussões sobre a revista *O Cruzeiro* e a escrita política, jornalística, literária e regionalista empregada nos textos.

Ao longo da elaboração desse trabalho reorientamos nossa investigação, e a composição explicativa, saindo da proposta biográfica e abraçando a obra cronística de Rachel. Por isso, as crônicas terão lugar de destaque durante toda a nossa escrita. Foram lidos mais de 400 textos. Desses, os exemplos mais flagrantes serão cotejados com a análise metodológica e abordagens historiográficas diversas. Da mesma forma, o encadeamento cronológico nem sempre será respeitado. Idas e vindas entre crônicas, datas, citações, foram necessárias para que pudéssemos compreender que memórias e identidades a autora procurava forjar em seus textos. Todavia, contou-se com leituras de obras em que uma biografia de Rachel era, em maior ou menor grau, delineada.

Por essa razão, nesse percurso, encontramos importantes trabalhos como a Tese recém defendida da historiadora Natália de Santana Guerellus, *Como um Castelo de Cartas: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*, em que a tônica principal é a construção de uma biografia da autora de maneira muito bem escrita e documentada, perpassando as principais fases da carreira intelectual e pessoal de Rachel de Queiroz desde o seu nascimento até o ano de 1964¹. Igualmente fundamental foi a dissertação da Natália, *Regra e Exceção*, publicada em livro, em que a historiadora percorre a produção literária de Rachel e o campo literário da década de 1930².

Tomando Rachel de Queiroz como um dos objetos de estudo dessa investigação, concentramos nossas indagações de modo a tentar desvendar os temas mais tratados e as

¹ GUERELLUS, Natália de Santana. *Como um Castelo de Cartas: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*. Tese. Niterói: UFF, 2015.

² Idem. *Regra e exceção: Rachel de Queiroz e o Campo Literário dos anos 1930*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

questões levantadas pela autora sobre sua contemporaneidade. Cronologicamente, optamos por abordar os anos de 1964 a 1975. O marco inicial se dá por causa da participação da autora no golpe civil-militar de 1964 e o final deve-se ao fato de ser a data da última crônica da autora publicada na revista.

Ainda os trabalhos biográficos de Arnaldo Niskier, José Murilo de Carvalho e Heloisa Buarque de Hollanda, além das memórias escritas a quatro mãos por Rachel de Queiroz e sua irmã Maria Luiza de Queiroz, foram mais algumas das obras visitadas durante a nossa investigação. Suas contribuições giram em torno das questões mais factuais que envolvem a trajetória da nossa autora e que nos auxiliam a contextualizar os percalços encontrados na experiência de vida de Rachel de Queiroz.

Os *imortais* da ABL Arnaldo Niskier³ e José Murilo de Carvalho tiveram uma relação bastante próxima com a nossa autora: Niskier foi recebido por Rachel na ABL em setembro de 1984 e Carvalho a sucedeu na ocupação da cadeira de Número 5, em 2004. Desse modo, seus trabalhos sobre a autora possuem traços marcantes de afetividade e admiração pela memória e pelas obras por ela deixadas.

Heloisa Buarque de Hollanda, estudiosa das obras de outras escritoras brasileiras, dedicou vários ensaios a Rachel de Queiroz, especialmente concentrando-se em analisar as marcas literárias expressas nos romances publicados pela autora ao longo do século XX. Em sua obra, na Coleção *Nossos Clássicos*, intitulada *Rachel de Queiroz*, procura fazer uma cronologia da vida e da escrita da autora e, ao final, traz fragmentos de obras como *O Quinze*, *João Miguel*, *Memorial de Maria Moura* e *Dora Doralina*, para que o leitor possa perceber as peculiaridades da escrita racheliana⁴.

Também a própria Rachel de Queiroz, persuadida por sua irmã Maria Luiza de Queiroz, participou da elaboração da obra *Tantos Anos*. Em formato de entrevista, o texto procura cumprir a tarefa de recolher as memórias familiares e profissionais. Ora focalizando Rachel e ora enfatizando a colaboração de Maria Luiza, a tessitura da narrativa constrói um repositório de informações pessoais, depoimentos, lembranças, envolvendo o leitor tal qual um romance⁵.

³ Arnaldo Niskier ainda entrevistou Rachel de Queiroz, aos 93 anos, no programa *Frente a Frente*, da Rede Vida de Televisão. Disponível em: <http://www.arnaldoniskier.com.br/obra/programas-de-tv/frente-a-frente-raquel-de-queiroz.html>. Acesso em 21/04/2015.

⁴ HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

⁵ QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L. de. *Tantos Anos: uma biografia*. RJ: Arx. 4^a Ed. 2004.

Com tantas investigações sobre Rachel de Queiroz, cuja fortuna crítica⁶ vai muito além das obras porventura citadas aqui, como encontrar um foco distinto daquele apresentado pelas versões biográficas sobre a autora? Escolhemos então, como objetivo da Tese, analisar as visões produzidas pela escritora em seus textos para a revista *O Cruzeiro*. Ali procuramos observar as perspectivas regionalistas, as discussões sobre a política, as culturas e as identidades adotadas pela cronista.

Nosso objeto pesquisa centrou-se não apenas na escrita racheliana, mas também no próprio suporte dos textos: a revista *O Cruzeiro*. Publicação complexa e duradoura, já que da sua fundação em 1928 à sua extinção em 1983 contam-se 55 anos (com uma interrupção apenas entre 1975 e 1977)⁷, o veículo de informação e entretenimento pode ser analisado a partir de incontáveis frentes e áreas de pesquisa. Há material para designers, fotógrafos, jornalistas, historiadores, antropólogos, sociólogos, cientistas tecnológicos, físicos, químicos e biológicos – aliás, descobertas científicas e inovações tecnológicas ganham destaque nas páginas do periódico conforme discutem Ana Maria Ribeiro Andrade e José Leandro Cardoso⁸, ainda que de maneira incipiente.

Sobre a revista, a proposta inicial seria aborda-la como importante veículo de comunicação durante o período da ditadura militar e marcado pela ação da censura. A sua emergência aqui apareceria apenas como pano de fundo. No entanto, ao redirecionar nossa pesquisa, o suporte passou a ser mais presente – embora as crônicas sejam nosso destaque principal. Por isso, o objetivo para esse documento foi observar a linha editorial e as interferências dos jornalistas no ambiente político, por serem consideradas peças fundamentais na elaboração dos próprios textos de Rachel. Em especial no momento do golpe de 64 e durante o período do mandato do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco pois, nessa época, surgiam críticas da autora aos problemas brasileiros não solucionados pelo governo.

Assim, buscando olhares historiográficos sobre a revista, para inserir o impresso em uma discussão que o abordasse como agente histórico, considerou-se a dissertação de

⁶ Um interessante ponto de partida para recolha de obras de referência sobre Rachel de Queiroz é o sítio *Templo Cultural Delfos* que reúne entrevistas, vídeos, biografias. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2012/11/rachel-de-queiroz-dama-sertaneja-das.html>. Acesso em 21/04/2015.

⁷ GAVA, José Estevam. “Momento Bossa Nova: Arte e modernidade sob os olhares da revista *O Cruzeiro*”. *Estudos de Jornalismo e Mídia*. Santa Catarina: UFSC, v. II, nº 1, 1ºsem/2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2092/1833>. Acesso em: 21/04/2015.

⁸ ANDRADE, Ana M. R.; CARDOSO, José L. “Aconteceu, virou Manchete”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 41, 2001, pp. 243-264. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n41/a13v2141.pdf>. Acesso em: 21/04/2015.

Leoní Teresinha Vieira Serpa, *A Máscara da Modernidade: A mulher na revista O Cruzeiro*⁹, que discute o simbolismo das imagens femininas construídas pela revista entre as décadas de 20 a 40. A pesquisadora disponibiliza a análise de várias seções da revista dedicadas ao perfil feminino, levantando a hipótese de que o periódico concorre para a formação da opinião e de comportamentos entre as mulheres no período varguista. Dentro de uma perspectiva de modernidade, Serpa afirma que a revista visava atingir o público feminino com artigos e propagandas, embora a autora a considere uma revista estritamente feminina ao reconhecer a existência de temas políticos e econômicos voltados também para o público masculino.

Outro trabalho relevante é a Tese de José Estevam Gava, *Momento Bossa Nova: Arte e Modernidade sob os olhares da revista O Cruzeiro*. Centrada na análise das fotorreportagens produzidas pela revista durante as décadas de 1950 e 1960, discute as influências históricas da revista no contexto do movimento cultural *Bossa Nova*. Apropriado pelos diretores, editores e jornalistas da publicação, visando imprimir em suas páginas as inovações gráficas de última geração da época, o “momento Bossa Nova” transformou as práticas de leitura e de compreensão das matérias jornalísticas, deslocando a narrativa do texto para as imagens. De acordo com Gava, as complexas diagramações e a centralidade das fotos foram questionadas tanto por leitores quanto por jornalistas¹⁰. Entrando em decadência em fins da década de 50, a revista optou por um resgate aos padrões anteriores, com o posicionamento destacado novamente para os textos. Todavia, seus últimos suspiros só foram sentidos em meados da década de 1970, vindo a ser extinta, efetivamente, no ano de 1983¹¹.

Outra análise que enfatiza as fotorreportagens, isto é, uma investigação centrada na “(...) ênfase na imagem fotográfica, que passou a ter o mesmo valor do texto verbal, até então dominante”¹², é o artigo publicado por Marlise Regina Meyrer publicado no III

⁹ SERPA, Leoní Teresinha Vieira. *A Máscara da Modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Dissertação. Passo Fundo: UFP, 2003. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000097.pdf>. Acesso em: 21/04/2015.

¹⁰ GAVA, J.E. op cit.

¹¹ Aqui há uma pequena discrepância entre Serpa e Gava. Serpa coloca a falência da revista no ano de 1974. Gava aponta uma interrupção entre 1975 e 1977 e a retomada da edição nesse ano, com posterior encerramento das atividades no ano de 1983. No acervo da FBN existem os exemplares dos anos de 1977 a 1983 da revista que contou com uma forte reformulação editorial durante esse período. Tal reforma imprimiu características bastante singulares a publicação, porém as marcas identitárias de *O Cruzeiro* permanecem (por exemplo a continuidade das capas com imagens de personalidades e celebridades nacionais e estrangeiras, os logotipos e designs de títulos). Cf. SERPA, L.T.V. op cit; GAVA, J.E. op cit.

¹² MEYRER, Marlise Regina. *Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro (1955-1957)*. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina: UEL, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Marlise%20Regina%20Meyrer.pdf>.

Encontro Nacional de Estudos da Imagem em Londrina-PR¹³. Assim como Gava, Meyrer busca evidenciar que a revista procurava ancorar-se na afirmação de uma cultura nacional, relacionando-a à modernidade e aos modelos de comportamento adequados ao mundo civilizado. Afinada aos propósitos do nacional desenvolvimentismo, para Meyrer, a publicação utilizava o dinamismo da fotorreportagem como um símbolo de que seguia os passos do progresso. Agindo com base nessa premissa, os editores buscariam marcar a importância do veículo como representante do desenvolvimento nacional.

O contexto da época encerrava um panorama bastante peculiar nas políticas editoriais brasileiras. A partir das leituras acima, percebemos que *O Cruzeiro* era sensível a esse ambiente. E qual seria esse cenário? Fomentadas pelo nacional desenvolvimentismo, herdeiro das ideias varguistas de que a integração nacional se processaria através da cultura¹⁴, as editoras e demais veículos de comunicação social – dos quais fazem parte a nossa revista –, buscavam sintetizar um *ethos* brasileiro. Concentrados em consolidar uma identidade nacional, boa parte dos produtos culturais idealizados procuravam dar conta de sinalizar os ícones distintivos de uma brasilidade, dando ênfase nas construções memorialísticas, nas biografias de personalidades históricas, nas manifestações de cultura popular.

Um bom exemplo dessa perspectiva no mercado de livros, pode ser observado nas tentativas de Américo Jacobina Lacombe que, ao assumir a direção da *Coleção Brasileira* da Companhia Editora Nacional, a partir de 1956, buscava ensaios de intelectuais que discutissem as bases da formação brasileira através das ciências históricas, sociológicas, antropológicas e naturais. Com isso, na opinião de Lacombe, a coleção garantiria seu lugar no rol das principais obras de referência para se compreender e sintetizar as origens históricas nacionais¹⁵.

Porque traçamos tal paralelo entre a *Coleção Brasileira* e a publicação de *O Cruzeiro*? Porque, a partir da análise de Giselle Martins Venancio¹⁶, encontramos similitudes entre as perspectivas da edição dos livros de síntese da história do Brasil, da

Acesso em 21/04/2015.

¹³MEYRER, M.R. op cit, p. 2162

¹⁴MIGUEL, Luiz Felipe. Retrato de uma ausência: a mídia nos relatos da história política do Brasil. Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 20, nº39, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882000000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 21/04/2015.

¹⁵VENANCIO, Giselle Martins. “Brasília segunda fase: percurso editorial de uma coleção que sintetiza o Brasil (1956-1993)”. IN.: DUTRA, E. de F. (org). *O Brasil em dois tempos: História, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

¹⁶VENANCIO, G.M. op cit.

Brasiliانا, e os desdobramentos que as análises dos pesquisadores que se debruçaram sobre *O Cruzeiro* nos permitem auferir. A principal proximidade reside no fato de que a revista também visava sintetizar uma identidade nacional em suas páginas.

Um dos maiores exemplos é o destaque dado aos concursos de Miss Brasil, cujo objetivo era traçar um perfil da mulher brasileira a ser espelhado em todo o país¹⁷. Embora seus artigos fossem questionáveis sob certos pontos de vista¹⁸, o foco das reportagens alinhava-se constantemente com a ideia de que a nação possuía elementos-chaves de identificação, tais como a língua, os costumes, as memórias coletivas.

Mas a revista ia além: ao sintetizar o Brasil em suas páginas a publicação procurava eleger, traduzir e reforçar marcas identitárias, junto ao grande público, com o intuito de provocar uma integração nacional ao dar a conhecer cada uma das regiões do país em suas matérias jornalísticas, imagens, crônicas.

Considerada por alguns pesquisadores como uma “revista feminina”, há informações de que a publicação dedicava quase 50 por cento de suas matérias e propagandas a estimular esse público a modernizar-se, conforme padrões de beleza, instrução e cuidados domésticos típicos do momento. Além disso, incentivava as mulheres a levarem para os seus lares produtos da emergente indústria nacional de bens de consumo. Contudo, a revista igualmente possuía espaço dedicado aos assuntos tidos como masculinos: mundo do trabalho, da política, da economia, guerras e questões internacionais¹⁹.

Além de argumentar que *O Cruzeiro* visava compor vários perfis femininos²⁰, para que fosse absorvida pelo máximo de leitoras possível, alguns dos pesquisadores ainda apontam o caráter conservador das opiniões contidas no impresso²¹. Serpa, Cunha e

¹⁷ SERPA, L.T.V. op cit.

¹⁸ CARVALHO, Luiz Marklouf. *Cobras Criadas*. 2ª ed. São Paulo: SENAC-SP, 2001.

¹⁹ As análises produzidas sobre o caráter do público alvo da revista variam bastante. Para Carla Bassanezi e Maria de Fátima Cunha *O Cruzeiro* é tomado como uma *revista feminina*. Já Marlise Regina Meyrer, Leoní Teresinha Vieira Serpa e José Estevam Gava, os públicos feminino e masculino eram contemplados na revista numa proporção meio a meio aos dois. Outra perspectiva foi dada em *Cadernos de Comunicação*, obra da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro que divide a leitura da revista em frente e verso: as matérias do início da revista seriam dedicadas aos homens. Já os artigos finais (verso) seriam voltados para as mulheres. Cf. BASSANEZI, Carla. *Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)*. Cadernos Pagu. Campinas: UNICAMP. Nº1, 1993; CUNHA, Maria de Fátima. *Homens e Mulheres nos anos 60/70: um modelo definido? História: questões & debates*. Curitiba: UFPR. Nº 34, 2001; SERPA, L.T.V. op cit; GAVA, J.E. op cit; SECRETARIA Especial de Comunicação Social (SECS). “O Cruzeiro: a maior e melhor revista da América Latina”. *Cadernos da Comunicação* 3. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade Rio/ SECS, jun/2002 [Série Memória].

²⁰ SERPA, L.T.V. op cit.

²¹ Optamos aqui por designar “opiniões” para nos referirmos ao conjunto de ideias expressas na revista. Levamos em consideração que as opiniões são múltiplas, ou seja, não são universais e são, também, fenômenos processuais complexos, em permanente processo de transformação e perpassados por múltiplos

Meyrer afirmam que a linha editorial se pautava em propostas ligadas ao grande capital, aproximando-a das perspectivas liberais²². Todavia, Marialva Barbosa²³ aponta a multiplicidade de opiniões existentes entre os jornalistas e colaboradores da revista. Gava aproxima-se de Barbosa ao informar que, por exemplo, a opção pelo fotojornalismo não foi unanimemente aceita entre os profissionais do periódico, gerando atritos que culminaram, inclusive, com a demissão de vários fotógrafos e repórteres que migraram, após 1958, para a revista *Manchete*²⁴.

Rachel de Queiroz integra a revista, com seus textos e opiniões, desde 1945, através das crônicas que escreve semanalmente. Ela permanece ligada à *O Cruzeiro* até o ano de 1975. Suas contribuições são fundamentais para compreendermos, tal qual Luiz Felipe Miguel informa, o quanto um veículo de comunicação influencia a formação de opiniões, a difusão de informações e a concepção de políticas culturais importantes na consolidação de projetos de nação²⁵.

O último foco de nossa análise centra-se nas crônicas, terceiro universo estudado em nosso trajeto e também objeto de estudo amplamente visitado pelos historiadores.

Margarida de Souza Neves, por exemplo, classifica a crônica como um gênero polimórfico, cujas marcas principais são a leveza, a acessibilidade aos leitores e a liberdade de construção do autor²⁶.

Nosso objetivo com a investigação das crônicas é reforçar que, seja como lugares de memória, como textos de função pedagógica, opções de entretenimento ou de informação, as crônicas produzem uma visão subjetiva sobre o real vivido, trazendo à

fatores (culturais, políticos, econômicos). Cf. LABORIE, Pierre. “Memória e Opinião”. IN: AZEVEDO, Cecília; ROLEMBERG, Denise(orgs). *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

²² Idem. Ibidem; CUNHA, M.F. op cit; MEYRER, M. R. op cit.

²³ BARBOSA, Marialva. *O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira*. Ciberlegenda. Nº7, 2002. Disponível em:

<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/331/212>. Acesso em 21/04/2015.

²⁴ Aqui aparece mais uma discrepância sobre a questão da decadência da revista. Enquanto Gava afirma que a sua decadência é posterior à década de 1960, por causa de questões de gestão da revista e conflitos entre proprietários, diretores e jornalistas, o artigo de Andrade e Cardoso informa que o surgimento da revista *Manchete* e a transferência dos jornalistas de *O Cruzeiro* para a nova publicação, em 1958, seria o real motivo do processo de decadência do periódico. Em nossa discussão, entendemos que ambos os acontecimentos, aliados ao acirramento de práticas de censura no período da ditadura militar, corroboraram a descontinuidade da revista, em 1975, e seu posterior fechamento, em 1983. Cf. GAVA, J.E. op cit; ANDRADE, A.M.R.; CARDOSO, J.L. op cit.

²⁵ MIGUEL, L.F. op cit.

²⁶ NEVES, Margarida de Souza. “História da Crônica. Crônica da História”. IN: RESENDE, Beatriz(org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio; CCBB, 1995, p. 20.

tona eventos corriqueiros que passariam despercebidos à sociedade, se o autor não os tivesse captado com sua escrita²⁷.

Beatriz Resende discute o surgimento do gênero no Brasil e seu berço carioca, devido ao cosmopolitismo da cidade para onde se voltam os olhares do Brasil e do mundo, desde fins do século XIX. Para ela, essa criação literária está intimamente ligada ao veículo lhe serve de suporte²⁸. Além disso, a crônica encerra em suas linhas a visão que o autor possui sobre a cidade que o cerca. Os olhares sobre o ambiente urbano, a contemporaneidade vivida, a aceleração do tempo, compõem as tramas dos textos. Assim como Neves, Resende concorda que por serem entremeadas por questões políticas, ideológicas, jornalísticas e literárias, as crônicas são uma expressão parcial sobre o real experimentado²⁹.

Entretanto, Resende afirma que as contribuições dos escritores a esse gênero silenciam-se após 1968³⁰. Essa análise, focada no endurecimento da censura após a edição do Ato Institucional Número 5 (AI-5), desconsidera que os cronistas de oposição ao regime militar continuaram a atuar tanto em periódicos alternativos quanto os da grande imprensa³¹.

Da mesma maneira, precisamos chamar a atenção para o exemplo de Rachel de Queiroz enquanto jornalista e cronista, atuante até 1975 em *O Cruzeiro*. Embora seus textos fossem considerados alinhados aos propósitos do regime militar, ela questionava algumas medidas do governo³². Havia outros autores cujos textos também expressavam críticas, ainda que brandas, às brutalidades cometidas durante o endurecimento da ditadura, em livros e em outros periódicos³³.

Comportando-se como um gênero híbrido entre jornalismo e literatura³⁴, as crônicas de Rachel de Queiroz também fogem ao aspecto estritamente urbano e carioca,

²⁷ Idem. Ibidem.

²⁸ Essa visão também é defendida por Roger Chartier, ao discutir a relação entre os impressos e as práticas de leitura. Cf. CHARTIER, R. "Textos, impressos e leituras". IN.: CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

²⁹ RESENDE, Beatriz. Rio de Janeiro: cidade da crônica. IN.: RESENDE, B. op cit.

³⁰ Idem. Introdução. op cit, p. 13.

³¹ ROSA, Susel Oliveira da. "Apesar de vocês amanhã vai ser outro dia" Imprensa alternativa versus ditadura militar em Porto Alegre. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/4850/2768> – acesso em 21/04/2015.

³² QUEIROZ, R. de. "Última Página". IN.: *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1964-1975.

³³ David Nasser é um exemplo. Suas crônicas de crítica aos atos brutais da ditadura foram publicadas em livro e ele permanece escrevendo na revista *Manchete*, após 1975. Cf. NASSER, David. *A Revolução que se perdeu a si mesma*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1964; ANDRADE, A. M. R.; CARDOSO, J.L. op cit; CARVALHO, L.M. op cit.

³⁴ CHALHOUB, Sidney (et ali). *História em cousas miúdas*. São Paulo: ED. UNICAMP, 2005.

emprestado por Resende³⁵. Nosso objeto de investigação comporta referências urbanas e rurais recolhidas em, praticamente, todo o território nacional. Um dos principais focos de atenção de Rachel de Queiroz é o sertanejo nordestino, caracterizado como homem rude e sofrido. Esse olhar agrega valor ao gênero, ampliando sua abrangência para o espaço do camponês, do sertanejo, fazendo uma dupla viagem: traz, para a cidade, impressões do interior do país e leva, para cantões longínquos, aspectos colhidos nas experiências urbanas.

Delineamos assim nossa proposta: discutir as relações entre autor-suporte-texto. No entanto, a complexidade do período estudado e a profusão de temas abordados pela escritora cearense, em suas crônicas, adicionam múltiplas perspectivas de análise ao nosso trabalho. Assim, estruturamos a Tese em torno de quatro abordagens distintas e complementares.

A primeira entrada procura contextualizar e elucidar as questões que nortearam a concepção do projeto para essa pesquisa. Descrevemos no capítulo **Uma escritora, uma revista, 430 crônicas** os caminhos percorridos pela investigação, procurando sintetizar as principais etapas de pesquisa, problemas e temas encontrados tanto nos textos quanto na revista. Ali também surgem questões epistemológicas da historiografia para o estudo das fontes, bem como procura discutir algo da metodologia aplicada no decorrer do trabalho.

Estão presentes, na discussão sobre as metodologias de pesquisa, várias contribuições, com destaque para a concepção indiciária de investigação proposta por Carlo Ginzburg.

Sobre a revista, além das discussões suscitadas nessa introdução, são encontradas obras de análise das composições técnicas do periódico, especialmente abordando os textos de Juarez Bahia, Luiz Maklouf Carvalho e Samuel Wainer.

Para o contexto histórico do período, contamos com as contribuições das obras organizadas pelos historiadores Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. Igualmente importantes para essa perspectiva de contextualização são os textos de Aloysio Castelo de Carvalho e Carlos Fico.

No segundo capítulo, **Caledoscópios rachelianos: dos apelos estrangeiros à cultura nacional**, procuramos descortinar as percepções de Rachel de Queiroz a partir do seu contato com países, intelectuais e culturas estrangeiras. Nossa *primeira hipótese*

³⁵ RESENDE, B. op cit.

de trabalho é que ao relatar, nas crônicas, as suas experiências de vida fora do país, influenciada pela sua atuação como tradutora, a escritora produziu muito mais do que descrições sobre outras culturas, contribuindo para uma circulação de representações e imagens de consolidação da própria identidade brasileira, por absorver modelos culturais distintos e os traduzir criticamente aos leitores brasileiros, confrontando-os com a própria cultura nacional.

As principais obras escolhidas para essa incursão são as próprias crônicas de Rachel de Queiroz. Incorporando uma análise documental baseada em Ginzburg, Roger Chartier, Peter Burke e nas biografias escritas sobre Rachel de Queiroz, tentamos desvendar seus discursos sobre a formação de uma língua e uma cultura nacional.

O Nacional em mosaicos: escritas regionalistas é a nossa abordagem seguinte. Confrontando os textos de Rachel com a obra de Durval Muniz de Albuquerque Jr. vemos emergir a constituição de um ideário de identidade nacional atrelado às representações que a autora constrói sobre cada uma das regiões do Brasil. Uma *segunda hipótese* de trabalho, desenvolvida neste capítulo, reside na questão de que Rachel teria construído uma visão parcial e fragmentária sobre algumas cidades dentro das regiões brasileiras, atribuindo-lhes valor de unicidade ao tentar forjar uma identidade regional e, conseqüentemente, nacional. Para operacionalizar essa análise, após uma seleção de textos mais significativos, reunimos essas descrições de modo a ressaltar as características atribuídas pela autora a cada localidade discutida em seus textos.

Chegamos, então, às **Últimas Páginas de Rachel de Queiroz: multiplicidade e singularidade**, quarto capítulo que procura discutir as concepções políticas, profissionais e pessoais da autora em textos nos quais se observa os caminhos da ditadura militar, os projetos de nação adotados pela escritora e as filosofias de vida escolhidas para espelhar as ações de Rachel. Investiga-se, assim, nossa *terceira hipótese*, que advém da tensão entre os rumos da ditadura e os projetos de Rachel para o futuro do Brasil e para a sua vida: sua trajetória política a teria levado ao conservadorismo devido a três fatores indissociáveis em sua trajetória que seriam sua origem em família tradicional e proprietária de terras, sua desilusão com as propostas socialistas e seu arraigado antigetulismo³⁶.

³⁶ O apoio a derrubada de Jango, como veremos adiante, é justificado pela autora por entender aquele político como herdeiro direto de Getúlio Vargas considerando-o parte da “oligarquia varguista-juscelino-janguista que nos consumia há 35 anos”. Cf. QUEIROZ, R. de. “Balanço de Fim de Ano”. op cit, 08/01/1966, p. 114.

Mais uma vez surgem aqui as contribuições das análises biográficas sobre a autora: Natália Guerellus, Heloísa Buarque de Hollanda, Arnaldo Niskier, além de textos teóricos de Leonor Arfuch, Norbert Elias e Giovanni Levi para nortear as apropriações e os usos biográficos que fizemos a partir de nossa escolha historiográfica.

Por último, as considerações finais. Essas procuram o reconhecer de que essa Tese representa o começo de uma caminhada e não seus passos derradeiros. Conscientes de que inúmeras questões permaneceram apenas sinalizadas, pretendemos contribuir para ampliar as discussões pertinentes aos estudos sobre a escrita racheliana, e aos usos das crônicas e dos veículos de comunicação de massa no campo da História.

Capítulo 1³⁷

UMA ESCRITORA, UMA REVISTA, 430 CRÔNICAS

³⁷ Parte desse capítulo foi apresentado no Colóquio Periódicos & Literatura: aproximações (Fundação Biblioteca Nacional-RJ/2012) e publicado na coletânea de artigos, fruto do evento e organizada por Iza Quelhas e Irineu E.J. Corrêa. Cf. QUELHAS, Iza; CORRÊA, Irineu E. Jones. *Papéis Efêmeros, Explorações Permanentes*. São Paulo; Rio de Janeiro: FAPERJ/Livre Expressão, 2014.

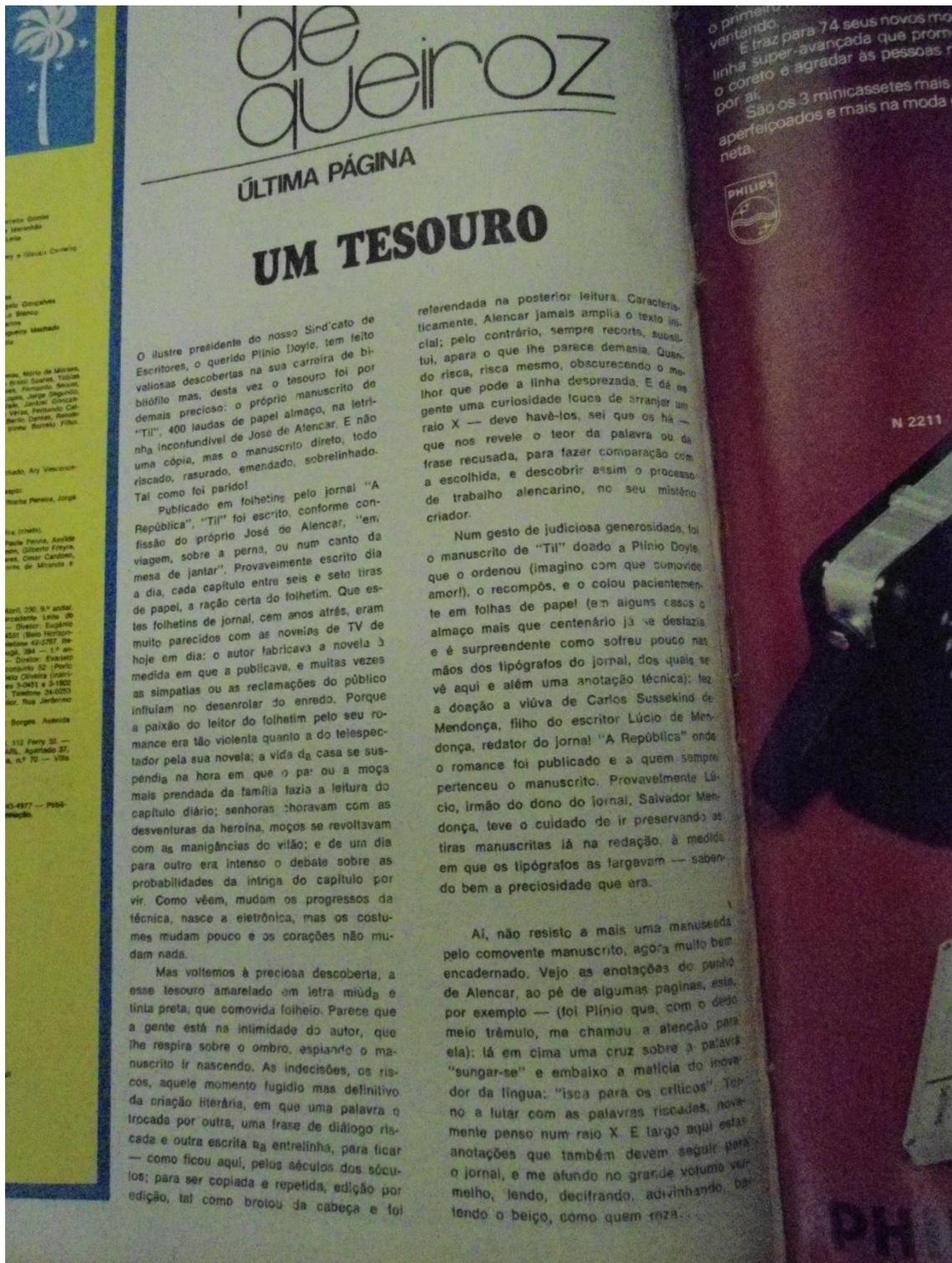


Ilustração 1: “Um Tesouro”. Última crônica de Rachel de Queiroz em *O Cruzeiro*. 22/01/1975, p. 82.

Tanto neste nosso jogo de ler e escrever, leitor amigo, como em qualquer outro jogo, o melhor é sempre obedecer às regras. Começamos portanto obedecendo às da cortesia, que são as primeiras, e nos apresentemos um ao outro. Imagine que pretendendo ser permanente a página que hoje se inaugura, nem eu nem você, — os responsáveis por ela, — nos conhecermos direito. É que os diretores de revista, quando organizam as suas seções, fazem como os chefes de casa real arrumando os casamentos dinásticos: tratam noivado e celebram matrimônio à revelia dos interessados, que só se vão defrontar cara a cara na hora decisiva do “enfim sós”. Cá estamos também os dois no nosso “enfim sós” — e ambos, como é natural, meio desajeitados, meio carecidos de assunto: Começemos pois a falar de você, que é tema mais interessante do que eu. Confesso-lhe, leitor que diante da entidade coletiva que você é, o meu primeiro sentimento foi de susto —, sim, susto ante as suas proporções quase imensuráveis. Disseram-me que o leitor de O CRUZEIRO representa pelo barato mais de cem mil leitores, uma vez que a revista põe semanalmente na rua a bagatela de 100.000 exemplares.³⁸

Ao abrir sua seção de crônicas na Revista *O Cruzeiro*, Rachel de Queiroz apresenta uma perspectiva impressionante: escrever crônicas, ocupando espaço permanente, em uma revista com tiragem semanal de 100 mil exemplares. Qual seria a receita para que o enlace com uma “entidade coletiva” de tal vulto funcionasse? Temas múltiplos que pudessem ser discutidos em abrangência nacional e conseguissem encontrar fiéis leitores ávidos? Muito provavelmente. Se houve uma receita, ela deu certo e lá se foram 30 anos de convívio.

Porém, em se tratando de Rachel de Queiroz, não podemos deixar de notar significativos temperos em sua receita de escrita: o regionalismo; a memória familiar; os sentimentos e angústias de uma mulher nordestina em exílio profissional no Sudeste; a política e o nacionalismo. Uma autora que conversava diretamente com o leitor, envolvendo-o em sua trama com objetividade e apelos sentimentais, afetivos, emocionais.

³⁸ QUEIROZ, Rachel. “Crônica N 1”. IN: *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 01/12/1945, p. 96.

Certa de que o caminho era pedregoso e que sua permanência na revista dependia da sua atuação como cronista, o que se evidenciava também da aceitação do público, Rachel ponderava:

Apesar entretanto de todas essas dificuldades, tenho a esperança de que nos entenderemos. Voltando à comparação dos casamentos de príncipe, o fato é que as mais das vezes davam certo. Não viu o do nosso Pedro II com a sua Teresa Cristina? Ele quase chorou de raiva quando deu de si casado com aquele rosto sem beleza, com aquela perna claudicante; porém com o tempo se acostumaram, se amaram, foram felizes, e ela ganhou o nome de Mãe dos Brasileiros. Assim há de ser conosco, que eu, se não claudico no andar, claudico na gramática e em outras artes exigentes. Mas sou uma senhora amorável, tal como a finada imperatriz, e de alma muito maternal. A política é que às vezes me azeda mas, segundo o trato feito, não discorreremos aqui de política. Em tudo o mais sempre me revelo uma alma lírica, cheia de boa vontade; eu sou triste um dia ou outro, não sou mal humorada nunca. E tenho sempre casos para contar, caos de minha terra, desta ilha onde moro; mentiras, recordações, mexericos, que talvez divirtam seus tédios.³⁹

Feitas as apresentações e recomendações no “jogo de ler e escrever”, estabelecidas as balizas de um suposto contrato nupcial, o matrimônio frutificou. Durante as três décadas, na sua seção de crônicas, foram publicados mais de 1300 textos. A “Crônica N 1”, de 1º de dezembro de 1945, figura como um acordo. Ambas as partes – autora e leitores – implicitamente concordavam em que haveria acertos e erros, altos e baixos. Algo típico em um relacionamento. Ainda mais neste que Rachel pretendia que fosse duradouro, apesar de se tratar de uma escrita cronística, tarefa dedicada ao superficial, ao rasteiro, ao cotidiano, ao efêmero⁴⁰. Houve sim uma breve separação. Como diria a juventude atual, Rachel “deu um tempo” ao seu relacionamento com seus leitores de *O Cruzeiro* entre os anos de 1968 e 1970. Sem maiores explicações, retornou em agosto de 1970 e continuou até janeiro de 1975.

³⁹ QUEIROZ, Rachel. “Crônica N 1”. op cit.

⁴⁰ CÂNDIDO [et. al]. *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Ed. UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

Igualmente nos chama a atenção um comentário em particular da autora. Antecipamos aqui, na verdade, uma “quebra no contrato” firmado acima: “*A política é que às vezes me azeda mas, segundo o trato feito, não discorreremos aqui de política*”⁴¹. Contrariando essa proposição, o assunto sobre o qual mais se fala em seus textos é, justamente, a política. Ou melhor, políticas: internacional, nacional, econômica, cultural, educacional, social, de transportes, de segurança. Todos esses assuntos, travestidos por temas dos mais corriqueiros aos mais complexos, estão permeados de sua visão político-ideológica. Variável e mutante, como qualquer um de nós. Complexa, densa e, ao mesmo tempo, sentimental e íntima. Mas dessa falha – se é que isso pode ser considerada uma falha – ela já se desculpa:

Veza por outra hei de lhe desagradar, haveremos de divergir; ninguém é perfeito neste mundo e não sou eu que vá encobrir meus senões. Tenho as minhas opiniões obstinadas — você tem pelo menos cem mil opiniões diferentes — há, pois, muito pé para discordância.⁴²

Acordo firmado, sacramentado. Durante os trinta anos de escrita, Rachel de Queiroz passou por inúmeras transformações em sua vida profissional, pessoal, intelectual. Foi certamente uma escritora múltipla e plural em seus textos, opções, opiniões. Ficamos tentados a abordar esses universos cheios de significados presentes em cada um de seus depoimentos semanais. Entretanto, tarefa árdua, precisamos limitar nosso escopo. Optamos, então, por discutir crônicas publicadas após o golpe civil-militar⁴³ de 1964, cobrindo um contingente de textos escritos durante os nove anos finais em que a autora fez parte da revista, fechando com o ano de 1975.

⁴¹ QUEIROZ, R. de. “Crônica N 1”. op cit.

⁴² Idem. Ibidem.

⁴³ Optamos aqui por designar como golpe civil-militar o movimento que provocou a derrubada de João Goulart da Presidência da República e que resultou na instauração posterior de um regime de governo caracterizado como ditadura militar (1964-1985). Tal encaminhamento se deu com base nas discussões dos historiadores Carlos Fico, Daniel Aarão e Denise Rollemberg que ressaltam a participação efetiva de parcelas significativas da sociedade civil (mídia, empresários, Igreja Católica) na deposição de Jango. Cf. FICO, Carlos. *O golpe de 1964*. Rio de Janeiro: FGV, 2014; REIS FILHO, Daniel Aarão. “Ditadura e Sociedade: as reconstruções de memória”. IN: FICO, C. (et alii). *Seminário 40 Anos do Golpe de 1964. 1964-2004: 40 Anos do Golpe de 64: ditadura militar e resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004; ROLLEMBERG, D. ROLLEMBERG, Denise. “As Trincheiras da Memória. A Associação Brasileira de Imprensa e a ditadura (1964-1974)”. IN: ROLLEMBERG, D.; QUADRAT, S. (orgs). *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no Século XX*. Vol. 2: Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Essa seleção, discutida e revisitada várias vezes ao longo da pesquisa, nos traz importantes reflexões da autora sobre aquele sensível momento vivido pela sociedade brasileira. Época em que pairava o dilema entre o choque provocado pelo discurso dos militares em “reordenar” o país, com vistas a reestabelecer a democracia supostamente perdida, e a dura realidade que se avistava progressivamente a partir das perdas de liberdades individuais, de expressão e de poder do cidadão. Assim, colhemos um *corpus documental* de 430 crônicas, dentro dos nove anos finais de colaboração da Rachel em *O Cruzeiro*.

Do material coletado na seção de crônicas “Última Página”, realizamos o mapeamento dos temas apresentados:

Tabela 1: Crônicas de Raquel de Queiroz na Revista *O Cruzeiro* (abril/1964 – janeiro/1975)⁴⁴

Nº	TEMA	TEMA PRINCIPAL	TEMA SECUNDÁRIO	TOTAL
01	Anticomunismo	5	2	7
02	Antigetulismo	6	1	7
03	Brasil	3	0	3
04	Cidadania	3	7	10
05	Cidades	25	21	46
06	Ciências	23	6	29
07	Cultura(sabedoria) popular	2	5	7
08	Cultura-artes	3	7	10
09	Cultura-folclore	2	1	3
10	Cultura-tradições	3	7	10
11	Cultura-valores	15	21	36
12	Cultura (noção de)	1	0	1
13	Doenças	1	0	1
14	Educação	5	1	6
15	Esportes	1	1	1

⁴⁴ Levantamento elaborado a partir das 430 crônicas encontradas na seção “Última Página” da revista *O Cruzeiro*. Cf. QUEIROZ, R. de. “Última Página”. IN.: *O Cruzeiro*. op cit, 1964-1975.

16	Estrangeiros	78	9	87
17	Família	4	6	10
18	Ficção	1	0	1
19	Filosofia de vida	4	5	9
20	Governo	2	0	2
21	Guerra	1	12	13
22	Imprensa	3	13	16
23	Infância	1	3	4
24	Instituições de assistência social	1	0	1
25	Instituições	1	0	1
26	Intelectuais	51	3	54
27	Língua Portuguesa	4	4	8
28	MEC	1	0	1
29	Meio Ambiente	1	0	1
30	Memórias	25	12	37
31	Militares	1	1	2
32	Modernidade	1	0	1
33	Mulheres	4	3	7
34	Nacionalismo	11	6	17
35	Nordeste	47	9	56
36	Norte	2	1	3
37	Personagem	13	7	20
38	Personalidades	8	7	15
39	Política econômica	7	11	18
40	Política internacional	0	6	6
41	Preconceito racial	3	9	12
42	Profissões	1	0	1
43	Religião	3	1	4
44	Revolução (Golpe civil-militar de 64)	42	6	48
45	Rio de Janeiro	10	9	19

46	Segurança	6	1	7
47	Ser Humano	1	1	2
48	Tecnologia	3	8	11
49	Trabalhadores	1	0	1
50	Transportes	2	7	9
			TOTAL:	671

Uma primeira consideração a ser feita é a de que essa seleção não se deu em uma primeira leitura. Os textos foram lidos mais de uma vez, para que pudéssemos chegar aos assuntos neles presentes. Alguns temas encontrados são flagrantes. Outros estão latentes dentro da tessitura proposta por Rachel.

Outra nota importante é a de que não foi uma escolha fácil e, da mesma maneira, não pretendemos enquadrar as crônicas em formatos que podem ser distantes daqueles planejados pela autora. O levantamento foi feito com base na metodologia indiciária⁴⁵, o que nos permitiu uma maior flexibilização mas, por outro lado, mostrou-nos que os textos apresentam temas transversais ao principal. Chamamos aqui de temas secundários, porém há escalas ainda menores – isto é: crônicas que trabalham quatro ou cinco temas paralelamente. Limitamo-nos a esboçar um mapeamento de dois assuntos já que, ao observar um tema primário e um secundário, desdobramos nosso contingente de pesquisa em 671 temas, dentro de um universo de 430 crônicas. Avançar nesse ponto tornaria nossa análise inviável devido ao montante incalculável de temas que poderiam ser projetados além disso.

Como já mencionado anteriormente, todas as crônicas acabam por versar sobre política, em maior ou menor grau. Direta ou indiretamente. Após a leitura, percebe-se um certo afinamento da autora em questões que perpassam atuação política desde a cotidiana, do cidadão comum, até a dos chefes de Estado, forças econômicas e militares. A despeito de ter afirmado em 1945 que não discorreria sobre política, o rompimento desta proposta é um dos sinais das transformações da escritora durante sua participação na “Última Página” de *O Cruzeiro*.

Procuramos, dentro do possível, respeitar questões levantadas pela própria autora, ao mapearmos os assuntos dos seus textos. Assim, por exemplo, crônicas em que ela comenta sobre sua infância, lembranças, e demais aspectos de sua intimidade e história

⁴⁵ GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

peçoal, designamos como “memórias”. O tema “revolução” refere-se ao golpe civil-militar de 64, pois assim ela o denominava. Já “filosofia de vida” compreende crônicas em que a autora define que comportamentos projeta para si, em sua velhice e final de vida, o que espera de amizades, experiências. Assim,

Depois disso, não precisaremos sequer de fazer as pazes; nos seus cem mil variadíssimos corações, como no meu coração único só haverá espaço para amizade e silêncio.

Há anos sei que é infalível o resultado da estrela da manhã.⁴⁶

Nesse capítulo, teremos a chance de observar dados referentes à autora, à revista e às crônicas, com o intuito de situar espaço-temporalmente a produção cronística de Rachel de Queiroz. Contudo, precisamos lembrar que tratamos de uma autora múltipla, uma revista igualmente plural e um universo de crônicas e temas não menos complexo. A “Crônica Nº 1”, ainda nos apresenta uma última faceta: os acertos finais, após supostos equívocos e falhas cometidas pela autora, e a perspectiva de que nada é melhor do que um dia após o outro. Especialmente para a História.

1.1 Rachel de Queiroz: singularidade plural

Aqueles olhos de trinta anos atrás, onde estão os teus olhos reluzentes, rapariga? Hoje, nas mesmas órbitas, vogam apenas dois olhos apagados, diminuídos, parece que até a cor deles mudou!

E a alma, a alma? Boa ou ruim, onde está a alma de outrora? A paixão, a violência, a esperança o desafio. A inocente arrogância. Os amores, os desamores, mudou tudo. Nem a paisagem ficou, para servir de referência. A intrusa de agora renega tudo – de andares – seja corpo, alma ou cenário.⁴⁷

Rachel, nascida em 17 de novembro de 1910, era a filha mais velha de uma família de cinco irmãos. Seu pai, o jurista Daniel de Queiroz, era proprietário de fazendas no sertão do Ceará. Sua propriedade principal, a Fazenda do Junco, foi adquirida por herança. Dividindo-se entre as atividades de jurista e a organização de suas propriedades, contava

⁴⁶ QUEIROZ, Rachel de. “Crônica N 1”. op cit.

⁴⁷ Idem. “Neves de Antanho”. op cit, 25/09/1966, p. 122.

com sua esposa, a senhora Clotilde de Queiroz. Responsável pela criação dos filhos e pelo auxílio ao marido nos afazeres do cotidiano, D. Clotilde imprimiu nos filhos o apreço pela leitura, contrariando o que comumente se entende como o devir feminino no lar – que via de regra seria cuidar dos afazeres domésticos, filhos e marido, afastando-se da intelectualidade⁴⁸. Não tendo frequentado escola primária, Rachel foi alfabetizada, em casa, pelos pais. A educação feminina completava-se com o aprendizado de artesanato, trabalhos manuais, gerência doméstica. Em pouco tempo, seus pais contavam com a sua ajuda para questões do lar. Aos 16 anos, já formada na escola normal, ajudava a mãe na criação da irmã mais nova, a recém-nascida Maria Luiza.

Em constante tensão entre as suas memórias tradicionais, herdadas de sua vivência familiar, e seus projetos individuais, constituídos a partir do campo de possibilidades que se apresenta no seu desenvolvimento pessoal⁴⁹, as pretensões de Rachel pareciam ligar-se ao mundo das letras ainda na tenra idade. Conta, em entrevista à irmã, transposta para livro de relatos memorialísticos – *Tantos Anos*⁵⁰ – que, desde pequena, ensaiava peças teatrais com os irmãos mais novos. De fato, após a formação secundária, foi contratada como redatora efetiva no jornal *O Ceará*, onde inicialmente adotava o pseudônimo de Rita de Queluz. Um passo importante para a sua carreira, construída, posteriormente, como romancista, poetisa, cronista, ensaísta, tradutora, autora de peças teatrais.

Em meados da década de 1920, período da adolescência de Rachel, o Brasil experimentava os desdobramentos das políticas oligárquicas, em franca crise econômica pela desvalorização cafeeira e pela ineficácia das políticas de Estado em conter a inflação, o desemprego e as mazelas sociais frutos de crescimento urbano-industrial desordenado⁵¹, bem como atravessava a fase das revoluções tenentistas. Nesse período ela escreve *O Quinze*, em que relata a triste saga do retirante nordestino Chico Bento, que migra com a família para Fortaleza, e depois para São Paulo, em busca de condições dignas de vida para os seus entes queridos. A narrativa é entremeada pelas próprias memórias da autora, já que ela vivenciou a terrível seca de 1915 tendo sido também forçada a migrar com os pais para o Rio de Janeiro em 1917, e nos ajuda a contextualizar aquele momento histórico marcado pelas seguintes questões: falta de investimentos para o homem do campo;

⁴⁸ GUERELLUS, Natália S. *Regra e exceção: Rachel de Queiroz e o Campo Literário dos anos 1930*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

⁴⁹ VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

⁵⁰ QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L. de. *Tantos Anos*. São Paulo: ARX, 2004.

⁵¹ FAUSTO, BÓRIS. *História Geral da Civilização Brasileira: III. O Brasil Republicano* (I. Estrutura de Poder e Economia 1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

concentração de terras e renda nas mãos de latifundiários e empresários; preocupação com a indústria nascente apenas na região Sudeste do país, alijamento de camponeses e descendentes de escravos da participação política⁵².

A publicação daquele romance a destacou no cenário literário brasileiro e, apesar de escritores conterrâneos a terem desmerecido⁵³, a projeção da nossa personagem alcançou as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, contando com críticas elogiosas de Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Graça Aranha⁵⁴. Ao trazer forte apelo regionalista a publicação dessa obra, em 1930, ajudou a transformar paradigmas da escrita literária nacional, quando questionou e ressaltou que nem todos os brasileiros usufruem com igualdade seus direitos perante o Estado brasileiro.

Após a repercussão de *O Quinze* e a sua entrada no circuito das letras do eixo Sudeste (Rio-São Paulo), favorecida pelos contatos com as editoras Nacional e com o editor Frederico Augusto Schmidt, Rachel seria convidada a compor o círculo de autores de uma das maiores casas editoras do país: a José Olympio Editora. Entregaria a ela a edição de todos os livros concebidos durante mais de 50 anos e frequentaria, segundo conta, a loja da editora, na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, local onde se reuniam intelectuais brasileiros de destaque, como Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo. De acordo com Rachel:

(...) foi a loja, a Livraria José Olympio propriamente dita, situada à rua do Ouvidor 110 (no tempo, o coração do Rio) que se tornou *point* preferido dos intelectuais famosos, dos estabelecidos e dos emergentes. Quem queria ser visto e quem queria nos ver ia às tardes à José Olympio [grifo da autora].⁵⁵

Sua rede contatos com outros intelectuais, na editora, era composta pelos autores nordestinos citados, bem como menciona aproximação com Cândido Portinari, Oswaldo Goeldi – importantes ícones do Movimento Modernista da década de 20 no Brasil – Jorge Amado, Manuel Bandeira, Érico Veríssimo, dentre outros. E foi ali também que começou sua carreira de tradutora. Inúmeros foram autores traduzidos do inglês pela autora. Dentre

⁵² FAUSTO, B. op cit.

⁵³ De acordo com as suas memórias, Rachel conta que chegou a agredir fisicamente um crítico literário, seu conterrâneo, por ter denegrido publicamente a autora, insinuando que sua obra teria sido, na verdade, escrita por seu pai. Cf. QUEROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L. de. op cit.

⁵⁴ GUERELLUS, N de S. op cit, 2013.

⁵⁵ QUEROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L.de. op cit, p. 206.

os mais citados por Rachel, encontramos Fiodor Dostoievski e John Galsworthy, mas também há Jane Austen, Emily Brontë, Honoré de Balzac e A.J. Cronin⁵⁶.

Foi ainda na década de 1930 que seu primeiro casamento entraria em crise, entrelaçado pelas tensões ideológicas que a afastaram do contato com grupos do PCB⁵⁷. Consta em suas memórias que seu relacionamento com José Auto da Cruz Oliveira – formalizado em 1932 e desgastado após a morte prematura de sua filha Clotilde – chegou ao fim em 1939, e que ela contou com apoio dos amigos José Olympio e Daniel Pereira, da *Casa*⁵⁸.

Sobre a carreira de jornalista, um dos primeiros periódicos com os quais Rachel entrou em contato no Rio de Janeiro, nos anos 30, foi *O Jornal*. Esse periódico foi fundado em 1919, comprado, na década de 20, pelo jornalista e empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello e se tornou o primeiro de uma cadeia de periódicos - *Diários Associados (DA)* – que se espalhou pelo Brasil nos anos seguintes. Em 1950, *O Jornal* ocupava a posição de “líder” do conjunto desses periódicos.

Assis Chateaubriand, dono e diretor dos *DA*, investiu na área de correspondência internacional, ganhando credibilidade para seus periódicos, embora mantendo um caráter conservador em suas opiniões jornalísticas que, não raro, satisfaziam suas intenções políticas. Apesar das aparências de liberdade em suas empresas, ele ficou conhecido pelo controle sobre a divulgação de informações o que, por vezes, aproximava os periódicos, sob sua direção, da chamada “imprensa marrom”. Um breve comentário de Samuel Wainer, repórter dos *DA*, nos dá uma noção do que Chateaubriand representava no mundo dos meios de comunicação:

Para Chateaubriand, convinha assustar os donos do poder com o fantasma da volta de Getúlio Vargas; interessava-lhe fortalecer Getúlio, dando ressonância à voz do ex-ditador. Era isso o que pretendia dizer com a expressão “vamos engordar o porco”. Segundo a estratégia política do dono dos Associados, o pânico gerado pelo crescimento do movimento queremista provocaria o cancelamento das eleições

⁵⁶ A cronista confidencia, ainda, que tal era sua demanda por traduções que a verba conquistada a permitiu executar reformas em sua casa no bairro da Ilha do Governador – Rio de Janeiro. Cf Idem. op cit.

⁵⁷ Os detalhes sobre sua participação nesse partido serão comentados mais adiante, ao tratarmos de sua inserção política no país.

⁵⁸ A receptividade dos irmãos Pereira, donos da Editora José Olympio, era reconhecida entre os intelectuais que circulavam na sede da empresa, na Rua do Ouvidor, a tal ponto de a designarem como *Casa* por encontrarem ali conforto, apoio e laços afetivos como uma família. Cf QUEIROZ, R; QUEIROZ, M^a L. de. op cit.

presidenciais de 1950.⁵⁹

Em termos de sua atuação política percebemos que, transitando entre uma tradição familiar ligada às elites proprietárias e intelectuais do Ceará e uma perspectiva revolucionária, Rachel de Queiroz participava das movimentações e reuniões comunistas. Admite ter participado da fundação do primeiro núcleo do PCB, em Fortaleza, arregimentando antigos militantes do Bloco Operário Camponês, entre 1928-29⁶⁰. Segundo ela, sua relação com o comunismo remonta às tradições de leitura familiares, que passavam pelos russos Fiódor Dostoievski e Léon Tolstoi. Aberta essa porta, achegasse às leituras de Karl Marx e aos discursos de Lênin⁶¹.

As críticas ao autoritarismo, à corrupção dos governantes e às condições miseráveis em que os sertanejos viviam são temas recorrentes em seus textos, imprimindo neles sua principal marca: o regionalismo. Esse olhar, preocupado com as mazelas sociais, em especial as presentes no Nordeste brasileiro, aguçou seu interesse em agir socialmente, como intelectual e agente social em que estava se constituindo⁶². Estaria organizada uma das faces da rede ideológica que possibilitou sua ligação com os militantes do PCB.

Sua aproximação efetiva com os militantes comunistas deveu-se também a sua relação com o primeiro marido, José Auto. Após sua união matrimonial, em 1932, sua casa servia de base para reuniões do PCB. E durou até o momento em que precisou submeter seu romance *João Miguel* à avaliação dos companheiros dirigentes de partido, os quais a censuraram e negaram permissão para a publicação do mesmo, por conter passagens que denegriam a imagem de camponeses. Rompeu relações com o PCB, por volta de 1932, contudo continuou frequentando e patrocinando em sua casa, reuniões trotskistas até 1940 – quando Leon Trotsky foi assassinado⁶³.

O afastamento da autora das reuniões trotskistas coincide com a sua separação matrimonial. Desgastados pela perda da filha, pelas perseguições políticas e pelas diferenças ideológicas, Rachel e José Auto se apartaram, após 1940. Pelo fato de não haver divórcio oficial naquela época, sua posterior união com o médico Oyama de Macedo – com quem viveu até o falecimento do esposo em 1982 – chocou alguns dos seus familiares. Quebrando as formalidades e o peso da tradição, seus pais fizeram questão de

⁵⁹ WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver*. 6ª Ed. Rio de Janeiro, Record, 1988, p. 24.

⁶⁰ QUEROZ, R. de; QUEIROZ, Mª L. de. op cit.

⁶¹ Idem. Ibidem.

⁶² NISKIER, Arnaldo. *Evocação de Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Edições Consultor, 2010.

⁶³ QUEROZ, R. de; QUEIROZ, Mª L. de. op cit

abençoar a união, hospedando-se na casa dos noivos em visita ao Rio de Janeiro⁶⁴. Mais uma vez, Rachel desponta com sua personalidade forte, um exemplo de que as convenções sociais são quebradas a todo momento, em especial quando se trata das discussões acerca do lugar das mulheres em sociedade. Embora fizesse questão de reforçar sua negação ao movimento feminista⁶⁵, as experiências de vida da autora confrontaram os paradigmas sociais e, a cada momento, podemos encontrar facetas de sua atuação em prol do respeito às suas decisões, como intelectual, jornalista, escritora e mulher.

Uma nova fase profissional se apresenta e se inicia com a sua participação no corpo de jornalistas da revista *O Cruzeiro*. Nesse momento, amplia-se consideravelmente a sua rede de contatos, acrescentando mais nomes à sua “roda nos meios intelectuais do Rio”⁶⁶, composta, então, por Carlos Echenique, Aníbal Machado, Carlos Leão, Murilo Mendes e Cícero Dias. Em *O Cruzeiro*, passa também a relacionar-se com Dinah Silveira de Queiroz, Austregésilo de Athayde, Gilberto Freyre, David Nasser, entre outros jornalistas e escritores. Suas crônicas, escritas para a seção “Última Página”, ganham destaque na folha derradeira do periódico, como afirma a própria Rachel:

A ideia do Leão [Gondim-diretor da revista], era “reabilitar” a primeira página e manter lá minha crônica semanal. Eu recusei e sugeri que me dessem a última página da revista (...). Argumentei que o que o que faz a página é a matéria nela impressa.⁶⁷

Durante as décadas de 1940 a 1970, Rachel se desdobra entre os ofícios de tradutora contratada pela Editora José Olympio e jornalista, dedicada em especial às crônicas para *O Cruzeiro*. De acordo com a obra *Cadernos de Literatura Brasileira*, publicada pelo Instituto Moreira Sales⁶⁸, entre os anos de 1940 e 1970 a autora traduziu nada menos do que 47 obras. Dessas, cerca de 30 se deram essencialmente na década de 1940 – época em que havia forte demanda pelos textos estrangeiros, especialmente os de

⁶⁴ Idem. Ibidem.

⁶⁵ NISKIER, A. op cit.

⁶⁶ QUEROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L. de. op cit.

⁶⁷ Idem. op cit, p. 213.

⁶⁸ *Cadernos de Literatura Brasileira*: Rachel de Queiroz. Instituto Moreira Salles. Número 4. 1^a reimpressão, jan/2002.

língua inglesa e francesa⁶⁹. Além disso, seus textos foram traduzidos para vários idiomas, suas peças e obras de ficção literária foram adaptadas para a televisão e para o teatro.

Ao revisitarmos as informações sobre a vida e a carreira de Rachel de Queiroz, emergem dúvidas como: que transformações contribuíram para encontrarmos, em 1964, uma outrora militante trotskista, atuando na vanguarda do golpe civil-militar?

Ninguém pode dizer se essa menina de olho grande, sentada aos pés de sua linda mãe terá na verdade a mesma alma da senhora avó que equilibra o neto no joelho. Que é que elas tem em comum? Nem amores, nem quereres, nem preferências, nem entusiasmo. De uma em uma, à medida em que passaram, tiveram os seus pecados – mas uma não pode bater no peito pelos erros da outra ou das outras –, cada uma tinha as suas circunstâncias especiais, suas agravantes e derimentes.⁷⁰

Ela nos convida a problematizar o que há em comum entre a jovem e a idosa, já que cada uma tem “seus pecados” e “as suas circunstâncias especiais”. Identidades e memórias concorrem para a conformação daquela que viria a ser a Rachel de Queiroz do período estudado nesta Tese, entre 1964 e 1975, e nos impelem a considerar que os silêncios, ausências, apagamentos e esquecimentos são parte do seu processo de construção como sujeito histórico que foi. São “Águas passadas”:

A princípio eu pensava que, com a passagem das diferentes idades do homem, o maior ia substituindo o menor, quero dizer, o menino ficava no lugar do neném, o adolescente no do menino, o moço no adolescente, o homem feito no moço(...) e por fim o defunto no lugar de todos. Mas depois descobri que os indivíduos passados não desaparecem, se incorporam.

(...)

E na sua avó venerável você também pode descobrir a rapariga incosequente que ela foi um dia.

(...)

⁶⁹ Idem. op cit.

⁷⁰ QUEIROZ, R. de. “Neves de Antanho”. op cit.

A gente diz isso: “águas passadas”. Mas talvez seja melhor dizer águas represadas, águas recalçadas.⁷¹

Mas esse é apenas um dos muitos aspectos controversos da atuação política de Rachel de Queiroz. Intelectual reconhecida pela profunda reflexão crítica sobre pontos fundamentais da realidade brasileira, que caracterizava suas obras jornalísticas e literárias durante as décadas de 1940 e 1950, a escritora era filha de proprietário de terras no Ceará. Assim, transitava entre grupos constituídos por segmentos das classes dominantes e pela intelectualidade que representava seus interesses. Todavia, ao mesmo tempo que defendia o direito à propriedade de terras, ressaltava a importância de que o trabalhador lutasse pelos seus direitos e que o grande capital se fizesse presente amparando a situação dos sertanejos:

Este o grande problema da revolução; porque esta situação [pobreza e miséria dos sertanejos] nem de longe pode ser aflorada ainda pelos homens do Governo. E enquanto não se remir o interior, o Brasil não se salva. Solução não pretendo ter, não pretendo saber; soubesse de alguma, largaria tudo, trabalho e família, e iria ajudar o Governo. Mas o fato é que, ou a gente descobre essa solução impossível, ou não se fez nada. Ou recai tudo no que era. Como regenerar moeda, como corrigir finanças como moralizar as eleições, como acabar com a miséria se a causa mesma de tudo continua intocada?⁷²

Em 1964, Rachel de Queiroz desponta como uma das mais arraigadas defensoras do movimento que culminou com a cassação dos direitos políticos e democráticos do país. O que teria acontecido com a mulher outrora presa como comunista?

A abordagem de Edward. P. Thompson, em seus estudos sobre rituais na sociedade britânica, pode colaborar para encaminharmos algumas respostas, ao afirmar que “todo o significado é um significado no contexto e, quando as estruturas mudam, as formas antigas podem expressar funções novas e as funções antigas podem encontrar sua expressão em formas novas”⁷³. Sendo a “história uma disciplina do contexto e do

⁷¹ Idem. “Águas passadas”. op cit, 18/10/1972, p.130.

⁷² QUEIROZ, R. de. “O Grande Desafio”. op cit, 22/08/1964, p. 130.

⁷³ THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. IN: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio(Orgs.). *E. P. Thompson: As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. São Paulo: EDUNICAMP, 2001, p.243.

processo”⁷⁴, temos que considerar que diante de novos desafios e do medo ao crescimento de aspirações varguistas, via janguismo no Brasil, a autora se volta em defesa aos direitos à propriedade, ao fortalecimento dos investimentos empresariais no país, e ao ajustamento das condutas políticas contra o que chamava de “comuno-esquerdismo” – segundo ela, grupo próximo ao stalinismo, regime antidemocrático em sua essência e que favoreceria a ascensão política por meio de apadrinhamentos e conchavos partidários⁷⁵.

Tendo vivenciado o contexto histórico de fortalecimento das bases militares no poder, sensível aos debates e posições ideológicas contrárias ao varguismo, Rachel de Queiroz toma partido nas discussões pela remodelação política do Brasil. Encampando argumentos contra Leonel Brizola, João Goulart, Juscelino Kubitschek, associa-se aos grupos civis e militares reformistas, participando indiretamente de ações e produzindo textos nos quais divulgava críticas ao modelo varguista que, segundo ela, estaria presente no projeto governamental dos políticos acima mencionados. Caminho de encruzilhadas, Rachel redireciona seu polo ideológico, de comunista a centro-direita, e assume-se na vanguarda do movimento que culminaria no golpe civil-militar entre fins de março e início de abril de 1964.

Verificamos uma vasta rede de escritores e jornalistas em campanha franca contra uma possível ascensão comunista, que estaria sendo viabilizada através do governo de João Goulart. A chamada *Rede da Democracia* que reunia os jornais *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *O Jornal*, e a rádio *Tupi*, formava uma ampla malha de notícias que disseminava ojeriza ao governo Jango⁷⁶. Esses eram alguns dos principais jornais do período e *O Jornal*, como citado anteriormente, fazia parte da cadeia de comunicação de Assis Chateaubriand – ligado, portanto, a mesma linha editorial de *O Cruzeiro*⁷⁷.

Ao tomarmos um outro exemplo de escritor que apoiou o golpe, o repórter especial da revista *O Cruzeiro*, David Nasser, podemos perceber que Rachel não foi a única jornalista da revista a apoiar o movimento de 1964. Durante os anos de 1961 a 1964, David Nasser publicou crônicas e artigos em que estavam presentes as críticas a João Goulart, a Leonel Brizola e a tudo o que representavam, seja em termos de uma

⁷⁴ Idem. *Ibidem*.

⁷⁵ QUEROZ, R de; QUEIROZ, M^a L.de. op cit.

⁷⁶ CARVALHO, Aloysio Castelo de. *A Rede da Democracia*. Niterói: EDUFF, 2010.

⁷⁷ Em artigo para a Revista Brasileira de História, os pesquisadores Ana Maria Ribeiro Andrade e José Leandro Cardoso atribuem caráter conservador à linha editorial da revista *O Cruzeiro*, aproximando-a do que atualmente entende-se por um posicionamento ideológico neoliberal. Cf. ANDRADE, A. M. R.; CARDOSO, J. L.; “Aconteceu, virou Manchete”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v.21, nº41, 2001.

continuidade ao populismo varguista, seja em termos de um suposto apoio ao comunismo. Suas crônicas foram reunidas no livro *A Revolução que se perdeu a si mesma*, e gradativamente percebemos seu crescente apelo para que os militares tomassem o poder⁷⁸.

Embora Nasser não seja nosso objeto de estudo, por isso não cabe aqui fazermos uma larga análise de sua vida e obra⁷⁹, suas posturas políticas são muito próximas as de Rachel de Queiroz – pelo menos até 1964 quando, temporariamente⁸⁰, o repórter muda de opinião e passa a publicar críticas à ditadura estabelecida. Diz ele, em setembro de 1961:

De repente, numa nação desigual como o Brasil, onde um Norte miserável contempla um Sul prodigiosamente rico, os Julião começam a surgir, mas não passam de primeiros profetas, os profetas mixurucas do Velho Testamento do agreste. Vem um Brizola e desfralda a bandeira da ordem, mas acentua, na insensibilidade da paixão cívica, a linha demarcatória. Até que um dia, o demagogo número um, Jânio Quadros, emergindo da confusão, do caos administrativo e econômico, desembarca – e trazendo na sua bandeira de desgraça a foice e o martelo, cubaniza o Brasil e estabelece – se Deus não iluminar os fogosos ganhões dos Pampas – o nosso paralelo 38.⁸¹

Analisando esse fragmento de crônica, podemos encontrar alguns discursos recorrentes entre os apoiadores do movimento de 1964, em meio aos veículos de comunicação. O primeiro indício dessa recorrência é a oposição Norte empobrecido *versus* Sul enriquecido. Rachel de Queiroz, veremos mais à frente, também usa essa dicotomia, quando se refere ao sertão nordestino. Esse argumento, frequentemente, vem seguido de referências aos governos populistas, notadamente os herdeiros de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que teriam aprofundado, com suas metas de industrialização voltadas para o Sul e Sudeste brasileiros, essa desigualdade econômica

⁷⁸ NASSER, David. *A Revolução que se perdeu a si mesma*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1965.

⁷⁹ Para maiores esclarecimentos sobre o autor, recomenda-se a obra de CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas: David Nasser e o Cruzeiro*. 2ª Ed. São Paulo: Editora SENAC-SP, 2001.

⁸⁰ Nasser mantém relações de amizade com Mário Andreazza e Delfim Neto, durante o regime militar e consegue publicar reportagens pagas na revista com o apoio deles. Cf. CARVALHO, L. M. op cit, p.463ss.

⁸¹ NASSER, D. op cit, p. 17.

histórica⁸². No caso aqui, a remissão é direcionada à figura de Leonel Brizola, principal articulador do movimento legalista que manteria a presidência nas mãos de João Goulart.

Um segundo item a se observar seria o tratamento dado à figura de Jânio Quadros. Tomado, por sua vez, como “o demagogo número um”, que é marcado pelas insígnias comunistas “a foice e o martelo” – por conta de suas medidas de aproximação com a China comunista, para onde havia enviado João Goulart, semanas antes de renunciar ao governo – Quadros é comparado a Fidel Castro, agente da Revolução Comunista Cubana, de 1959. Mexendo com o imaginário dos leitores, Nasser ainda projeta o desfecho trágico – para os ferrenhos críticos ao comunismo: Jânio Quadros estabelecendo no Brasil um “paralelo 38”. Isto é, dividindo o país tal qual a divisão das Coreias.

Em outro fragmento de crônica de David Nasser, enxergamos a solução apontada para o caos político no qual, segundo os opositores a Jango, o país estaria imerso⁸³:

Ninguém de bom senso advogaria o golpe, a revolução, como instrumento de liberdade. A liberdade se conquista através do processo rotineiro da Democracia – que é aquela urna de lona, onde se coloca o nome de Jânio e o destino recolhe o nome de Jango. Mas as Forças Armadas, que tem no Presidente da República seu chefe simbólico, tem o dever alto de guardá-lo e de vigiá-lo. Nenhum outro instituto dispõe, além das policias militares e civis, de meios para exercer a vigilância da lei.⁸⁴

Essa crônica data de agosto de 1963 e já se desenhava ali a possibilidade das Forças Armadas entrarem em cena para conter, conforme pregava a *Rede da Democracia*, os excessos de viés comunistas impetrados pelo Presidente⁸⁵.

Parte das bases de sustentação popular ao golpe, bem como o arcabouço ideológico em que alguns membros das elites intelectuais pró-deposição de Jango se firmaram, aparecem nesse sucinto exemplo retirado de outro autor cujo pensamento se assemelha ao da Rachel, como já mencionado. Nesse primeiro momento, esse cabedal garantiu a vitória social dos militares. Aqueles que viam o comunismo como um

⁸² CARVALHO, A. op cit.

⁸³ Idem, Ibidem.

⁸⁴ NASSER, D. op cit., p. 347.

⁸⁵ CARVALHO, A. op cit.

assombro enxergavam nos militares a segurança que faltava para manter a sociedade brasileira nos rumos capitalista e liberal.⁸⁶

Mas e Rachel de Queiroz nesse contexto? Liga-se ao governo estabelecido destacando seu parentesco com o presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco⁸⁷, participando intensamente de reuniões anteriores ao golpe e construindo seus textos jornalísticos afinados com a proposta do regime militar instaurado. Entretanto, sua atuação não se limita aos textos. Entre 1967 e 1989, por exemplo, tomou parte no Conselho Federal de Cultura (CFC)⁸⁸, uma clara indicação de que participava de decisões políticas, durante todo o regime militar, e não só da elaboração de discursos. Este Conselho, de acordo com Lia Calabre, teria sido

criado pelo do Decreto-Lei nº74, de 21 de novembro de 1966, e instalado a partir do Decreto nº 60.237, de 27 de fevereiro de 1967. Permaneceu em funcionamento por mais de 20 anos e teve sua dissolução decretada em 1990.⁸⁹

Fundado para substituir o Conselho Nacional de Cultura (1938), foi instaurado em 1967, no bojo de preocupações do Estado brasileiro em consolidar as políticas pós-1964, e em monitorar as práticas e produções culturais no país. Elaborado na passagem da sucessão presidencial de Castelo Branco a Costa e Silva, inicia seu funcionamento com a atribuição de incentivar políticas culturais de fomento ao livro e à leitura, mormente as que dissessem respeito à cultura nacional, para garantir a coesão necessária para a manutenção da “ordem” estabelecida até então. De acordo com parecer do Presidente Arthur Cezar Ferreira Reis, que assumiu o mandato em 1969, substituindo Josué Montello, o CFC estava imerso em uma política pública cujo objetivo era “institucionalizar a cultura, mas defini-la, defendê-la, garanti-la, assegurando-lhe uma continuidade permanente e insofismável (arts. 171 e 172 da Constituição Federal)”.⁹⁰

Na opinião de Calabre, o CFC surge com as atribuições de:

⁸⁶ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁸⁷ QUEROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L. de. op cit.

⁸⁸ Para maiores esclarecimentos, em especial sobre as relações entre os intelectuais e as ações em políticas culturais vide: MAIA, Tatyana de Amaral. *Os Cardeais da Cultura: O Conselho Federal da Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975)*. São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2012.

⁸⁹ CALABRE, Lia. “O Conselho Federal de Cultura, 1971-1974”. IN.: *Estudos Históricos*. RJ: FGV, nº37 (jan-jun 2006), p.81.

⁹⁰ REIS, Artur Cezar Ferreira. “Discurso transcrito para a revista Cultura”. IN.: *Cultura*. Rio de Janeiro: MEC, N.20, Ano3(mar-1969), p. 12.

(...) formular a política cultural nacional; articular-se com os órgãos estaduais e municipais; (...) conceder auxílios e subvenções; promover campanhas nacionais e intercâmbios internacionais. (...) Os pareceres votados pelo CFC serviam como recomendações a serem executadas pelo ministério. Apesar do caráter normativo e de assessoramento, o conselho recebia uma pequena dotação orçamentária que lhe permitia tanto executar ações e projetos próprios quanto conceder apoio financeiro, atendendo a parte significativa das solicitações que recebia.⁹¹

Subordinado ao antigo Ministério da Educação e Cultura (MEC), a estrutura administrativa do Conselho compreendia uma Presidência Geral que dirigia quatro Câmaras setoriais (Letras, Patrimônio Artístico e Histórico, Ciências Humanas e Artes), por sua vez compostas por presidentes de Câmara e conselheiros. A descrição oficial de suas atividades pode ser acompanhada através da leitura das revistas *Cultura* (1967-1970) e *Boletim do Conselho Federal de Cultura* (1971-1989) e *Revista Brasileira de Cultura* (1989). Ali constam descritas tanto as atas das reuniões, quanto os pareceres dos conselheiros sobre as matérias que lhes dissessem respeito. Uma das primeiras configurações da instituição, em 1968, trazia como Presidente Geral Josué Montello, o Presidente da Câmara de Artes, Clarival do Prado Valadares, da Câmara de Letras, Adonias Aguiar Filho, da Câmara de Ciências Humanas, Arthur Cesar Ferreira, e da Câmara do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo Mello Franco de Andrade⁹².

Podemos notar que os intelectuais presentes nesse rol são de inegável notoriedade em seus campos de conhecimento. Muitos com carreira profissional até mesmo internacional, comprometidos com propostas de consolidação de uma sociedade democrática⁹³. A conselheira Rachel, por sua vez, atuava na Câmara de Letras, e sua

⁹¹ CALABRE, L. op cit, p. 83.

⁹² Membros da Câmara de Artes: Ariano Suassuna, Armando Sócrates Schnoor; José Cândido de Andrade Muricy; Otávio de Faria; Roberto Burle Marx; Secretário: José Mozart de Araújo. Câmara de Letras: Cassiano Ricardo; Moisés Velinho; Rachel de Queiróz; Irmão José Otão; Secretário: Eunice Bittencourt Coelho. Câmara de Ciências Humanas: Augusto Meyer; Djacir Lima Menezes; Gilberto Freyre; Gustavo Corção; Manuel Diegues Junior; Secretário: Oku Martins Pereira. Câmara do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Afonso Arinos de Mello Franco; Hélio Vianna; Dom Marcos Barbosa; Pedro Calmon; Raymundo de Castro Maya; Secretário: Amália Lucy Geisel. Cf. *Cultura*. RJ: MEC-CFC, ago/1968.

⁹³ Segundo Tatyana Maia, esses intelectuais apresentam-se atuantes em nossa sociedade desde a década de 1930 e, durante o governo Geisel efetivaram-se dentre os articuladores de políticas culturais

função básica era apreciar os requerimentos efetuados por escritores, autores teatrais, compositores, bibliotecas, centros culturais e demais instituições que pudessem ter demandas no âmbito da produção editorial.

Em vários dos seus pareceres figuravam as suas preocupações de fomento às atividades ligadas à difusão da língua nacional⁹⁴. Nesse sentido, ela se posicionava a favor da concessão de verbas e demais incentivos à cultura e às letras nacionais, como se pode depreender, por exemplo, da leitura do parecer 120^a de 29 de janeiro de 1969 em que pede que seja aprovado auxílio para a Biblioteca da Prefeitura Municipal de Alfenas (MG). Para a Prelazia de Parintins, o processo precisou de três pareceres: o primeiro, 126^o publicado na edição de março de 1969, recomendava apoio a referida Prelazia. No entanto, no parecer 489^o, publicado em julho de 1969, solicitava que a instituição recorresse ao Conselho Estadual de Cultura do Amazonas. Feito isso, somente com o parecer 541^o, de agosto de 1969 a Prelazia tem sua verba concedida⁹⁵.

Outro caso de aprovação foi ao pedido direto do governador do Espírito Santo, Cristiano Dias Lopes Filho, que desejava verba para a reforma do Teatro Carlos Gomes em Vitória. Segundo o parecer 127^o, publicado em março de 1969, por ser um pedido do próprio governador, nem se recomendou a consulta ao Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo.

Entretanto, na maioria dos casos, Rachel de Queiroz nega auxílio. Uma dessas ocasiões está descrita no periódico *Cultura*, onde consta o parecer 272^o de 26 de abril de 1968, com solicitação de Carolino Leobas de França Antunes⁹⁶ para publicação de livro de poesia. Como argumento, informa: “...nada teriam a ganhar as letras nacionais com a publicação em livro da poesia proposta”⁹⁷. Infelizmente, não há qualquer indicação sobre os motivos para a negativa ao pedido e, embora Carolino Leobas seja um cordelista mato-grossense, a obra em questão é tratada como “livro de poesia”.

Para finalizar nossa incursão sobre algumas das posturas políticas assumidas por Rachel de Queiroz no CFC, temos que outros pareceres negativos giram em torno de

sistematizadas. C.f. MAIA, T. op cit.

⁹⁴ Vide lista de pareceres no Anexo I, ao final da Tese.

⁹⁵ *Cultura*. op cit, ago/1968-jul/1969.

⁹⁶ CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: EDUSP, 2003.

⁹⁷ Íntegra do parecer: “A primeira vista dir-se-ia que este assunto deveria ser encaminhado ao Instituto Nacional do Livro. Mas depois de um exame da matéria literária que deseja por em livro, parece à Relatora que seria melhor recomendar o arquivamento do processo, pois nada teriam a ganhar as letras nacionais com a publicação em livro da poesia proposta”. Cf. *Cultura*. op cit, p. 73. Cabe ainda assinalar que Carolino Leobas, autor da poesia analisada, era forte defensor e admirador da figura política de Juscelino Kubitschek (um dos maiores desafetos políticos de Rachel de Queiroz). Cf. CURRAN, M. J. op cit.

apoio para ampliação de bibliotecas, centros culturais, auxílio para a publicação de revistas, tradução de obras para o esperanto⁹⁸. Raramente os pareceres traziam maiores justificativas para os pedidos indeferidos. Suas colocações apenas indicavam que os consulentes deveriam procurar os Conselhos Estaduais de Cultura, antes de retornar ao CFC – retorno que não foi evidenciado em pareceres posteriores⁹⁹. Tal posicionamento pode estar relacionado ao que discute Lia Calabre, quando ressalta que o Conselho Federal dispunha de verbas limitadas para sua atuação e frequentemente orientava os solicitantes a auxílio financeiro que recorressem primeiro aos Conselhos Estaduais de Cultura¹⁰⁰.

Sua atuação política, entretanto, não acabaria aqui, pois Rachel de Queiroz alinharia sua postura ideológica conservadora aos quadros editoriais da revista *O Cruzeiro*.

1.2 *O Cruzeiro*

No final da tarde de 5 de dezembro, quando a avenida Rio Branco fervilhava de gente que deixava o trabalho ou saía às ruas para as primeiras compras de Natal, 4 milhões de folhetos – três vezes o número total de habitantes do Rio – foram atirados do alto dos prédios sobre a cabeça dos passantes. Os volantes anunciavam o breve aparecimento de uma revista “contemporânea dos arranha-céus”, uma revista semanal colorida que “tudo sabe, tudo vê”.¹⁰¹

O ano era 1928 e a passagem acima remete ao lançamento do *Cruzeiro* que, na edição de 8 de julho de 1929, torna-se *O Cruzeiro*, por iniciativa de Assis Chateaubriand. Grandes eram as expectativas sobre o periódico e sua aceitação pelo público leitor. Altos também foram os investimentos do empresário para garantir a publicação do impresso.

⁹⁸ Observando outros pareceres da revista citada, os documentos de número 340 e 351(dez/69) negam concessão de verba a Centros Culturais; o 383º (mar/69) nega apoio a Academia Marianense de Letras; o 421º (abr/69) nega apoio a biblioteca Capistrano de Abreu; e os 564º e 569º(ago/69) negam apoio a publicação de revistas. Cf. *Cultura*. op cit.

⁹⁹ Abrem-se aqui, pelo menos, duas perspectivas possíveis: o retorno não foi efetuado por que a demanda teria sido suprida pelo respectivo Conselho Estadual, ou os consulentes não lograram uma nova tentativa de contato com o CFC, por desistência de continuar com o requerimento.

¹⁰⁰ CALABRE, L. op cit.

¹⁰¹ MORAIS, Fernando. *Chatô: o Rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 187.

E a rua foi o local escolhido para o lançamento da revista. Justamente esse espaço que Mônica Velloso descreve como sendo o polo de sociabilidade dos indivíduos na cidade do Rio de Janeiro¹⁰². Marcados pelos bares e cafés da boemia da Lapa e pelas ruas do centro, onde circulavam intelectuais, trabalhadores, personalidades (Ouvidor, Buenos Aires, Alfândega, Senhor dos Passos, Avenida Central) na capital, citando Velloso:

(...) os espaços informais da cultura, incluindo as ruas, largos e praças da cidade, funcionavam muitas vezes como ponto de reunião e de encontro. Não era essa exatamente a ideologia que marcava o cotidiano das metrópoles modernas; a palavra de ordem era circular, movimentar-se. Consideravam-se as ruas locais de passagem, de deslocamento e de circulação de pessoas e de mercadorias. Mas no Rio, as ruas também eram lugar de identidade e de encontro.¹⁰³

Atingir o grande público. Provavelmente essa seria uma das ideias dos publicitários envolvidos na divulgação do veículo. Afinal, o período de lançamento dessa empreitada era bastante conturbado: revoluções de tenentes, movimento Modernista, crise dos poderes oligárquicos no Estado brasileiro.

Essas variações políticas e culturais impactavam os ganhos econômicos – qualquer que fosse o seu setor – ainda mais no caso dos meios de comunicação. Em especial, nos períodos de ditadura vivenciados nas décadas de 30 e 60, os embates entre política e empresários das comunicações resultavam na perda do controle dos órgãos de imprensa, que passavam às mãos do Estado ditatorial – ou eram fechados. No caso de Chateaubriand, para recuperar o controle dos seus empreendimentos durante o Estado Novo, precisou reconsiderar posições de crítica a Getúlio Vargas, e passar a publicar elogios ao governo¹⁰⁴.

Com uma relação difícil e conturbada, as negociações entre *Chatô* e Vargas dão a tônica dos *DA*, durante as décadas de 30 e 40, imprimindo afinidade ao governo nas publicações da empresa do jornalista. Os apertos de mão porventura firmados entre os dois, longe de assinalarem uma amizade plena, são apenas uma trégua entre essas duas forças políticas e econômicas.

¹⁰² VELLOSO, Mônica Pimenta. *Que cara tem o Brasil?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

¹⁰³ Idem. *Ibidem.* op cit, 2000, p. 81.

¹⁰⁴ CARVALHO, L. M. op cit, p. 61.

Retornando à questão da revista, para Mônica Velloso, a publicação pode ser identificada como literária, ilustrada e informativa¹⁰⁵. Tornou-se um ícone entre as chamadas “revistas de consumo”¹⁰⁶, de variedades, destinadas ao grande público e, até hoje, figura como a revista de maior longevidade no mercado brasileiro, com a duração de 53 anos. Isso significa dizer que o veículo esteve presente em, praticamente, todos os grandes acontecimentos históricos, nos anos centrais do século XX, no Brasil.

Suas primeiras décadas de existência foram marcadas por transformações econômicas, políticas e sociais. As perspectivas aventadas pelos desdobramentos da chamada Revolução de 1930, processo que culminou com a chegada de Getúlio Vargas à presidência e que garantiu as bases para que ele se estabelecesse ali até 1945, traduziam-se, por exemplo, em investimentos nos setores industriais – com a criação de empresas como a Companhia Siderúrgica Nacional (1940) e a Companhia Vale do Rio Doce (1942) –, e através da legitimação dos direitos trabalhistas – com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT-1943). Esse panorama produziu reflexos no consumo das camadas médias urbanas no país. Além de criar maiores perspectivas de emprego, mais estabilidade no trabalho, possibilidade de aposentadoria remunerada.

Discutindo a questão das transformações no Brasil nesse momento, Velloso nos conta que:

(...) as mudanças aconteciam pouco a pouco. O Brasil estava deixando de ser um país agrário, administrado pelas oligarquias rurais e por seus valores. O país começava a se modernizar, tornando-se urbano e industrializado. Cresciam as fábricas, o número de operários, o empresariado e também a classe média. Sofisticavam-se as máquinas, os inventos e as necessidades urbanas. As reivindicações trabalhistas tornavam-se cada vez mais constantes.¹⁰⁷

Sabemos que essas mudanças não se deram em todo o país de maneira uniforme. Mesmo Rachel de Queiroz, no já citado *O Quinze*, nos dá conta de que o progresso chegaria de uma forma para as regiões Sul e Sudeste, e de outra – ou não chegaria – para

¹⁰⁵ VELLOSO, Mônica Pimenta. “As distintas retóricas do moderno”. IN: OLIVEIRA, C.; VELLOSO, M.; LINS, V. *O Moderno em Revistas*. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ, 2010.

¹⁰⁶ CORRÊA, Thomas Souto. “A era das revistas de consumo”. IN: MARTINS, A.; LUCCA, T.(orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

¹⁰⁷ VELLOSO, M. P. op cit, 2000, p. 140.

as regiões Norte e Nordeste. Em suas crônicas da década de 60, essa menção ainda é recorrente.

Junta-se a esse movimento, de cunho econômico, outro, sociocultural, isto é, marcado pela formação de um pensamento, no seio dessas camadas sociais, voltado para o bem estar individual e familiar. Nesse jogo, o papel da mídia impressa é fundamental, nas palavras de Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Lucca:

(...)a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam[sic], alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional.¹⁰⁸

Ao estudar a imprensa desde o Brasil Colonial até os dias atuais, as autoras seguem comentando que os exemplos de intervenções da imprensa nos processos históricos brasileiros “vêm da Colônia, passam pelo Império (...) e chegam até os nossos dias”.¹⁰⁹ No nosso caso, as influências de *O Cruzeiro* podem ser notadas na questão da relação entre as camadas médias e o trabalho; no imaginário social delineado com base nas grandes personalidades constantemente presentes em suas capas e, também, nas propagandas. Os estímulos ao consumo chegaram a constituir cerca de 60 por cento do conteúdo da revista, entre as décadas de 1950-60.¹¹⁰

Normalmente, ao observarmos o papel da imprensa na sociedade, consideramos o estudo da sua interação com o público e seu contexto de aparecimento/desaparecimento. No entanto, segundo a proposta de Marialva Barbosa¹¹¹, raramente aparecem conjugadas as noções de que a História é um processo e que a imprensa é uma relação social constituída e constituinte do desenrolar desse processo. Assim, temos aqui uma tentativa

¹⁰⁸ MARTINS, A.; LUCCA, T.(orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 8.

¹⁰⁹ Idem. *Ibidem*.

¹¹⁰ SECRETARIA Especial de Comunicação Social (SECS). *O Cruzeiro: a maior e melhor revista da América Latina*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade Rio; SECS, Cadernos da Comunicação 3, jun/2002 [Série Memória].

¹¹¹ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa no Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: MauadX, 2007.

de enxergar a publicação estudada como um dos vários exemplos de relações sociais partícipes do movimento de 1964.

Tal esforço procura levar em conta que o momento vivido entre 1964 e 1975 reordenou as posturas dentro da revista, mas a própria publicação também contribuiu para que mudanças ocorressem na sociedade, dada a importância da obra e a circulação nacional da mesma nos mais diversos grupos sociais¹¹².

O Cruzeiro inicia a década de 1930 como ícone do Modernismo com seus projetos, tecnologia e *design* inovadores. Sua primeira capa traz na imagem as cores da bandeira nacional bem como o símbolo da constelação Cruzeiro do Sul, fazendo menção a um dos nossos principais pontos de referência, em termos de localização cartográfica, na América do Sul. Também apresenta a figura estilizada de uma mulher típica da década de 20, cuja maquiagem e arrumação do cabelo compõem signos da chamada *Belle Époque*, ainda como lembrança da cultura francesa que pairava no país até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Um indicativo importante de que a preocupação da edição mais do que ressaltar a nacionalidade, buscava também inserir em tempos modernos a revista como fruto de uma integração muito mais ampla: não eram raros os jornalistas, fotógrafos e correspondentes descendentes de outras nacionalidades.

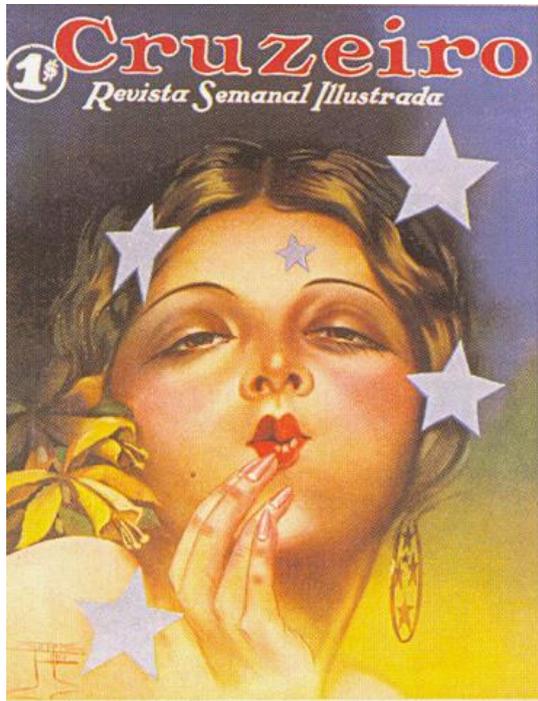


Ilustração 2: Capa da primeira *Cruzeiro*. 10/11/1928.

¹¹² MUNTEAL, O.; GRANDI, L. *A Imprensa na História do Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-RJ/Desiderata, 2005, p. 94.

Nos anos de 1950, a revista assume o ritmo da aceleração desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek e, como indica Barbosa, as

(...) reformas dos jornais da década de 1950 devem ser lidas como o momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco fundador de um jornalismo que se fazia moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo.¹¹³

A citação refere-se às mudanças em jornais, mas apesar de suas diferenças para com as revistas enquanto suportes, os jornalistas circulavam nos mais diversos formatos de publicação, criando um elo de intercâmbio nessa era de transformações. O discurso jornalístico profissional passa a investir-se de uma “aura de fidelidade aos fatos”¹¹⁴. E esse discurso estará presente nas páginas de *O Cruzeiro*.

Durante a década de 1950, momento em que o impresso sofreu alterações de diagramação, inovações técnicas, investimento em máquinas de impressão mais eficientes, assiste-se a um período de alterações políticas e sociais inseridas em uma onda democrática que se estendeu até a queda de Jango em 1964. Nesse momento, há a profissionalização dos jornalistas e a progressiva cobrança de que eles representassem a opinião pública de maneira transparente e efetiva¹¹⁵.

Entretanto, havia contrariedade de interesses nas empresas jornalísticas, partindo da premissa que esses veículos não podem ser tomados como um todo homogêneo e monolítico¹¹⁶. Isso implicava diretamente nas posições políticas adotadas pelos profissionais. Trabalhos como os Aloysio Carvalho¹¹⁷ chamam a atenção para as manipulações, sensacionalismos e inverdades presentes em algumas matérias. Via de regra, as inverdades existentes apareciam como estratégia de marketing de alguns proprietários de veículos de comunicação. Entretanto, não se exclui a existência de artigos jornalísticos fundamentados em investigações correspondentes a um caráter mais científico com a profissionalização dos jornalistas¹¹⁸.

¹¹³ BARBOSA, M. op cit, p. 150.

¹¹⁴ Idem. op cit, p. 151.

¹¹⁵ BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.

¹¹⁶ BARBOSA, M. op cit.

¹¹⁷ CARVALHO, A. op cit.

¹¹⁸ ANDRADE, A. R. M; CARDOSO, J. L. op cit.

Época da construção de Brasília, dos campeonatos de Misses, da euforia com a Copa de 1958, das listas das “Certinhas do Lalau”¹¹⁹, das primeiras redes de TV brasileiras, da expansão das fábricas de automóveis e peças, do surgimento do movimento Bossa Nova, os anos 50 entraram para a história como tempo áureo da democracia, apesar da inflação galopante, dos problemas com infraestrutura na capital – oriundos do desvio de verbas para a construção da Nova Capital (NOVACAP).

Recorrentes eram as aparições, Brasil afora, do Presidente JK em festas e inaugurações. Nesse momento, as manchetes giravam em torno de questões cotidianas. Na década de 50, as notícias marcantes foram o suicídio de Vargas (1954) e a transferência da capital para Brasília, em 1960, que seria outra virada na maré de calma da década do nacional-desenvolvimentismo de JK. A presença dos jornalistas nesses acontecimentos, em especial daqueles ligados a fotorreportagem, foi um marco na profissão. As imagens coletadas forneciam ao leitor maior proximidade com o que se passava e legitimava o que estava escrito nas edições. Esse ideal de objetividade era perseguido, mesmo que em alguns casos, como já dito, existissem limites a estas objetividade e fidelidade desejadas.

O contexto internacional, de crescente acirramento das tensões provocadas pelas disputas entre países de cunho capitalista – liderados pelos Estados Unidos –, e socialistas – seguidos de perto pela recém estabelecida União das Repúblicas Socialistas Soviéticas –, leva os D. A. a investirem, em 1956, no lançamento da edição de *O Cruzeiro Internacional*. Traduzida para o espanhol, a revista procurava levar aos outros países latino-americanos o modelo de pujança aparentemente alcançado pelo Brasil com as elevadas taxas de crescimento econômico do governo JK. País fortemente relacionado com os Estados Unidos, até por conta de empréstimos tomados ao FMI, nossos meios de comunicação usualmente passavam pelo crivo de informações daquela potência¹²⁰.

Nesse panorama, vários jornais modificaram sua diagramação: dentre eles o *Diário Carioca*, que ganhou páginas coloridas e importou, como em outras empresas, o modelo americano de notícia, citado por Juarez Bahia, Nelson Werneck Sodré, Aloisio Castelo de Carvalho e Luiz Maklouf Carvalho, dada a importância que essa nova concepção trouxe para a organização das informações nos periódicos: o *lead 5W and 1H*

¹¹⁹ Coluna semanal que Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta) mantinha na revista *O Cruzeiro* e que era referência para as beldades femininas do mundo das celebridades. Cf. SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: O ano que não devia terminar*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

¹²⁰ SKIDMORE, T. op cit.

(*what, who, where, why, when and how*)¹²¹. Estaria assim aberta a passagem para o jornalismo investigativo, em substituição à montagem indiscriminada de notícias com base em suposições não comprovadas. Também seria exigido dos repórteres que viajassem até o local dos acontecimentos, dentro e fora do país.

Mais uma matéria de destaque foi a memorável eleição de Jânio Quadros em 1961 para, em seguida, tornar às manchetes como o ex-presidente que conduziu a uma nova crise sucessória. Após sua renúncia precoce, entra em cena o processo de derrubada de João Goulart, vice-presidente que assumiu o governo após a renúncia de Jânio Quadros, com as nuances peculiares ao panorama golpista encetado por civis e militares contrários a Jango. Daí vem a dúvida: e aqueles que se prestavam a exercer essa “fidelidade aos fatos” em plena ditadura recheada de censura?

Segundo Carlos Fico¹²², devemos fazer aqui uma breve ressalva: o golpe de 1964 contou com a participação efetiva de setores importantes da sociedade civil. Dentre esses, podemos citar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – que admitiu recentemente que parte da coletividade da Igreja Católica apoiou a queda de João Goulart¹²³ –; alguns grupos das vanguardas femininas e a própria mídia (impresa e falada), cujos maiores exemplos são *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Jornal*¹²⁴ – esse último de propriedade de Chateaubriand, igualmente dono de *O Cruzeiro*, como já citado¹²⁵.

Essa posição se modificou após a instauração do regime militar, em que parcelas desses mesmos grupos retiraram (ou foram excluídas de) seu apoio à ditadura – ainda no governo Castelo Branco. Este decretou o segundo Ato Institucional (AI-2), aumentando a sua permanência no poder e procedendo no chamado “expurgo”¹²⁶ de militares de oposição às medidas por ele adotadas. Nesse momento, as lideranças presentes nas mais variadas instâncias do Poder Executivo eram dadas aos militares oficiais de alta patente, notadamente do exército – embora houvesse almirantes e brigadeiros incluídos. Junto com o expurgo aos militares dissidentes, houve também a cassação política de vários civis

¹²¹ Todos os autores cujos trabalhos sobre imprensa já foram citados nesta tese, evidenciam que a postura indagativa: o quê, quem, onde, por quê, quando e como, é um marco no jornalismo por fornecer às notícias uma maior qualidade investigativa, onde se procura descobrir e levar em consideração os elementos que contribuíram para o acontecimento destacado em determinada edição.

¹²² FICO, C. op cit.

¹²³ CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. “Declaração: Por tempos Novos, com liberdade e democracia”. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/imprensa-1/noticias/13944-declaracao-por-tempos-novos-com-liberdade-e-democracia>. Acesso em 21/04/2015.

¹²⁴ FICO, C. op cit.

¹²⁵ Denise Rollemberg discute ainda o apoio da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o comportamento ambivalente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Cf. ROLLEMBERG, D. op cit.

¹²⁶ SKIDMORE, T. op. cit.

que exerciam cargos públicos. Um dos casos mais notáveis foi o do ex-presidente Juscelino Kubitschek, cotado para ser candidato nas eleições de 1965, que perdeu seus direitos políticos e teve que se exilar do país¹²⁷.

Como desdobramento dessa postura autoritária sabemos que havia censores, durante o estabelecimento do regime militar, circulando nas revistas e nos jornais pelo país afora¹²⁸. Contudo, podemos notar que existia alguma margem, ainda que pequena, para questionamentos das arbitrariedades ocorridas após 1964. A Constituição vigente até então era a de 1946 e, embora o AI-2 permitisse ao presidente cercear a liberdade de imprensa, a censura aos meios de comunicação somente foi taxativamente determinada pelo AI-5 em dezembro de 1968. O golpe final teria sido a modificação da Lei de Imprensa e da Lei de Segurança Nacional, em 1969, decretando expressamente a censura à imprensa¹²⁹. Entre a censura e a liberdade, de acordo com Munteal e Grandi,

(...) Muitos veículos e jornalistas foram atingidos diretamente. Correio da Manhã e Jornal do Brasil deixaram de circular e tiveram seus diretores presos, além de terem suas redações ocupadas por forças policiais e militares (...).

O Correio da Manhã, já com vários problemas financeiros, sofrera um bloqueio forte por parte do governo, que proibiu que as empresas colocassem anúncios em suas páginas.¹³⁰

O Cruzeiro passou por esse período mantendo suas páginas recheadas de publicidade. Continuava sendo um impresso de vultosa circulação nacional e internacional. Algumas indagações se fazem necessárias: E o caso de David Nasser? Devemos lembrar que o jornalista chegou a publicar crônicas de desagravo com relação a Castelo Branco e às impopulares medidas tributárias de seu governo¹³¹. E Rachel Queiroz que chegou a escrever, em uma crônica ao Ministro da Viação, críticas sobre o destino dado aos navios que, ao invés de circularem transportando cidadãos e mercadorias, viravam prisões para opositores políticos¹³²?

¹²⁷ GASPARI, Élio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

¹²⁸ SKIDMORE, T. op cit.

¹²⁹ MUNTEAL, O.; GRANDI, L. op cit, p. 118.

¹³⁰ Idem. Ibidem.

¹³¹ NASSER, D. op cit.

¹³² QUEIROZ, R. "Carta ao Ministro da Viação". op cit, 30/05/1964, p.122.

A partir de relatos de David Nasser¹³³, há indícios de que os jornalistas possuíam certa autonomia para escrever nos *D. A.* No momento em que ele foi censurado, em 1975 – sete anos após a morte de Chateaubriand –, pediu demissão e transferiu-se para a *Manchete*. Essa relativa liberdade é confirmada por Rachel de Queiroz em algumas de suas crônicas. Em contraposição, Samuel Wainer¹³⁴ discordava dessa opinião e dizia que a linha editorial dos *D.A.* era claramente definida por Chateaubriand nas negociações políticas que fazia.

O que seriam, exatamente, os *DA*? Esse foi um dos nomes dados ao conglomerado também conhecido como *Condomínio Acionário dos Diários e Emissoras Associados*. Fundado por *Chatô*, traduzia-se em uma associação nacional de emissoras e jornais, unificando sob sua tutela vários setores da mídia brasileira. No seu auge, durante a década de 1950, os *Associados* reuniam, em todo o Brasil, 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão, além de bater recordes de tiragem com *O Cruzeiro*.

Com o poder de barganha política e econômica, por conta dos *D.A.*, de certa maneira, aparentemente, os três jornalistas tinham razão. As negociações políticas de Chateaubriand permitiam que jornalistas prestigiados como Nasser e Rachel se mantivessem na revista e que pudessem publicar, com certa autonomia, os seus textos. De acordo com Nelson Werneck Sodré, isso é esperado para uma empresa cujos interesses são tais quais o do capital, de modo que “A liberdade de imprensa na sociedade capitalista, é condicionada pelo capital, depende do vulto dos recursos que a empresa dispõe, tal a sua dependência em relação às agências de publicidade”¹³⁵.

Soma-se a isso, no momento estudado, a questão da inserção e das negociações entre os empresários e os membros em exercício nos poderes do Estado autoritário. Tal conjuntura interfere nos negócios entre as agências de publicidade e imprensa, de modo que se um veículo de comunicação não se alinha ao governo, esse os proíbe inclusive de contratar os serviços de propaganda daquele meio.

Outra faceta de intervenção do governo nos jornais é a questão do preço e das importações de papel e insumos para as indústrias produtoras dele. Uma das formas de controlar a imprensa, na época, seria limitar o acesso ao papel. Isso diminui a existência

¹³³ NASSER, D. op cit.

¹³⁴ WAINER, S. op cit.

¹³⁵ SODRÉ, N. W. op cit., p. 469.

e a manutenção de pequenos jornais, bem como vira item de barganha com as grandes empresas¹³⁶. Descreve Sodré:

O problema do papel de imprensa é grave, (...), pela falta crescente de matéria-prima, destruição acelerada das florestas, economia predatória que se descuida do replantio, tornando aquele produto cada vez mais caro e mais difícil. No Brasil isso também acontece mas (...) acrescido de particularidade muito importante: o papel de imprensa, na maior parte das necessidades do consumo, é importado, entra na pauta dos artigos atingidos pela política de comércio exterior e de câmbio.¹³⁷

Escrevendo em meados da década de 70, imerso, portanto, no momento do “Milagre Econômico Brasileiro”, Sodré insere o Brasil entre o rol dos países em “fase de expansão capitalista, quando o capitalismo entra em acelerada decadência nas áreas em que cedo se instalou e se desenvolveu”¹³⁸, o que daria condições de melhorias nas estruturas industriais dos mais variados segmentos econômicos. Daí a subordinação da imprensa cada vez mais ao capital nacional e internacional.

Como complemento, há questões que vão além das tensões econômicas no que se refere à imprensa. Os grupos intelectuais, civis e militares presentes nesse momento da história brasileira, não se configuravam homogêneos – nem mesmo dentro das próprias publicações que circulavam no país. Assim, podemos delimitar, ao menos, duas trajetórias possíveis para a ascensão da censura e do poder autoritário: uma antes e outra após 1968. Na que segue até 1968, a reboque movimento de 1964 e do estabelecimento dos primeiros anos do regime ditatorial, podemos incluir a franca participação de civis cujo

(...)objetivo das forças civis que teriam recorrido aos militares seria o de que estes realizassem uma intervenção utilizando-se da função de “poder moderador” e intermediador de conflitos que a instituição militar teria desempenhado por diversas vezes ao longo do período compreendido entre 1945 e 1964, sempre favorável ao *status quo* [grifos do autor].¹³⁹

¹³⁶ Idem. op cit.

¹³⁷ Idem. Ibidem, pp. 450-451.

¹³⁸ Idem. Ibidem, p. 450.

¹³⁹ MENDES, Ricardo Antônio Souza. “Militares e o debate sobre os rumos da política externa brasileira

Nessa primeira etapa, vemos a atuação da chamada *Rede da Democracia*, composta pelos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Jornal*, e a rádio *Tupi*. Há de lembrar que Nasser e Rachel são exemplos de intelectuais que apoiaram a derrubada de João Goulart. Seus principais argumentos, além da questão do *status quo*, giram em torno de uma suposta ameaça comunista, nos moldes da Revolução Cubana, que se acercava da sociedade brasileira. Essa interferência só estaria neutralizada, segundo os defensores do golpe, quando todos os envolvidos com as práticas comunistas fossem encontrados, afastados do poder e presos.

Concordamos que as notícias veiculadas, por exemplo, pela *Rede da Democracia* contribuíram para a queda de Jango em 1964. Mas ressaltamos que, como discute Carlos Fico, sem uma arregimentação e uma organização paulatina dos militares envolvidos no processo e de outros setores de entidades civis que igualmente lideraram a tomada de poder, os discursos não teriam aquele resultado. Além disso, vez por outra os jornalistas conseguiam trazer a público algumas das tensões e questionamentos sobre o período. Ao negarmos a atuação crítica dos profissionais da comunicação, podemos incorrer no equívoco de os desqualificar enquanto agentes históricos que lutam por melhores condições de trabalho e vida¹⁴⁰.

Assim, podemos tomar por premissa analítica que acontecem, ao menos, dois caminhos distintos dentro da mídia impressa: um seria a defesa ao *status quo*, imprimindo-se notícias que enalteciam as atitudes pró militares; o outro seria o questionamento aos princípios autoritários dentro do movimento pós 64. Um exemplo é o já citado *Correio da Manhã*, um dos veículos de apoio a deposição de Jango, que produz um editorial, no dia seguinte ao golpe, condenando as invasões e empastelamento de jornais.

Nos anos que se seguem, entre a consolidação do governo de Castelo Branco e a sua sucessão por Costa e Silva, as disputas políticas em voga nos meios de comunicação giravam em torno dos candidatos presidenciais. Estaria em jogo a manutenção dos princípios defendidos pelos organizadores do golpe civil-militar. E nesse embate, entre os militares governistas e os civis presidenciais, de acordo com Skidmore, surgem os

– 1961-1965”. IN.: FERREIRA, Jorge (org). *As Repúblicas no Brasil: política, sociedade e cultura*. Niterói: EDUFF, 2011, p.177.

¹⁴⁰ FICO, C. op cit.

mais diversos decretos que legitimam as vontades particulares dos indivíduos efetivamente no poder. Algumas cassações teriam, inclusive, caráter pessoal¹⁴¹.

Nesse ambiente tumultuado no qual, muitas vezes, os profissionais não assinavam suas matérias em jornais e revistas, não eram raras as notícias fantasiosas. Mas a intensidade das manifestações populares crescia à medida que vinham a público as primeiras reportagens sobre torturas e desaparecidos. E esses fatos eram divulgados com certa regularidade, pelo menos até o AI-5, com maior ou menor sensacionalismo¹⁴².

Temos então a segunda fase da trajetória da ascensão da censura, cujo ponto de corte, entre o apoio ao golpe e a retirada/exclusão de parte dos civis da participação no regime, foi o período de choque entre governo e oposição nos anos de 1966 a 1968. A institucionalização do regime e as medidas de austeridade econômica, progressivamente tomadas por Castelo Branco e Costa e Silva, provocaram fortes turbulências entre os trabalhadores, estudantes, membros das classes médias brasileiras – muitos dos quais apoiaram o processo em um primeiro momento. Como resultado, eclodiram greves operárias e manifestações estudantis, largamente descritas nas narrativas históricas do período¹⁴³. Segundo Skidmore, alguns militares contrários às posições extremas assumidas pela *linha dura* foram aposentados e retirados de suas atividades nas Forças Armadas. Daí o aprofundamento da posição radical entre os militares e das práticas de repressão ostensiva – que já existiam desde os primórdios do movimento¹⁴⁴ – com base no argumento de que as infiltrações comunistas ainda não estariam totalmente expurgadas do país¹⁴⁵.

Podemos aqui inferir que essa etapa da trajetória da censura é marcada pela vitória da chamada *linha dura* e, como já mencionado, segue-se a publicação do AI-5, da Lei de Imprensa e a de Segurança Nacional¹⁴⁶. São conhecidos os trágicos desdobramentos levados a cabo pela cassação dos direitos à liberdade individual de trânsito e expressão, bem como do fim do *habeas corpus* e das garantias inerentes a ele, no caso das prisões em decorrência de atividades políticas. Daqui em diante, dentre os representantes civis que seguem a marcha podemos encontrar *O Globo*, os impressos dos *D.A.* e intelectuais como Rachel de Queiroz.

¹⁴¹ SKIDMORE, T. op cit.

¹⁴² FICO, C. op cit.

¹⁴³ Vide, para tanto: SKIDMORE, T. op cit; FICO, C. op cit; MUNTEAL, O.;GRANDI, L. op cit.

¹⁴⁴ FICO, C. op cit

¹⁴⁵ SKIDMORE, T. op cit.

¹⁴⁶ Idem. Ibidem.

Devemos acrescentar, nesse momento, o falecimento de Assis Chateaubriand no ano de 1968. Esse marco interno aos *Associados* provocou também uma cisão nas negociações anteriormente firmadas entre o antigo dono e os membros do governo. Não mais seriam toleradas as críticas publicadas na revista, da maneira como *Chatô* permitia a alguns de seus jornalistas. Antes mesmo de sua morte, ele havia repartido as empresas associadas entre os outros diretores. Um deles, João Calmon, que ficou encarregado d'*O Cruzeiro*, cerrou sua marcação censora entre os profissionais sob sua responsabilidade.¹⁴⁷

Dessa maneira, funcionando como instrumento de comunicação autorizado pelos governos ditatoriais pós 1969, a partir de negociações e aproximações entre o dono dos *Associados* e membros efetivos do governo, a publicação e, conseqüentemente, seus funcionários precisaram se adequar aos tempos difíceis. Não excluimos aqui o controle da informação, tanto por parte de censores oficiais quanto por parte dos próprios editores da empresa. Postura essa que é confirmada por Marcos Napolitano¹⁴⁸, e também por Washington Novaes¹⁴⁹ e Aloysio Castelo de Carvalho¹⁵⁰ que, em suas respectivas obras, trabalham a questão da ética no jornalismo, a pretensa neutralidade dos profissionais e o controle da informação nos veículos de comunicação efetivado pelos donos, empresários e governantes do período. Entretanto, afirmamos que há espaços de manobra e escape dentro dos periódicos, em maior proporção até 1968, mas são totalmente extintos após o endurecimento do regime.

Juarez Bahia aponta ainda que, entre os últimos anos de 1960 e início da década de 70, há uma “expansão do mercado de revistas”¹⁵¹. De acordo com Bahia,

O tipo de veiculação representado pelos fascículos vendidos nas bancas de jornais, com a vulgarização de textos clássicos, científicos e técnicos, abre para as editoras de livros com produção em larga escala e para as revistas, um novo mercado de consumo que na realidade vai criar novas atrações nas prateleiras da informação impressa.¹⁵²

O que reforça a ideia de que, mesmo em condições de exceção política, até a dita “grande imprensa” pode ser encarada como um ator econômico e sociopolítico, tanto de

¹⁴⁷ CARVALHO, L. M. op cit.

¹⁴⁸ NAPOLITANO, Marcos. *O Regime Militar Brasileiro: 1964-1985*. São Paulo: Atual, 1998.

¹⁴⁹ NOVAES, Washington. *A Quem pertence a informação?* 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

¹⁵⁰ CARVALHO, A. op cit.

¹⁵¹ BAHIA, J. op cit.

¹⁵² Idem. *Ibidem*.

apoio ao lado hegemônico quanto de fortalecimento do combate a ele¹⁵³. A pluralidade dos seus discursos e a variedade das publicações chamam-nos a atenção para a visão estereotipada de que a “grande mídia” atua somente como reprodutora exclusiva da opinião dos grupos hegemônicos. Essa posição crítica nos parece simplificadora, pois as relações que se estabelecem dentro das páginas desses periódicos são complexas e ambíguas, não cabendo um enquadramento taxativo do seu papel¹⁵⁴. Citando Alessandra Ciambarella,

Se os jornais e revistas são empresas privadas, cujo objetivo final é a obtenção de lucros, todavia a imprensa é um importante agente político, influenciando condutas, proporcionando informações e fomentando debates. O desenvolvimento de diferentes opiniões é veiculado pela imprensa. (...) Assim, a imprensa de um modo geral, tanto quanto outros meios de comunicação de massas, não age apenas como instrumento pelos quais o acontecimento é revelado de forma independente ou neutra.¹⁵⁵

Assim, mais uma vez devemos decupar, ou seja, esmiuçar a atuação da imprensa. Se por um lado há a preocupação com a sobrevivência dos órgãos de comunicação – que pelo viés político traduzia-se em manifestações a favor da queda de Jango, acatando-se as decisões dos censores, e pelo viés econômico relacionava-se a manutenção de canais de publicidade e patrocínio de notícias por empresários, afinal se tratavam de empresas capitalistas –, por outro, temos de lembrar que muitos profissionais da comunicação mantinham trabalho na grande mídia e na imprensa alternativa¹⁵⁶, beneficiando a circulação de opiniões nem sempre favoráveis ao regime dentro da grande mídia. Para citarmos dois exemplos: um é o do jornalista Caio Fernando Abreu que escrevia para *Veja*, *Manchete*, *Pop*, *Zero Hora*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e também colaborou com o alternativo *Exemplar*¹⁵⁷. O outro é o do jornalista, desenhista, dramaturgo, escritor, Millôr Fernandes que, tendo se demitido de *O Cruzeiro*, no início

¹⁵³ ROLLEMBERG, D. op cit.

¹⁵⁴ CIAMBARELLA, Alessandra. “A tradição abre as portas a modernidade...” IN: FERREIRA, Jorge (org). *O Rio de Janeiro nos Jornais*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2011, p.137.

¹⁵⁵ Idem. op cit, pp. 137-138.

¹⁵⁶ Tem-se, em geral, a designação “alternativo” os impressos que trazem a proposta de resistência contracultural. Cf. ROSA, S. O. da. op cit.

¹⁵⁷ ROSA, S. O da. op cit.

dos anos 60, lança *Pif-Paf*, e passa a escrever para *Veja*, dentre outros veículos da “grande imprensa”, e para alternativo *O Pasquim*¹⁵⁸.

Os primeiros anos da década de 1970 são marcados pelo chamado “Milagre Econômico”, período de crescimento econômico fruto das políticas de austeridade impetradas pelo então Ministro da Economia, Delfim Moreira Neto. Apesar de a inflação continuar efetivamente sem controle, os investimentos do governo em infraestrutura geraram empregos na construção civil, alavancando o poder de consumo das camadas mais desprovidas da sociedade brasileira fato que, temporariamente, estabilizou a economia que demorou a sofrer os impactos da primeira crise do petróleo norte-americana (1973)¹⁵⁹. Soma-se a isso alguns outros sucessos, como a vitória da seleção brasileira na Copa de 1970, um reforço para a montagem de um discurso, fartamente difundido nas mídias, de que o sistema militar estava funcionando¹⁶⁰.

Apesar da censura e da forte repressão do período, que ocasionaram grande diminuição por exemplo das manifestações populares e das greves de trabalhadores, esse caldo político-cultural latente abria as portas para novas reivindicações de liberdade dentro das camadas médias urbanas em meados da década de 70. Olhando a fundo, aquele auge econômico favoreceu o crescimento salarial para o topo da pirâmide social. Algumas camadas operárias tiveram mais oportunidade de emprego. Todavia, a questão inflacionária não chegou a ser debelada e a desigualdade social se aprofundava a cada ano já que o poder de compra e a desvalorização monetária se alargavam¹⁶¹.

Os anos que seguem, a partir de 1974, são inseridos no processo conhecido como Abertura Política que se estende até 1988, cujo marco é a promulgação da nova Constituição. Podemos dividir essa abertura em três fases: a primeira, no governo de Ernesto Geisel (1974-1979), cuja máxima caracteriza-se pela frase “abertura lenta, gradual e segura” – o que significaria, em poucas palavras, que ainda poderia ocorrer o endurecimento do regime.

A segunda fase, com João Batista Figueiredo (1979-1985), é marcada pela Emenda Constitucional Número 11, promulgada no final do governo Geisel e que extinguiu o AI-5, devolvendo à nação seus direitos e garantias civis, como o *habeas corpus*, por exemplo¹⁶².

¹⁵⁸ Idem. *Ibidem*.

¹⁵⁹ SKIDMORE, T. *op cit*.

¹⁶⁰ SKIDMORE, T. *op cit*, p.216.

¹⁶¹ SKIDMORE, T. *op cit*.

¹⁶² SKIDMORE, T. *op cit*.

A terceira e última fase seria a do governo de José Sarney (1985-1989), momento em que os brasileiros veriam consolidada a democracia, através da promulgação da Constituição Cidadã, de 1988, em vigor até os dias atuais e que garante, entre outras coisas, o direito de voto aos menores de 16 anos, aos analfabetos e que abriu precedentes para a criação de leis complementares como os Estatutos da Criança e Adolescente¹⁶³ e o do Idoso¹⁶⁴, bem como a extensão das leis trabalhistas para o homem do campo e, até mesmo, a criação do Código de Defesa do Consumidor¹⁶⁵.

Combatalida pelos anos de censura mais fechada, pela falta do empresário Chateaubriand morto em 1968, pela queda na qualidade das suas reportagens, pela perda de importantes profissionais, seja por falecimento, seja por demissão, e, ainda, entregue a diretores que incentivavam a venda indiscriminada de espaço para matérias pagas, *O Cruzeiro* fecharia suas portas em 1975. Retornaria em 1977, já sob controle ostensivo de grupos ligados aos militares, mas logo encerraria novamente seus trabalhos, sem presenciar os novos tempos de democracia no Brasil.

Assim, concordamos com Marialva Barbosa¹⁶⁶ quando essa diz que na época da censura forte, a imprensa, que normalmente se arroga como bastião da luta pela liberdade e representante expressa da opinião pública¹⁶⁷, teve posicionamento dúbio. Em muitos casos, sobressaía a luta pela continuidade do funcionamento do órgão. Em outros casos, emergiam contestações ao governo. Enxergar essa ambiguidade nos ajuda a entender o caráter heterogêneo da imprensa e a analisar com mais clareza seus aspectos, para além de suas manchetes, compreendendo as lógicas por detrás de determinadas posturas, cumprindo, portanto, nossa função de historicizar os acontecimentos.

¹⁶³ BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. 1990. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm, acesso em 21/04/2014.

¹⁶⁴ BRASIL. Estatuto do Idoso. 2003. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm, acesso em 21/04/14.

¹⁶⁵ BRASIL. Código de Defesa do Consumidor. 1990. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18078.htm, acesso em 21/04/14.

¹⁶⁶ BARBOSA, M. op cit.

¹⁶⁷ CARVALHO, A. C. op cit.

1.3 Crônicas em revista

A crônica – apesar de toda a sua aparente simplicidade – só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação.

Jorge Sá¹⁶⁸

Rachel foi, portanto, por longos anos cronista da revista *O Cruzeiro*.

No Brasil, as crônicas circulavam em jornais desde o século XIX, no rodapé das folhas dos impressos. Se hoje a crônica é considerada como um gênero específico e respeitável da narrativa literária, isso se deve a atuação de escritores da segunda metade do século XIX, como Machado de Assis e José de Alencar. O gênero consagrou-se, no século seguinte, com autores como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, a própria Rachel de Queiroz, Luís Fernando Veríssimo, dentre tantos outros.

Concebida como uma narrativa com pretensões de relatar com fidelidade o que acontecia no dia a dia, segundo Antônio Cândido¹⁶⁹, esse gênero literário procura expor acontecimentos diversos, respeitando a sua ordem temporal e factual, utilizando-se de toques de crítica, ironia e humor. Tomando como empréstimo para sua designação a palavra grega *chronos*, esse texto mantém uma estreita relação com o cotidiano vivido.

Até o início do século XX, o cronista, não raro, era considerado um jornalista¹⁷⁰. Sendo assim, seus trabalhos inicialmente eram planejados para um tipo específico de suporte: os jornais. Dessa forma, precisa-se levar em consideração no estudo das crônicas, enquanto estruturas discursivas peculiares, as seguintes características: estão inseridas dentro desse suporte transitório; são escritas poucas horas antes de serem publicadas e estão ligadas intrinsecamente a padrões estéticos que transitam entre a escrita jornalística e a ficcional¹⁷¹.

Embora haja proximidade com a escrita de contos, podemos perceber que a realização contista tem como marca a observação da condição humana como mote para se produzir um juízo de exemplaridade. As crônicas, no entanto, são produzidas com mais liberdade, sem a pretensão de fundo moralizante ou exemplar¹⁷².

¹⁶⁸ SÁ, Jorge. *Crônica*. Rio de Janeiro: Ática, 1997.

¹⁶⁹ CÂNDIDO, A. op cit.

¹⁷⁰ Praticamente todos os que escreviam para jornais eram assim considerados, pois a regulamentação da profissão só foi efetivada, no Brasil, na década de 1950. Cf. BAHIA, J. op cit.

¹⁷¹ CÂNDIDO, A. op cit.

¹⁷² SÁ, J. op cit.

Chalhoub, Pereira e Neves, ao analisarem as características do surgimento das crônicas, chamam-nos a atenção para a fala de Machado de Assis, que as inseria em uma escrita de “cousas miúdas”, isto é, ligadas à interpretação de pequenos acontecimentos cotidianos, “rasteiros”, sem relevância imediata¹⁷³. Tal escolha possibilita ao cronista a sua intervenção direta ao assunto discutido, identificando-o com o público leitor. Essa interação também coloca o texto no limiar da escrita jornalística, que se pretende neutra e objetiva, e da literária, preocupada com a estética, a forma, a arte e comprometida com a ficção¹⁷⁴.

Emergem aqui outras duas especificidades da escrita cronista a indeterminação e o movimento. A primeira está ligada ao próprio elemento constitutivo do texto: os assuntos cotidianos, que são eleitos com base no suposto interesse que vão despertar no leitor. Essa flutuação faz com que os temas sejam substituídos sem maiores cerimônias, assim que o tema cai em esquecimento e/ou desinteresse. O movimento, além de estar ligado à questão da indeterminação, relaciona-se ao fato de que elas são publicadas em suportes descartáveis, isto é, não têm a pretensão de existirem para a posteridade – no caso das publicadas em revistas e jornais, pois algo diferente acontece com as que são selecionadas para integrarem livros¹⁷⁵.

Aproveitando a discussão acima, chamamos a atenção para a diferença entre a concepção de crônicas para jornais e para revistas. De acordo com o suporte, os efeitos produzidos são mais ou menos duráveis na contemporaneidade em que a obra foi produzida¹⁷⁶. Por exemplo, a crônica que sai em um jornal é planejada para que, no dia seguinte à sua publicação, seja superada por outra que a complemente ou a contradiga. Já a publicada em uma revista semanal, como é o caso de *O Cruzeiro*, permite que esteja em debate por, no mínimo, uma semana antes da edição da próxima.

Ao estudar crônicas em diferentes suportes, percebe-se que a distinção entre eles precisa ser marcada¹⁷⁷. Um pouco pela diferença já citada anteriormente, mas também por causa do público-alvo de cada uma das publicações.

Segundo catálogos de biblioteconômicos, criados com a função de normatizar terminologias de classificação e catalogação de obras, jornal seria:

¹⁷³CHALHOUB, S.; PEREIRA, L.; NEVES, M. *História em cousas miúdas*. São Paulo: EDUNICAMP, 2005, p 11.

¹⁷⁴Idem. op cit., pp. 13-14.

¹⁷⁵Idem. op cit., pp 16-19.

¹⁷⁶SÁ, J. op cit.

¹⁷⁷CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

Destinado a ser, essencialmente, fonte primária de informação escrita sobre acontecimentos correntes de interesse público, de âmbito quer local, nacional e/ou internacional. Contém um vasto leque de notícias sobre todos os assuntos e atividades e não está limitado a um determinado assunto. Pode incluir, mas não prioritariamente, artigos literários ou outros assuntos como publicidade, avisos legais, estatísticas vitais e ilustrações.¹⁷⁸

Ou seja, apesar de vasto e abrangente, os jornais circulam diariamente, trazendo ao leitor diversas perspectivas sobre os assuntos que trata. O público-alvo, nesse caso, vai desde a dona de casa até os profissionais das mais diferentes atividades econômicas. Sua periodicidade, frequentemente diária, o torna defasado apenas 24 horas após a sua publicação. Assim, o que é notícia nos jornais hoje, pode não o ser amanhã.

A durabilidade do veículo também influencia a escolha dos temas e a velocidade com que a crônica é escrita. Frequentemente o texto é elaborado horas antes de ser disposto ao público leitor, como já exposto anteriormente. Na maioria dos casos, o autor tem muito cuidado com a sua produção – apesar da rapidez da escrita, muitos cronistas são exímios literatos e seus textos impecáveis. Contudo, erros de edição acontecem, e certos escritos circulam com problemas de grafia, cortes e emendas que prejudicam e, por vezes, distorcem seu conteúdo. No caso do jornal, a correção a esses erros pode ser feita no dia seguinte à publicação. A revista, ao contrário, leva pelo menos uma semana para ser retificada.

Esses aspectos fazem parte da estrutura de composição da própria crônica publicada em jornal. Destinada, nas palavras de Sá, a “uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada”¹⁷⁹, tem-se que, de acordo com interesses mercadológicos:

Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas,

¹⁷⁸ LIBRARY of Congress. “Continuing Resources”. IN.: LOC. MARC, 2010. Disponível em <http://www.loc.gov/marc/bibliographic/bd008s.html>. Acesso em 21/04/2015.

¹⁷⁹ SÁ, J. op cit, p. 08.

obrigando o redator a explorar da maneira mais econômica possível o pequeno espaço que dispõe.¹⁸⁰

As revistas têm alguns aspectos peculiares se comparadas aos jornais: são compostas por “diferentes artigos, contos, outros escritos, que geralmente são publicados ou distribuídos com periodicidade maior que anual”¹⁸¹. Sendo assim, elas permanecem em circulação em tempo maior do que 24 horas e que podem chegar a uma semana, quinze dias, meses e em até um ano; embora haja casos de periódicos bienais encontrados na Fundação Biblioteca Nacional (FBN) no Rio de Janeiro. Seu público-alvo, mais seletivo do que o jornal, vai às bancas à procura desse periódico não pela abrangência de suas notícias. Ele busca a opinião de especialistas em determinados assuntos tratados em suas páginas. Segundo Velloso:

(...) a revista é marcada por uma escrita dinâmica e reflexiva. (...) ela se distingue nitidamente do jornal. Se ambos se debruçam sobre um tempo acelerado, (...), a revista não visa captar a atualidade imediata. Ela se esforça para torná-la objeto de reflexão. Pode-se concluir que é a imagem de uma escrita provisória, marcada pelo caráter inacabado, que diferencia a revista dos demais suportes de informação.¹⁸²

Nesse caso, escrever uma crônica demanda maior cuidado. Não raro o cronista tem tempo de ler a prévia dos assuntos da revista, além de ter conhecimento dos principais assuntos da semana via outros meios de comunicação de massas – no caso de Rachel, jornais, rádio e televisão compunham seus principais recursos de conteúdo para a composição dos textos. Algumas crônicas da autora possuem duas ou três continuações, evidenciando uma preocupação com o enredo das notícias, encadeamento narrativo e conclusões elaboradas, prolongando a discussão sobre o tema inicialmente proposto¹⁸³.

Da mesma maneira, as relações entre o leitor e a obra se transformam. Se o jornal imprime transitoriedade à crônica, a revista lhe empresta ares de especialização em

¹⁸⁰ Idem. Ibidem

¹⁸¹ Idem. Ibidem.

¹⁸² VELLOSO, M.P. op cit, 2010, p.43.

¹⁸³ Lembramos aqui que, com relação às diferentes práticas de leitura, não podemos deixar de mencionar que há ainda as crônicas selecionadas para integrarem livros. Esse suporte se distingue sobremaneira dos outros dois citados anteriormente. Cf. CHARTIER, R. op cit.

determinado assunto e o livro a consolida enquanto gênero literário, preservando a sua existência para futuras gerações¹⁸⁴.

A compreensão e a reflexão sobre os temas constantes nos textos encontram facetas distintas em cada um dos suportes. Chartier ainda lembra que a leitura é um processo em constante transformação e depende intrinsecamente das tecnologias e dos suportes empregados na concepção do texto¹⁸⁵.

As crônicas nos contam um pouco do cotidiano¹⁸⁶ de certas sociedades. Como formas, de expressão, enriquecem a elas mesmas e aos imaginários sociais, tornando-se peças construtora e constitutiva de um conjunto de representações construídas socialmente, sobre acontecimentos, eventos, situações, ligadas a interesses de determinados indivíduos e/ou grupos sociais¹⁸⁷. Conforme expõem Pereira e Chalhoub:

(...) para a análise do testemunho histórico, seja ele qual for, deve-se sempre ter em vista que os sujeitos vivem a história como indeterminação, como incerteza, como necessidade cotidiana de intervir para tornar real o devir que lhes interessa. Autores e obras literárias são acontecimentos datados, historicamente condicionados, valem pelo que expressam aos contemporâneos.¹⁸⁸

A partir do trecho acima, perguntamo-nos como então a escrita do cronista pode contribuir para a historiografia, já que essa pressupõe metodologias específicas para a construção do conhecimento¹⁸⁹? Os materiais utilizados pelo historiador, como imagens, relatos e textos, por exemplo, são definidos como documentos históricos. O produto que o profissional elabora, a escrita da história, alinhava aquilo que o seu autor depreendeu a partir da análise da fonte escolhida para sua investigação¹⁹⁰. Portanto, enquanto documentos históricos, as crônicas são aproveitadas como objeto de estudo e matéria prima para a historiografia.

¹⁸⁴ CHARTIER, R. op cit.

¹⁸⁵ Idem. Ibidem.

¹⁸⁶ Que aqui será utilizado na perspectiva de Agnes Heller, ou seja, vivência social heterogênea e hierarquizada, pautada na repetição e na regularidade de ações. Cf. HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

¹⁸⁷ BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social". IN: ROMANO, R. (Org). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985-v.5.

¹⁸⁸ PEREIRA, Leonardo A. de M.; CHALHOUB, Sidney. "Apresentação". IN.: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. de M. *A História Contada...* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p.7.

¹⁸⁹ CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997

¹⁹⁰ BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.

A conceituação do que são fontes, produzida no decorrer de intensos debates acadêmicos, refere-se hoje a todo e qualquer produto humano elaborado no tempo/espaco que tenha sido selecionado para estudo a partir da atribuição de sua importância por um pesquisador¹⁹¹. Essa noção é central para o historiador e, ao mesmo tempo, um grave complicador.

Central, porque a variedade de fontes torna-se útil para o contraste entre visões diferentes sobre um mesmo acontecimento histórico. Simultaneamente, pluraliza o contato entre outras áreas do conhecimento e ajuda a desmistificar a ideia de que há apenas uma explicação verdadeira para tudo.

Complicador, já que ao pulverizar-se a quantidade de fontes a que o historiador pode ter acesso precisam ser adotados recortes temáticos, temporais e espaciais. Possibilidades investigativas passam a ser escolhidas/descartadas em prol da limitação de um foco estruturado em questões bem específicas, com o cuidado para não se trair por uma relativização extrema – o que de nada valeria a quem pretende entender ações humanas no tempo-espaco e não apenas um caso isolado¹⁹².

Os textos presentes na revista estudada trazem a marca de sua contemporaneidade. O pós-64 imprimiu nos escritos a necessidade de revisar e censurar previamente aquilo que publicariam. Dadas as condições políticas do período, segundo Napolitano¹⁹³, nem precisava haver intervenção militar direta para que os autores adequassem sua produção ao permitido. Embora alguns casos de exceção existissem, como David Nasser que costumava publicar suas crônicas sem maiores pudores, segundo Napolitano, via de regra a censura partia do próprio autor/editor¹⁹⁴, antes de uma fiscalização¹⁹⁵.

Mas, quais seriam as peculiaridades da crônica? Qual a sua bagagem histórica durante o século XX? Segundo Jorge Sá¹⁹⁶, no século XX, as crônicas já eram escritas com uma linguagem mais informal, diferentemente do panorama cronístico do século XIX, em que prevalecia a formalidade da norma culta de linguagem¹⁹⁷. O cronista não necessariamente estaria preso a uma história que devesse ter conclusão moralizante. Sua

¹⁹¹ LE GOFF, Jacques. “Memória-História”. IN: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, v.1.

¹⁹² BURKE, P. op cit.

¹⁹³ NAPOLITANO, M. op cit.

¹⁹⁴ NAPOLITANO, M. op cit.

¹⁹⁵ Carlos Fico ressalta que sempre houve censura no Brasil, deste os tempos da colônia. A ditadura militar não criou essa prática. Mas seu uso se exacerba nesses períodos de autoritarismo. Cf. FICO, C. op cit.

¹⁹⁶ SÁ, J. op cit.

¹⁹⁷ PEREIRA, L.; CHALHOUB, S. op cit.

escrita seria veloz, espontânea, buscando-se ressaltar o instante. Em sua obra, o autor traz alguns exemplos de cronistas importantes: João do Rio teria transformado a crônica, na virada dos oitocentos para os novecentos, dando-lhe comentários. Já Rubem Braga, em meados da década de 1950, escreve sobre temas íntimos com intensidade, apesar da narrativa curta.

Com essas mudanças e particularidades da escrita cronística, a década de 1960 assiste aos textos escritos para livros, jornais e revistas com nuances de linguagem coloquial, em contraposição à formalidade literária, de identificação entre autor e público-alvo, ao percebermos diálogos incorporados ao texto, de relevo aos temas urbanos, de aprofundamento da função reflexiva e crítica e, sobretudo, da forte presença da ironia e do humor¹⁹⁸.

Com relação ao enredo das crônicas, que no dizer de Samira Mesquita seria o “arranjo de uma história”¹⁹⁹, podem ser notadas organizações lineares e cronologicamente encadeadas, embora a autora considere, diferentemente da fala de Antônio Cândido citada algumas linhas acima, ser possível encontrarmos inovações nas narrativas contemporâneas. Inversões temporais, fragmentação do texto, subversão da lógica de causalidade são encontrados em crônicas mais contemporâneas²⁰⁰.

De acordo com Mesquita, as narrativas do século XX, muitas vezes, “destroem o enredo”, no jogo de relações entre o autor, o texto e o leitor, já que ele é “o produto das relações de interdependência entre a sucessão e a transformação de situações e fatos narrados e a maneira como são dispostos para o ouvinte ou leitor pelo discurso que narra”²⁰¹. Sua obra trata da narrativa ficcional em prosa, mais atenta ao estudo de romances, contudo, ela cita as crônicas como parte dessa prosa, em consonância com a análise de Chalhoub, Pereira e Neves, quando inserem as crônicas no mesmo patamar de complexidade ocupado pelo romance e pelo conto²⁰².

No caso das crônicas da Rachel de Queiroz, essas fragmentações se dão quando as crônicas são continuadas em outra edição da revista. Ou mesmo quando fala de múltiplos assuntos em um mesmo texto, algumas vezes induzindo uma conexão entre eles.

¹⁹⁸ SÁ, J. op cit.

¹⁹⁹ MESQUITA, Samira Nahid de. *O Enredo*. São Paulo: Ática, 1987, p.7

²⁰⁰ Idem, Ibidem, p. 17.

²⁰¹ Idem. Ibidem, p. 21.

²⁰² CHALHOUB, S.; PEREIRA, L.; NEVES, M. op cit., p.14.

Como mencionamos anteriormente, a autora produzia textos sobre os mais variados temas: questões raciais, partidos políticos, ações do governo, trabalho urbano, trabalho rural, vida dos sertanejos, elogios a escritores nacionais e estrangeiros, vida feminina, arte, futebol, cidades. Contudo, aqui se farão presentes apenas as questões mais frequentes em sua escrita, em especial, as ligadas à participação política que, no caso, engendram conceitos como os de cidadania e democracia, em um dos mais delicados momentos históricos então vividos em nossa sociedade: a ditadura pós 1964.

Tal empreitada ressalta a ideia de que as crônicas de Rachel de Queiroz apresentam indícios que nos permitem compreender as discussões sobre política e cultura durante o regime militar. Tentando fazer um paralelo entre estudos que, por exemplo, privilegiam o ritual e o atípico em uma sociedade para entender seu cotidiano²⁰³, buscamos perceber que as crônicas publicadas em jornais, revistas e até mesmo livros, podem ser vistas como flagrantes de acontecimentos registrados através do olhar de quem as escreveu.

Como toda a produção humana, seu texto é datado. Tem dia e hora para deixar de existir. As crônicas são escritas, às vezes, em tom desagradável, de deboche, simplificadas em seu linguajar, cortadas pelo revisor. Por causa do incessante trabalho seletivo dos homens e das memórias, algumas ficaram esquecidas, perdidas. Outras, no entanto, ficaram marcadas em quem as escreveu ou leu. Muitas foram guardadas e, com elas, ficaram as marcas deixadas por uma época.

Exemplos flagrantes de sua época, as publicações de *O Cruzeiro*, assim como as crônicas de Rachel de Queiroz na Revista, refletem um modelo de sociedade encaminhado pelos grupos sociais dominantes naquele momento. Construtoras da opinião pública, fizeram parte de um processo histórico que culminou com a perda de direitos políticos de nossa população com o endurecimento do regime após a publicação do AI-5. Durante 21 anos, dentre outras ações autoritárias, o regime militar reprimiu as liberdades de expressão.

Convém registrar que mesmo sendo uma revista liberada pelos governos de situação da época, n^o *O Cruzeiro* podem ser encontrados, em mensagens subliminares ou explícitas veiculadas através de suas páginas, elementos condizentes com aquilo que Thompson chama de “contra-teatro”²⁰⁴. Há, por exemplo, a apropriação de elementos

²⁰³ THOMPSON, E. P. op. cit., 2001.

²⁰⁴ THOMPSON, E.P. “Lucha de Clases sin Clases?” IN: THOMPSON, E.P. *Tradicón, Revuelta y consciéncia de Clase*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

característicos de ações de intimidação pelos grupos dominantes, por agentes considerados “dominados”, de modo que subvertiam os ditames dos primeiros, fortalecendo uma coesão sociocultural dos últimos.

As crônicas semanais de Rachel de Queiroz localizavam-se na seção intitulada “Última Página”. Como o nome sugere, sua publicação se dava realmente na derradeira folha do periódico. Além disso, na opinião de Rachel, a seção de crônicas fazia parte de um mosaico de artigos, marketing, informações. Caberia, então, ao leitor fazer sua escolha:

Se a minha colaboração interessasse , o leitor encontraria a última página com a mesma facilidade com que encontrava a primeira. Além do mais – creio que foi isso que o convenceu -, uma crônica assinada, na última página, iria valorizar a capa de trás em matéria de publicidade.²⁰⁵

Esse espaço semanal possuía detalhes importantes. Primeiro, havia um título para a seção: “Última Página”, logo abaixo vinha o nome da autora, seguido do título da crônica, com destaques diferenciados. Essa ordem nem sempre era assim. Ao longo do tempo, às vezes dentro do mesmo ano, a diagramação da página sofria modificações. Por vezes ganhava ilustrações e ocupava a página inteira. Em alguns momentos, aparecia sem o título da seção – apenas o nome da Rachel e o título da crônica. Em outros, surgia com diagramação ainda mais simples, somente uma caixa de texto delineando o conteúdo e os títulos em negrito, com letras diferenciadas. Os formatos das colunas também mudavam, não havendo um padrão – podiam ter entre uma a quatro colunas, dependendo do tamanho do texto, conforme demonstram as ilustrações abaixo.

²⁰⁵ QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L. de. op cit, p. 213.

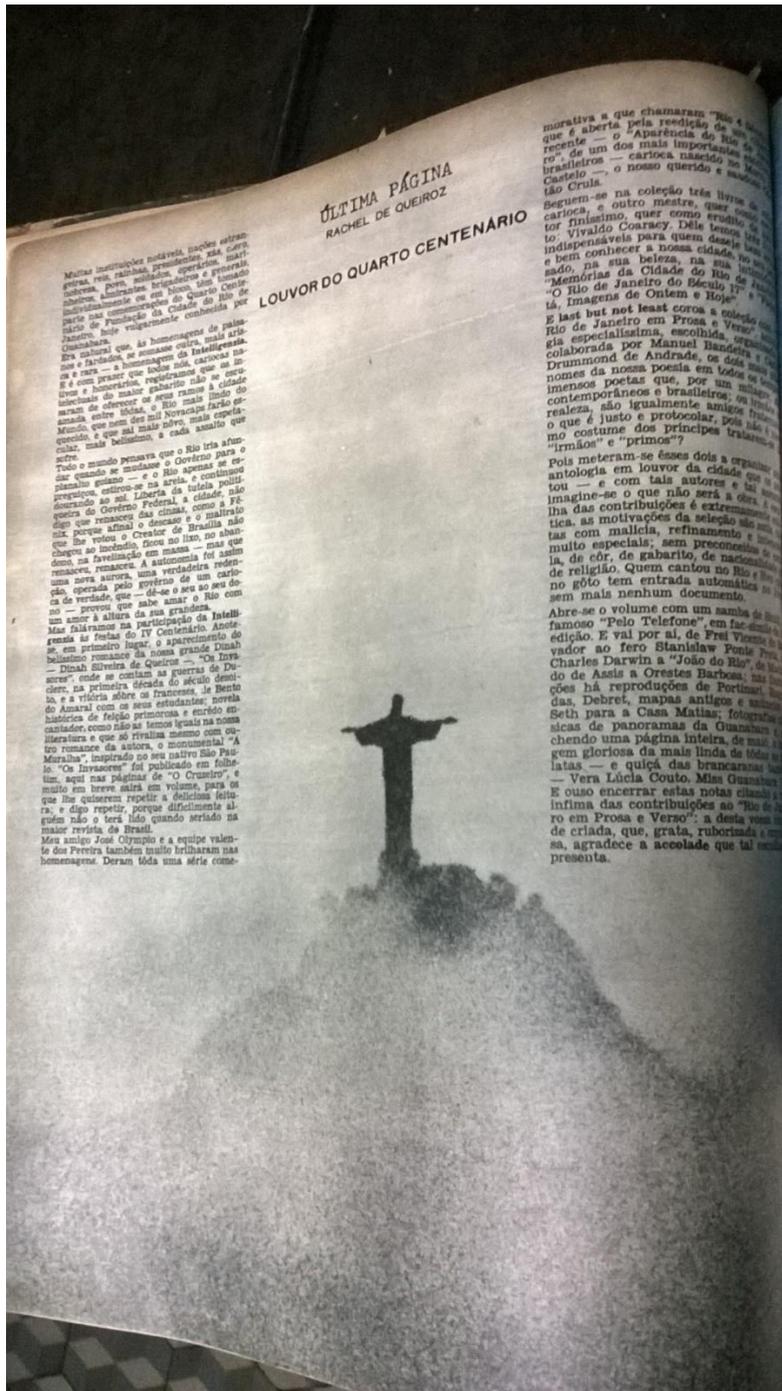


Ilustração 3: "Louvor do Quarto Centenário". *O Cruzeiro*, 17/07/1965, p.114.

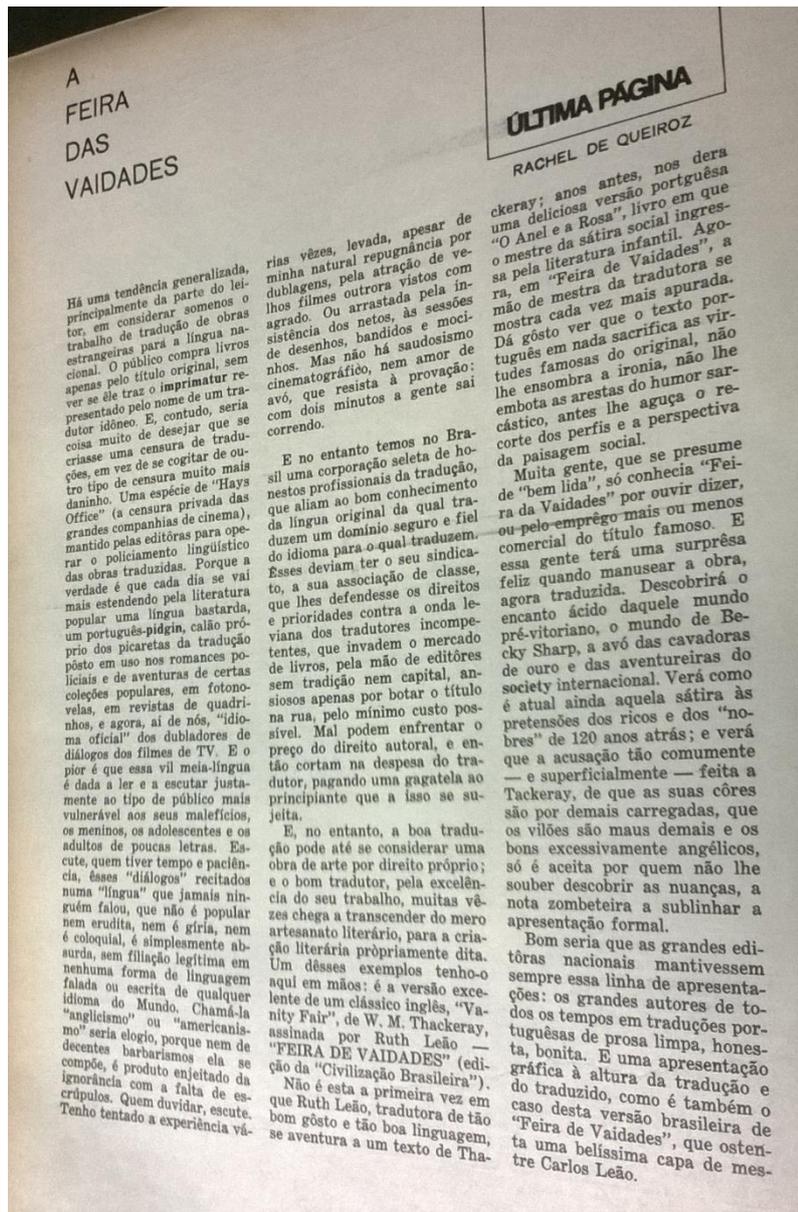


Ilustração 4: “A Feira das Vaidades”. *O Cruzeiro*. 18/12/196, p.122.

Segundo, percebemos, o texto era bastante extenso o que implicava uma maior atenção da autora com relação ao conteúdo que escrevia – rebuscamento da leitura prévia para a escrita, pesquisa em fontes diversas, elaboração narrativa, preocupação com o sentido do texto. Ela procurava dinamizar sua produção escrevendo sobre um tema diferente a cada semana, entretanto, em alguns casos, as crônicas ganhavam continuidade. Vez por outra ela retomava assuntos tratados em crônicas de outras épocas. Rachel também citava a leitura de jornais e a da própria revista *O Cruzeiro*. A autora se mantinham igualmente fiel a uma preocupação com a política e o exercício da cidadania. Qualquer tema se tornava um mote para explorar questões sobre o governo, a participação dos cidadãos e a apropriação dos ideais dos trabalhadores por “partidários da oposição”.

Há, apenas três casos de repetição. O primeiro é a repetição, na íntegra, da crônica “Neves de Antanho”, que apareceu em setembro de 1966 e setembro de 1974. O segundo caso é a repetição do texto da crônica “Sociedade de Consumo”, de setembro de 1973, na crônica “Tempos Modernos”, de junho de 1974. Já o terceiro caso é a repetição apenas do título “Amigos”, crônicas de oito de janeiro de 1972 e 19 de janeiro de 1975²⁰⁶.

Uma observação final é a de que o texto, embora extenso, nem sempre estava sozinho na página. Ali também era publicado o expediente da revista – são nomes dos proprietários da publicação, de colaboradores, agradecimentos de praxe a correspondentes internacionais, informações de contato, logotipos e selos da revista -, além do marketing sempre vizinho na contracapa. Como dito acima, a disposição variava de acordo com os interesses dos editores da revista em ressaltar, ou economizar, elementos de propaganda e publicidade. Inclusive variando a qualidade do papel que passava do típico “papel-jornal” – um pouco mais ácido e de fácil corrosão pelos condicionamentos ambientais –, ao *couché* – próprio para a indústria editorial, de qualidade superior para a publicação de imagens.

A descrição acima facilita a compreensão de que cada elemento dentro de uma publicação tem sua significação. Estar na página final de uma revista não era um mero acaso. O formato e a colocação do texto na folha não eram aleatórios. Mas, não podemos deixar de mencionar que a opção de ocupar aquele lugar foi da própria autora: sugestão para valorizar os “reclames” da contracapa²⁰⁷. Com isso, a localização do seu texto variava entre as páginas 90 a 186 da revista – dependendo da extensão da mesma.

A “Última Página” carregava ainda outro simbolismo: o da última palavra. Depois de ler, ficava a última dica, a última opinião. Pensando em um leitor que lê ordenadamente a revista, a última página traria reflexões que ficariam na mente, já que teria sido a última parte que ele leu.

As crônicas de Rachel começaram a ser publicadas em dezembro do ano de 1945, como já mencionado. A partir de então, até o ano de 1975, foram trinta anos de escrita praticamente sem interrupções. Sua contribuição ficou em suspenso durante os meses de abril de 1968 e agosto de 1970, infelizmente sem maiores explicações. Fora isso, em alguns carnavais e eventos de grande proporção, os editores da revista ocupavam sua página com outros assuntos, imagens, publicidades.

²⁰⁶ Vide Anexo II dessa Tese, com títulos, datas e assuntos das crônicas estudadas.

²⁰⁷ QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L. de. op cit.

Nos próximos capítulos, destacaremos do corpus cronístico de Rachel de Queiroz, aquelas que mais se relacionavam aos debates acerca de uma cultura nacional em oposição às influências estrangeiras; de uma postura anticomunista e de sua tão aclamada visão regional. Temas esses muito frequentes em seus textos e que encontravam interlocução permanente com o repertório de interesses da opinião pública do período.

Capítulo 2

CALEDOSCÓPIOS RACHELIANOS: DOS APELOS ESTRANGEIROS À CULTURA NACIONAL

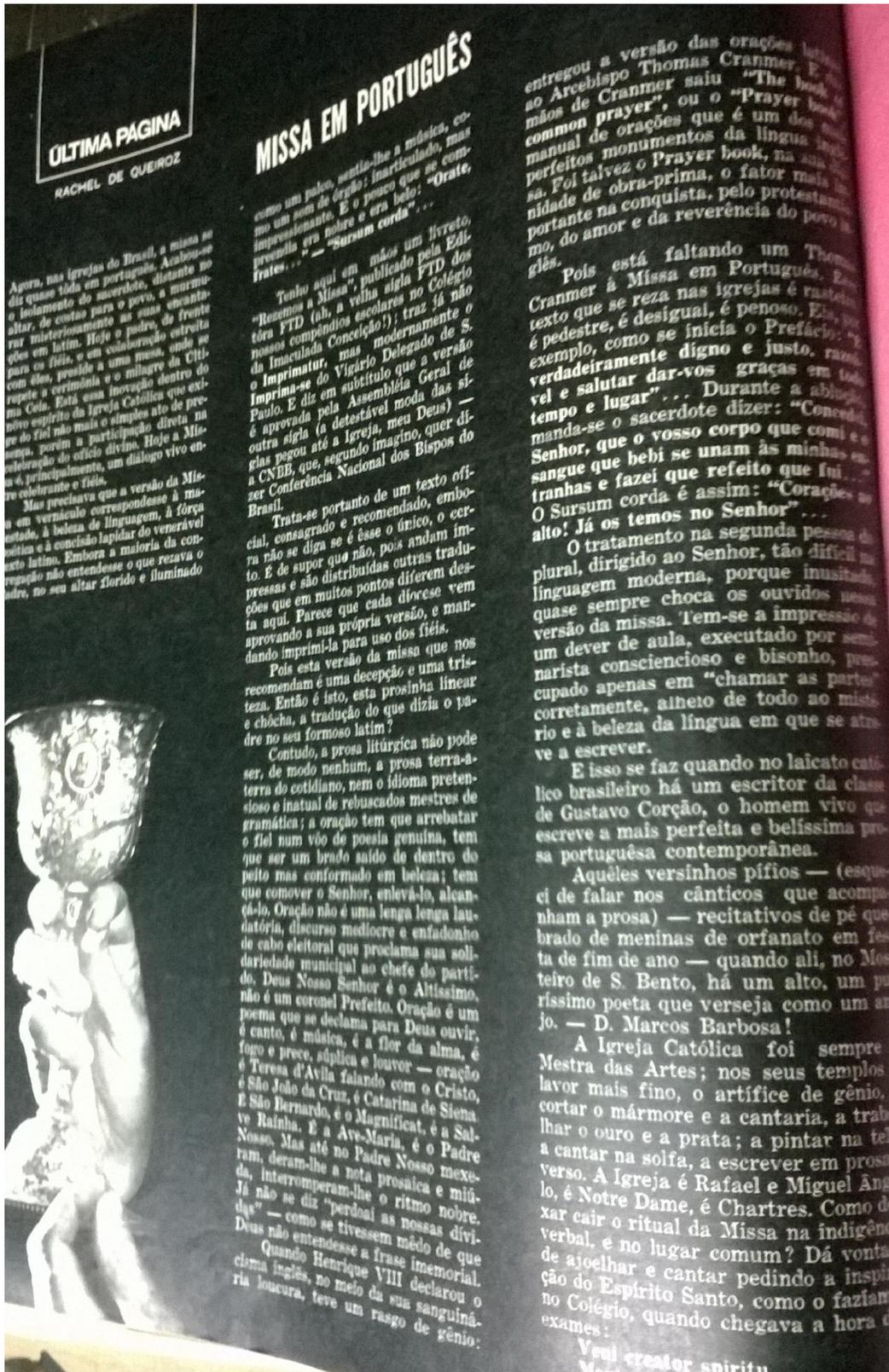


Ilustração 5: "Missa em Português". *O Cruzeiro*. 02/10/65, p.114.

Sim, eu logo te amei, Nova Iorque (...)

Todo mundo te ocupa, te pisa, te possui, te usa, Nova Iorque. Ninguém perde tempo contigo, parece que não houve tempo sequer para te dar nome às ruas, e às avenidas, basta um número. Ou houve intenção deliberada nisso? – um número não tem tradução, é o mesmo em todas as línguas, impessoal e intemporal, não sugere senão a sua ordem crescente ou decrescente, sem alusões patrióticas ou comemorações estreitamente nacionais. Um número, qualquer estrangeiro aprende e o diz na sua própria língua, e então não se sente mais estrangeiro.²⁰⁸

Nessa cantiga de amor a Nova Iorque, iniciada com a emblemática frase “Sim, eu logo te amei, Nova Iorque”²⁰⁹, Rachel de Queiroz faz uma ode à cidade cosmopolita. Uma cidade que, segundo ela, faz com que o estrangeiro se sinta em casa, que abraça o outro e que se consolida nos usos que o seu habitante temporário faz dela.

Em vários momentos do texto, Rachel faz menção ao idioma. A porta de entrada para conhecermos uma dada cultura: a língua. Em Nova Iorque, a que abraça o estrangeiro, a impessoalidade da comunicação favorece a livre circulação de todos. Suas ruas, com números ao invés de nomes impronunciáveis e facilmente olvidáveis, abrem-se a todos que a ela recorrem.

Aqui, diferente do resto, o inglês não é uma imposição exclusiva, o inglês é uma comodidade. Fala-se inglês porque tem que haver uma língua comum a todos. Mas poderia ser o esperanto, ninguém se importava.²¹⁰

O texto segue. Babilônia, Deusa, rainha, cortesã, desumana, *whore*, são mais alguns dos adjetivos empregados para caracterizar a cidade. Circulam ali povos inteiros, usam, abusam. Mas será que a absorvem em toda, ou em parte, sua complexidade? Imersos em incontáveis relações sociais, *affaires*, objetivos, os que nela circulam nem mesmo se ouvem. Teriam essa preocupação? O que seria ouvir o outro em uma cidade “Universal”²¹¹?

²⁰⁸ QUEIROZ, R. de. “Pequena Cantiga de Amor a Nova Iorque”. op cit, 28/11/1964, p. 138.

²⁰⁹ Idem. Ibidem.

²¹⁰ Idem. Ibidem.

²¹¹ Idem. Ibidem.

Aqui, posso chegar na esquina da Rua 57 e soltar o meu grito: Valha-me Nossa Senhora da Guia! Ninguém perguntará o que eu gritei e por que gritei (...)

Na loja de discos um sul-americano de guitarra toca um tango como se tocasse o seu hino nacional, mas ninguém lhe dá ouvidos. Tocasse o hino nacional, aliás, seria o mesmo; nacional de quem, naquela confusão?²¹²

Não parecem se ouvir. Talvez nem queiram, reflitam ou importem em se ouvir. Embora o fio condutor da comunicação seja a língua inglesa “por comodidade”, a Babel nova-iorquina não acaba. E inseridos nessa profusão de estímulos os visitantes deparam-se com a perspectiva de encarar a cidade, em sua singularidade complexa.

Nova Iorque, quem é teu povo? Esses ruivos judeus, esses crespos porto-riquenhos, esses italianos gesticulantes, esses negros desdenhosos, esses germanos e saxões de ar inseguro? Esses chineses, filipinos, franceses, noruegos – ou eu, sul-americana – já que piso em tuas calçadas sem medo, mas com um fundo sentimento de aventura, porque, além de bela e imensa, és impossível; sim, meu coração me diz que és mesmo impossível.²¹³

Aventura, medo, insegurança. Os indivíduos lançados em cena descobrem que explorar a cidade significa visitar cantões culturais. Ir do judeu ao negro, do germano ao filipino. E a sul-americana? Seria Brasileira? Argentina? Chilena? Não sabemos. Não se identifica. Porque o outro já é ela mesma. A Nova Iorque²¹⁴, que a todos incorpora, absorve as diferenças e as identidades nacionais já não mais tem valor em suas ruas. Seguindo adiante, nos cabe confrontar agora quem somos nós, nesse todo amorfo. E quem é o outro.

A princípio, a leitura da crônica acima nos dá a impressão de que Rachel despe-se das letras e das raízes brasileiras que possui, e submerge na cultura nova-iorquina sem olhar para o seu passado. Caindo de amores pela cidade aparentemente esquece seu berço,

²¹² Idem. Ibidem.

²¹³ Idem. Ibidem.

²¹⁴ Interessante perceber que a autora aporuguesa o nome da cidade, traduzindo New York para Nova Iorque, assumindo, ao menos aqui, a postura ideológica de “abrasileirar” as palavras estrangeiras:

sua terra natal. Contudo, olhando mais a fundo, percebemos que ela faz uma fina reflexão sobre o choque no confronto com outro.

Alteridade:

s.f. Caráter ou estado do que é diferente; que é outro; que se opõe a identidade.

Filosofia. Circunstância, condição ou característica que se desenvolve por relações de diferença, de contraste. (Etm. do latim: alter + (i)dade)²¹⁵

Tomando por empréstimo a definição filosófica acima, percebe-se que para constituir uma individualidade é necessário um coletivo²¹⁶. Dessa forma, nós apenas existimos a partir da visão que produzimos do outro e da que ele tem sobre nós. O que permite também compreender o mundo a partir de um olhar diversificado, construído tanto pelo diferente quanto pelo próprio indivíduo, sensibilizado pela experiência do contato²¹⁷.

A relação nós/outros está em constante movimento e a constituição do nosso “eu individual” modifica-se sucessivamente, ganhando novos formatos e roupagens e nos impulsionando a transformar cotidianamente nosso entorno. Forjamos a cada dia nossas identidades, selecionamos lembranças e esquecimentos, traçamos projetos, agimos socialmente com eles. Um ciclo se encerra e, novamente, o trabalho é retomado. Outras reflexões, características, relações, representações são configuradas²¹⁸.

No caso da crônica acima, Rachel constitui um “eu circunstancial”²¹⁹, o de uma visitante encantada com a cidade que está prestes a desvendar. E a não ser pelo detalhe do “Valha-me Nossa Senhora da Guia!”, quase somos convencidos de que ela absorveu essa cultura cosmopolita por inteiro, abandonando de vez a sua própria.

Olhando para a escritora intensa que foi, rigorosa com as letras nacionais embora negasse a todos a sua paixão pela escrita²²⁰, o fato é que concebeu uma vasta obra. Cerca de 30 volumes, entre romances e peças de teatro próprias, organização de algumas

²¹⁵ Dicionário online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/alteridade/>. Acesso em 21/04/2015.

²¹⁶ ELIAS, Norbert. *Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.

²¹⁷ VELHO, Gilberto. op cit.

²¹⁸ LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. IN.: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História oral*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

²¹⁹ Idem. Ibidem.

²²⁰ QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, Mª L. de. op cit.

dezenas de antologias e biografias de outros autores, tradução de mais algumas dezenas de obras da Língua Inglesa para a Portuguesa²²¹, sem contar os 30 anos de escrita semanal que resultaram em mais de 1300 crônicas publicadas na revista *O Cruzeiro*, bem como incontáveis outras crônicas publicadas em jornais diários²²².

Das crônicas que selecionamos para integrarem essa Tese, cerca de 170 expressam temas relacionados ao que visamos discutir nesse capítulo: a construção de um pensamento nacionalista, em confronto com o estrangeiro, a alteridade. São textos em que temas como estrangeiros, nacionalismos, personalidades e culturas emergem em primeiro ou segundo planos. Também é importante ressaltar que há uma quantidade significativa de crônicas em que críticas contundentes a outras nacionalidades aparecem. Fazendo um percentual aproximado, cerca de 80 por cento dos textos em que fala sobre estrangeiros apresentam alguma reflexão crítica. Configuram-se em uma espécie de tradução entre culturas.

2.1 Traduttore, Traditore: marcas do outro

Fora-me encomendada a tradução de um livro do General De Gaulle, obra que fiz com amor e bastante cuidado; mas sendo lida por um cultor das belas letras que era assessor gramatical da editora, o homem sentenciou que a tradução só poderia ser publicada se revista por um bom mestre de português. E como não aceitei a correção, saiu a tradução sem a minha assinatura – e o engraçado é que, na maioria, lhe conservaram os erros.²²³

Rachel de Queiroz atuou intensamente como tradutora durante a década de 1940. Como mencionado anteriormente, chegou a traduzir mais de 40 obras para a Língua Portuguesa, enquanto trabalhava para a Editora José Olympio entre os anos de 40 e 70. Além de tradutora, ela era uma firme divulgadora das obras de intelectuais, publicados ou não pela *Casa*.

²²¹ OLIVEIRA, P. P.; Oliveira, M.C.C. “Rachel de Queiroz e a tradução na década de 40 do século XX”. *Tradução em Revista* (Online), v. 5, p. 1-20, 2008. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_1460.D2W/INPUT0?CdLinPrg=pt. Acesso em 21/04/2015.

²²² HOLLANDA, H. B. de. op cit.

²²³ QUEIROZ, R. de. “Língua Portuguesa”. op cit.

A Editora José Olympio estabeleceu-se inicialmente na Praça XV, região localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. A sua livraria ficava na movimentada Rua do Ouvidor e era frequentada por diversos escritores, em especial nordestinos. Famosos por dar oportunidade aos escritores, os irmãos José, Daniel e Athos tornaram-se amigos pessoais de Rachel de Queiroz. Nos conta a autora que José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e Jorge Amado igualmente circulavam pela *Casa*. Da rua do Ouvidor, a livraria passaria para a rua Marquês de Olinda, em Botafogo, Rio de Janeiro.

A relação de Rachel com José Olympio começou em meados da década de trinta, no lançamento da terceira edição do seu romance *O Quinze*. A ligação da escritora, tradutora e amiga com a família Olympio perdurou por 57 anos, dissolvendo-se o contato após a morte dos amigos e proprietários da editora. Dessa história frutificaram seus romances *Caminho das Pedras*, *As Três Marias* e *Dôra, Doralina*. Das obras traduzidas podemos citar: AUSTEN, Jane. *Mansfield Park* (1942); BALZAC, Honoré de. *A mulher de trinta anos* (1948); BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes* (1947); CHRISTIE, Agatha. *A mulher diabólica* (1971); CRONIN, A. J. *A família Brodie* (1940); DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Humilhados e ofendidos* (1944); GALSWORTHY, John. *A crônica dos Forsyte* (1946) 3 v., dentre outros²²⁴.

Frequentemente, em suas crônicas, fornecia resenhas de livros convidando os leitores a conhecerem um pouco mais sobre a obra e o autor²²⁵. Escolhia obras publicadas ou não pela *Casa*. Em “Luanda Beira a Bahia”, por exemplo, informa aos leitores suas considerações a partir da leitura do livro de Adonias Filho, também intitulado *Luanda Beira a Bahia*, publicado pela editora Civilização Brasileira:

(...) se trata de um romance – um romance sugerido ou inspirado por uma viagem. Em recentes andanças que ele empreendeu pela África Lusitana, foi muito forte o impacto sentido pelo escritor ao entrar em contato com o mundo marítimo português: um mundo que se desdobra pelas duas ribeiras do Atlântico, no Brasil e na África, atravessa o continente e vai se espreguiçar pelas areias do Índico. (...) Estava ali

²²⁴ JÚNIOR, Arnaldo Nogueira. “Releituras”. Disponível em:

http://www.releituras.com/racheldequeiroz_bio.asp, acesso em 21/04/2015.

²²⁵ Conforme discute Gustavo Sorá, essa era uma das formas de consagração mútua exercidas por Rachel: cedia espaço em suas crônicas para comentar e resenhar livros de outros autores e até de outras editoras. Provavelmente os autores que menciona faziam o mesmo com as obras de Rachel. Criava-se, então, uma rede de citações e referências entre os escritores. Cf. SORÁ, Gustavo. *Brasileiras: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo: EDUSP/Com-Arte, 2010, p.191.

palpitante e vivo o material para um romance pedindo para ser escrito – e aconteceu chegar o romancista.²²⁶

Compondo resenha crítica sobre a obra de Antônio Bulhões, mais uma vez relata aos leitores suas impressões sobre a escrita e a linguagem adotadas pelo autor:

Um livro diferente. Sim, acho que a principal atração de autor de livro para nós, os da velha sara nordestina, é como são diferentes. É outro estilo, outro pensar, outra linha de raciocínio, outros amores literários, outras filiações. Outra linguagem. Muito especialmente outra linguagem. Aquele coloquialismo seco, chegando a descarnado em alguns de nós, o uso sistemático de um vocabulário limitado e cotidiano, o medo da palavra difícil, o medo de “falar como intelectual” - nada tem com eles esse carioca nascido em Petrópolis. Em matéria de linguajar ele flutua entre o barroco e o parnasiano.²²⁷

Assim procede em “11 anos na Amazônia”, “Léguas de Promissão”, “Ariano Suassuna”²²⁸, traduzindo aos seus leitores as informações e impressões que obtém a partir da leitura das obras, contribuindo para a elaboração de uma fortuna crítica aos autores.

Mas gostaríamos de ressaltar aqui um outro aspecto ligado à sua ação profissional de tradução: a transposição de sua visão sobre outras culturas para os leitores brasileiros. Em suas viagens aos Estados Unidos, por exemplo, trouxe na bagagem algumas séries de crônicas relacionadas às suas impressões daquela cultura. Entre os anos de 1964 e 1967, escreve cerca de 25 crônicas em que trata de algum aspecto da vida política, memórias ou tradições da sociedade norte-americana. Esse ímpeto de falar daquela cultura esmorece com o tempo e, entre os anos de 70 a 75, são encontradas algo em torno de dez crônicas apenas. Entretanto, seu olhar se abre para outros pontos do mundo, como para o Oriente Médio imerso no conflito insolúvel entre árabes e judeus.

Oscilando entre cantigas de amor e críticas contundentes à imprensa e ao caráter racista da sociedade norte-americana, Rachel vai traduzindo – e traíndo – aspectos da cultura americana. Confrontando “nós/eles” nos aproxima de suas qualidades e nos

²²⁶ QUEIROZ, Rachel de. “Luanda Beira a Bahia”. op cit, 17/11/1971, p. 130.

²²⁷ Idem. “Outra Terra, Outro Mar”. op cit, 20/11/1974, p. 82.

²²⁸ Idem. “11 Anos na Amazônia”. op cit, 02/06/1966, p. 114; “Léguas de Promissão”. op cit, 17/02/1968, p. 130; “Ariano Suassuna”. op cit, 22/09/1971, p. 130.

distancia dos seus defeitos. Preocupada em manter relações cordiais apesar das críticas que elaborava em seus textos, a autora atuava no sentido de conciliar interesses nacionais em choque com a influência estrangeira, tanto na seção da revista quanto na sua atuação no CFC²²⁹. Em uma das atas encontradas na revista *Cultura*, por exemplo, Rachel colocava-se contra o projeto proposto pelo Conselheiro Waldir Simões de que cada disco estrangeiro deveria possuir um lado exclusivamente com músicas nacionais²³⁰. Temia ela que essa restrição aos cantores estrangeiros no Brasil pudesse gerar represálias por conta da diplomacia internacional, obrigando os cantores nacionais a igualmente inserir em seus *long plays* canções estrangeiras.

Consciente de que o intercâmbio entre as culturas nacionais e estrangeiras é um caminho de via dupla, utilizava seu espaço na revista para discutir e divulgar, através de críticas ou elogios, as marcas do outro. Filtrando e espelhando em seus textos as nossas próprias marcas nacionais.

Em geral, nas crônicas de temática estrangeira dos anos de 1964 a 1967, trata das características das cidades norte-americanas. “América do Lado Leste”²³¹ fala da sua visita à Washington, das flores artificiais na paisagem da cidade enfeitando as belas praças e floreiras. Mas também cita o apartheid como mote para discutir a suposta democracia racial brasileira²³². “América, Ribeira do Atlântico 1 e 2” são duas crônicas que tratam de sua visita à Virgínia. Na primeira, traduz seu encantamento com a revitalização e restauração da cidade de Williamsburg e, na segunda, relata os costumes das mulheres, mães, donas de casa. Viúvas do pós-Segunda Guerra Mundial, em sua maioria, sustentam seus lares se desdobrando entre afazeres domésticos e trabalho fora de casa. Traça, portanto, uma comparação entre aquela comunidade americana e a sociedade brasileira, ainda bastante patriarcal, segundo ela.

Adentrando mais um pouco no cotidiano da sociedade norte-americana, as crônicas “A Desumanização da Vaca”, “Comida Americana” e “Natal”²³³ descortinam

²²⁹ O CFC apresenta três publicações já mencionadas anteriormente. Para o nosso trabalho consultamos apenas os pareceres e atas em que a revista *Cultura* publicou ações de Rachel de Queiroz, entre os anos de 1968 e 1970. Cf. *Cultura*. Rio de Janeiro: CFC-MEC. 1968-70.

²³⁰ Idem. “Ata da 114ª Seção Plenária” IN.: *Cultura*. op cit, p. 69.

²³¹ QUEIROZ, R. de. “América do Lado Leste”. op cit, 07/11/1964, p.130.

²³² A questão da democracia racial tem sido apropriada de diferentes maneiras: ora aparece como pensamento virtuoso, que compreende a miscigenação de maneira positivada, ora aparece excluindo as tensões existentes no processo dessa mistura como máscara que encobre as desigualdades raciais. Cf. GRIN, Monica. “Mito de excepcionalidade? O caso da nação miscigenada brasileira”. IN: DUTRA, E. de F.(org). op cit, p. 322.

²³³ Idem. “A Desumanização da Vaca”. op cit, 26/12/1964, p. 148; “Comidas Americanas”. op cit, 02/01/1965, p. 114; “Natal”. op cit, 09/01/1965, p.114.

aspectos da alimentação e do consumismo daquela cultura. Visivelmente contrária aos hábitos de nutrição e de exploração mercadológica, tanto do alimento quanto das datas comemorativas, Rachel pontua elementos que acredita nos afastar culturalmente daquela sociedade. No primeiro texto, produz uma severa crítica ao tratamento desumanizado que os animais de abate (vacas, ovelhas, cordeiros) sofrem: confinamento, violência no sacrifício do animal, alimentação voltada exclusivamente para a engorda. Em “Comida Americana” e “Natal”, ressalta a quantidade de alimentos pouco saudáveis, gordurosos, doces, excessivamente consumidos. E vai mais além ao criticar o forte apelo ao consumismo que leva a população a trocar as cantigas de Natal por *jingles* do comércio. Compara com as nossas épocas festivas nacionais, onde o pão, as frutas e verduras são preferidos.

Outro ponto observado a partir da leitura dos textos é a preocupação com os presidentes e a democracia americana. Frequentemente, cita a questão da liberdade de imprensa, o racismo e a atuação dos presidentes da América. Aqui três crônicas sobre o racismo merecem destaque: a série “A América e seus negros I e II” e “O Herói Maddox”²³⁴, textos em que faz uma contundente análise sobre a questão do apartheid nas cidades norte-americanas, criticando a propaganda da existência de uma liberdade racial naquela cultura, divulgação de um atributo inexistente naquela sociedade, de acordo com Rachel. Mais uma vez, contrasta com a nossa cultura, sublinhando o que ela entende por uma crítica a democracia racial no Brasil:

Lembram-se daquele Lester Maddox, candidato a governador, em que falei outro dia? (...) O mesmo que disse numa entrevista ao “New York Times” que o Brasil “era um exemplo da degenerescência que pode causar a um país a mistura racial”; e que na nossa terra, apesar das suas “terríficas” riquezas naturais só existia algum progresso nos lugares em que funcionam o dinheiro e a técnica dos americanos...

Esse energúmeno, como também contei e parece incrível (...), ganhou as eleições para governador da Geórgia.²³⁵

Prossegue em seu texto comemorando o fato de que o candidato eleito foi impedido de assumir o mandato graças a uma lei estadual que exigia maioria absoluta, o

²³⁴ Idem. “A América e seus negros I”. op cit, 19/06/1965, p. 106 ; “A América e seus negros II”. op cit, 26/06/1965, p. 114; “O Herói Maddox”. op cit, 31/12/1966, p. 114.

²³⁵ Idem. “O Herói Maddox”. op cit, 31/12/1966, p. 114.

que não obteve. Entretanto, chama a atenção para a questão de que a sociedade americana aceita e vota nesse tipo de figura pública, que defende a restrição racial empregada especialmente aos negros e latinos.

Olhando para a sociedade brasileira, contudo, observamos que ainda temos problemas semelhantes. Ela mesma há alguns anos antes dessa crônica, já havia se pronunciado em defesa da mistura de raças no Brasil, aproveitando um lastimável acontecimento que envolvia a cantora Elza Soares, impedida de hospedar-se em hotel em São Paulo:

Ao contrário do que pensam os que se anquilosam em preconceitos vitorianos – para o mundo de hoje, a democracia racial brasileira não é fraqueza que se oculte, é atrativo que se proclama. Democracia racial, tal como legislamos e tentamos praticar integralmente no Brasil, é artigo de propaganda e atração turística. Tão bom como ruínas romanas ou como as belezas na Guanabara. Para o estrangeiro, habitante de países onde só há gente de uma cor, ou onde há uma barreira rígida separando as cores dos homens, a democracia real brasileira, a nossa mistura descuidosa, é espetáculo fascinante e incomum.²³⁶

As duas falas acima, apesar de distantes no tempo e no espaço, são ícones de uma questão polêmica e irresoluta: o preconceito racial. Ao traduzir aos leitores brasileiros a sua indignação com a postura de Maddox, Rachel acaba por nos revelar que no Brasil, apesar da menção às tentativas de praticar a democracia racial “integralmente”, o preconceito existe e perdura.

Outra questão, a dos presidencialistas norte-americanos, mereceu sua atenção nas crônicas “Quem matou o Presidente”, sobre a morte de John F. Kennedy; “Os três Kennedy”, em que compara os irmãos John, Robert e Edward Kennedy; “Os dois candidatos”, em que discute a manipulação da mídia nas eleições americanas. Entretanto, o presidente a quem dedicou diretamente mais crônicas foi Richard Nixon, devido ao escândalo de “Watergate”, entre outros fatores. Os textos “Certo ou Errado”, “O Leão Doente” e “Ainda o Escândalo” discutem até que ponto deve ser levada a questão do controle intelectual e da vigilância em torno do presidente, para garantir sua segurança e a de seu governo:

²³⁶ Idem. “Do Preconceito de Cor”. op cit, 17/10/1964, p. 130.

O escândalo dos papéis do Pentágono publicados pela imprensa americana suscita debates muito importantes. E o mais atual de todos: até onde vai a sacralidade da Pátria, até onde o Estado é intangível e até onde tem o direito de exigir dos seus cidadãos reverência, segredo, obediência?²³⁷

Ao levantar as tensões acerca do controle do Estado norte-americano sobre seus cidadãos, Rachel põe em cheque, novamente, a própria realidade brasileira que, no ano de 1971, completava sete anos de uma ditadura militar. Tortura, desaparecimento de opositores ao regime, censura e cerceamento das liberdades e garantias de segurança individuais – medidas tomadas com o discurso de “assegurar a ordem e o combate ao comunismo”²³⁸ – já não causavam espanto, pois eram ações cotidianas. Todavia, o contraponto ressaltado pela autora é o Estado Novo:

Posso dar um exemplo fácil: pouca gente sabe que no Brasil do Estado Novo, sob Vargas, o anti-semitismo era política oficial do governo. Os corifeus da ditadura, obedecendo às sugestões dos seus amigos nazistas, não permitiam a entrada de judeus no país senão através de uma conta ínfima.²³⁹

“O Leão Doente” conta-nos da crise do governo Nixon e dos desdobramentos para a política internacional a atuação americana. Sofrendo progressivas derrotas nas batalhas da Guerra do Vietnã, a América passa a tratar seus aliados com desconfiança. De acordo com a análise de Rachel,

É, não se pode negar que a superpotência do Ocidente atravessa uma quadra infeliz. (...) O signo dominante do quadriênio Nixon vem sendo o da mediocridade(...)

Hoje somos vizinhos olhados de má cara, cortam-nos as cotas de café e açúcar, fecham-nos as portas aos produtos manufaturados, com barreiras alfandegárias (...). E os resultados já se vão sentido – os países

²³⁷ Idem. “Certo ou Errado”. op cit, 05/08/1971, p. 130.

²³⁸ FICO, C. op cit.

²³⁹ QUEIROZ, Rachel de. op cit, 05/08/1971, p. 130.

americanos cada vez mais fogem à órbita ianque, no rastro perigoso de Cuba.²⁴⁰

Focalizando a crise do período Nixon, “Ainda o Escândalo” discute o poderio americano sobre suas áreas de influência. Menciona também a supervalorização do escândalo “Watergate” que desloca as atenções da população para o que realmente importa: os testes atômicos franceses no atol de Mururoa, as ações de censura existentes na mídia americana e o controle econômico exercido pelos grupos financeiros de *Wall Street*.

Mas, se o mar de lama em Washington crescer até um ponto realmente crítico, arrastando o Governo à anarquia e à dissolução (as causas são outras, o cenário é diverso, mas vocês não se recordam um pouco do final melancólico de Getúlio, em 54, depois do retorno triunfal em 52?) – se os Estados Unidos largarem as rédeas da liderança – quem é que os vai substituir?²⁴¹

Mais uma vez usando comparações com a presidência de Vargas, ressalta semelhanças e diferenças entre aspectos da política brasileira e problemas americanos. Sua ação é no sentido de estabelecer pontos de contato, aproximando-nos por fornecer uma face de similaridade ante eventos históricos distantes no tempo e nos distanciando já que não compara a crise norte-americana ao momento vivido em 1973.

Em seguida, seus textos passam a observar os posicionamentos dos Estados Unidos frente aos conflitos internacionais. Textos como “A Liderança da América”, “Duas Guerras”, “Amor e Guerra” e “A Penetração” tratam da influência norte-americana em ações militares, econômicas e políticas pelo globo. Em torno do assunto guerra, a pauta é a do Vietnã. Uma das disputas internacionais geradas pela questão da Guerra Fria, esse conflito resulta mais tarde na derrota fragorosa dos Estados Unidos mas, nas três primeiras crônicas mencionadas anteriormente, são ressaltadas as sucessivas perdas em batalhas ao longo dos anos. Cita a quantidade de investimento em vidas e em financiamento de armas, as perdas e o prejuízo para o capital norte-americano. Em “A

²⁴⁰ Idem. “O Leão Doente”. op cit, 01/09/1971, p. 130.

²⁴¹ Idem. “Ainda o escândalo”. op cit, 15/08/1973, p. 122.

Penetração” discute também a força do capital americano nas áreas de influência do bloco capitalista e o papel da ONU, liderada pelos Estados Unidos²⁴².

2.2 A ONU e as questões (trans)nacionais

Mas depois de Gagarin os astronautas passaram a se comportar quase todos como meros motoristas de satélite, ou, no máximo, como cientistas dando conta de uma experiência. Talvez seja porque só há deles americanos e russos, soldados da guerra fria. Por que não abrem um voluntariado internacional, permitindo a homens de outras nacionalidades a contemplação da bela Terra azul? Por que a ONU não pleiteia isso?²⁴³

Ao falarmos em “penetração” estrangeira, precisamos ressaltar que as maiores discussões encampadas pela autora em torno das marcas estrangeiras no mundo estão dispostas na série de crônicas sobre a ONU, da qual participou como parte da comitiva de delegados brasileiros presentes na Assembleia Geral de 1966. Os textos “A ONU I, II e III” descrevem os propósitos da Organização, bem como ressaltam os papéis crescentemente preponderantes das nações do então denominado “Terceiro Mundo” (América Latina, África e Ásia). Não lhe escapam, igualmente, as participações individuais de representantes das mais diversas etnias, com especial destaque para negros e mulheres atuantes como delegados de seus países com contribuições singulares em uma época de conturbadas relações internacionais. Uma quarta crônica, intitulada “A ONU e a Guerra” resalta outro aspecto da entidade: seu poder (ou a falta dele) nas intervenções internacionais.

Em “A ONU I”, depois de expor as características históricas e físicas da institucionalização das Nações Unidas, após a Segunda Guerra Mundial, a autora faz um interessante depoimento:

Escutem-se os discursos de uns e outros, através do pequeno ascultador que transmite as traduções (Como se sabe, há cinco línguas francas na ONU: o inglês, o francês, o espanhol, o russo e o chinês – sendo que o

²⁴² Idem. “A Liderança da América”. op cit, 12/06/1965, p. 114; “Duas Guerras”. op cit, 23/10/1966, p. 114; “Amor e Guerra”. op cit, 03/12/1966, p. 122; “A Penetração”. op cit, 07/01/1967, p. 122.

²⁴³ Idem. “O Homem na Lua”. op cit, 06/07/66, p. 114.

chinês é hoje simples reminiscência dos tempos em que a China era de verdade um dos Cinco Grandes. Hoje os próprios delegados de Formosa preferem falar inglês). Mas escutem-se os discursos, tire-se a essência do que dizem todos, e se verá como, em verdade, os homens de toda a Terra são profundamente iguais. Querem as mesmas coisas, reclamam os mesmos direitos, traduzem as mesmas insatisfações e – acima de tudo – sonham os mesmos sonhos.²⁴⁴

Confrontando as distintas identidades dos representantes, a autora percebe que as marcas da humanidade passam pela luta por igualdade de direitos. As disputas econômicas e por áreas de influência acirram embates em busca do poder e contribuem para o distanciamento das semelhanças entre os mais diversos grupos humanos. Para Rachel, ao estabelecer-se um único padrão de consumo e de civilidade, os choques entre as nações acabam sobrepujando as peculiaridades de cada cultura.

Observando esse aspecto da ONU, podemos ainda pensar em uma possível resposta para a questão posta pelo fragmento de crônica na abertura desse item: por que a entidade não interfere, por exemplo, na corrida espacial? Lembramos que ali também é um espaço de poder, embora se pretenda neutro. Países com menor expressividade pouco poderiam influenciar na disputa espacial travada entre americanos e soviéticos, naquele momento. Aliás, a própria autora comenta das fraquezas da entidade, na crônica “A ONU e a Guerra”:

(...) o desprestígio inicial, a primeira desmoralização da ONU, partiu precisamente dos grandes, as ditas superpotências, que deveriam ser seu apoio maior. Empenhados na guerra fria, Rússia e Estados Unidos sempre fizeram o que lhes convinha, desconhecendo ou ostensivamente pondo de lado os ditames da Carta das Nações Unidas.²⁴⁵

Em “ONU II” Rachel descortina a questão do desrespeito e da incivilidade entre os membros da entidade, fornecendo uma comparação entre os comportamentos e características dos delegados que participavam da assembleia. Ressalta que cordialidade, justiça e igualdade de direitos não dependem da etnia, mas das políticas defendidas por cada indivíduo, a autora propõe o seguinte panorama:

²⁴⁴ Idem. “A ONU I”. op cit, 18/02/1967, p. 130.

²⁴⁵ Idem. “A ONU e a Guerra”. op cit, 24/10/1973, p.130.

Me explico: pegue-se um delegado de um dos países mais civilizados do Mundo, com milenar tradição de cultura, desses que levaram a chama civilizadora através das selvas de África e América, na idade heroica e pioneira da Europa Ocidental; (...). Pode ser um espírito excepcional, pode ser um luminar naquela assembleia – mas também pode ser um retrógrado, um reacionário, um obtuso, um vaidoso, um chato. A alta cultura que aquele homem representa não quer dizer que ele esteja, necessariamente, à altura de sua representação. E tome-se, por outro lado, um representante de um desses países novos que mal acabam de emergir da obscuridade tribal: é possível encontrar nele a figura de um grande líder, um homem de cultura e pensamento, de elevado espírito universalista, cuja contribuição para os trabalhos da ONU é sempre das mais positivas.²⁴⁶

Nessa crônica que data de 1967, a autora chama a atenção e problematiza os estereótipos existentes sobre a questão da civilização, nos permitindo vislumbrar parte do senso comum quando traz à tona a oposição “europeu-civilizado *versus* selvagem-incivilizado”. Aqui ela coloca a questão sob outro prisma, pois, ao ressignificar essas representações, transfere positividade aos delegados de povos recém constituídos como nação. Entretanto, após várias mudanças de cenário e o acirramento das tensões da Guerra Fria, em 1973 ela apresenta outra análise sobre essas nações recém constituídas:

Outro fator de desprestígio da ONU foi a proliferação de pequenos Estados, imaturos como nações inexperientes na área da política internacional, mas com voz e voto na Assembleia Geral, tal qual como qualquer potência. Enquanto essa prole numerosa do colonialismo moribundo se mantinha mais ou menos à sombra dos seus antigos “pais” políticos, ainda foi possível manobra-los ou neutralizá-los. Mas depois que eles se libertaram dos seus cordões umbilicais, e principalmente após descobrirem que na união está a força, tornaram-se uma

²⁴⁶ Idem. “A ONU II”. op cit, 25/02/1967, p. 130.

concentração perigosa; (...) sobretudo quando se deixam levar mais por razões emocionais que lógicas.²⁴⁷

Revelando que o fator emocional está presente nas assembleias da ONU e se mantém latente entre seus representantes, apresenta mais uma fraqueza da entidade que, pautada nas políticas ostensivas de controle das grandes nações sobre as menores e os apelos sentimentais e, segundo a autora, irracionais, não consegue cumprir efetivamente seu propósito de manter a paz mundial.

A última crônica sobre a ONU, por nós aqui investigada, intitula-se “A ONU (III e última)” e se dedica às representatividades negras e femininas. Discute que cada vez mais os países enviam delegados negros, mulatos e asiáticos:

A importância de ser de cor, dentro da ONU, é tão séria, que muitos países, de maioria branca, para lá mandam delegados de cor, a começar pelos Estados Unidos, cuja delegada na Comissão dos Direitos Humanos era uma moça mestiça, muito talentosa, muito pugnaz, diplomata de carreira. Creio que no momento ela é Embaixadora em Luxemburgo, cargo ocupado, anos atrás, pela famosa Perle Mesta. Portugal, na mesma comissão, tinha como delegado e suplente um asiático, de Macau, e uma senhora de cor, de Lourenço Marques. (...) O fato é que, dentro da ONU, se ser branco não chega a ser prejuízo, jamais chega a ser vantagem.²⁴⁸

É crescente também o número de mulheres a representarem seus governos. Ajustando mais finamente o foco da sua análise sobre as chamadas minorias, temos o seguinte comentário:

Outra classe dominante na ONU são as mulheres. (...). Mulher é uma diplomata nata – pelo menos é o que se vem verificando. Além do seu natural amor pela intriga e pelos segredos (ao contrário do que se pensa, mulher guarda segredo muito melhor do que homem), as mulheres não são presas aos preconceitos dos homens, não se sentem restritas pelos seus códigos de ética, por noções antiquadas de cavalheirismo, por

²⁴⁷ Idem. “A ONU e a Guerra”. op cit.

²⁴⁸ Idem. “A ONU (III e última)”. op cit, 04/03/1967, p. 130.

escrúpulos masculinos. Mulher é pragmática, é realista, é invulnerável à argumentação. Mente, discute de boa ou má fé, acredita sinceramente que todo meio é bom para atingir um fim. É fanaticamente patriota, muito mais objetivamente patriota do que os homens, porque não admite raciocínios em torno de sentimento – e patriotismo é sentimento. Luta bravamente pelas reivindicações do seu país, com todas as armas que os homens usam, e, quando chega a um ponto em que essas armas já não servem, passa a empregar o arsenal feminino. E aí vale tudo. Inclusive a beleza, quando a senhora delegada é bonita. E quando não o é, dispõe assim mesmo de todas as artimanhas do sexo, que não são poucas, e afiadas em milênios de opressão e astúcia.²⁴⁹

Essa análise propõe, mais uma vez, uma resignificação: convida-nos a repensar o lugar das mulheres na sociedade. Ocupando cargos políticos cada vez mais preponderantes em sociedades por todo o globo terrestre, as mulheres afirmam seu poder de luta pelos interesses de seus países. Deixando marcas femininas em mentalidades que ainda entendem os homens como os únicos capazes de embates, argumentações, ardis. Apesar da crítica implícita de que as mulheres também mentem e usam “as artimanhas do sexo”, esse comentário torna-se mais emblemático por se tratar de uma mulher que nunca se considerou “feminista” mas que, sem dúvida, contribuiu para a modificação das configurações sociais sobre o papel das mulheres na sociedade brasileira²⁵⁰.

Trançando um paralelo entre o papel das mulheres na ONU e as aparições femininas em algumas de suas crônicas, podemos perceber que Rachel ressalta que o papel das mulheres – suas contemporâneas –, apesar de ter mudado muito desde a sua juventude, ainda deveria ser condizente às preocupações com o lar, com a família, com a estética. Até mesmo as questões relativas à idade, maturidade e feminilidade deveriam ser vistas com cautela, para que se evitasse incorrer no erro de, segundo Rachel, pensar que alguns modismos servem para todas as mulheres:

²⁴⁹ Idem. Ibidem.

²⁵⁰ Gostaríamos de lembrar que Rachel de Queiroz não foi a primeira mulher brasileira a constituir-se em um destaque. Podemos citar, pelo menos, dois exemplos: a musicista Chiquinha Gonzaga e a escritora Júlia Lopes de Almeida, ambas mulheres que enfrentaram as convenções sociais em prol de realizações profissionais, ainda no século XIX. Nessa Tese queremos ressaltar Rachel de Queiroz como partícipe e contribuinte do processo de transformação do lugar das mulheres em nossa sociedade, ao longo do século XX. Cf. GUERELLUS, N. de S. op cit, 2015.

Não, não queremos debater o aspecto ético da pouca-roupa; mas antes o seu lado estético. Demos de barato que o **nude-look** pegue, os trajes femininos se sumarizem mais, se esburaquem, se esgarcem em véus. Mas que se mostre apenas o que pode ser mostrado! Se se imitam as atrizes de revista, tenham-se o bom-senso de só exhibir pouco vestida a mulher que possa ser mostrada. Mulher gorda, mulher velha, mulher feixe-de-ossos em roupas sumárias, deviam ser tão proibidas na rua quanto no palco [grifo da autora].²⁵¹

Embora não pretendamos elaborar aqui uma discussão sobre questões de gênero na escrita da autora, não devemos ignorar a visão que a autora expressa nessa citação. Por um lado, aparece engajada nos questionamentos das restrições morais à sexualidade, em especial à feminina, característicos da década de 1960 e, por outro, mostra-se ajustada aos preconceitos que definiam certos padrões estéticos de beleza para as mulheres. Reflete, com isso, a dubiedade típica de momentos de tensão entre novos e o velhos paradigmas. As transformações em curso, sobre a condição das mulheres no Brasil, ganham especial destaque nas décadas de 60 e 70 com o advento da liberação sexual.

Todavia, a postura aqui adotada deve-se ao fato de que a combatividade da escritora cearense não parece ser ligada, pelo menos de maneira direta, a perspectivas inseridas em objetivos relacionados aos movimentos feministas brasileiros em sua contemporaneidade. Ao contrário, segundo frase da própria autora, ela mesma alegava: “**eu não confio muito nas mulheres**” [grifo do autor]²⁵². Apesar de, ela mesma, servir de inspiração às mulheres que almejam sua liberdade de expressão, escolha e respeito a si como cidadã e mulher, a memória que Rachel visa construir de si mesma é a de uma mulher que, sobretudo, não abre mão da vivência familiar e introspectiva²⁵³.

Percebe-se que suas memórias contrastam com suas ações, visto que construiu uma carreira intelectual e profissional, a despeito de sua criação ser voltada para os cuidados com o lar. Do seu legado, vários foram os prêmios conquistados pela autora

²⁵¹ Idem. “O Nude-Look”. op cit, 05/03/1966, p. 114.

²⁵² NISKIER, A. op cit, p. 8.

²⁵³ Nas crônicas lidas e selecionadas para nosso debate aparece essa configuração de imagem feminina, tendendo mais à crítica às mulheres e defendendo muitas vezes um lugar de permanência de comportamentos considerados “tipicamente” femininos na ótica de Rachel, como os cuidados com o lar e os filhos. Essa visão é contrastante ao desenho de suas personagens femininas protagonistas de romances, como *O Quinze* e *Memorial de Maria Moura*, que não são objetos de nosso estudo no momento. Cf. QUEIROZ, R. de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: Siciliano, 1993; Idem. *Memorial de Maria Moura*. 8ª Ed. São Paulo: Siciliano, 1992.

desde o lançamento de *O Quinze* (premiado pela Fundação Graça Aranha em 1930). O romance *As Três Marias*, por exemplo, foi premiado, em 1939, pela Sociedade Felipe d'Oliveira – apesar do complicado contexto político que ocasionou a prisão e a posterior perseguição da autora pela polícia varguista desde o início dos anos 30, acusada de participação em grupos comunistas²⁵⁴.

Na década de 1950, seriam premiados: *Lampião* e *A Beata Maria do Egito*, além do conjunto de sua obra. A partir de então, dedica-se ao jornalismo, contribuindo maciçamente para jornais e revistas com seus artigos e crônicas, deixando de lado a escrita de romances. Em 1969, ganhou o Jabuti para o livro infanto-juvenil *O Menino Mágico*. Nos anos 1980, foi agraciada por medalhas e comendas. Foi a primeira mulher a receber o Prêmio Camões no ano de 1993²⁵⁵. Além disso, Rachel foi a primeira mulher eleita imortal da ABL, 47 anos após a publicação de *O Quinze*. Em quatro de agosto de 1977, tomava posse na instituição, para ocupar a Cadeira Cinco, na sucessão do jurista Candido Motta Filho.

Até aqui, fizemos uma pequena incursão sobre como a autora enxergava a cultura americana, quais temas chamavam a sua atenção e o que parecia a ela ser relevante trazer aos brasileiros. As traduções elaboradas por Rachel, tanto através dos textos, quanto por meio de seus olhares sobre o outro, suscitam debates sobre temas nacionais e internacionais.

Muito mais do que falar da ONU, Rachel propôs um debate sobre as questões políticas que envolvem cada uma das culturas presentes no globo terrestre. Porém, ajustando nosso foco para o Brasil, podemos perceber algumas possibilidades analíticas: as questões (trans)nacionais apresentadas nas crônicas acima dizem respeito aos brasileiros ao se posicionar frente ao preconceito racial, ou aos avanços políticos que nações “emergentes” estariam conquistando e, até mesmo, ao discutir o papel das mulheres junto aos leitores de *O Cruzeiro*, considerando que a revista possuía discurso conservador e seria lida por camadas ainda fortemente patriarcais.

Ressaltando sua obra literária pretendemos estabelecer mais uma chave de discussão: sua contribuição, como intelectual, às transformações em nossa sociedade através de seus posicionamentos acerca da conformação de uma língua nacional.

²⁵⁴ Há relatos da prisão da autora em 1932, ficha policial entre 1935 e 37 e vigilância constante durante o Estado Novo. Cf. GUERELLUS, N. de S. op cit, 2015.

²⁵⁵ ACADEMIA Brasileira de Letras. Rachel de Queiroz: biografia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=261&sid=115>, acesso em 21/04/2015.

2.3 Língua nacional e alteridade

Há uma tendência generalizada, principalmente da parte do leitor, em considerar somenos o trabalho de tradução de obras estrangeiras para a língua nacional. O público compra livros apenas pelo título original, sem ver se ele traz o **imprimatur** representado pelo nome de um tradutor idôneo [grifo da autora].²⁵⁶

Nesse momento de nossa investigação, passamos a unir duas das pontas da trajetória da autora: suas influências intelectuais, brasileiras e estrangeiras, e os olhares que constrói sobre as letras nacionais. O percurso iniciado com as impressões que Rachel possuía sobre a vida forasteira agora caminha para o olhar produzido pela autora nas letras nacionais. As escritas jornalística e literária, bem como o suporte para o qual escreve, serão linhas marcando nossos passos.

Em suas memórias²⁵⁷, Rachel de Queiroz menciona que teve contato com autores nacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Humberto de Campos, e modernistas como Mário de Andrade. No caso de Humberto de Campos, por exemplo, conta que apesar de conhecer e ler suas crônicas, muitas eram previamente censuradas pela sua mãe que cortava as partes mais “ácidas”. São também citados pela autora escritores estrangeiros como Júlio Verne e Eça de Queiroz, Tolstói, Dostoievski, Austen, Balzac. Esses figuravam entre os livros que leu na juventude e/ou que traduziu na década de 1940, período em que trabalhava na Editora José Olympio²⁵⁸.

Parte desse repertório pode ser percebido em suas crônicas. Isso evidencia algo que já aparece presente em discussões historiográficas, sociológicas e antropológicas sobre as relações coletivas entre os indivíduos, ou seja: que a circularidade de ideias e a construção de olhares sobre um determinado objeto de atenção e estudo se processa em contraposição a outrem²⁵⁹. Entretanto, boa parcela dessas influências não é claramente citada em sua escrita²⁶⁰.

²⁵⁶ QUEIROZ, R. de. “A Feira das Vaidades”. op cit, 18/12/65, p. 122.

²⁵⁷ QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a.L.de. op cit.

²⁵⁸ HOLLANDA, H. B. op cit.

²⁵⁹ TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

²⁶⁰ Embora possamos perceber a que autores Rachel recorre como inspiração para seus textos só podemos afirmar, como influências efetivas, aqueles revelados objetivamente nas tramas de sua escrita. Sobre a questão das apropriações de outros autores em uma determinada obra, ver: BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

Frequentemente Rachel atribuía efemeridade à escrita literária, como na passagem citada abaixo. Daí uma reflexão sobre o gênero crônica que nos parece muito interessante, já que teve grande familiaridade com esse tipo de escrita durante décadas:

(...)por aí se vê como é transitória a glória literária, principalmente a dos cronistas: ainda mais efêmera que a dos romancistas. Os livros de crônicas de Humberto de Campos, incluindo os que continham as memórias e que foram best-sellers à época, comentadíssimos em todo o Brasil, hoje em dia ninguém mais sabe deles, ninguém mais os lembra²⁶¹.

Tomando como exemplo as críticas implícitas no fragmento acima, ao esquecimento dado pelos brasileiros aos seus escritores, sua carreira de jornalista foi marcada pela forte defesa que professava às letras nacionais. Para Rachel, a Língua Portuguesa deveria ser resguardada, seus escritores lembrados e respeitados, seus jornalistas idem. Insistentemente, a autora utilizava seu espaço na revista para ressaltar a força e a importância da escrita e do jornalismo para o país, como no texto que segue:

A imprensa (...) representa dentro de um país a sentinela avançada da soberania. É a imprensa que forma a opinião pública e da opinião pública, nas democracias, é que emana todo poder. A opinião pública é que faz e desfaz governos, é que sanciona a política interna e a externa – e opinião pública é, em resumo, a voz direta do povo.

Reconhecendo esse poder extraordinário da opinião foi que o legislador, responsável pela nossa Constituição, tomou cuidados especiais com a imprensa e exigiu que todos os proprietários e diretores dos seus órgãos sejam brasileiros natos. (...). Só a Presidência da República é defendida com idênticas cautelas – e o legislador sabia o que estava fazendo, agia com a maior sabedoria ao criar tais impedimentos.²⁶²

Aqui Rachel defende a ideia de que a soberania de uma nação pode ser comprometida no caso de infiltração estrangeira dentro desse setor. Essa discussão se

²⁶¹ QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a.L.de. op cit, p. 137.

²⁶² QUEIROZ, R. “As Vozes de Fora”. op cit, 09/06/1966, p. 114.

dava no momento em que as empresas *Globo* e *Time-Life* eram acusadas de manterem correspondências e articulações comerciais não permitidas no âmbito jurídico nacional. Surgiam denúncias de favorecimentos, venda de matérias e propagandas defendendo empresas de interesse unilateral norte-americano, dentre outras²⁶³.

Contudo – especialmente em um momento tão delicado como o auge da Guerra Fria que se traduzia na disputa por áreas de influência entre norte americanos e soviéticos, até mesmo nas Américas –, como apartar as relações entre agências de comunicação aliadas sem prejudicar o intercâmbio cultural²⁶⁴, que é algo inevitável entre as nações com algum contato econômico, político e social? Sobre esse tema, Rachel responde:

É a soberania do Brasil que se defende quando se pede ação pública contra a ingerência de qualquer pessoa ou organismo estrangeiro na direção da imprensa do País – jornal, rádio ou TV.

Também é bom assinalar que não se ataca, nesta campanha, a entrada livre no Brasil do pensamento e dos escritos vindos do exterior. Não se quer fechar as portas do Brasil aos livros, aos jornais, às revistas, aos filmes, às peças de teatro de origem estrangeira. (...) O que é proibido por lei, e tem que ser proibido, é jornal brasileiro, revista brasileira, rádio brasileiro, TV brasileira, ocultamente dirigidos e possuídos por estrangeiros, sob o disfarce de pseudônimos e testas-de-ferro (...). E a coisa já estava ficando tão imprudente que essas vozes intrusas não se preocupavam mais nem sequer em disfarçar o sotaque.²⁶⁵

As críticas da escritora são direcionadas a uma das empresas de mídia que apoiou o golpe civil-militar de 64, fazendo parte da *Rede da Democracia* que ajudou a derrubar João Goulart da presidência naquele ano²⁶⁶. Além disso, é importante frisarmos que a ditadura estabelecida contou com franco apoio norte-americano que temia a adoção de políticas socialistas pelo Brasil²⁶⁷.

²⁶³ SKIDMORE, T. op cit.

²⁶⁴ THOMPSON, E.P. op cit, 2001.

²⁶⁵ QUEIROZ, R. de. op cit, 09/06/1966, p. 114.

²⁶⁶ O apoio norte-americano ao golpe de 64 não se resumiu à mídia. Segundo Élio Gaspari, houve deslocamento de forças militares americanas na chamada “Operação Brother Sam”. Nesta, fragatas se posicionaram estrategicamente ao longo do nosso litoral para conter possíveis resistências, de tropas pró João Goulart, contra os militares que atacaram o governo. Cf. GASPARI, Élio. op cit, 2002(V.1)

²⁶⁷ SKIDMORE, T. op cit.

Enquanto isso, no interior do país, profissionais de comunicação lutavam para conseguirem seu espaço. Falta de cursos, de incentivos, de infraestrutura local, enfim, incontáveis problemas são denunciados por Rachel. Enquanto, por outro lado, setores internacionais são beneficiados com acordos duvidosos, na imprensa regional:

(...) o pequeno jornal de interior costuma ser o conselheiro, o orientador religioso e político dos seus leitores, na maioria assinantes; porta-voz de reivindicações locais, e tribuna de debates políticos – às vezes bastante acerbos. E assim continua viva a figura heroica e clássica do jornalista da pequena cidade, que mantém num esforço sobre humano a vida de seu hebdomadário; é ele sozinho, em geral, o diretor, o redator-chefe, o colunista, o repórter, o corretor de anúncios, o revisor, o impressor e o tipógrafo!²⁶⁸

Embora a escritora esteja falando de jornal, o mesmo vale para as revistas. Não havia, conforme nos relata, espaço para as notícias do interior na grande mídia. Os interioranos, sertanejos do nosso país, contavam muito mais com as notícias vindas do rádio ao invés daquelas escritas para um jornal, dadas as dificuldades dos profissionais. As palavras da Rachel tornam-se curiosamente atualizadas, se levarmos em conta que a grande mídia ainda não chega a todos os cantos do país²⁶⁹:

Ah, quantas vezes no Rio corro o olho, interessadíssima, para um pequeno parágrafo que me conta qualquer coisa sucedida no Quixadá ou em Baturité! Mas uma notícia dessas é sempre raríssima, e só aparece quando houve catástrofe, crime horripilante, ou visita de autoridade. No mais, é como se o interior não existisse nem fosse Brasil.²⁷⁰

Na crônica “O Quarto Poder” encontramos, ainda, a seguinte passagem:

A verdade é que todo jornal, apesar de sua aparente coerência de linha e direção, é realmente uma colcha de retalhos, refletindo a opinião

²⁶⁸ QUEIROZ, R. de. “Congresso de Jornalistas”. op cit, 07/08/1965, p. 106.

²⁶⁹ NOVAES, W. op cit.

²⁷⁰ QUEIROZ, R. de. op cit, 07/08/1965, p. 106.

individual de cada redator ou repórter, suas simpatias – e antipatias – suas ideologias, seus ressentimentos, até seu estado de espírito ocasional na hora de escrever.²⁷¹

Apontando certa autonomia dos jornalistas, empresta um caráter afetivo e parcial aos escritos dos seus colegas de profissão – apesar das tendências científicas que defendiam a objetividade e neutralidade aos periódicos na época²⁷². Sendo autora de crônicas para jornais e revistas, parece trazer ao público uma justificativa para os intuitos de manipulação da notícia. Também nos sinaliza um sério questionamento: por mais que se pretenda, um periódico nunca é neutro, porque os profissionais que lá trabalham não o são. Apesar disso, seria justo cercear ou mesmo impedir a circulação desses veículos decisivos na circulação da informação? Ela mesma nos diz:

Deixa a rapaziada falar. As manchetes pelo seu próprio exagero se anulam, e afinal de contas é melhor ler uma mentira do que ver proibida uma verdade. Só se sabe a falta que faz uma imprensa livre, com todos os seus defeitos, absurdos e levandades, depois que se passa pela provação de uma imprensa amordaçada. Fica uma covardia pairando no ar, com um cheiro mau.²⁷³

Ao refletir sobre a imprensa, a liberdade de expressão e a questão das críticas existentes ao Brasil do pós-64, a escritora procura assegurar um espaço para o desenvolvimento das identidades nacionais em um veículo sabidamente difusor de ideias e formador de opinião. Convida os leitores, quebrando o contrato anteriormente mencionado na “Crônica N 1”²⁷⁴, a um exercício político. O de compreender que existem direitos e deveres a serem respeitados.

Com relação aos valores e identidades defendidos por Rachel para as letras nacionais e a relação delas com a questão da liberdade no uso das expressões e palavras na imprensa, temos dois exemplos interessantes: as crônicas “Missa em Português” e “Os Nomes dos Índios”, de 02 de outubro de 1965 e 14 de fevereiro de 1973, respectivamente.

²⁷¹ Idem. “O Quarto Poder”. op cit, 04/12/1965, p.114.

²⁷² BAHIA, J. op cit.

²⁷³ Idem. Ibidem.

²⁷⁴ Vide Capítulo 1 dessa Tese.

“Missa em Português” é uma severa crítica à tradução das missas, do Latim para o Português, no Brasil. Orientação adotada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), após o Sínodo dos Bispos de 1965, visava aproximar a doutrina Católica dos fiéis. De acordo com Rachel, uma ação que gerava prejuízo ao caráter poético e arrebatador, pois a prosa adaptada na tradução apresentava-se muito superficial e decepcionante. Nas palavras da autora:

(...) a prosa litúrgica não pode ser, de modo nenhum, a prosa terra-a-terra do cotidiano, nem o idioma pretensioso e inatural de rebuscados mestres de gramática; a oração tem que arrebatá-lo o fiel num voo de poesia genuína, tem que ser um brado saído de dentro do peito mas conformado em beleza; tem que convencer o senhor, enlevá-lo, alcançá-lo.²⁷⁵

Curiosamente, nossa autora projeta a continuidade de uma língua não nacional, em um momento tão coletivo e próprio para a difusão da cultura religiosa brasileira. O momento da missa, em que milhares de pessoas se reúnem, estreitam seus laços de memória, família, enfim, socializam. Defendendo que o culto seria algo aquém de uma ação social integradora, a autora inclusive critica aqueles que fazem do evento um momento de discurso social, ao pregar que “oração não é uma lenga lenga laudatória, discurso medíocre e enfadonho de cabo eleitoral que proclama sua solidariedade municipal ao chefe do partido”²⁷⁶.

Mesmo observando que a missa em Latim não era entendida por todos, o que Rachel ressalta é a importância que deve ter, para o fiel, a entrega cega ao teatro orquestrado pelo padre, no sentido de se deixar “arrebatado” pela poesia dos cânticos e orações. Nesse caso, para a escritora, não há problemas na aceitação de uma relação entre o nacional e o estrangeiro praticada cotidianamente.

Na segunda crônica mencionada, “Nomes dos Índios”, ela nos traz um apelo diferenciado. Analisando os nomes de indivíduos e tribos, ela percebeu que a Língua Portuguesa não era levada em consideração. Nomes indígenas seriam grafados com letras de origem saxônica ou com sonoridade latina que, na realidade, nem mesmo existem em português. Palavras da Rachel:

²⁷⁵ QUEIROZ, R. de. “Missa em Português”. op cit,02/10/1965, p. 114.

²⁷⁶ Idem. Ibidem.

(...) temos nomes indígenas grafados à moda inglesa, com W com som de U, ou SH com som de X; ou à italiana, com CH soando como QU, ou o grupo GL como LH; ou à alemã, ou à castelhana (...).

Notícia em jornal brasileiro sobre índio não falha: são as tribos dos WAIKAS (uaicás); KAPANAWA (capanauá), KASHINAWA (caxinauá), MAYAOUNAS (maiaunas), entre os índios menos conhecidos; (...). E tudo começando com maiúscula, à boa moda inglesa para gentílicos.²⁷⁷

Diferentemente da questão da língua falada na missa, Rachel agora apregoa que a grafia estrangeira para atribuir nomes às tribos indígenas é “estapafúrdia” e aparece não só na imprensa. Seu uso se dá também “em relatórios oficiais, despachos burocráticos e ordens de serviço das autoridades que lidam com índios”²⁷⁸. Fazendo essa reflexão, a autora toma para si a incumbência de propor uma reforma no modo de denominação para esses grupos étnicos, elegendo os fundamentos da Língua Portuguesa como ferramentas indispensáveis nesse processo. Integrar os grupos silvícolas ao contexto da nação seria, antes de mais nada, incorporar seus nomes aos modelos de escrita da língua pátria:

Como é abundantemente sabido, nossos índios são brasileiros como todos nós, embora gozando de certa proteção especial, dada a sua condição de aborígenes e a sua natural inocência; sendo pois brasileiros, têm que ter nome brasileiro, como nós todos que escrevemos as palavras de origem indígena segundo as regras do idioma nacional; nem PIAWHY, nem KARIRI, nem KISHADA, mas Piauí, Cariri, Quixadá.²⁷⁹

Trata-se de uma importante discussão sobre que valores fazem parte de nossa identidade nacional²⁸⁰. Esses dois exemplos nos mostram a convivência de vários perfis culturais presentes no cotidiano, em especial ligados à questão das letras: os de origem

²⁷⁷ Idem. “Os nomes dos índios”. op cit, 14/02/1973, p. 122.

²⁷⁸ Idem. Ibidem.

²⁷⁹ Idem. Ibidem.

²⁸⁰ Discussão semelhante a autora trava na crônica “A Feira das Vaidades”, onde critica a atuação de dublês de filmes estrangeiros adaptando expressões de outros idiomas em detrimento da Língua Portuguesa. Compara à atuação de tradutores de livros e elogia esses, diferenciando-os em seu trabalho pelos segundos respeitarem melhor a língua nacional. Cf. Idem. “A Feira das Vaidades”. op cit.

latina da missa, da sonoridade das palavras que designam nomes indígenas; o saxônico, especialmente o inglês, contribuindo com letras “emprestadas” ao português; a cultura indígena, citada como “aborígene” e “inocente”, e a brasileira que se forja nessa miscelânea de valores, sons, tradições.

Compreendendo que as identidades se fazem pelo contato com as demais culturas, olhando e confrontando o outro, podemos refletir que, para a autora, o processo de produção de uma cultura nacional dependeria de inserir representatividade e dar notoriedade aos elementos nacionais – a língua, os valores, as tradições. Não necessariamente excluindo símbolos da cultura estrangeira, como nos chama a atenção na crônica sobre o Latim na missa, por entender que a cultura nacional ali não estaria sendo prejudicada pela ausência da Língua Portuguesa. Mas se fazendo presente quando houvesse necessidade de integrar grupos excluídos, como no caso dos índios.

Algumas indagações se fazem necessárias: o que a autora entende como cultura? Que perfis culturais estariam presentes em seu repertório de representações e identidades nacionais? Vejamos a seguir.

2.4 Perfis culturais: uma relação entre identidades e valores nacionais

Pois que a cultura está para o povo como a alma está para o corpo. Corpo sem alma não é gente, é bicho bruto. Povo sem cultura não é povo, é amontoado, é massa ignora, horda selvagem.²⁸¹

Ao chegarmos a esse ponto, precisamos olhar um pouco mais para as conjunturas que cercam a nossa autora. Adentrar nas camadas que permeiam as relações sociais em nosso país para, posteriormente, discutir duas questões em nossa proposta de trabalho: qual o papel da escritora nos embates socioculturais da época da ditadura e qual a inserção da revista *O Cruzeiro* nesse contexto?

Durante a leitura das crônicas, notamos que a noção de cultura, sutilmente esboçada pela autora na passagem supracitada, apresenta incontáveis matizes. Alguns deles conseguimos descrever com mais clareza do que outros. Cultura como expressão artística, como expressão de valores sociais e tradições, como folclore, como sabedoria

²⁸¹ QUEIROZ, R. de. “Educação e Cultura”. op cit, 11/12/1965, p. 114.

popular são algumas das nuances encontradas. Nelas podemos encontrar perfis culturais, transitórios, múltiplos e efêmeros, desenhados por Rachel ao longo de seus textos.

Em um exercício primeiro de procurar compreender que entendimento Rachel de Queiroz possui sobre cultura, encontramos a crônica “Educação e Cultura”, de dezembro de 1965, um leve esboço – se não do conceito, pelo menos do esforço que o país precisa despender para que a Cultura, do ponto de vista institucional, seja encarada como projeto nacional com autonomia perante as demais necessidades postas aos governantes:

O governo da Revolução desdobrou Ministérios e criou outros; os Ministérios do Trabalho, de Interior e Justiça sofreram cissiparidade como amebas. Nasceram Planejamento, Minas e Energia etc. – Mas o Ministério da Educação e Cultura manteve a dualidade, a associação simplista dos problemas de ensino e dos problemas culturais, como se se tratasse de uma coisa só. Quase como no tempo em que o Ministério era da Educação e Saúde, e o governo se via no dilema de nomear ou um médico para a pasta do Ensino, ou um educador para a da Saúde.²⁸²

Ao atravessar uma fase de reordenamento político, o governo depara-se com problemas cruciais em termos institucionais. Sem haver constituído um plano político claro ao assumir o governo²⁸³, os líderes do movimento de 1964 precisavam organizar Ministérios, sabendo que significava selecionar prioridades, em termos de despesas. Constituir um Ministério independente requer verba. Não era o caso da Educação e da Cultura²⁸⁴. Mantendo as duas áreas sociais reunidas sob a égide de um só ministério, concentravam-se as despesas e contingenciamentos eram adotados – seja para a cultura, seja para a educação.

No caso da Educação, o país lutava com dificuldade para aplacar o analfabetismo. Sendo competência dos governos municipais e estaduais, o ensino primário não era prioridade do governo federal. Enviava verbas, mas não tinha a responsabilidade de as gerir. Essa ausência administrativa do governo federal, segundo a autora, dificultava a

²⁸² Idem. *Ibidem*.

²⁸³ FICO, C. *op cit*.

²⁸⁴ Destacamos com inicial maiúscula esses dos vocábulos para ressaltar sua designação enquanto instituições, aparelhos de Estado. Ao tratarmos de educação e cultura como categorias sociais, manteremos a grafia minúscula.

fiscalização no real destino do recurso enviado para as ações que resultassem na efetiva alfabetização da população²⁸⁵.

Por outro lado, a Cultura carecia de investimentos. Museus, patrimônios, bibliotecas, livros e outras expressões culturais do povo eram relegadas a segundo plano, no jogo da distribuição de verbas e financiamentos.

E assim, enquanto, mesmo sem tomar a ombros o terrível encargo do ensino primário, o MEC procura dar conta, (...) – tem que deixar de lado os problemas de cultura (...). E fica a receber tratamento de rotina, uma rápida atenção burocrática, um volver de olhos nas sobras de tempo, e uma mesquinhez de verbas que chega a ser grotesca, todo o vasto território da cultura. É zona fora dos mapas, que ninguém pensa em cultivar.²⁸⁶

Encarada com olhar burocrático, a cultura nacional perdia-se nas mãos do governo. Esse ciclo de falta de atenção e investimentos só passa a ser interrompido, paradoxalmente, quando a censura e a perseguição aos artistas e intelectuais alcançaram seu auge, em fins da década de 60 e início de 1970 em um “esforço modernizador nas áreas de comunicação e cultura”²⁸⁷. É justamente nesse esforço que são criados, ou remodelados, o CFC, a Embrafilmes, o Instituto Nacional do Livro, dentre outros aparelhos de Estado²⁸⁸. Atenta às necessidades de sistematização oficial dos instrumentos legitimadores da cultura, Rachel apela:

Bibliotecas – ah, a paixão e a morte das bibliotecas públicas! Os museus. O Serviço Nacional de Teatro. O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que, sozinho, merece um capítulo à parte, no meu heroísmo obscuro, na sua dedicação sem recompensa, antes desconhecida, maltratada, renegada. (...) A divulgação da cultura brasileira no exterior, hoje inteiramente a cargo do Itamarati, que não foi feito para isso. E, no fim mas não por último, o Conselho Nacional de Cultura, que deveria constituir o núcleo central do futuro Ministério.

²⁸⁵ NAPOLITANO, M. op cit.

²⁸⁶ QUEIROZ, Rachel de. “Educação e Cultura”. op cit, 11/12/1965, p. 114.

²⁸⁷ RIDENTI, Marcelo. “Cultura e Política: os anos de 1960-1970 e sua herança”. IN: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N (orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 155.

²⁸⁸ Idem. *Ibidem*.

Todas essas instituições, e várias que não recordo, das mais importantes, das mais indispensáveis a qualquer país que se respeite, vivem por aí como órfãs, como enteadas, como luxos supérfluos, recebendo alguma beiradinha de verbas, uma atenção curta do titular da pasta, absorvido todo ele – e com toda a razão, concordemos – nas dores de cabeça da outra metade do seu Ministério, que pede a energia de dez.²⁸⁹

Voltando às palavras iniciais de Rachel na abertura desse item, “Povo sem cultura não é povo, é amontoado, é massa ignora, horda selvagem”²⁹⁰, podemos compreender que, para a autora, a constituição dos elos de um povo é justamente através da cultura. Assim, seguindo essa lógica, ao ser paulatinamente ignorado pelo poder público, esse amálgama social perde sua função – e pode ser “corrompido” seja pela subversão ao regime, seja por influências estrangeiras – ameaçando a soberania nacional.

Partimos nossa análise do ponto de vista da Cultura como instituição. Mas ainda nos perguntamos: a que valores e identidades Rachel de Queiroz se refere, quando trata da cultura nacional? Ela mesma os define objetivamente:

Cultura está na base de tudo, cultura é o caldo necessário a qualquer tipo de desenvolvimento, é a atmosfera sem a qual o progresso não respira. Porque cultura não são apenas três cabeludos encenando peças experimentais, não é o poeta polindo um soneto, outros cabeludos pintando quadros abstratos; cultura não são diletantes na sua torre de marfim. Cultura é a inteligência posta a serviço da nacionalidade, cultura é a ciência, é arte, é conhecimento, é livro, quadro, estátua, língua, música, museu, cidade; é passado e presente, é documento, é história, é direito, é civilização. É saber ler e escrever, é proteção ao patrimônio natural e à memória histórica. Sem cultura não há identidade nacional.²⁹¹

Sabedora da importância da cultura, começa a definição pela negação. Ou seja, desmistificando estereótipos que a distanciam do povo, colocando-a sob responsabilidade

²⁸⁹ QUEIROZ, Rachel de. “Educação e Cultura”. op cit, 11/12/1965, p. 114.

²⁹⁰ Idem. Ibidem.

²⁹¹ Idem. “Incentivos para a cultura”. op cit, 15/11/1972.

apenas de “dilettantes em sua torre de marfim”. Perspectiva de crítica aqueles cujo entendimento de cultura é definido, estritamente, como erudito. Em seguida, coloca-nos a par do que entende claramente sobre o conceito: que elementos e vestígios sociais fazem parte dessa categoria – citando até mesmo o patrimônio natural.

Além da definição posta acima, a crônica faz uma séria crítica aos parlamentares, em especial ao Senado brasileiro, por não cuidar daquele que seria um dos princípios constitutivos de uma nação: a ideia de que somos parte de um corpo social cujos laços de identidade, memória, valores éticos e morais são fundamentais para assegurar a sua união e perpetuidade. Ao longo do texto, a autora revela que segmentos institucionais como o SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) estão se perdendo em meio à burocracia, deterioração de instalações, falta de funcionários e de verba. Faz-se necessário ressaltar que essa colocação é apresentada no momento que o CFC vê o incentivo financeiro às suas atividades progressivamente diminuído²⁹².

Ela mesma, enquanto “inteligência posta a serviço da nacionalidade”, sente-se desprestigiada. Mas não esmorece. Constantemente retrata intelectuais, personalidades e personagens – esses últimos fictícios ou não – que expressam e colaboram na divulgação dessa identidade nacional.

E, curiosamente, a proteção para os bens e patrimônios da cultura nacional poderia vir de um dos seus maiores símbolos culturais: a cachaça.

A ideia foi de iniciativa de alguns chefes de departamentos culturais do Ministério da Educação – Patrimônio Histórico, Biblioteca Nacional, Instituto do Livro, Museu Histórico etc., eternamente afligidos pela miséria das verbas, pela desproporção incurável entre o volume das suas necessidades e da mesquinhez dos recursos que lhes são reservados no Orçamento federal. O titular do MEC aprovou com muito agrado a iniciativa e o Presidente da República já enviou mensagem ao Congresso propondo a criação de um Fundo Nacional de Cultura, que utilizará os recursos arrecadados pela nova tributação – o tal imposto a ser cobrado sobre o consumo de bebidas alcoólicas.²⁹³

²⁹² CALABRE, Lia. op cit, jan-jun 2006, p. 89.

²⁹³ QUEIROZ, R. de. “A cachaça é nossa”. op cit, 19/09/1966, p. 114.

Sinalizando com uma solução para a arrecadação de fundos que permitissem ações de desenvolvimento e preservação dos nossos bens culturais, a autora nos apresenta que os próprios elementos culturais brasileiros podem se auto gerir. Gerar renda, sem descaracterizar a cultura, ou a transformar em mera operação mercadológica. Ressaltamos que esse texto é do ano de 1966, o que significa que o CFC ainda se trata de um projeto, sem atuação efetiva. Todavia, podemos perceber que há uma gestação de políticas culturais, ainda que insuficientes e claudicantes, no sentido de se conformar um projeto nacional para a área da Cultura.

Mas, afinal, pelo que Rachel tanto lutava? Seu papel como intelectual, escritora, jornalista, cidadã, em termos da cultura nacional e da configuração de identidades e valores nacionais, não pode ser ignorado ou reduzido ao seu apoio incondicional ao regime militar. Dentro de suas possibilidades ideológicas, ela defendia as letras nacionais, o folclore, as ciências, o homem da terra, o nosso patrimônio natural, os nossos regionalismos.

Defendia o “Mapinguari”, lenda da região amazônica que, perdida entre botos e curupiras, ia ficando esquecida na memória dos moradores locais:

(...) tem figura de um caboclo gigante, cinco metros de altura, pés espalhados e braços enormes. (...)

O gosto dele é morder na carne quente e sentir o sangue esguichar. Come guariba e outros macacos que apanha nas árvores; com muita fome, é capaz de se agachar à beira d’água tentando pegar algum peixe (...). Mas a comida predileta do Mapinguari é mesmo gente e, só quando lhe falta carne de homem, come a dos bichos.²⁹⁴

Dava vida à “Marmota”, vultos, bichos, fantasmas ou almas penadas que povoavam as *crendices* de personagens nordestinos como Chico Barbosa e Pedro Ferreira:

Aqui ninguém duvida de que marmota existe. Quase todo o mundo já viu. De noite, nas conversas do terreiro, é raro quem não tenha seu caso a contar. Marmota não é bem fantasma, pode ser alma do outro mundo,

²⁹⁴ QUEIROZ, R. de. “Mapinguari”. op cit, 21/6/1972, p. 122

ou é uma aparência, uma coisa do mato, quem sabe? Às vezes é um bicho, uma chama. Aparece de noite ou de dia(...)

No corte da estrada de ferro, na saída da lagoa da Carnaúba, compadre Chico Barbosa vinha uma noite com o seu filho Eliseu e de repente lhes surgiu à frente aquele vulto preto(...).

Pedro Ferreira vinha de uma noitada de jogo, sozinho, pela meia-noite. Eis que numa vereda lhe apareceu a marmota – alta, de braços abertos, no sistema de uma pessoa.²⁹⁵

Do Rio de Janeiro, em sua festa profana, exaltava as belezas do Carnaval:

Sim, continua lindo. E com novidade boa de festejar – a volta relativa do carnaval de rua. E, fora de dúvida, a responsável por esse retorno foi a criação das bandas de bairro, lideradas pela pioneira, a Banda de Ipanema. O que parecia ser apenas brincadeira de alguns boêmios e jornalistas, virou instituição. E se ainda não podemos dizer que as bandas reviveram o carnaval de rua na Zona Sul, o que seria exagero, é certo, pelo menos que elas já desencadeiam alguma animação, já trouxeram de novo a batucada para as ruas, onde voltam a passar blocos, coisa que ninguém via há muitos anos.²⁹⁶

Pouco a pouco, com pequenos fragmentos de cultura local dispostos em seus textos, Rachel compõe um mosaico de imagens e representações²⁹⁷. Ressalta, personifica, enaltece, orquestrando a constituição de visões coletivas sobre os perfis culturais encontrados nos rincões mais afastados do país, bem como de seus centros urbanizados. Lembremos que suas crônicas estão depositadas na revista *O Cruzeiro*, de tiragem expressiva e abrangência nacional e internacional, e que o processo de configuração de uma identidade nacional, sempre movediço e em transformação, encontrava-se, nesse momento, em delicado período histórico: o confronto com a censura.

²⁹⁵ Idem. “Marmota”. op cit, 14/7/1971, p. 130.

²⁹⁶ Idem. “O Carnaval do Rio continua lindo”. op cit, 01/03/1972, p.130.

²⁹⁷ A ideia de mosaicos de imagens e representações será discutida em uma perspectiva nacional no nosso Capítulo 3.

2.5 Censura e língua nacional

(...) O Conselheiro Ariano Suassuna, em seu nome pessoal, leu longas considerações sobre o delicado e urgente problema da censura feita pelo Poder Civil às obras de arte e literatura em geral e ao teatro e cinema em particular, dizendo-se movido apenas pelo desejo de contribuir com mais uma opinião para que o Conselho, vá aos poucos, formulando a sua.²⁹⁸

Falar sobre liberdade no sentido de usar expressões que lhe convém, abordar temas de interesse político e ideológico, em especial na imprensa desse período, nos leva a debater o outro lado da moeda: a questão da censura. Não foram poucas as investidas policiais contra intelectuais, empresas de comunicação e indivíduos comuns no período militar²⁹⁹. Sob a égide do discurso de luta para o reestabelecimento de uma democracia “perdida”, durante o governo Jango³⁰⁰, os representantes do poder instituído recolhiam, destruíam informações e prendiam supostos criminosos contra o regime. Mas quais as bases da censura? Que discussões foram travadas no sentido da conformação sobre o que viria a ser a censura? O que Rachel propunha ao estabelecer uma regra para a grafia de nomes indígenas pode ser uma prática de censura?³⁰¹

Rachel de Queiroz, enquanto conselheira na Câmara de Letras do CFC, fazia parte de um seleto grupo de intelectuais responsáveis por fornecer as balizas da cultura e das letras nacionais. Em uma das reuniões, registrada na revista *Cultura*, fez-se um extenso e acalorado debate sobre a questão da censura, registrado na Ata da 74ª Sessão Plenária do CFC, realizada em 20 de março de 1968:

Referiu-se [Ariano Suassuna] a pronunciamento de Dom Marcos Barbosa sobre a censura, em oportunidade anterior, quando defendeu a censura não somente como um direito, mas como uma obrigação de resguardar a população do que lhe pode causar danos morais;(...). Afirmou que a censura deve sair do âmbito policial.³⁰²

²⁹⁸ *Cultura*. “Ata da 74ª Seção Plenária”. op cit, 1968, pp. 107.

²⁹⁹ FICO, C. op cit.

³⁰⁰ CARVALHO, A. C. op cit.

³⁰¹ Essa discussão nos impacta diretamente pois os textos presentes na revista *O Cruzeiro* eram censurados pelos próprios editores e jornalistas, especialmente após a morte de Assis Chateaubriand, cujas negociações com o poder instituído eram conhecidas de todos. Cf. CARVALHO, L.M. op cit.

³⁰² *Cultura*. “Ata da 74ª Seção Plenária”. op cit, 1968, pp. 107-109.

A polêmica sobre os usos e abordagens da censura, dentro do CFC, encabeçada por Ariano Suassuna e Dom Marcos Barbosa, trazia ainda questões operacionais³⁰³:

Indagou [Suassuna] por que a censura não toma providências contra certo gênero de publicações e espetáculos, o que lhe parecia indicar que ela não se dirigia à preservação moral da infância e da juventude. (...) Abordou o problema da eficácia real da censura que, em verdade, faz a propaganda das obras que proíbe. Disse acreditar que a liberdade, apesar de seus riscos, mesmo com licença e abusos, é muito melhor do que a repressão. (...). Acrescentou que a censura não se pode arrogar o direito de dizer a homens adultos o que é ou não prejudicial a eles nas obras de artes e literatura.³⁰⁴

Descortina-se assim o choque entre posições ideológicas distintas existente no CFC:

(...)Com a palavra, o Conselheiro Dom Marcos Barbosa (...) disse que, quando no Conselho falou sobre a censura, não pretendia doutrinar, mas apenas expor a dificuldade em que se encontrava para representar o Órgão junto ao Grupo de Trabalho que eximia a reformulação da censura. Acrescentou não ter dado seu aplauso a qualquer tipo de censura, mas apenas julgava necessária, disse entender que o artista é livre, mas, como homem, está inserido na comunidade, e não deve esquecer os prejuízos que possam decorrer de determinadas obras.³⁰⁵

Os conselheiros Rachel Queiroz e Clarival Prado e o Presidente do CFC por fim interferem, procurando conciliar os antagonismos:

A Conselheira Rachel de Queiroz observou verificar, das palavras dos Conselheiros Ariano Suassuna e Dom Marcos Barbosa, haver coincidência no sentido de que a censura passe do plano policial para o

³⁰³ Cabe aqui ressaltar que, conforme discute Carlos Fico, a censura não é uma invenção do regime militar. Práticas de censura ocorrem no Brasil ao longo de toda a sua história. Cf. FICO, Carlos. “Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão”. IN: FERREIRA, J.; ALMEIDA, L. N. D. de. *O Brasil Republicano...* 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2013.

³⁰⁴ Idem. Ibidem.

³⁰⁵ Idem. Ibidem.

cultural. O Conselheiro Clarival do Prado Valladares declarou estar havendo um conflito dentro do próprio Governo e que, por isto ele, embora tendo experiência direta a respeito, se abstinha no momento, de manifestações pessoais, pois tinha fé em que o Ministro Gama e Silva com seu esclarecimento e boa vontade, haveria de encontrar uma solução para o problema.(...) O Presidente salientou, a propósito da observação da Conselheira Rachel de Queiroz que, realmente, as diversas exposições que acabara de ouvir coincidiam e um ponto: parecia-lhe que a opinião do Conselho era a de que a censura deveria passar do plano simplesmente policial para o plano cultural. Acrescentou que, embora a censura tivesse uma orientação ética, acabava por atingir a estética.³⁰⁶

Apesar de ser uma longa discussão, por nós fragmentada, ela é fundamental para que vejamos que, no bojo dessa discussão, aparecem importantes flagrantes de discordâncias entre membros da instituição que deveria nortear as diretrizes da cultura nacional. Emergem as tensões entre o que se entende por democracia e o que se define por censura. O que fazer para conter os indícios de crítica e de excessos inerentes a uma liberdade artística levada a termo em um regime que, até então, se pretendia e proclamava-se democrático?

Interessante perceber que em momento algum, se discute que não haja censura sob qualquer ponto de vista³⁰⁷. A preocupação é em estabelecer uma *forma adequada de censura*. Rachel de Queiroz, ao salientar as aproximações entre posições aparentemente contrárias, torna patente que não há a alternativa, dentro do Conselho, em se evitar proibições. Ela que defendia firmemente, em suas crônicas, que um Estado que censura provoca descontentamento e desequilibra suas funções democráticas.

Outro aspecto a sublinharmos é a percepção dos conselheiros de que “há algo estranho no governo”. A busca por cercear as produções culturais começava a extrapolar os limites entendidos como ideais para um Estado o qual arrogava para si o direito de “botar ordem na casa” para garantir a atuação democrática dos cidadãos. Havia a previsão de uma crise iminente, partindo inclusive do interior do governo. As dissidências

³⁰⁶ *Cultura*. “Ata da 74ª Seção Plenária”. op cit, 1968, pp. 107-109.

³⁰⁷ Outro indicativo de que a censura era aceita entre os meios intelectuais é o relato em que Élio Gáspari comenta que, em uma reunião entre o Presidente Geisel e empresários do meio das comunicações, nenhum deles mencionou ou pediu o fim da censura. Cf. GASPARI, Élio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

começavam a pressionar, afinal de contas, já tinham passado quatro anos do estabelecimento do regime.

Vários questionamentos são, frente a esse tema, importantes. Na discussão descrita na Ata, do que, especificamente, se trataria a censura policial? Qual o ônus de uma censura cultural? E principalmente, como estabelecer os limites entre o cerceamento às liberdades estéticas e a censura ética? As questões acima estão implícitas nas declarações dos conselheiros que, mais do que isso, acreditavam que diferenciá-las era um dever básico a toda e qualquer intelectualidade. Contudo, em se tratando de um Conselho Federal, instituição estabelecida em meio às turbulências e progressivo fortalecimento dos militares de *linha dura*, podemos depreender que o regime não prescindiria de ações censórias.

Até a publicação do AI-5, percebem-se manifestações contrárias ao regime em alguns centros urbanos do país. Com isso, a censura tornou-se uma condição *sine qua non* para a manutenção do poder nas mãos dos militares. Um passo decisivo no endurecimento da ditadura, levantando temor até mesmo para o Conselheiro Clarival do Prado Valladares que “declarou estar havendo um conflito dentro do próprio Governo e que, por isto ele, embora tendo experiência direta a respeito, se abstinha no momento, de manifestações pessoais (...)”.

Do ponto de vista institucional, o CFC ainda produziu pareceres autorizando ou negando apoio, financiamento, incentivo a grupos culturais espalhados pelo país. Conforme Lia Calabre descreve, o CFC surgiu como peça chave na integração cultural do país. Haveria, em sua conformação, um projeto nacional no qual se desenvolveriam políticas públicas para que as letras, artes, patrimônios nacionais e ciências humanas estivessem em consonância com a noção de desenvolvimento e progresso³⁰⁸.

Entretanto, para sustentar tal projeto nacional, haveria despesas. Recursos eram solicitados a todo o momento. Inicialmente as verbas designadas para o CFC, fosse para o pagamento dos conselheiros ou para o apoio financeiro às demandas recebidas, cobriam os custos. Tendo seu orçamento gradualmente reduzido ao longo dos anos, o CFC já não mais conseguia atender aos pedidos encaminhados. Suas verbas passaram a servir para

³⁰⁸ CALABRE, Lia. “Intelectuais, e política cultural: O Conselho Federal de Cultura”. IN.: *Intellèctus. Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no mundo Ibero-Americano*. Rio de Janeiro, 17-18/05/2006, p. 8-9

ocasiões emergenciais, tornando-se um órgão dedicado, basicamente, às discussões teóricas e censura aos livros a ele encaminhados³⁰⁹.

Ao discutir a questão da censura e a sua relação com as letras nacionais, Rachel de Queiroz conta-nos, mais uma vez recorrendo ao confronto de alteridades, nas crônicas “A Imprensa Americana”, “O País, meu País” e “Liberdade de Imprensa” – de 17 de dezembro de 1966, 14 e 28 de janeiro de 1967, respectivamente –, que o Brasil ainda era um país democrático³¹⁰. De acordo com seu texto, o cidadão brasileiro tinha aceso a visões de oposição ao governo publicadas livremente nos jornais do país. Sua afirmação decorre de sua visita aos Estados Unidos, no momento em que subiam ao poder grupos racistas representados por Lester Garfield Maddox, eleito governador da Geórgia em 1966. Na ocasião, aponta que as críticas dos norte-americanos ao Brasil, nas políticas de contingenciamento da oposição ao regime militar, precisam ser relativizadas, já que partiriam de um povo cuja censura aos meios de comunicação e o racismo imperavam.

Começamos a entender um pouco as críticas da Rachel às colaborações entre as empresas *Globo* e *Time-Life*. Suas acusações decorrem da ideia defendida por ela de que os jornais no Brasil eram de oposição ao regime militar. Do outro lado, o grupo *Time-Life* teria interesses em subordinar a imprensa brasileira da mesma maneira que subordinava a opinião do povo norte-americano. Fechado o ciclo, como ela mesma fala na crônica “Vozes de Fora”: “É a soberania do Brasil que se defende quando se pede ação pública contra a ingerência de qualquer pessoa ou organismo estrangeiro na direção da imprensa do País – jornal, rádio ou TV”³¹¹.

Soberania nacional. Intrigante expressão para aquela turista que chegava em Nova Iorque apaixonada pela confusão e pela profusão de culturas provocadas pelo vai e vem dos visitantes daquela cidade, mas que, agora, de volta à sua terra natal, defendia e proferia com afínco o seu apreço pelo Brasil.

2.6 O Cruzeiro e a defesa de uma cultura nacional

Juscelino sentou-se conosco no sofá que ficava a um canto, com vista para o belo parque do palácio e ouviu com toda a atenção enquanto eu lhe explicava o projeto, ressaltando que as reportagens sobre o

³⁰⁹ CALABRE, Lia. op cit, jan-jun 2006, p. 89.

³¹⁰ QUEIROZ, Rachel de. “A Imprensa Americana”. op cit, 17/12/1966, p. 122; “O País, meu País”. op cit, 14/01/1967, p. 122; “Liberdade de Imprensa”. op cit, 28/01/1967, p. 126.

³¹¹ Idem. “Vozes de Fora”. op cit, 09/06/1966, p. 114.

progresso da indústria brasileira teriam grande repercussão se publicadas em uma revista consagrada como *O Cruzeiro*, agora com circulação internacional. Teriam, argumentei, valor decisivo como propaganda do Brasil no exterior.

Accioly Netto³¹²

Para finalizar nossa discussão sobre a relação entre as visões estabelecidas por Rachel a partir das traduções que faz de culturas estrangeiras para os brasileiros, temos no periódico *O Cruzeiro*, nosso suporte fundamental para o estudo das crônicas, motivações a mais algumas questões. Curiosamente ausente enquanto tema das crônicas, pois Rachel não cita diretamente a revista em seus textos, ainda assim a influência da publicação tem forte peso na obra da autora. Desse modo, estabelecemos algumas indagações como: qual a sua contribuição nesse jogo de difusão cultural no país? Que destaques apresenta? Que perfis culturais ressalta?

Revista ilustrada, literária, de variedades, pioneira no chamado fotojornalismo ou fotorreportagem, no Brasil, esses são alguns dos adjetivos que qualificaram *O Cruzeiro* ao longo dos tempos. Também encontramos: revista sensacionalista, de matérias fraudadas, pró-ditaduras. Reunindo de tudo um pouco, a revista buscava atingir “os diferentes segmentos sociais”. Sem dúvida, há nela “valores, ideias e interesses”, mas essas estão longe de serem categorias homogêneas dentro de suas páginas³¹³.

Considerada uma publicação oriunda da denominada “grande imprensa”, apesar de essa expressão designar de maneira ampla e imprecisa o conjunto de títulos que compõem “circulação, perenidade, técnica, organização e capital”³¹⁴, normalmente é inserida na perspectiva do mundo dos negócios, e sua empreitada visa o lucro e a defesa ao *status quo* das camadas burguesas da sociedade que lhe foi contemporânea. Nesse sentido, seu chamariz é o estímulo ao consumo. Em suas edições, reinavam as campanhas publicitárias de agências e produtos nacionais e estrangeiros. Entretanto, nas notícias, ao contrário dos periódicos do século XIX e do início do XX, o controle das ideias difundidas pela equipe de jornalistas, revisores e editores não passava necessariamente pela doutrinação, isto é, o uso dos textos, crônicas e artigos como forma de campanha político-

³¹² NETTO, Accioly. *O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1998, p.161.

³¹³ COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e Segmentação dos Impresses”. IN: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R.(orgs). op cit, p. 105.

³¹⁴ LUCA, Tânia Regina de. “A Grande Imprensa na primeira metade do século XX”. IN: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R (orgs). op cit, p. 149.

ideológica. Estaria sim muito mais ligada, salvo algumas exceções, ao uso e a manipulação das informações coletadas no momento das investigações e reportagens.³¹⁵

Ao contrário do que alguns pesquisadores afirmam³¹⁶, a revista possuía interesse tanto no público masculino quanto no feminino. Havia reportagens sobre mundo dos esportes, política e economia no chamado primeiro bloco, nas páginas iniciais da revista, que visavam despertar o interesse dos homens. A parcela dedicada às mulheres, nas páginas finais da revista ou segundo bloco, continha publicidade feminina, novelas e as crônicas de Rachel de Queiroz: “sucesso de leitores”³¹⁷.

E se para o Estado e os grupos hegemônicos as publicações são um meio de controlar as ideologias processadas e divulgadas em sociedade³¹⁸, para o leitor eles são meios de apoderar-se de sua contemporaneidade. Significam entrar em contato com a sua realidade, com os registros de sua época, tomar conhecimento das tensões que envolvem política, cultura, sociedade em seu tempo³¹⁹.

(...) os jornalistas se transformam em autores (...). A eles cabem não só divulgar, informar, mas sobretudo tornar público e revelado. As suas relações com o poder vão, portanto, além dos limites das relações explícitas com o Estado e com grupos que detêm o poder político num determinado momento. As relações de comunicação são relações de poder e a língua como sistema simbólico é instrumento de conhecimento e construção do mundo, sendo suporte de poder absoluto, na medida em que através dela se codifica o mundo social.³²⁰

³¹⁵ LUCA, T.R. op cit, p.152.

³¹⁶ Já apresentamos essa discussão na Introdução ao nosso trabalho.

³¹⁷ Essa divisão da revista em dois blocos foi explicada por Accioly Netto que ainda chamava a atenção para o fato de que as notícias para homens e mulheres eram misturadas na revista, apesar de haver uma predominância de assuntos masculinos na frente e femininos no final, em consonância com uma pesquisa de público que apontava que as mulheres liam as revistas de trás para frente. De acordo com Accioly, página de Rachel era “sucesso de leitores”. Cf. NETTO, A. op cit, p.134.

³¹⁸ Retrocedendo um pouco em nossa cronologia, nas primeiras décadas do século XX, em especial no decorrer do Estado Novo, o público leitor passa a ser designado como *massa* pelo próprio Estado e veículos de mídia – no sentido de totalidade amorfa, anônima e uniforme, que precisaria ser guiada –, daí a designação “veículos de comunicação de massa” para a imprensa tradicional. Assim, o formato doutrinário dado às notícias de alguns periódicos relaciona-se à noção de que a imprensa seria uma importante ferramenta para a condução do povo. Com as mudanças profissionais, paulatinamente esse modelo é abandonado, dando lugar a outros modos de indução do leitor que passam pelo jornalismo investigativo pela objetividade na escrita das reportagens, mas também pelo sensacionalismo e pela fraude. Cf. BARBOSA, Marialva. op cit.

³¹⁹ BARBOSA, Marialva. op cit, p. 127.

³²⁰ BOURDIEU, Pierre. *Apud* BARBOSA, Marialva. op cit, p. 153.

No caso da revista aqui estudada, a complexidade das relações Estado-Imprensa-Jornalismo-Leitor, pode ser exemplificada na dubiedade de posicionamento de seu proprietário. Com um império letrado, cujo principal ícone foi o sucesso editorial da década de 50, que chega esmaecido à década de 1960, Assis Chateaubriand, através de suas negociações com o Estado, publicava e autorizava a publicação de críticas ao governo Castelo Branco. Ao mesmo tempo, patrocinava e participava de movimentos que visavam angariar recursos para os militares, como a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” e “Legionários pela Democracia”³²¹. Com essa estratégia, procurava atravessar o período mantendo o controle de suas empresas de comunicação, sem perdê-las, como já havia ocorrido no Estado Novo, para o governo:

Mais de 400 quilos de ouro e cerca de meio bilhão de cruzeiros foram doados ao Brasil pelo povo paulista e autoridades civis e militares, dentro da campanha, promovida pelos Diários Associados, “Ouro para o bem do Brasil”, como resultados das primeiras 2 semanas de vigília cívica que teve início às 18 horas do último dia 13. A campanha que é o primeiro grande movimento dos “Legionários da Democracia”, foi aberta com a presença do Senador Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso Nacional, que recebeu do Sr. Edmundo Monteiro, diretor-presidente dos Associados paulistas, a chave do cofre em que seriam colocados o ouro e doações em dinheiro, para entregá-las, posteriormente, ao Presidente Humberto de Alencar Castello Branco.³²²

Assim, os destaques da revista nos anos de 1964 a 1967 giram em torno do movimento civil-militar que derrubou João Goulart do poder. Contudo, aparecem nada menos que 12 reportagens de crítica à chamada “Revolução de 64”. Em duas delas, surgem dossiês importantes sobre atos de torturas cometidos por autoridades militares em carceragens em Goiás. Corroborando para a análise que classifica *O Cruzeiro* como revista de consumo³²³, são encontradas 15 reportagens cuja matéria principal focaliza os investimentos econômicos no país: infraestrutura, indústrias, participação do Brasil em

³²¹ CARVALHO, L. M. op cit.

³²² PINTO, José; SOUZA, José de. “Ouro para o Bem do Brasil”. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/>, acesso em: 21/04/2015.

³²³ CORRÊA, T. S. op cit.

alianças de livre comércio nas Américas, além das incontáveis chamadas publicitárias em suas páginas.

O Cruzeiro também continha grande parte de imagens norte-americanas, buscando trazer exemplos de um modelo de desenvolvimento econômico e social a serem adotados pela burguesia brasileira³²⁴. As fotorreportagens desse *way of life*, entretanto, não excluía destaques aos eventos da história do Brasil. Constituíam-se em projetos a serem alcançados pela nossa sociedade.

Por isso, ao longo desses anos, a revista também apresenta séries históricas focalizando acontecimentos importantes para a sociedade brasileira, procurando eleger e ressaltar representações coletivas que ajudariam a sedimentar o periódico como referência na valorização de uma cultura nacional. A primeira dessas séries aborda as Revoluções Nacionais (Canudos, Contestado, Intentona Comunista, Revoltas Populares, Revolução de 1930). A outra grande série dedica-se a Getúlio Vargas, personagem que aparecerá em incontáveis ocasiões na revista e que renderá tiragens vultosas aos seus editores. A terceira série encontrada nesse período fala sobre os 400 anos do Rio de Janeiro. Por fim, uma última série significativa é relacionada à penetração de capital estrangeiro no Brasil como parte de investimentos nos setores automobilísticos, de infraestrutura, de turismo.

³²⁴ MAUAD, Ana Maria. “Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. V.13. n.1.p. 133-174. jan. - jun. 2005.

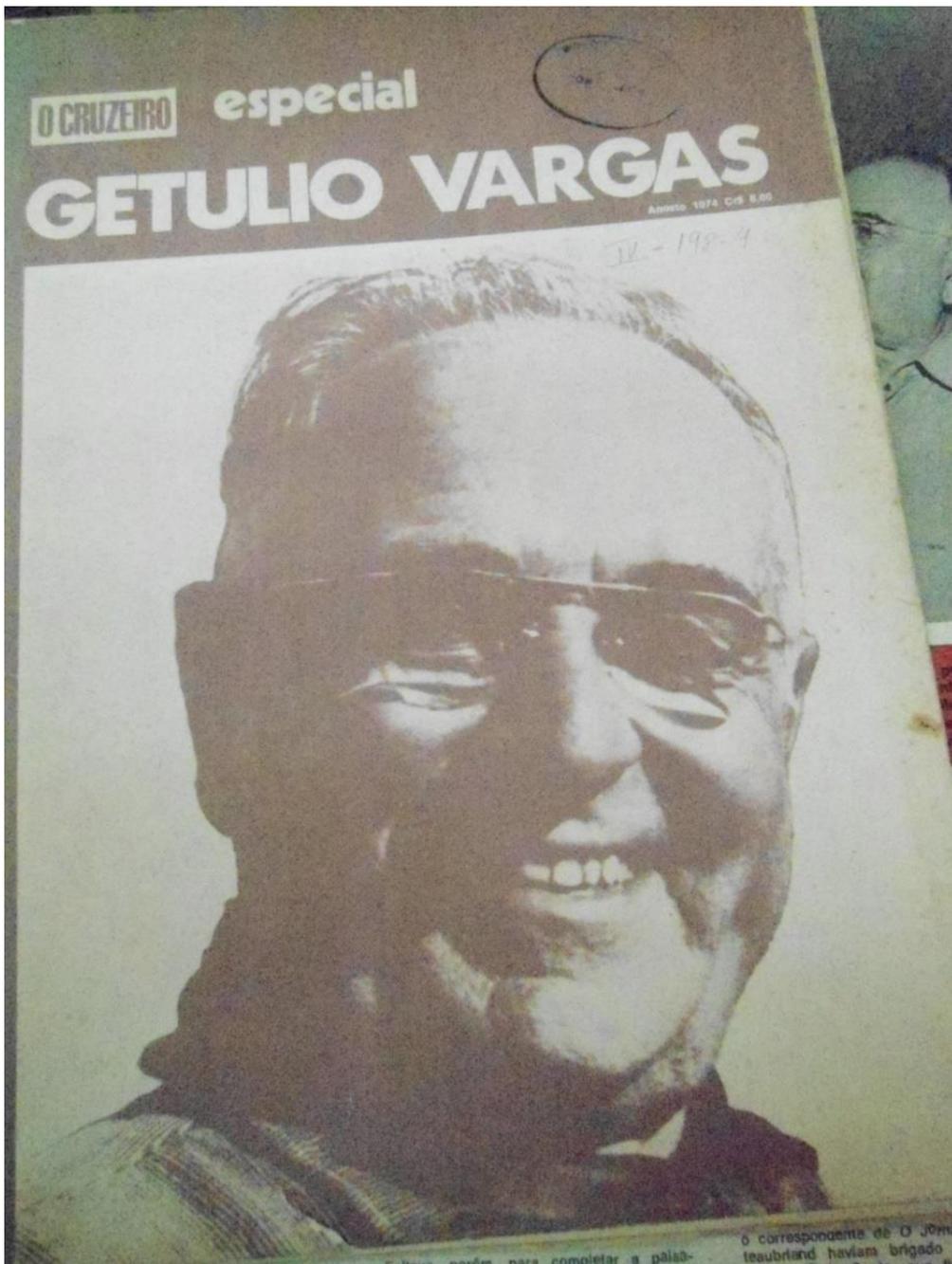


Ilustração 6: Especial sobre 20 anos da morte de Getúlio Vargas. *O Cruzeiro*.1974, p.25.



Ilustração 7: Especial sobre os 20 anos da morte de Getúlio Vargas. *O Cruzeiro*. 1974, pp. 30-31.

Além disso, inserida no contexto de crise política dos primeiros anos de governo militar, a revista reage apresentando, em meio às peculiares amenidades, temas ligados à sua contemporaneidade e suscitando debates sobre os caminhos trilhados pelo movimento civil-militar e pelo estabelecimento do regime propriamente dito. Na edição de 24 de julho de 1965, por exemplo, após tratar de concurso de Miss Universo e dos 400 anos da cidade do Rio de Janeiro, apresenta matéria sobre a crise política instaurada pelas tensões entre os militares moderados e os da *linha dura*³²⁵.

No governo Costa e Silva, entre 1967 e 1969 um novo panorama se desenha na revista. Os temas que aparecem focalizam mais os investimentos dos militares em obras e reformas país afora. Também ganham notoriedade as reportagens sobre eventos culturais – Carnaval, concurso de Miss-Universo – e as chamadas publicitárias tornam-se cada vez maiores.

³²⁵ *O CRUZEIRO*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 24/7/1965, p. 95.

O período do governo Médici, tomado entre 1970 e 1974, é o momento de radicalização da *linha dura*, expurgo de militares e civis, torturas extremas, desaparecimentos, combate à guerrilha, sequestros de embaixadores estrangeiros. E, talvez por isso mesmo, ganham relevo as notícias sobre as produções culturais, as festas, os elementos que visam fortalecer a unidade nacional. Em especial, destacamos a conquista da Copa de 1970 e os elogios econômicos ao chamado “Milagre Brasileiro.

Sintetizando alguns dos argumentos em torno de nossa *primeira hipótese* de trabalho, temos que, ao circular internacionalmente³²⁶, a revista levava essas imagens, e as crônicas de Rachel de Queiroz, para além das fronteiras nacionais, contribuindo para uma circulação de representações de consolidação da própria identidade brasileira. Uma revista múltipla e em constante movimento de remodelação e rearticulação³²⁷. Era nesse veículo que Rachel delineava e dava corpo aos perfis culturais por ela idealizados para comporem a identidade nacional. Seguindo esse pressuposto, enquanto escritora, Rachel produziu muito mais do que uma transposição de culturas: por absorver modelos culturais distintos, confrontando-os com a própria cultura nacional, a cronista os traduziu criticamente aos leitores brasileiros.

³²⁶ A revista *O Cruzeiro Internacional* era vendida na Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Venezuela, e escrita em espanhol. Cogitou-se formar um escritório no México, para ampliar as vendas até o Sul dos Estados Unidos, mas o projeto fracassou por falta de financiamento. Cf. NETTO, A. op cit.

³²⁷ GAVA, J.E. op cit.

Capítulo 3

O NACIONAL EM MOSAICOS: ESCRITAS REGIONALISTAS



Ilustração 8: Rachel no velório de Assis Chateaubriand. *O Cruzeiro*. 27/04/1968, p. 47

Vivaldo Coaracy (carioca de nascimento e homem do Rio, sempre, apesar do longo interlúdio paulista), desmentindo o seu discreto exterior, compostura quase britânica, era um passional, um exaltado, como todos os bons filhos dessa cidade, exaltada e passional. Não tivesse se iniciado ele no jornalismo pela própria mão de José do Patrocínio!³²⁸

A citação que abre esse capítulo foi publicada na crônica “Vivaldo Coaracy” no momento de despedida por conta de seu falecimento. Presente nos laços de amizade que ligavam Rachel à Editora José Olympio³²⁹, Coaracy é um bom exemplo de circularidade assumida por inúmeros intelectuais brasileiros. Carioca, esteve em São Paulo por um período, foi exilado em Portugal durante o Estado Novo, dentre outras movimentações³³⁰. Assim como Vivaldo, a própria Rachel passou do Ceará a Alagoas, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Amazonas. No Continente Americano, Estados Unidos. Na Europa, Inglaterra e França. Tal circulação nos ajuda a compreender que, além do trabalho, o intercâmbio cultural interno e externo foi de fundamental importância para a constituição de um olhar sobre o nacional e de noções de brasilidade que compõem nossas identidades³³¹.

³²⁸ QUEIROZ, Raquel. “Vivaldo Coaracy”. op cit, 08/07/1967, p. 114.

³²⁹ Ao buscarmos sintetizar a circulação de Rachel de Queiroz nos diversos espaços em que esteve presente percebemos a existência de redes de sociabilidade, ou seja, havia grupos de intelectuais com os quais a autora trabalhava direta ou indiretamente e que funcionavam como repositório e troca de ideias. Podemos destacar três importantes relações desse tipo por ela frequentadas, durante o nosso período de estudo (1964-1975) – que não engloba a sua entrada na ABL. A principal seria seu contato com a família do editor José Olympio e a parceria que desenvolveu com esse profissional durante 57 anos. Publicação de romances, traduções, coletâneas de crônicas e, mais do que isso, a relação com a *Casa* resultou também na aproximação efetiva entre Rachel e escritores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Jorge Amado. Uma segunda rede fundamental é a que a autora tece com os *DA*: Assis Chateaubriand, Leão Gondim, David Nasser, Dinah Silveira de Queiroz, Austregésilo de Athayde. Esses alguns dos nomes frequentemente relacionados pela autora em suas memórias, crônicas, entrevistas. Da menção aos autores, temos inúmeras crônicas em que a escritora lhes presta homenagem e/ou escreve resenhas críticas sobre obras publicadas pelos colegas. Essa aproximação durou cerca de 30 anos. Encerramos com uma terceira rede: a relacionada à sua atuação no CFC, entre os anos de 1967 e 1989. Dali resultaram aproximações entre Rachel e Adonias Filho, Ariano Suassuna, Rodrigo de Melo Franco de Andrade, Moisés Velinho, Roberto Burle Marx, dentre outros. Sua função de parecerista da *Câmara de Letras* compreendia avaliar os pedidos, encaminhados ao CFC, de financiamento e apoio a projetos individuais ou coletivos, na área de publicação de livros, incentivo à leitura, dentre outros. Vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), o CFC possuía dotação orçamentária limitada e, frequentemente, não conseguia atender à demanda por financiamentos – pedidos esses negados pela parecerista. Cf. QUEIROZ, R de; QUEIROZ, M^a.L.de. op cit.; *O Cruzeiro*. op cit; CFC. *Cultura*. op cit;

³³⁰ NUCCI, Priscila. *Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil*. São Paulo: AnnaBlume; FAPESP, 2010.

³³¹ Assumimos aqui o entendimento de que identidades são historicamente construídas, calcadas nas relações individuais e coletivas que cada um possui com seu meio, sua comunidade, as ideologias e matizes políticos, econômicos, sociais, culturais. Portanto, são mutáveis, adaptáveis, movediças. Cf. VELHO, Gilberto. op cit.

Paralelamente às discussões sobre identidade nacional versus alteridade, enveredaremos agora em outra face da escrita racheliana: suas apropriações sobre as regiões do Brasil e o seu entendimento sobre o que é ser brasileiro. As crônicas aqui selecionadas versam sobre essas relações pessoais, profissionais, afetivas e sua ligação com o nacional. Sempre com a premissa de que o todo que designamos por nacional é construído a partir de visões fragmentárias, parciais e historicamente forjadas³³².

Descortinando os textos da escritora podemos, também, perceber que as visões regionais produzidas por ela possuem, ao menos, três variáveis. Uma é o olhar que expressa sobre sua terra natal e a partir dela. Consideremos aqui a autora imersa em suas raízes, mobilizando suas memórias tendo como referência espacial e afetiva a sua origem, como aparece na crônica “O Príncipe das Trevas”:

Lúcifer, Satanás, Belzebu, Mefistófeles, são os nomes do Demônio, mas por aqui (...) ele é chamado quase exclusivamente “o cão”. (...) E também o Diabo pode ser – eu quase diria invocado – como um pequeno demônio familiar (...): é o Capiroto. Não é um diabão, é um diabinho; (...)

Faz pouco tempo deu-se um caso aqui perto. A pessoa era conhecida, um homem de perto do Juá, que tem um primo bodegueiro – todo o mundo sabe quem é. (...) Tinha dado a meia noite e ele precisou ir lá fora. Abriu a porta – logo a da frente (um dono-de-casa não faz isso, a tal hora) – e saiu no terreiro. (...) O homem virou a cabeça e lá estava, bem perto, olhando para ele, um molecote grosso, bem escuro (...). Uns olhos mortiços, cor de fogo, (...), uma língua espessa, vermelha.

(...)

O homem foi recuando (...). Mas aí a coisa chegou bem perto (...), estirou de repente o braço curto, (...) – e (...) deu-lhe uma palmadinha.

(...)

Ele caiu no chão sem sentidos.

(...)

Assim mesmo o puseram num jipe e para Quixadá o levaram. (...). No terceiro dia, aliás na terceira noite é que ele foi recobrando o sentido. (...) Aos poucos foi contando tudo (...). Tiraram a roupa dele – e,

³³² ALBUQUERQUE, Durval. *A invenção do Nordeste*. 2ª Edição. Recife: FJN/Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

realmente, lá estava o sinal dos quatro dedos e de uma palma de mão (...). A pele, no lugar, estava toda tisonada, chamuscada.³³³

Contando a história como se fosse com ela mesma ou como se fosse testemunha ocular do ocorrido, Rachel demonstra crer efetivamente nas memórias que traz sobre a cultura popular em suas raízes. Falando “de dentro”, inclui-se na história usando frases como “deu-se um caso aqui perto”, ou “todo mundo sabe quem é”³³⁴.

Outra variante se processa quando analisamos que a fala da escritora, sobre as suas raízes, é produzida distante do berço de nascimento. Preenhe de saudosismo, seus relatos possuem nuances diferenciadas quando escreve deslocado de seu referencial de origem. Na crônica “Entrevista”, ela é convidada a revelar suas preferências sobre o Nordeste, ao que responde:

Ai, tudo. Começa do mar, que é verde mesmo; e as dunas de areia branca. E os carnaubais, coisa que vocês aqui nunca viram igual. E os tabuleiros, e as alagoas, e as serras e o horizonte largo. Particularmente posso citar a você as pedras do Quixadá. Pensando bem, acho que o que há de mais bonito no Nordeste são mesmo os serrotes do Quixadá.³³⁵

Recorrendo aos afetos presentes em suas lembranças, o ar saudosista, sentimental e melancólico preenche a descrição da autora. Sua resposta nos permite ainda interpretar que um dos símbolos do Nordeste, na visão da autora, são as terras do Quixadá, onde ela mesma possuía família e residência, imprimindo fortemente nessa representação as suas referências individuais³³⁶.

Uma terceira variante pode ser observada na análise feita pela literata sobre a vida forasteira, o local que ela ocupa longe de sua terra natal. Trazemos aqui um pequeno exemplo desse distanciamento com a crônica “Retrospecto do Carnaval”:

Passado o Carnaval do Quarto Centenário, pode-se chegar a variadas conclusões. Primeira, e mais importante de todas, que o carnaval carioca não acabou e nem está acabando. Pode-se dizer, sem exagero

³³³ QUEIROZ, R. de. “O Príncipe das Trevas”. op cit, 06/05/1967, p. 114.

³³⁴ Idem. Ibidem.

³³⁵ Idem. “Entrevista”. op cit, 17/03/1971, p. 186.

³³⁶ Para maiores detalhes sobre as memórias de Rachel de Queiroz, vide: QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L. de. op cit; GUERELLUS, N.S. op cit, 2015.

que ele cada ano cresce mais. O que acontece é que muda – muda e se transforma, desde os velhos tempos do entrudo. Mas tudo que é vivo muda e a imobilidade é apenas sinal de morte. A festa perde as suas características antigas, mas que espantosa, que extraordinária festa!

(...)

Mas nada se faz com maior alegria do que o trabalho de amor. E se há coisa que o carioca ame e se orgulhe, e por ele mate e morra, é o seu carnaval. E é desse amor que sai essa festa espantosa, em que só pode acreditar direito depois de vê-la.³³⁷

Embora tenha fixado, desde meados da década de 1940, moradia no Rio de Janeiro, o olhar sobre a cultura carioca parece ser o de uma forasteira que assiste a passagem do carnaval “do lado de fora” do evento como mero público espectador.

Forçosamente produzirá, nesses diferentes contextos, ideias distintas de brasilidade e sentido de nação. Isso implica no tipo de relação política que defenderá – se democrática, autoritária, comunista, liberal. O deslocamento espacial, o contexto ambiental vivido, as experiências constituídas se movem no sentido de desestruturar e desconstruir as visões calcadas em suas memórias, alterando, muitas vezes, posicionamentos políticos. Cria-se, então, um mosaico de visões sobre o Brasil, os brasileiros e o regional.

Antes de darmos prosseguimento às nossas visitas aos textos de Rachel, precisamos lembrar um detalhe: a autora não propõe diretamente, em seus escritos, esse passeio cartográfico que estamos em vias de iniciar. Essa análise, região a região do país, está sugerida nos olhares produzidos pela autora, aleatoriamente, em suas publicações semanais na seção “Última Página”.

3.1 Um Norte

Gabriel Molnar(...). Trabalhava numa propriedade da então Hungria feudal, e sonhava com viagens e aventuras por terras selvagens, e especialmente sonhava com a selva do Brasil. Viu numa notícia (...) que o Museu Nacional Húngaro ia mandar à Amazônia brasileira uma expedição (...). Gabriel conseguiu engajar-se na “expedição”.³³⁸

³³⁷ Idem. “Retrospecto de Carnaval”. op cit, 03/04/1965, p. 114.

³³⁸ QUEIROZ, R. de. “Caboclo Branco I”. op cit, 29/12/1970.

Ao falarmos da questão regionalista, na escrita de Rachel, devemos lembrar que o olhar sobre um determinado espaço depende de seu referencial. Um olhar cartográfico é sempre parcial, porque nunca atinge o todo. Dependendo da escala adotada, serão selecionados pontos de relevo e de esquecimento³³⁹.

Nós nos ligamos ao tempo e ao espaço, enquanto seres humanos perpassados por essas duas dimensões. Mas cada um irá apreender as experiências vividas de maneira singular, a partir das relações construídas em sua existência. Para Rachel de Queiroz, por exemplo, o espaço seria o repositório das nossas memórias e o tempo o que nos corrói e nos transforma³⁴⁰.

Nosso “Norte” aqui será compreender que – além das identidades regionais, forjadas nos embates entre as mais diversas forças políticas, econômicas, intelectuais – os discursos constituídos serão voltados para legitimar uma unidade cultural brasileira que precisaria ser protegida de ameaças de esquerda que visavam entregar o Brasil a doutrinas que dilapidariam os patrimônios nacionais, fossem eles econômico, social ou cultural³⁴¹.

E por falar em Norte, em algumas crônicas, a autora nos leva a viajar com ela às terras dessa região brasileira³⁴², produzindo relatos e representações sobre a floresta que o escritor húngaro Gabriel Molnar, a quem nos faz referência no fragmento de crônica citado no início desse item, presenciou em sua estadia no Brasil:

Só agora conheci “pessoalmente” Manaus. Mas nós, cearenses, temos tão profunda ligação de sangue com a Amazônia, há tanto esqueleto nosso enterrado por lá, que ela sempre nos foi como um prolongamento da terra nossa; orgulhamo-nos dos marcos da grandeza de Manaus – o cais flutuante, o teatro Amazonas, a Alfândega. Para mim, vê-los foi como revê-los, tanto fazem parte do nosso folclore.³⁴³

³³⁹ ALBUQUERQUE, D. M. op cit, p. 26.

³⁴⁰ Idem. Ibidem, p. 83.

³⁴¹ FICO, C. op cit.

³⁴² As designações regionais adotadas aqui correspondem à divisão territorial existente na contemporaneidade de Rachel de Queiroz, isto é: Norte, Nordeste, Sudeste, Centro Oeste e Sul. Norte compreendia os estados: Amazonas; Pará; e os territórios Acre; Amapá; Guaporé (hoje Rondônia) e Roraima. Nordeste: Alagoas; Bahia; Ceará; Maranhão; Paraíba; Pernambuco; Piauí; Rio Grande do Norte e Sergipe. Sudeste: Espírito Santo; Minas Gerais; Rio de Janeiro e São Paulo. Centro Oeste: Mato Grosso e Goiás – e Brasília, DF. Sul: Paraná; Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Cf. BRANCO, Anselmo L.; MENDONÇA, Cláudio; LUCCHI, Elian. *Geografia para todos*. Disponível em: <http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=s126>, acesso em 21/04/2015.

³⁴³ QUEIROZ, R. de. “A Zona Franca de Manaus”. op cit, 17/05/1972, p. 130.

A crônica “A Zona Franca de Manaus”, de maio de 1972, trata de apresentar ao leitor alguns dos aspectos desse estado brasileiro, tão distante e envolto em lendas para os brasileiros residentes nas chamadas regiões Sul e Sudeste. O texto possui a tarefa de promover os supostos benefícios da zona de comércio instituída pós-64. Erguido em meio à Floresta Amazônica, cercado pelo rio Amazonas, navegável e perene, o polo comercial foi apresentado como a semente do desenvolvimento e do progresso para aqueles habitantes³⁴⁴. A coroação seria a conclusão da rodovia Transamazônica – obra inconclusa até a nossa atualidade.

Povoando o imaginário dos leitores que habitavam os outros cantos do país, as palavras de Rachel iam abrindo caminho para o discurso de integração nacional:

De todo o Brasil acorrem viajantes atraídos pelas benesses da Zona Franca. Erguem-se edifícios, o povo todo participa da nova prosperidade.

O governo, abrindo mão da mofina renda fiscal que auferia dantes na região, fez um negócio excelente: o progresso resultante da medida custaria mil vezes mais ao poder público, se diretamente financiado. E agora já chegam à cidade os primeiros tentáculos da Transamazônica abrindo a perspectiva de acesso terrestre à imensa região.³⁴⁵

Urbanização e edificação: sinônimos de progresso e desenvolvimento econômico. Comparando Manaus a Hong Kong, chega a sinalizar que “o povo todo participa da nova prosperidade”. Mas será mesmo? A crônica “Ai, Amazonas” nos deixa antever parcialmente uma resposta:

Ali, sente-se que toda a vida é a água, mas também a água é toda a morte. Tudo vem da água do rio – o alimento, o transporte, a fartura vegetal das margens, a bebida, a fácil limpeza do corpo; e do rio vem as doenças, a tremura e a febre, a umidade, a lama; do rio parte a rede dos furos recortando a mata, as águas paradas e malsãs dos igapós. (...).

³⁴⁴ A historiadora Verônica Secreto discute a relação entre a ocupação da Amazônia e os incentivos dados aos nordestinos da região do semiárido. Um dos chamarizes era exatamente apresentar a floresta como um paraíso de fartura e promessa de enriquecimento. Cf. SECRETO, M.V. *Soldados da borracha*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

³⁴⁵ Idem. *Ibidem*.

Os homens conseguem sobreviver ali, mas sempre de sobreaviso, permanentemente sitiados por milhares de inimigos.

(...)

Ah, o mistério amazônico. A gente anda por lá, dias e dias, pensando que o enfrenta e a verdade mal o roça.³⁴⁶

Distante, cercado por águas e doenças, cujas lendas indecifráveis – como o já mencionado na crônica “Mapinguari”³⁴⁷ – figuram nas mentes do povo amazonense. Essas são algumas das características sobre o imaginário e a cultura popular nortista, encontradas nos textos sobre aquela região brasileira, que nos ajudam a compreender a existência da “operação de homogeneização” a que nos chama a atenção Albuquerque³⁴⁸ e que implicam na generalização intelectual que constrói historicamente o que se entende por região.

No caso das regiões Norte e Nordeste, através dos exemplos discutidos por Albuquerque³⁴⁹ em que observa análises sociológicas e políticas, somente após a década de 1920 teremos a delimitação efetiva de uma configuração espacial. Momento esse em que as intelectualidades começam a discutir o que caracterizaria o Norte e o que o diferenciaria do Sul. A partir de então o Nordeste, que não se afigurava como região politicamente constituída, entra no cenário das discussões trazendo à tona por um lado questões como o problema da seca, a fome, os retirantes e, por outro, a sua diversidade cultural, suas belezas naturais, a força de seu povo³⁵⁰. Nessa perspectiva, nesses territórios historicamente constituídos, temos que as disputas pelo poder passam por questões diversas, movediças nos âmbitos político, econômico, social e cultural. Aqui chamamos a atenção para a questão do progresso por ser uma das balizas para as intervenções defendidas por Rachel para o interior do país.

Uma das condições para que haja progresso seria, de acordo com a visão de Rachel, a de que cabe aos homens do governo levarem o desenvolvimento econômico para essas áreas remotas do país. Em seus textos, a autora sinaliza que faz parte desse projeto, de aporte econômico para a região, o estabelecimento da Zona Franca, da

³⁴⁶ QUEIROZ, R. de. “Ai, Amazonas”. op cit, 07/06/1972, p. 130.

³⁴⁷ Vide capítulo 2 da Tese.

³⁴⁸ ALBUQUERQUE, D. M. de. op cit, p. 26.

³⁴⁹ Idem. op cit.

³⁵⁰ ALBUQUERQUE, D. M. de. op cit, p. 68.

Transamazônica e a extração de minérios no Amapá com a instituição da Indústria e Comércio de Minérios S.A.(ICOMI-Amapá)³⁵¹. Sobre a ICOMI, a autora relata:

A Icomi é um milagre dentro da região amazônica. Duas pequenas cidades que parecem o sonho de um urbanista lírico. Duzentos quilômetros de estrada-de-ferro. Um porto onde encostam transatlânticos. Nas cidades, há escolas, hospital materno, supermercado, clube, piscina e cinema. (...). Água, esgotos, telefones e o mais que é preciso para garantir o conforto moderno naquelas duas ilhas abertas no meio da mata. Você anda meio quilômetro para lá da Serra do Navio e já está dentro da floresta onde, quinze anos atrás, só tinha onça e algum bugre. E doença braba na água parada dos igapós. (...)

E note-se: por lá não andam americanos. Não há mais nenhum, um só, um único, em todos os campos de trabalho da Icomi. (...) No Brasil, como em toda a terra no Novo Mundo, estrangeiro útil e leal é patricio. Mas acontece que não há. Os pruridos nacionalistas mais ferozes podem se acalmar: aquilo tudo é trabalho da terra. Dos engenheiros aos operários menos qualificados, tudo é brasileiro. Houve americanos na fase da construção da estrada-de-ferro e da instalação da mina – técnicos contratados que foram embora quando o contrato expirou. (...). Agora, só se vê é catarinense, mineiro, paulista, gaúcho, nordestino (cearense às pampas) paraenses, baianos, junto com o povo da terra, numa verdadeira *amostragem* da população brasileira [grifo da autora].³⁵²

Mão de obra nativa, com algum apoio estrangeiro, que trabalha a terra e gera capital para a própria região. Esse seria mais um dos modelos de desenvolvimento econômico defendidos pela autora. Nesse fragmento de crônica, o que nos chama a atenção é o realce que a escritora lança sobre as raízes brasileiras e a circulação de pessoas de outros estados na região. Salvaguardando que “estrangeiro útil e leal é patricio”,

³⁵¹ MONTEIRO, M. A.; COELHO, M. C. N.; SILVA, R. P. *A ICOMI no Amapá: comportamento social e trabalhista – Relatório geral de observação*. Florianópolis: Instituto Observatório Social, 2003. Disponível em: <http://www.observatoriosocial.org.br/site/>, acesso em 21/04/2015.

³⁵² QUEIROZ, R. de. “Viagem a Amazônia I”. op cit, 08/05/1965, p. 106.

legítima a atuação de americanos que trabalharam naquelas terras mas não se colocavam em ameaça à soberania nacional, posto que serviam à pátria brasileira.

As discussões historiográficas têm apontado que a construção do nacional e do regional se processa em conjunto³⁵³. E que as lutas sociais internas a cada espaço territorial podem ser legitimadas ou rechaçadas pelo poder central. Contudo, precisamos lembrar que Rachel, com seu discurso literário, defende modelos de formação nacional sedimentados em referências que atestassem uma essência de brasilidade. Essa visão advinha de gerações de intelectuais, influenciadas por estudiosos de fins do século XIX e início do XX como Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, dentre outros nomes circulantes no mundo das ciências e das letras. Seriam partícipes, então, de uma intelectualidade que legitimava a unidade cultural através da similitude entre símbolos e representações locais e regionais, embora seus produtos apresentassem distinções teóricas importantes³⁵⁴. Para esses intelectuais, sua missão primordial seria encontrar a essência e a origem da brasilidade. Como partes desse processo, caberia a eles definir e categorizar as bases da identidade nacional, traçando uma escala evolutiva alinhada com o pensamento desenvolvimentista de que o Brasil estaria em ascensão econômica, política e social³⁵⁵.

Herdeira de um pensamento que desenhava e “cristalizava”³⁵⁶ identidades regionais e nacionais³⁵⁷, a escritora prossegue trazendo mais algumas imagens sobre a região Norte:

Era assim que eu datava as cartas para minha avó: “Santa Maria de Belém do Grão-Pará”. O nome mais belíssimo do mundo. Ah, chegar a Belém não é chegar apenas: é voltar, é regressar. Chegar a Belém é matar saudades da infância – dos dois anos mais importantes da minha infância. Rever as mangueiras, rever as avenidas, as antigas casas onde

³⁵³ ALBUQUERQUE, D. M. de. op cit, p. 27.

³⁵⁴ ALBUQUERQUE, D. M. de. op cit, p. 86.

³⁵⁵ DUTRA, Eliana. “História e Historiadores Coleção Brasiliana: o presentismo como perspectiva?” IN.: DUTRA, E. de Freitas (org). *O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente*. BH: Autêntica, 2013.

³⁵⁶ De acordo com Albuquerque, uma corrente de intelectuais que estudava as identidades, dentre eles os citados Freyre, Rodrigues, Hollanda, produzia, em suas obras, identidades regionais e nacionais cuja maior característica era a busca pela autenticidade e pelos elementos de permanência em seus símbolos e representações. Dai a criarem “identidades cristalizadas”, isto é, categorizadas de acordo com as similitudes e permanências e não de acordo com os processos de mudanças e plasticidade inerente a essa construção social. ALBUQUERQUE, D. M de. op cit. pp 28-29.

³⁵⁷ COSTA, Sérgio. “Da mestiçagem à diferença: nexos transnacionais e formação nacional no Brasil”. IN: DUTRA, E. de Freitas (org). op cit, p.301.

morei. O Cemitério da Soledade e, defronte, o Cemitério dos Ingleses, onde um pastor barbadiano tocava órgão. A casa de meu tio; as casas dos meus primos, hoje casados e viúvos e que naquele tempo não tinham sequer nascido. Comer popunha na rua. Ouvir o doce sotaque de Belém que rivaliza com carioca em serem os mais bonitos do Brasil. Comprar fruta no Ver-o-peso. Ir ao Bosque, o Bosque! Mas não tem mais bonde. No Bosque, comer tacacá na cuia. Fazer provisão de cheiro-cheiroso – e as moças das lojas me dão presentes – bonecas de patchuli e cuias pintadas. Ler a “Folha”, aliás, a “Fulha...”³⁵⁸

Não podemos deixar de comentar que Rachel era uma mulher das letras, ligada a editoras e à imprensa, mas que suas crônicas podem ser compreendidas como pequenos estudos sociológicos sobre os locais citados. Como tal, são passíveis de questionamentos, mas também prenes de influências das tradições acadêmicas às quais estava ligada³⁵⁹. Mencionando suas memórias, alinhavando a citação sobre o Rio de Janeiro e Belém em disputa pelo mais belo sotaque da Língua Portuguesa no Brasil, a autora apresenta a capital paraense aos seus leitores de forma sentimental³⁶⁰: “Ah, chegar a Belém não é chegar apenas: é voltar, é regressar”³⁶¹.

Nesse relato da Rachel sobre Belém, publicado em 1965, além do retrospecto afetivo, a autora parece fazer menção a um tempo em que não havia separação entre Norte e Nordeste: na época da infância da autora os brasileiros entendiam as duas regiões como uma só. Unidas pela cartografia oficial, compartilhavam problemas e aflições, mas também identidades e culturas. Verónica Secreto aponta que cerca de 50 mil homens foram deslocados do semiárido nordestino para atuar em frentes de trabalho na abertura de estradas, extrativismo de drogas do sertão e coleta de látex nos seringais amazonenses. Desses, estima-se que mais da metade desapareceu e/ou pereceu na floresta. Provavelmente, os cemitérios relacionados pela autora no fragmento acima são o destino desses corpos³⁶². Sete anos após essa crônica, em “A Zona Franca de Manaus”, anteriormente citada, aparecerá um comentário sobre a proximidade entre amazonenses e

³⁵⁸ QUEIROZ, R. de. “Viagem a Amazônia III”. op cit, 22/05/1965, p. 114.

³⁵⁹ GUERELLUS, N. DE S. op cit, 2013.

³⁶⁰ Rachel de Queiroz viveu com seus pais em Belém, entre os anos de 1917 e 1919. Cf. ACADEMIA Brasileira de Letras. “Biografia da Rachel de Queiroz”. Disponível em: www.academia.org.br. Acesso em 21/04/2015.

³⁶¹ QUEIROZ, R. de. “Viagem a Amazônia III”. op cit.

³⁶² SECRETO, M.V. op cit.

cearenses, dada pelas migrações de sertanejos, em particular pernambucanos e cearenses, aos seringais da Floresta Amazônica³⁶³.

Falando em Nordeste, que parte lhe cabe no mosaico desenhado por Rachel? Sobre essa região, tão ligada à nossa autora, teceremos nossas reflexões no tópico a seguir.

3.2 Nordeste nas veias

Outro dia tremeu a terra na Serra do Pereiro, no Estado do Ceará.

(...)

Pois bem, apesar de tantos testemunhos e narrativas, veio um geólogo ou geógrafo e disse que era mentira, que no Ceará não pode haver tremor de terra.³⁶⁴

Das terras marcadas pela seca, no imaginário social, parte a notícia de um pequeno tremor. Alvorço. O Nordeste em apuros: miséria? Fome? Não! Tremor de terra. Notícia que impulsiona Rachel de Queiroz a imediatamente defender seu Estado: ali não tem só miséria. É também dotado de forças naturais dignas de terras do Velho Continente. De sua coleção de imagens destaca:

Quando é que acaba essa discriminação? São Paulo e Paraná tem chuva de pedra e geada, Santa Catarina e Rio Grande do Sul tem até neve. Na Amazônia, além do rio maior de todos, tem pororoca; na Bahia tem o rio São Francisco que pode não ser o maior mas eu adoro; em Minas tem ouro e teve a Chica da Silva; no Rio tem tudo desde a Baía de Guanabara até carnaval – mas no Nordeste só tem seca. A coisa mais esquelética, subdesenvolvida e miserável deste mundo. E quando queremos criar uma imagem um pouco mais distinta, quando queremos aparecer no noticiário com uns longínquos ares civilizados de Velha Itália, e contamos o nosso pequeno tremor – (...) – vem o homem e diz que não pode.³⁶⁵

³⁶³ QUEIROZ, R. de. “A Zona Franca de Manaus”. op cit, 17/05/1972, p. 130.

³⁶⁴ Idem. “Tremor de Terra na Serra do Pereiro”. op cit, 10/02/1968, p. 130.

³⁶⁵ Idem. Ibidem.

Tomando o Nordeste pelo Ceará, Rachel ataca com veemência aqueles que afirmam ser mentira o tremor de terra. “Tremeu sim. Não vamos atrapalhar o progresso do Ceará”³⁶⁶.

Sua escrita, impregnada de sentimentalismo e emoção, expõe valores e memórias construídas ao longo da vivência da autora. Tais construções falam mais alto e o discurso de proteção ao Ceará – e por tabela ao Nordeste – toma conta da tessitura da crônica.

Paradoxalmente à sua escrita que procura firmar identidades regionais, seu objetivo, nesse fragmento, é claro: quebrar estereótipos; “o olho torto da mídia” insistente em reproduzir noticiários generalizantes que apagam as multiplicidades existentes em cada local³⁶⁷. Tais caracterizações aparecem na década de 1920, unificando a região em torno da questão da seca e contrapondo-a a São Paulo, para onde convergiam os recursos financeiros e se retiravam, iludidos pela promessa de vida melhor, centenas de sertanejos todos os anos³⁶⁸.

Há, também, a atuação dos escritores “regionalistas” presentes na *José Olympio*, cuja rede de sociabilidade inclui nossa autora. Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre. Desses nomes partiram visões distintas sobre o Nordeste e sua configuração como região. Trazendo temas como a seca, o cangaço, a pobreza, o litoral, o açúcar, o sertão/o sertanejo, o messianismo, propunham contraposição ao modernismo paulista quando sublinhavam, cada um à sua maneira, a expressão cultural nordestina e a urgência de suas questões sociais³⁶⁹.

Importante aqui comentar que, conforme explica Albuquerque, os escritores normalmente reunidos como a geração do romance de 1930, como se fossem um bloco monolítico, na verdade elaboravam visões e versões diferenciadas sobre o Nordeste. Para Albuquerque, Gilberto Freyre, herdeiro de perspectivas tradicionais, produzia análises sócio antropológicas que saudavam a existência de uma democracia racial no Brasil, justificando-a através da mistura de raças processada historicamente desde a chegada de europeus e africanos, durante a colonização portuguesa na América que já contava com populações ameríndias. Enquanto isso, leituras marxistas balizavam a escrita de Jorge Amado e Graciliano Ramos que, fortemente engajados em movimentos proletários, evidenciavam as desigualdades sociais, as disputas pelo poder, a miséria das classes

³⁶⁶ Idem. Ibidem.

³⁶⁷ ALBUQUERQUE, D. M. de. op cit, p. 20.

³⁶⁸ Idem. Ibidem.

³⁶⁹ Idem. Ibidem, pp. 86-87.

trabalhadoras. Por outro lado, apresenta José Lins do Rego através de sua ascendência integralista cuja marca principal das obras do “Ciclo da Cana-de-Açúcar” são os efeitos da decadência do latifúndio sobre os camponeses. E, por fim, insere Rachel de Queiroz em uma perspectiva trotskista, até a década de 1940, com suas obras preocupadas com os dilemas do sertanejo, confrontando campo e cidade³⁷⁰.

E essa “invenção do Nordeste”³⁷¹ pela grande mídia contava também com a participação de Rachel de Queiroz. Mais uma vez lembramos sua forte atuação em *O Cruzeiro*. A revista também se pretendia como difusora das peculiaridades locais, visando fortalecer a integração nacional usando a lógica de informar aos leitores brasileiros as experiências de vida nos cantões mais reclusos do país. Rachel integrava o time de jornalistas e cronistas com aquele objetivo.

Em “Seca e Trabalho”, a autora traça o seguinte ponto de vista:

Ao contrário do que consta nas estatísticas perfunctórias ou demagógicas, o sertão do Nordeste, em épocas normais, é terra onde se morre muito pouco. Não me canso de repetir essa verdade. Ali o povo é magro, só conhece fartura durante poucos meses do ano, mas apesar disso, ou por causa disso, é sadio. Lá não se conhecem malária, boubá, mal de Chagas, etc. Parece que os meses secos de verão exercem uma ação saneadora, acabando com as verminas que crescem na umidade e nas águas mortas, como muriçocas e barbeiros.³⁷²

Nessa crônica, a autora trabalha com a noção de que há dois “Nordestes”, o sertão – onde ela mesma possuía casa – e o litoral – conhecido pelos conterrâneos por “brejo”. No interior, o sertanejo sofre com a pobreza. Contudo, tem ali o seu sustento na própria terra, mesmo árida. No brejo, o morador é pobre e, mais do que isso, explorado por usineiros de açúcar, sofre com doenças como malária, chagas, tuberculose. Essa diferenciação aparece ainda nas crônicas “Brejo e Sertão”³⁷³ e “Clamor no Deserto”.

Adiante, no texto “Seca e Trabalho”, ela critica as frentes de trabalho e o baixo pagamento que o governo dá aos retirantes. Aqui o ciclo seca-fome-miséria, identificável em outros textos da grande mídia, processa-se em sua composição sobre o Nordeste.

³⁷⁰ Idem. Ibidem, p. 111.

³⁷¹ Idem. Ibidem, p. 24.

³⁷² QUEIROZ, R. de. “Seca e Trabalho”. op cit, 18/08/1970, p. 146.

³⁷³ Idem. “Brejo e Sertão”. op cit, 16/09/1967, p. 156.

E assim, quando é tempo de seca e o governo, tal como vem fazendo agora, concentra as frentes de trabalho dos flagelados num local único, o desastre é quase certo.

(...)

Mas o trabalho é longo, os transportes são poucos e caros, o ganho é ínfimo. Este ano a diária que o governo pode pagar é de dois cruzeiros.

(...)

Peço encarecidamente aos homens do governo, aos nossos queridos amigos da SUDENE, à chefia do DNOCS, que meditem e tomem providência em relação a esse problema. Socorro mal feito é quase igual a não fazer nada.³⁷⁴

Meses adiante, na crônica “A SUDENE”, a autora parece ter sido convidada a se reformular quanto à nota de crítica implícita sobre a instituição e sobre o valor dos pagamentos efetuados aos sertanejos nos campos de trabalho:

Ao se declarar esta seca de 70 muito se acusou a SUDENE: - após dez anos de existência, não estaria ela preparada para enfrentar uma ocorrência dramática [a seca], sim, mas afinal de contas periódica e, portanto, de esperar.

(...)

À SUDENE é reservada apenas a missão de fiscalizadora do emprego desses recursos, sem, contudo nenhuma participação neles. (...) Assim, quando veio a seca, estava a SUDENE perfeitamente em dia com os seus planos de emergência, faltando-lhe apenas os recursos para os aplicar

(...)

Paga o Governo uma diária de dois cruzeiros, que a todos parece ínfima, e realmente o é. (...) E sendo embora pequena, a diária atinge o fim a que se destina, que é manter viva a população atingida pela calamidade.³⁷⁵

³⁷⁴ Idem. *Ibidem*.

³⁷⁵ Idem. “A SUDENE”. op cit, 08/09/1970, p. 146.

Rachel é traída pelo seu “olho torto da mídia”, ao atribuir à seca um evento natural e periódico, ou seja, característico da região. Nesse sentido, lembramos a sua ligação com a revista *O Cruzeiro*, cujas principais características podem ser delineadas como: revista ilustrada, literária, de variedades, pioneira no chamado fotojornalismo ou fotorreportagem brasileira. Incluída no rol de publicações oriundas da “grande imprensa”³⁷⁶, a primazia do capital sobre as suas notícias é flagrante. Inclusive pelo já mencionado uso excessivo das chamadas publicitárias. O sensacionalismo também compunha parte das suas matérias conforme discutimos anteriormente.

Pela sua ligação com o mundo dos negócios, e subordinada que era ao Estado repressor, chama-nos a atenção uma provável intervenção censora por causa da contradição apresentada nas duas crônicas publicadas com uma distância de três semanas apenas. A primeira critica as frentes de trabalho, os valores pagos pelo governo aos trabalhadores e a atuação da SUDENE. A posterior praticamente anula as indagações anteriores, suavizando a atuação e as intenções por trás dos campos de trabalho criados.

Em meio às discussões sobre o papel das instituições e do governo na solução dos problemas da região, qual era o panorama de vida para os habitantes dali? No caso da Rachel, filha de proprietários, a visão era essa:

Era tempo de inverno, no ano de 1920. A seca de 1919 era agora só lembrança. O Sertão estava todo verde e em flor, os riachos correndo, o peixe miúdo saltando nas grotas. Eu tinha então uns nove anos.

(...)

Atravessamos a várzea, seguimos margeando a linha de ferro (...). E de repente paramos, e eu me esqueci das mutucas e do tornozelo, descobrindo aquela beleza que até dava vontade de chorar. Era a água serena da lagoa do Seixo (...). À volta da lagoa as moitas rosadas do umari bravo cheiravam como um jardim.³⁷⁷

Terras verdes. Água serena. Perfume de jardim. Mesmo após a grande seca de 1919, vislumbrava-se prosperidade. A crônica prossegue informando ao leitor o legado que o pai de Rachel deixaria para a filha, quando ela se casasse: terras fartas, férteis e

³⁷⁶ BARBOSA, M. op cit.

³⁷⁷ QUEIROZ, R. de. “Meu pai”. op cit, 22/12/1970, p. 146.

abundantes. Promessa que se cumpre com o estabelecimento da residência da escritora nas terras do sítio *Não Me Deixes*³⁷⁸.

Mas e a “Manhã na casa de João José”³⁷⁹? Segundo Rachel, o personagem João, meeiro que cumpre sujeição³⁸⁰ alguns dias em terras de um fazendeiro – apenas conhecido como “o homem” –, acorda cedo com o cantar dos pássaros antes mesmo do sol nascer em sua casa de taipa com “a telha (...) fraca e areienta”³⁸¹ e cumpre sua rotina:

(...) pega a enxada no canto, sai ao terreiro, se senta no banco debaixo do pé de jucá. Fica um pouco fumando, espiando Nenen que entrou no chiqueiro e se prepara para tirar o leite de cabra.

Afinal ele se levanta, se espreguiça e se põe a caminho do roçado. Vinte passos atrás vem o rapaz [filho de João], calado (...). Atrás do rapaz o cachorro.³⁸²

Pai de vários filhos, com alguma criação, um cachorro magro, João José também vive no sertão. O semiárido lhe garante a sobrevivência enquanto existir serviço de meeiro nas terras do tal fazendeiro. Mas o contraste e a luta histórica entre as duas possibilidades apresentadas pela autora são flagrantes. De um lado a posse da propriedade. Do outro, o trabalho e a sujeição.

A imagem que se constrói é a do sertanejo como um brinquedo nas mãos dessas forças, sua sobrevivência vem da sua luta diária – como a do personagem João José. Para esses, somente um milagre – o administrativo:

(...) Afinal o Presidente Médici tomou o assunto [a seca] a peito e criou uma agência, um movimento, esse Provale, que irá transformar o São Francisco.

(...)

Veremos as caatingas de Lampião e Antônio Conselheiro se transformarem em jardins, a escorrerem leite e mel, como Canaã. Como me doía o coração quando passava ali, vendo a terra estorricada, o sol tirando faísca da mica, e a riqueza imensa do rio indo se perder nas

³⁷⁸ QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a. L. de. op cit.

³⁷⁹ QUEIROZ, R. de. “Manhã na Casa de João José”. op cit, 3/02/1971, p. 130.

³⁸⁰ Sujeição é um termo que se refere ao tempo que o meeiro precisa cumprir nas terras do fazendeiro que lhe cede a terra. QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a. L. de. op cit.

³⁸¹ QUEIROZ, R. de. “Manhã na Casa de João José”. op cit, 3/02/1971, p. 130.

³⁸² Idem. Ibidem.

profundezas do mar. Minha fé neste milagre prometido é porque nele não há mistério nenhum. A mágica será só o dinheiro bem empregado, administração, amor, entusiasmo.³⁸³

Desconstruir, a partir dos fragmentos acima, a imagem generalizante da seca no Nordeste nos permite enxergar, pelo menos parcialmente, o jogo de forças políticas e econômicas que atua na região. De um lado a autora nos apresenta os grandes proprietários de terras no sertão e usineiros no litoral. Temos, do outro lado, instituições do governo que canalizam verbas para usar ou não segundo seus interesses; políticos atuantes em Brasília, representantes de suas próprias castas e, por último, o sertanejo.

Além de orientar seu olhar questionador ao governo, também convoca empresários do Sudeste a construírem oportunidades de trabalho aos sertanejos³⁸⁴. Entretanto, que imagens nós podemos visualizar a partir de seus textos sobre essa região? Vejamos adiante.

3.3 O que é o Sudeste?

E Rio, que paraíso era realmente o Rio. Todo mundo andava de bonde e ninguém achava as distâncias grandes. Funcionárias levavam para o bonde o seu bordado e muito enxoval de noiva ou de nenen foi trabalhado nas viagens diárias, Ipanema ou Tijuca, até a cidade. Porque também se morava na Tijuca, não era só essa cretinice de Copacabana.³⁸⁵

Rio de Janeiro. Cosmópolis. Conhecida pelo jargão de “Cidade Maravilhosa”, expressão cantada em prosa e verso desde a década de 50 pelas cantoras do rádio, concentra paixões e aflições³⁸⁶. Palco de movimentos políticos, manifestações populares, antiga Capital da República, o Rio é saudado nessa crônica como “paraíso”. Um paraíso inexistente pelos idos de 1966, conforme descreve a autora ao longo de seu texto.

³⁸³ Idem. “O São Francisco”. op cit, 08/03/1972, p. 178.

³⁸⁴ As crônicas “Brejo e Sertão”, “Clamor no Deserto” e “Ceará Industrial” serão trabalhadas ainda no Capítulo 4, apresentando olhares políticos e projetos de nação de Rachel de Queiroz, que envolveriam todo o conjunto de entidades públicas e privadas.

³⁸⁵ QUEIROZ, R. de. “Os Bons tempos”. op cit, 20/05/1966, p. 114.

³⁸⁶ SANTOS, J. F. dos. op cit.

Concentrando as aspirações políticas do país, a cidade funcionava como um repositório do que seria o Brasil, pelo menos até a transferência da capital para Brasília³⁸⁷. E o Rio de Janeiro? Onde estaria simbolizado? Na Rua do Ouvidor? Na Lapa? Em Copacabana? Que local expressaria as identidades do carioca?

Nas 19 crônicas em que o Rio aparece como assunto, seja como pano de fundo ou destaque, Rachel nos fornece um apanhado de representações, questionamentos e imagens sobre a cidade, o carioca, as belezas naturais, as manifestações culturais – nesse caso em especial, o Carnaval.

Dentro do espectro de fontes estudadas, há baixa incidência de crônicas sobre cidades dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo³⁸⁸. Essas áreas são, nas poucas vezes em que aparecem, apenas mencionadas em comparações ao Nordeste, sem as mesmas características do exercício descritivo feito por ela sobre a cidade do Rio de Janeiro.

Assim, a peça dedicada ao Sudeste, no mosaico construído por Rachel de Queiroz é trabalhada a partir da visão forjada pela autora em uma matriz local: a cidade do Rio de Janeiro.

Comecemos, então, a explorar que imagens são essas:

Leblon. Nos meus tempos de mocinha o Leblon não era bem afamado, senhorita que vinha de noite ao Leblon com namorado prejudicava a reputação. Tinha até aquela marchinha do Pierrô apaixonado: **“Foi passear no Leblon/ lá nas areias sem fim...”** Isso mesmo, Leblon eram as areias sem fim. Parecido com Luarada nas dunas, para além do Mucuripe, em Fortaleza.

(...)

Hoje Leblon é cidade como o resto, edifícios e botequins, e linhas de ônibus incessantes [grifo da autora].³⁸⁹

Seu contato com a Zona Sul da cidade se deu após mudança de residência da Glória para o Leblon. O texto descreve suas impressões sobre o novo local de moradia, os desapegos e os desconfortos do evento. O que antes era uma paisagem natural,

³⁸⁷ REZENDE, Beatriz. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995.

³⁸⁸ A amostragem de crônicas sobre esses estados é insignificante no percentual dos 430 textos aqui utilizados. Não há descrições consistentes sobre São Paulo e Minas Gerais. E o Espírito Santo é uma ou duas vezes mencionado ao longo desses nove anos de escrita. Cf. *O Cruzeiro*. op cit.

³⁸⁹ QUEIROZ, R. de. “Mudança”. op cit, 11/08/1970, p. 138.

paradisíaca a despeito de ser difamadora de moças de boa reputação, agora preenche-se com edificações, transportes, pessoas.

Prossegue a autora em outra ocasião, fazendo de seu texto um ensaio antropológico da vida na praia do Leblon:

Na praia do Leblon, contudo, depois das 5 da tarde, ainda se pode descobrir muita mulata propriamente dita, mulatas a bem dizer no limbo: sabem que o são, mas ainda não chegaram à consciência oficial disso.

(...)

Tirante as mulatas, a fauna praiana depois das 5 é a mais heterogênea e por vezes, inesperada. Patéticas senhoras de maiô preto inteiriço, corpo volumoso que maiô não pedia, todas já para muito além do lado perigoso dos cinquenta.

(...)

E há também os velhos senhores que vem caminhar os seus mil passos na areia, por exercício;

(...)

Depois há os meninos gordos, que não ousam enfrentar a zombaria cruel dos companheiros da manhã.³⁹⁰

Com essas imagens, a autora caracteriza os frequentadores das praias do seu novo endereço residencial após determinada hora. Assim como a vizinha Copacabana, Leblon e Ipanema, apesar de ocupadas desde meados do século XIX por chácaras e sítios, tiveram seu desenvolvimento urbano acelerado após a década de 1930 tornando-se, nas décadas seguintes, pontos de referência cultural para a boemia carioca, bem como lugares de especulação imobiliária. Ali se reuniam artistas, intelectuais, políticos e boa parcela da elite econômica local³⁹¹. Conta-nos Rachel:

Talvez por isso mesmo seja Ipanema tão badalada: em se querendo plantar, dar-se-á nela tudo. As butiques sofisticadas, os restaurantes e os inferninhos, a praia da Montenegro (hoje invadida pela suburbia, exacerbando os pruridos aristocráticos do colunismo social), os hippies

³⁹⁰ Idem. “Praia do Leblon”. op cit, 10/02/1971, p. 130.

³⁹¹ SANTOS [FERREIRA], Raquel França dos. *Antônio Maria: Visões sobre o cotidiano do Rio de Janeiro na década de 1950*. Dissertação. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2003.

da General Osório, os teatrinhos de bolso, as boates, os bares, a banda, a BANDAI, as garotas de Ipanema e outras musas simbolizadas por Leila Diniz, ora em recesso maternal; tudo isso faz da república ipanemense uma entidade meio mítica, internacionalmente famosa, ocupando lugar à parte na geografia da cidade.³⁹²

Descobrimo mais uma faceta do local onde mora a escritora – que havia elevado à categoria de “República de Ipanema” na crônica “Desenhos de Carlos Leão”³⁹³ – afirma uma condição especial ao bairro designando-o como “república ipanemense”. Espaço para onde convergem olhares nacionais e internacionais, a Zona Sul carioca aglutina também o subúrbio: são as mulatas que vão à praia após as cinco horas da tarde, a “suburbia” que invade a praia da Montenegro e toda a sorte de operários, babás, empregadas domésticas que transitam por ali para suas funções laborais diárias.

Quando a missa acaba já a pracinha fervilha, no estilo tradicional das “avenidas” dominicais do interior. Aos lados do passeio posta-se a rapaziada, formada quase toda pelo vasto contingente de trabalhadores braçais na construção civil, vindos do Nordeste – os “paraíbas” de cara chata e fala branda, habitantes declarados da Zona Sul, porque moram nas obras; (...)

Entre as alas dos cavalheiros passam as meninas, de braço dado umas com as outras, tal qual como faziam na terra, nas mesmas tardes de domingo.³⁹⁴

Cena essa típica de uma tarde de domingo na “praça da Matriz Velha no Quixadá”³⁹⁵ ou seria na “Praça da Lagoinha em Fortaleza”³⁹⁶? Rachel, na verdade, está nos mostrando um recorte, tirado de um domingo qualquer, na Praça Nossa Senhora da Paz, na “república ipanemense”. Traçando-se um paralelo com o cotidiano em praças no Nordeste, proprietários, empresários e demais membros das elites cariocas convivem com os operários. A força de trabalho essencial para o desenvolvimento vem do Nordeste –

³⁹² QUEIROZ, R. de. “A Pracinha”. op cit, 15/12/1971, p. 130.

³⁹³ Idem. “Desenhos de Carlos Leão”. op cit, 24/11/1970, p. 174.

³⁹⁴ Idem. “A Pracinha”. op cit.

³⁹⁵ Idem. Ibidem.

³⁹⁶ Idem. Ibidem.

aquele mesmo cujas imagens construídas sobre a seca e a miséria os levou a migrar para o Sudeste em busca de melhores condições de vida.

Chama-nos a atenção que o estado de Minas Gerais aparece brevemente citado em relação ao destino de nordestinos migrantes. Em “A Pracinha”, a escritora aponta que cenas, como a descrita acima, ocorrem em “praças da Matriz por todo esse Brasil afora, Minas, Bahia, Pará, Pernambuco”³⁹⁷.

Em outra crônica, intitulada “Castro Alves”, a autora imprime mais a fundo identidades nordestinas, em especial a baiana, a todos os brasileiros:

Todos nós somos baianos: verifiquem, que é verdade. O mais retraído e reticente dos mineiros tem a sua hora de baiano; o mais sonso amazonense, misterioso filho de índio, tem seus momentos de baiano também. Para não falar nos gaúchos, baianos de bombachas, ou nos paulistas, que hoje só pelo sotaque se distinguem dos baianos propriamente ditos. Não tivessem eles tanta influência de italianos, que são os baianos da Europa.³⁹⁸

Podemos depreender dos fragmentos anteriores mais um indício da inclinação da autora a forjar uma integração nacional. Usando como pano de fundo a questão da migração de brasileiros oriundos do Nordeste, somos levados a intuir que em cada um dos estados circulam gentes daquela região, a partir de construções discursivas elaboradas por Rachel: citou o sangue dos cearenses em terras do Amazonas; atribuiu um *ethos* baiano aos mineiros, amazonenses, gaúchos, paulistas, e um estilo nortista à praça de Ipanema, no Rio de Janeiro.

E a cultura carioca? Como podemos caracterizá-la a partir da autora? O Carnaval, já mencionado anteriormente em uma de suas crônicas, é seu maior exemplo:

Passado o Carnaval do Quarto Centenário, pode-se chegar a variadas conclusões. Primeira, e mais importante de todas, que o carnaval carioca não acabou nem está acabando. Pode-se dizer sem exagero que ele cada ano cresce mais. O que acontece é que muda – muda e transforma, desde os velhos tempos do entrudo. Mas tudo que é visto

³⁹⁷ Idem. *Ibidem*.

³⁹⁸ Idem. “Castro Alves”. op cit, 10/11/1971, p. 130.

muda e a imutabilidade é apenas sinal de morte. A festa perde as suas características antigas, mas que espantosa, que extraordinária festa!³⁹⁹

Além do Carnaval, festeja a autora dois espaços públicos da cidade: a preservação da Igreja da Candelária, por ocasião das obras da Avenida Presidente Vargas, e a construção do Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, comumente conhecido como Aterro do Flamengo. Espaços de socialização na urbe são reconhecidos pela autora como importantes patrimônios culturais e memorialísticos da cidade.

Entretanto, o caos urbano e a proliferação dos males do progresso nos grandes centros não são esquecidos pela autora:

Institucionalizado o apartamento, multiplicam-se de maneira espantosa os moradores do quarteirão. Na quadra onde viviam cinquenta – vamos fazer as contas: no terreno de cada casa, com seu quintal e jardim, construiu-se um edifício, parede-meia com outro edifício, fachada ao nível da rua, fundos tocando os de fundos correspondentes, sem um palmo de chão livre (...). Dando-se a média moderada de dez andares por prédio e quatro apartamentos por andar, temos na quadra quatrocentos apartamentos.

(...)

E não é só no Rio, não é só no Brasil. Na América, a lei a jângal na cidade grande é tão perigosa quanto aqui. Os assaltos com morte se multiplicam em Washington, Nova Iorque, Chicago, Los Angeles, igual ou pior que no Rio ou São Paulo.⁴⁰⁰

No arranjo de ideias elaborado por Rachel, a receita para que as cidades sejam perigosas, em contraste com o interior – em especial o sertão do fundo de suas memórias –, é formada pelo aumento demográfico desordenado; pela exagerada circulação de veículos particulares; pela alta concentração de gente em espaços mínimos. A cronista chama a atenção também para outras mazelas:

Ontem, pelas quatro e meia da tarde, precisei atravessar o centro da cidade de um lado para o outro, entrando pela Lapa, saindo na Gamboa.

³⁹⁹ Idem. “Retrospecto de Carnaval”. op cit, 03/04/1965, p. 114.

⁴⁰⁰ Idem. “A Lei da Selva”. op cit, 07/04/1971, p. 154.

E, na aflição e na lentidão dos engarrafamentos sucessivos em Mem de Sá, Relação e mais vias daquele sofrido trecho urbano, nós vínhamos comentando que não é possível durar mais a existência do automóvel como meio de transporte na área central das grandes cidades. (...) Transportando em média uma ou duas pessoas, ocupa cada carro, entretanto, um espaço de 6 a 8 metros quadrados, isso dentro da área angustiosamente estreita das vias urbanas.

(...)

E a poluição? Poluição de motor de automóvel é tão tóxica que, como todos sabem, encerrando-se alguém num recinto fechado junto com um automóvel com o motor a funcionar, esse alguém morre dentro de prazo muito curto.⁴⁰¹

Discussão acalorada nos dias atuais, o transporte nas cidades, o uso de carros particulares, a poluição, também eram assuntos de pauta nos anos 1970. Em meio aos projetos destinados ao progresso urbano, tão aclamados inclusive pela nossa escritora, surgem tensões inerentes ao modelo de desenvolvimento apregoado pelas entidades públicas, em consonância com os interesses empresariais do setor: o fomento ao uso de rodovias e o incentivo principal a meios como o veículo particular para os deslocamentos individuais. Sofre a cidade, sofrem os homens, sofre a natureza:

Mas de uns dez anos para cá deu para ocorrer, nas águas da Lagoa, esse fenômeno agourento, peste ou praga ainda não explicada: de uma hora para a outra, sem preparação, sem nenhum sintoma prévio, as águas da Lagoa dão a impressão de que subitamente se transformam em peixes, peixes mortos, e imediatamente depois em peixes em decomposição – milhares, milhões de peixes. Parece que o demônio tenta fazer uma paródia da multiplicação de peixes de Nosso Senhor, mas à sua maneira amaldiçoada.⁴⁰²

Devido à ausência de esclarecimentos sobre as causas da mortandade de peixes, Rachel prossegue a crônica expressando seu estarecimento pelo desfecho: toneladas dessa espécie animal inutilizadas para consumo, deterioradas. Em velada crítica às

⁴⁰¹ Idem. “Automóveis”. op cit, 24/11/71, p. 130.

⁴⁰² Idem. “Os Peixes”. op cit, 01/12/1971, p. 154.

autoridades sanitárias, cobra que se façam as devidas investigações para que se determinem as origens do acontecido. Indaga a autora: seria isso decorrência da ação humana ou de uma condição natural da Lagoa? Termina o texto sem essa resposta e, em outra crônica, argumenta:

Sempre defendi com paixão a teoria de que o homem não nasceu para viver nessas imensas cidades-formigueiros onde se concentra. Que a natureza humana pede os espaços abertos, as distâncias curtas, os ares limpos, o viver natural do campo.

(...)

O camponês vive nos seus matos e só tem uma ideia: fugir dali, largar aquelas brenhas e aquela solidão, procurar cidade, aglomeração humana. Então deixa o sertão ou a serra, se tocam todos para Rio e São Paulo – qualquer cidade grande – em procura de vida melhor, sim – mas principalmente em busca daquela atração maior de todas: a pululante companhia humana.⁴⁰³

Dessa maneira, Rio de Janeiro e São Paulo são escolhidas pelo migrante que, olhando mais a fundo, percebemos que viaja a esses locais com a família, porque não há provimento de suas necessidades em sua terra natal. A própria autora nos conta isso:

Não, (e não é a primeira vez que digo isso) – não, o milagre brasileiro ainda não chegou ao sertão nordestino. Nenhuma das sub-revoluções que a Revolução de março operou deu por lá o ar da sua graça. Nas cidades do interior não digo que não sobre alguma aragem nova. Mas só aragem, nada de ventania vivificadora.⁴⁰⁴

Sem recursos, sem terras próprias, preterido nas questões de governo: esse é o perfil traçado sobre o nordestino que se retira de sua origem e corre o país, peregrinando e, vez por outra, fixando residência no Sudeste e em outras regiões cujas cidades aparentemente oferecem melhores condições de sobrevivência. Como desdobramento desse aporte populacional enxertado a cada ano nas regiões, estabelece-se o ciclo: caos

⁴⁰³ Idem. “Megalópole”. op cit, 24/03/1971, p. 146.

⁴⁰⁴ Idem. “O Milagre e o Sertão”. op cit, 29/1/1971, p. 130.

urbano, explosão demográfica, violência, poluição.⁴⁰⁵ E a resposta da natureza, mais uma vez, faz-se sentir:

Assunto tem muito, no País e no Mundo, mas, para quem vive na cidade do Rio de Janeiro só pode haver um assunto esta semana: o temporal. Todo o mundo acusa o governo da Guanabara, senão por culpa direta, pelo menos por falta de previsão. Eu não morro de amores por esse governo Negrão de Lima, mas a verdade é que não é só a ele que deve caber a culpa. Pelo que todos sabemos, o Rio é o resultado de quatrocentos anos de culpa. Ou quatrocentos anos de irresponsabilidade. A cidade se levantou nesta fina nesga de terra, entre o mar e a montanha. Foi se equilibrando precariamente por onde pode, trepando pelos morros e entupindo os mangues e lagoas, botando abaixo a floresta – quem pode erguer uma cidade no meio de uma floresta? –, aterrando até mesmo o litoral da baía. Enquanto o Rio chegava apenas aos quinhentos mil habitantes ainda dava para se viver. Mas passou o meio milhão, o milhão, dois, três, quatro, cinco milhões... Tinha que rebentar nos lugares mais fracos se dantes não se construía nos morros eram instáveis. Mas depois a pressão de gente se fez esquecerem as cautelas.⁴⁰⁶

Quais foram, portanto, as soluções apontadas pela autora? Investimento no metrô e em demais meios de transporte público de massas; criação de instituições de fomento e real distribuição de verbas para que o sertanejo permaneça em sua terra como pequeno agricultor; criação de conselhos de planejamento urbano para coibir os excessos na construção civil nas metrópoles⁴⁰⁷. Primordialmente investir em planejamento. Seria essa a saída apontada pela autora. E planejamento nos remete à outra conhecida cidade: Brasília. Uma das questões abrangidas em nossa próxima discussão.

⁴⁰⁵ VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

⁴⁰⁶ QUEIROZ, R. de. “O Rio no temporal”. op cit, 11/03/1967, p. 130.

⁴⁰⁷ Idem. “Automóveis”. op cit; “O Milagre e o Sertão”. op cit; “A Lei na Megalópole”. op cit, 29/03/1972, p. 130.

3.4 Perspectivas do Centro Oeste e do Sul do Brasil

Essa Santa Helena nos interessa especialmente a nós do Quixadá, porque é para lá que estão emigrando em grandes levadas os plantadores e industriais de algodão do nosso município. É enorme a colônia de cearenses em Santa Helena, e cada dia aumenta mais. E não vá esse exagero de inseticidas e adubos ser obra dos cearenses que, deslumbrados com a riqueza do solo e do clima goianos, se desmandam em querer mais (...). E acabam matando a galinha dos ovos de ouro.⁴⁰⁸

Esse item pretende encontrar os comentários elaborados por Rachel sobre o que lhe chamava a atenção entre os estados que comporiam as regiões Centro Oeste e Sul do Brasil. Essas duas áreas foram compiladas em uma mesma análise por serem as menos exploradas pela escritora em seu trabalho regionalista que era, especialmente, dedicado a produzir considerações e reflexões sobre o Nordeste, como mostra o fragmento acima, seja ao escrever *sobre* outros cantos do país, *de* outros cantos do país ou *para* outros cantos do país⁴⁰⁹.

Brasília, Capital da República a partir de 1960, é o local com maior incidência de crônicas: sete textos em que aparecem notas críticas da autora; pequenas descrições; comparações entre outras cidades. Na maioria das vezes a cidade é furiosamente atacada por ter sido obra do presidente Juscelino Kubitschek – segundo maior desafeto político da autora, perdendo apenas para Getúlio Vargas. De acordo com Rachel seriam “as famosas malversações de Brasília”⁴¹⁰:

Vejam Brasília. O que horroriza a gente, em Brasília, é pensar que aquele milagre urbanístico, a cidade que brotou de repente dentro do agreste e deserto planalto goiano, é um luxo de povo rico imposto à nossa pobreza. Cada saca de cimento, cada vergalhão de ferro, cada pedaço de mármore, cada vidraça, cada pedra de Brasília, foi extorquido à nossa miséria e ao nosso suor. Cada belo e inútil palácio de Brasília, é um açude a menos, uma estrada a menos, um hospital que não se fez. Brasília, tão bela, é a nova Versailles dos nossos Luíses tupiniquins.

⁴⁰⁸ Idem. “Grilos, sapos, passarinhos”. op cit, 31/05/1972, p. 130.

⁴⁰⁹ CARVALHO, José Murilo de. *Rachel de Queiroz: cadeira 5, ocupante 5*. Rio de Janeiro: ABL; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.

⁴¹⁰ QUEIROZ, R. de. “JK”. op cit, 25/07/1964, p. 130.

Com todos os seus Trianons. Daquele planalto liso não saiu nada – veio tudo de fora. Brasília é um parasita – uma orquídea para os seus entusiastas – mas parasita sempre, chupando a pobre árvore espoliada que a abriga.⁴¹¹

Nada menos que seis vezes o nome Brasília aparece no parágrafo acima. Ao escrever essa crítica, que na verdade era sobre a Amazônia, a autora ainda não havia conhecido a cidade projetada. As fundamentações aos seus questionamentos são retiradas das informações colhidas através da mídia, que não se cansava de desconstruir as ações de governo de Juscelino Kubitschek e, segundo Rachel, de seu herdeiro político João Goulart ajudando, portanto, a legitimar o estabelecimento do governo militar⁴¹². Sua visão muda, ao menos em parte, quando finalmente conhece a cidade:

É a primeira vez que vejo Brasília. E essa visão, é verdade, é verdade, afasta para longe as considerações do bom senso, as reservas da prudência as denúncias dos números. Põe-se de lado o debate ainda não resolvido Brasília devia ou não devia ser construída? Principalmente porque, hoje em dia, esse debate é ocioso. Brasília já não só é irreversível (...), mas é uma realidade urbana, uma cidade viva (...). E bela, meu Deus, bela, como a gente não considera possível.⁴¹³

Rendendo-se à apreciação da cidade, descreve mais e mais benesses nas crônicas “Brasília I” e “Brasília II”. Seus textos passam a dar lugar a um desfile de impressões sobre a arquitetura dos palácios; a vida que ganhou a cidade; a capacidade imaginativa de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e do próprio Juscelino Kubitschek – caracterizado como “um doido”, “um governante maluco que pusesse de lado todos os critérios de prioridades da realidade nacional e cegamente se atirasse à fascinante aventura da capital nova” e ainda “seu papa” que financiou “dois Miguel Ângelos” na construção da cidade⁴¹⁴.

Tal vida é dada àquela urbe que mereceu ainda sua inscrição no cenário cultural nacional e seu devido registro em texto da autora. O circuito das letras ganharia mais um espaço de divulgação para os intelectuais brasileiros:

⁴¹¹ Idem. “Viagem a Amazônia I”. op cit.

⁴¹² CARVAHO, A. op cit.

⁴¹³ QUEIROZ, R. de. “Brasília I”. op cit, 25/10/1972, p. 130.

⁴¹⁴ Idem. Ibidem.

(...) a Capital da República foi cenário de uma reunião importantíssima, dentro da área cultural: o VIII Encontro Nacional de Escritores, promovido pela Fundação Cultural de Brasília, e ao qual compareceram profissionais das letras vindos de, praticamente, todos os estados brasileiros.⁴¹⁵

Se havia dúvidas sobre a funcionalidade e a viabilidade de Brasília, as presenças de Autran Dourado, Adonias Filho, José Cândido de Carvalho, Nelson Omegna, Odylo Costa, Ledo Ivo, Gustavo Corção, dentre outros, no evento, servem de estímulo para a aceitação da cidade. A coroação do encontro foi, segundo Rachel, o comparecimento do Presidente da República nas premiações aos autores⁴¹⁶.

Colaborando para a consolidação de Brasília, no referente a uma realidade urbana “irreversível”, encontramos mais alguns argumentos da autora:

Mas, até mesmo durante o tempo em que a maioria dos jornalistas combatíamos a construção acelerada da nova capital, lembro-me que escrevi umas notas em que previa pelo menos uma vantagem para nós, cariocas: o alívio do Rio após a saída em peso da sua massa burocrática, com seus familiares, agregados e acompanhantes. Calculava em meio milhão os que se mudariam, e dizia: “Vocês já pensaram a maravilha que vai ficar o Rio com menos meio milhão de gente aqui dentro?”⁴¹⁷

Assumindo-se momentaneamente carioca, afinal já se passavam mais de trinta anos em que sua moradia prioritária encontrava-se na cidade, corrobora a máxima popular “se não pode com eles, junte-se a eles”, e prossegue listando os benefícios da cidade do Rio sem esse aporte populacional que, por outro lado, lota terras brasilienses com seus carros, prédios e demais ícones urbanos.

Ao procurar ampliar nosso espectro de análise, partindo em busca de mais referências sobre o Centro Oeste, encontramos uma ou duas citações sobre Goiás, por sua relação intrínseca com a Capital Federal. Do Mato Grosso – cuja separação do Mato

⁴¹⁵ Idem. “Encontro em Brasília”. op cit, 21/11/1973, p. 130.

⁴¹⁶ Idem. Ibidem.

⁴¹⁷ Idem. “Brasília e o Rio”. op cit, 12/12/1973, p. 122.

Grosso do Sul apenas se processaria em 1977 – surgem, igualmente, uma ou duas menções esparsas. Nesses casos, não temos argumentos suficientes para discutir quais as linhas seguidas pela autora no sentido da construção de imagens sobre a região.

O mesmo ocorre com a região Sul de onde emergem frases como: “São Paulo e Paraná tem chuva de pedra e geada, Santa Catarina e Rio Grande do Sul tem até neve”⁴¹⁸; suposições de que haja encontros de nordestinos em praças no Sul⁴¹⁹ ou ainda afirmações de que gaúchos também possuem algo de baianos⁴²⁰. São comentários soltos que nos permitem vislumbrar apenas parcialmente as ideias que a autora possuía sobre essas áreas.

Findo o nosso passeio regional, de carona pelos textos de Rachel de Queiroz procurando enxergar caracteres de brasilidade construídos por suas visões e versões de cada lugar visitado, resta-nos apontar aqui algumas das ausências e dos silêncios da autora.

Buscando informações sobre a falta de menção ao cotidiano e às experiências, valores, diferenciações, multiplicidades, presentes em estados do Sul e do Centro Oeste, chegamos aos pareceres que a autora produziu em sua atuação no CFC⁴²¹. Infelizmente, nem mesmo ali há expressões significativas sobre aqueles lugares, aparentemente configurando-se esse tema em uma ausência nas suas preocupações.

Todavia, observamos que ela concentra a sua atenção em pareceres sobre financiamentos requisitados por bibliotecas, companhias teatrais e autores de livros em estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Minas Gerais. Uma nota é emitida sobre a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, incentivando a publicação da obra *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, pela instituição rio-grandense⁴²².

Não podemos descartar o fato de que Rachel conhecia, pessoalmente, apenas algumas das cidades e estados do país. Isso, entretanto, não a impedia de tecer comentários e críticas dirigidos aos quatro cantos da nação. Mas há que se considerar que o trabalho jornalístico depende de informações sobre determinado tema, o que não se apresentava com facilidade dependendo do rincão do país. E essa noção nos permite inferir a questão, proposta como segunda hipótese, de que Rachel teria construído uma visão parcial e fragmentária sobre algumas cidades dentro das regiões brasileiras,

⁴¹⁸ Idem. “Tremor de terra na Serra do Pereiro”. op cit.

⁴¹⁹ Idem. “A Pracinha”. op cit.

⁴²⁰ Idem. “Castro Alves”. op cit.

⁴²¹ *Cultura*. op cit.

⁴²² Idem. “Ata da 122ª Seção Plenária”. op cit, N° 21 (Mar. 1969), p. 73.

atribuindo-lhes valor de unicidade ao tentar forjar uma identidade regional e, por tabela, a nacional

A própria revista *O Cruzeiro*, através dos repórteres Jean Manzon e David Nasser, foi alvo de severas críticas sobre reportagens calcadas em informações duvidosas. Isso é um indício das dificuldades encontradas pelos profissionais, além das questões da manipulação de informações, em se chegar a fontes e obter dados consistentes. A despeito da publicação ter tiragem nacional e, durante um período, internacional, ao circular em vários países da América do Sul tais como Argentina e Uruguai, nem sempre os jornalistas comprovavam as notícias diretamente na fonte⁴²³. Os motivos eram muitos: desde a falta de recursos para as viagens, passando pela pouca preocupação com a verdade dos depoimentos e chegando aos apelos mercadológicos e sensacionalistas para aumentar as vendas⁴²⁴.

Por fim, temos que nas construções memorialísticas, identitárias, os valores e representações passam por construções históricas. São forjados pelas informações encontradas e/ou declaradas, são manipulados, são esquecidos. Processos semelhantes se desenvolveram na constituição das representações sociais e culturais que temos acerca de cada estado, cidade, lugar comentado por Rachel. Apesar das críticas que lançamos sobre a autora, sua atuação discursiva não pode ser ignorada no desenrolar dessa tomada de consciência sobre quais signos de brasilidade nós herdamos.

3.5 Gosto de Brasil

Nota-se contudo que há no povo uma grande sensibilização que só se pode chamar de patriótica: um interesse novo pelo Brasil, um gosto de dizer o nome do Brasil, de falar que é brasileiro, de usar a bandeira, de pintar as coisas de verde e amarelo, de sentir o Brasil grande. Talvez o elemento desencadeador dessa euforia tenha sido o resultado da Copa do Mundo; mas o interessante é que a euforia não passou, mesmo depois de passadas as comemorações do feito esportivo.⁴²⁵

Tomamos por empréstimo o título de sua crônica para o nosso último item do capítulo. Esse empréstimo se justifica: a expressão “Gosto de Brasil” encerra aspectos da

⁴²³ SECRETARIA Especial de Comunicação Social (SECS). op cit.

⁴²⁴ CARVALHO, L. M. op cit.

⁴²⁵ QUEIROZ, R. de. “Gosto de Brasil”. op cit, 15/09/1970, p. 146.

proposta unificadora que discutimos durante o texto. Nos referimos a ideia expressa nesse fragmento que nos apresenta que, a partir de um estopim de comemoração, o sentimento de brasilidade emerge e se prolonga, não só pela vitória na citada Copa do Mundo de 1970, mas também pelas pequenas vitórias alcançadas, de acordo com a autora, nos planos político e econômico. Em “O Recomeço”, nos enumera os sucessos:

As estradas de asfalto cada dia penetram mais longe o interior profundo, as pontes escalam os rios e os braços de mar, nos estaleiros se multiplicam os navios, as fábricas de veículos passam da casa de um milhão, as demais indústrias se expandem em ritmo japonês. A grande ofensiva da educação alcança índices que surpreendem os mais otimistas, Brasília se consolida, as dívidas se pagam, o dinheiro brasileiro se reabilita, o crédito internacional se afirma com vigor inesperado. (...) O brasileiro vai mostrando uma confiança nova (...). **Ninguém segura este país!** [grifo da autora]⁴²⁶

Intelectuais, literatos e demais artistas podem contribuir para a conformação de uma identidade étnica ou regional, ao nomear e categorizar espaços e fronteiras⁴²⁷. Adotando um discurso consolidador sobre o Brasil, Rachel apresenta seu papel nesse processo. Dessa forma, caracterizando as regiões, ainda que de forma fragmentária, e ressaltando aos leitores que o governo estaria trabalhando em prol da nação, a autora busca unificar o olhar sobre o território brasileiro e sua cultura, “impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única de sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade”⁴²⁸.

Eleições se aproximando, Rachel mais uma vez recorre aos elogios ao governo para mostrar que a unidade nacional está sendo mantida graças aos sucessos alcançados – efeitos do “Milagre Econômico”⁴²⁹ e da euforia com a vitória na Copa:

A situação econômica, entre outras coisas, está na cara, para quem quiser enxergar. O controle da inflação, que parecia impossível, hoje já se considera conquista assegurada. A exportação cada vez maior e mais

⁴²⁶ QUEIROZ, R. de. “O Recomeço”. op cit, 04/08/1970, p.130.

⁴²⁷ BOURDIEU, Pierre. “A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região”. IN: BOURDIEU, op cit.

⁴²⁸ Idem. Ibidem, p. 117.

⁴²⁹ SKIDMORE, T. op cit.

diversificada, as marcas “Indústria Brasileira” ou “Made in Brazil” espalhadas pelas sete partes do mundo. Os problemas da educação sendo enfrentados - e na maioria resolvidos ou em caminho de resolução. Essas obras, pontes e estradas e cais e hidrovias e escolas e usinas elétricas se expandindo por toda parte. O tal de Produto Nacional Bruto, a entidade mística dos economeses, esse, mesmo os técnicos mais pessimistas já não podem esconder que cresce a olhos vistos, queimando as estatísticas.⁴³⁰

Sua parcialidade deve ser contextualizada do ponto de vista do momento vivido. A existência de uma euforia econômica forte no país, devido ao controle inflacionário e ao aumento do PIB. Entretanto, na mesma crônica a autora revela o lado obscuro latente: o do protesto.

Vejam-se, por exemplo, os homens do *show-business*, que têm as antenas sempre orientadas no sentido das preferências populares. Eles abandonaram decididamente a contestação e o protesto, que até bem pouco tempo eram a tônica de qualquer espetáculo, às vezes metidos à força, com propósito ou sem propósito, até mesmo quando o texto não dava pé. E não se diga que êsse abandono do protesto é obra da censura, pois mesmo nos momentos de censura mais severa há meios de chegar até ao limiar do permitido e insinuar ou dizer entre linhas o que abertamente não pode ser dito.⁴³¹

A censura, algo tão rechaçada pela autora anos antes, agora aparece como mero detalhe aparentemente contornável por quem quisesse protestar. O gosto amargo do Brasil tinha sua face oculta pela escritora aos leitores de *O Cruzeiro*. Reflexos do paradoxo entre o governo repressor do Presidente Médici e sua popularidade⁴³². Efeitos da paradoxal escrita cronística racheliana.

⁴³⁰ QUEIROZ, R. de. “Gosto de Brasil”. op cit.

⁴³¹ Idem. Ibidem.

⁴³² ROLLEMBERG, Denise. op cit.

É proibido, não faça, interrompido, não pode, impedido, ro-
ga-se não... Tudo é vedado aos brasileiros. As proibições vão
desde o uso de inocentes mini-saias em vários lugares até à
escravização à obrigatoriedade de conservar a gravata em ou-
tros. Salões aristocráticos de localidades pobres e violentas do
interior têm avisos na porta: É proibido dançar de chinelos,
tamancos e revólver na cintura. Da manhã à noite, o homem
é escravo de avisos, placas, normas, leis, portarias. Até os pre-
ços são proibitivos. O país só não pára porque os brasileiros
não ligam muito para proibições. Até um beijo mais ousado
na rua é escândalo público. Sempre tem alguém para gritar:

PROIBIDO

Texto de CLÁUDIO KUCK
Fotos de AUGUSTO CORSINO

Ilustração 9: "Proibido". *O Cruzeiro*. 29/04/1968, p. 122.



Ilustração 10: Proibições. *O Cruzeiro*. 28/04/1968, p. 115.

Mas, afinal de contas, de que Brasil estamos falando? Do Brasil latifundiário? Do operário? Daquele perseguido e oprimido pela polícia política do regime? Se olharmos o mosaico regional construído por Rachel, temos que o Brasil é apresentado pela nossa autora a partir de locais específicos dentro de cada região. Do Norte, imagens da Amazônia, de Manaus e de seus homens:

O fato é que o homem amazônico é, a bem dizer, um animal aquático. Nasce por cima d'água na sua casa de palafitas, cria-se sobre a água, come a água, vive literalmente da água, e nem sempre quando morre escapa da água, mesmo que não morra afogado.⁴³³

⁴³³ QUEIROZ, R. de. "Ai, Amazonas". op cit.

Do Nordeste seu querido Ceará, “os serrotes do Quixadá” e ela mesma, como explica em “Entrevista”:

P – Essa história de ser nordestino **marca** mesmo, ou é simples literatura?

R – Que é que você acha? Este sotaque, esta cabeça chata, esta cara de índia, esta mania de voltar para lá, pode ser tudo literatura? [grifo da autora]⁴³⁴

O Sudeste: Rio de Janeiro, Carnaval, Leblon e a “República Ipanemense”. Centro-Oeste: Brasília, JK, Jango. Sul: uma pálida referência a Santa Catarina, e nada mais.

Em termos sociais, essa distância entre o Brasil real e o representado pela cronista é ainda mais profunda. Escrevendo para camadas médias e altas da sociedade brasileira, seu discurso conservador era apropriado por parcelas das elites intelectual e econômica do país⁴³⁵. Essa mesma elite que apoiou a derrubada de Jango, compartilhava aversão ao Getúlio Vargas tal qual nossa autora, e agora discutia os símbolos nacionais:

A discussão que anda por aí entre eruditos, e se derrama em plebiscitos e consultas populares, a respeito do pássaro e da árvore que devem ser oficializados como símbolos do Brasil, para mim não tem razão de ser. A escolha já foi feita antes de nós, está imposta pelos fatos, pela tradição e até pela consagração mundial.

(...)

Não há que fugir: o símbolo nacional tem que ser um sabiá cantando num ramo de pau-brasil. E temos conversado.⁴³⁶

Apesar da defesa de Rachel, os símbolos que saíram vitoriosos na discussão foram o Ipê e a Ararinha azul. Mas longe de ser uma questão encerrada, as identidades nacionais, os símbolos e representações, são objetos de discussão e em constante processo de transformação⁴³⁷. O gosto de Brasil se renova e se recompõe a cada fase histórica do país.

⁴³⁴ QUEIROZ, R. de. “Entrevista”. op cit.

⁴³⁵ ANDRADE, A. M. R; CARDOSO, J. L. op cit.

⁴³⁶ QUEIROZ, R. de. “Árvore e Ave”. op cit, 06/09/1972, p. 122.

⁴³⁷ VELHO, Gilberto. op cit. 1994.

Capítulo 4

ÚLTIMAS PÁGINAS DE RACHEL DE QUEIROZ: MULTIPLICIDADE NA SINGULARIDADE

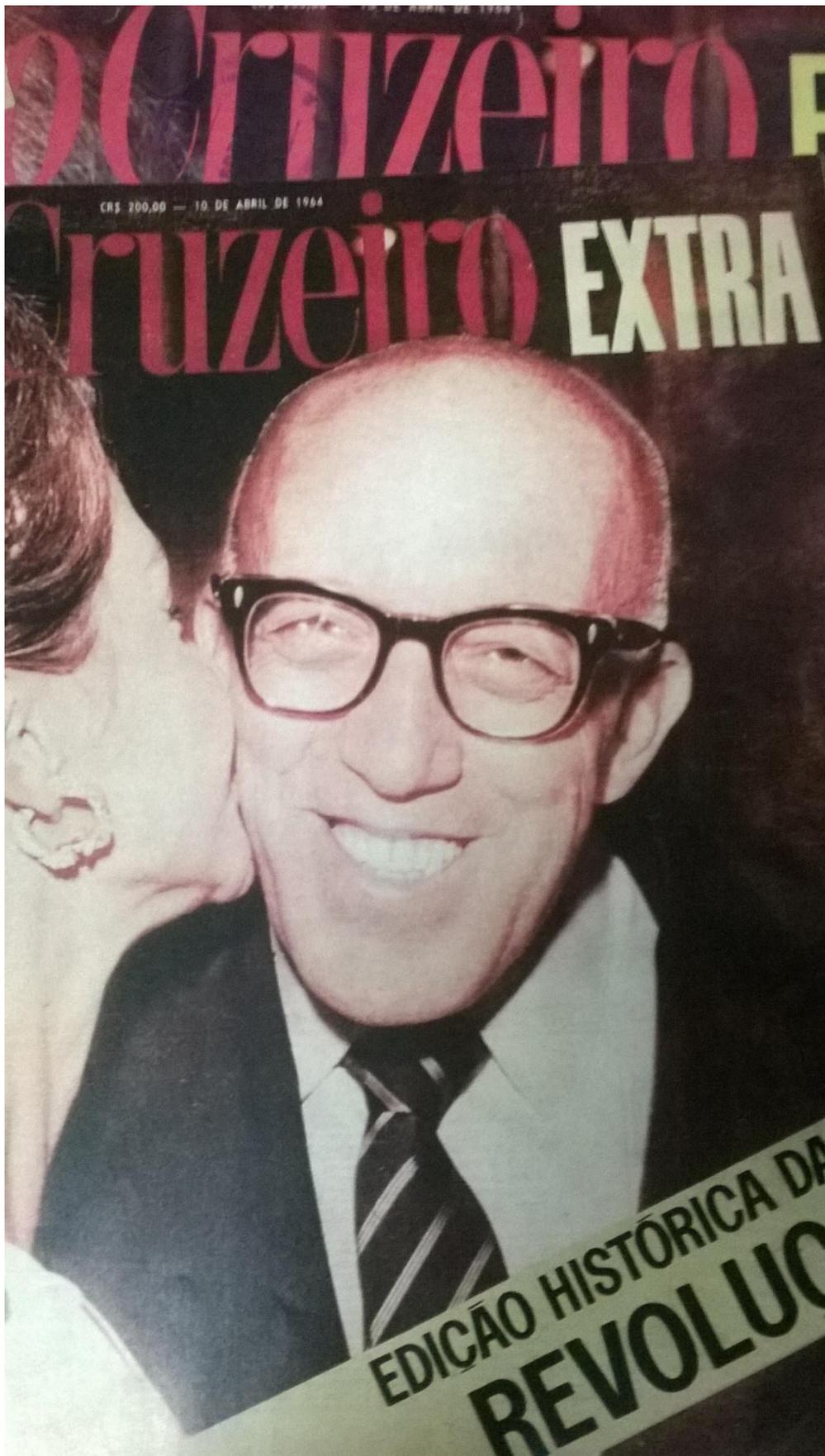


Ilustração 11: Edição especial histórica com reportagem sobre a “Revolução”. *O Cruzeiro*. 10/04/1964.

Quantos defuntos, Meu Deus do céu, a gente carrega dentro do seu corpo: Começa com os anjinhos de seis meses, de um ano e dois (..); tirando as asas, podia ir direto pro caixãozinho de cetim (...). E esta menininha de cinco anos, com os cachos de cabelo batendo nos ombros, também já existiu, não existe mais. Sou eu – não, *fui* eu. Tão morta e desaparecida quanto se tivesse plantada na terra debaixo de um pé de saudade. E a adolescente de treze, e a moça magra de dezoito, (...), numa simplicidade deliberada que ela supunha “ideológica”. E depois a mulher feita de vinte e três anos – já sofreu e está sofrendo –, e logo a amargurada mulher de vinte e cinco, e a de trinta anos ressuscitada, e a de quarenta engordando, e a de cinquenta francamente envelhecendo, com a possível e tão difícil dignidade. Serão a mesma pessoa, todas elas? E serei eu todas elas?⁴³⁸

Depois de visitarmos estrangeirismo, nacionalismos e regionalismos, tentemos penetrar nas camadas indecifráveis de nossa autora, resgatando mais alguns traços de sua pluralidade esboçada no primeiro capítulo. No período que abrangemos, de 1964 a 1975, quais as visões políticas encampadas por Rachel de Queiroz? Que projetos de nação a autora construía nesse delicado momento vivido pelo Brasil? E, por fim, que reflexões Rachel nos traz sobre ela mesma? Seria Rachel apreensível em uma única definição? Seria Rachel a senhora reacionária que substituiu a jovem revolucionária, como definem tantos trabalhos sobre sua trajetória?

O fragmento de crônica acima, de autoria da própria Rachel de Queiroz, assinala a complexidade de se falar sobre a trajetória de vida de alguém, no caso, a vida dela própria. Esse caminho foi escolhido para que possamos conhecer mais a nossa intelectual, as imagens que elaborava sobre si mesma, as filosofias de vida que defendia. Em especial, a questão trazida pela própria – “E serei eu todas elas?” – que, ao referir-se aos fantasmas do seu passado, atíça-nos a enveredarmos, nós mesmos, em nossas idas e vindas pessoais.

Quantas vezes forjamos papéis momentâneos para vivermos determinados processos e deles nos desfazemos, ao fim e ao cabo, para recomeçarmos outros a cada novo embate que se põe em nossos cotidianos⁴³⁹? Devemos, enfim, esquecê-los? A história, através do estudo das memórias⁴⁴⁰, pode nos mostrar que nem sempre o fazemos

⁴³⁸ QUEIROZ, R. de. “Neves de Antanho”. op cit.

⁴³⁹ ELIAS, N. op cit.

⁴⁴⁰ Sobre memória e história, ver LE GOFF, Jacques. “Memória-História”. op cit.

e que eles nos alimentam apesar de não sermos mais os mesmos, devido às nossas singelas mudanças e permanências pessoais.

Como vimos nos primeiros capítulos, Rachel constrói múltiplas visões sobre tudo o que se propõe a analisar. Algumas vezes, até mesmo se contradizendo. Não parece ser diferente ao falar sobre si mesma. Na crônica “Neves de Antanho”, citada na abertura desse capítulo, nossa escritora chega a admitir que a existência de um indivíduo é cambiante, movediça, plural. Envelhecer, ou seja, atravessar as mazelas e alegrias do tempo, nos movimenta:

Que a velhice, nos dando olhos mais lúcidos, não nos deixe pensar que estamos também a reinventá-la. O fato é que estamos a sofrê-la, com os seus ônus, as suas mutilações, as suas saudades; mas também suas compensações, das quais a maior é o despojamento daquela carga de inocência, de arrogância, de cego impulso, de energia explosiva, de incerteza e temor que são o drama e a glória da mocidade, e dos quais estamos para sempre libertos. Ou destituídos? Uma e outra coisa, talvez.⁴⁴¹

Reinvenção cotidiana. E também reinvenção de suas memórias. Por ser esse um trajeto que depende de formas discursivas, há que se compreender que a tessitura dessa narrativa se dá através da relação entre o documento encontrado, ou fornecido pelo objeto de estudo – no caso as crônicas publicadas pela autora –, e uma margem de incertezas coerente ao contexto vivido⁴⁴². Assim, as perspectivas aqui apresentadas não têm caráter definitivo, estanque, fechado. Serão sempre reflexões.

Igualmente entendemos que os processos de leituras, decorrentes das análises das fontes propostas aqui, são múltiplos. Há consciência de que o intercâmbio entre texto-autor-leitor se processa de formas diferenciadas⁴⁴³ e que, agregando valor ao produto final construído, as reflexões ora encampadas terão enfim cumprido seu objetivo principal: suscitar um debate acerca das contribuições da autora para a nossa contemporaneidade.

⁴⁴¹ QUEIROZ, R. de. “A Arte de Ficar Velho”. op cit, 27/11/1965, p. 114.

⁴⁴² ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. de. Paloma Vidal. Rio de Janeiro-RJ: Ed. da UERJ, 2010.

⁴⁴³ CHARTIER, Roger. “Textos, impressos e leituras”. IN: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

Dentro dessa perspectiva, façamos uma passagem por seus olhares políticos, pelos projetos fomentados por Rachel e, por fim, transitemos um pouco pela exposição que a autora faz de seu próprio eu íntimo. Será a mesma Rachel presente em cada um desses relatos? E, finalmente, que imagens de si a autora nos deixa como legado?

4.1 Olhares Políticos

Dele [referia-se ao General Castelo Branco, que havia assumido o governo] não temos a recear que os poderes excepcionais lhe subam a cabeça e que nenhuma escura noite ditatorial vá cair sobre nós, com os presídios cheios de presos políticos, sem inquérito nem processo, a opinião sufocada, a censura nos jornais e emissoras. O seu combate aos comunistas e demais conspiradores vai ser às claras, pela letra da lei, à sobra da toga dos juízes. Quem tiver crime paga – e para os crimes há definições específicas nos códigos e nas leis de segurança nacional.⁴⁴⁴

As primeiras impressões que derivam da leitura dos textos políticos da autora, escritos no período entre 1964 e 1975, giram em torno da euforia causada com o suposto fim da ameaça comunista, com a tomada do poder pelos militares. No momento da escrita da crônica “A Nova Revolução”, ainda era o alvorecer do regime militar. Assim como Rachel de Queiroz, grande parcela da população brasileira – especialmente localizada entre as classes médias urbanas, trabalhadores assalariados e intelectuais de direita⁴⁴⁵ – acreditavam que aquele movimento seria inevitável para a contenção de anseios esquerdistas, porém pensavam que seria uma fase passageira.

Nos meses iniciais de organização do governo militar, observa-se uma defesa contínua nas crônicas de Rachel de Queiroz para que não houvesse perseguições ideológicas, censuras, presos e exilados políticos. Tudo isso porque ela mesma vivenciou a prisão por motivos ideológicos no Estado Novo⁴⁴⁶, quando foi associada ao movimento comunista daquele tempo. Tal acontecimento levou a autora a condenar tudo o que tivesse ligação com Getúlio Vargas e o cunho fascista que ela lhe atribuía nas décadas de 1930 e 1940. Comparando os períodos de 1937 e 1964, a autora argumenta:

⁴⁴⁴ QUEIROZ, R. de. “A Nova Revolução”. op cit, 23/05/1964, p. 130.

⁴⁴⁵ CARVALHO, A. op cit.

⁴⁴⁶ Durante, praticamente, toda a década de 30 e a de 40, Rachel de Queiroz foi alvo de perseguições da polícia repressora de Vargas. Essa dura perseguição foi uma das motivações ao seu feroz antigetulismo. Cf. QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a. L. de. op cit.

Os comentários de má fé tentam analogias entre a situação atual e a instalação do Estado Novo fascista de Vargas em 37. No entanto, a diferença é diametral entre as duas situações. Vargas, em 37, cometeu simplesmente um golpe de estado para se perpetuar no poder. E agora, uma revolução atuante continua na dinâmica do seu processo, defendendo-se das tentativas dos que pretendiam fazê-la estagnar ou retroceder. A Revolução não tinha acabado. A Revolução continua.⁴⁴⁷

João Goulart e Leonel Brizola também eram alvos de suas críticas mais contundentes. Primeiro por causa da relação que ela fazia entre os dois e o próprio Vargas, pois os considerava seus herdeiros políticos. Depois devido às reformas propostas por João Goulart e apoiadas por Brizola que, segundo ela, tinham raiz comunista. Para Rachel:

No consenso da maioria, o mais que se pode fazer democraticamente, nesse sentido, é prender e punir os que forem culpados de conspiração contra o regime, cometendo atos de deliberada malícia contra as instituições e a Constituição. Mas prender por mero “crime ideológico”, é caçada a feiticeiras que só dá resultados negativos, e só consegue desencadear uma onda policial direitista tão antidemocrática e perigosa para as liberdades públicas quanto da onda comuno-esquerdista. Prendam-se, processem-se, condenem-se os homens que ativamente, concretamente, “atualmente”, promoveram a agitação, a conspiração, os atentados. Castigue-se duramente não só com a suspensão dos direitos políticos, mas com toda a força das sanções penais, a *entourage* imediata do Sr. João Goulart que, por sujos motivos de ambição pessoal (pois nem ideologia se lhes pode atribuir), instituíam o caos, a desordem social e a derrocada econômica, a fim de assentarem sobre os destroços a sua ditadura de espertalhões, de pelegos e caudilhos.⁴⁴⁸

Podemos perceber que o entendimento político defendido pela autora, no contexto do regime militar, era baseado em pensamentos de defesa à propriedade, à moral e aos anseios burgueses. Apesar disso, em seu discurso, aparecem críticas às atitudes

⁴⁴⁷ QUEIROZ, R. de. “O Ato Número Dois”. op cit, 20/11/1965, p. 114.

⁴⁴⁸ QUEIROZ, R. de. “Os Mestres das Obras Feitas”. op cit, 06/06/1964, p. 122.

autoritárias e antidemocráticas assumidas pela extrema-direita, de viés fascista, em décadas anteriores – já que ela os identificava com os “comuno-esquerdistas” devido à semelhança de ações de caráter arbitrário dos primeiros. Para Rachel, deveria haver punição sim, mas contra aqueles que deliberadamente tivessem atuado contra o governo estabelecido em abril de 1964, porque ela entendia o regime como “constitucional” e “legítimo”⁴⁴⁹.

Contemporânea a uma fase de tensões no seio da democracia brasileira, presenciava o aumento de disputas pelo poder a partir dos os pactos políticos firmados entre partidos como PTB e PSD. Com a crise do modelo político fundamentado no chamado populismo, havia se desencadeado o aumento da participação popular – tanto de operários quanto de camponeses e até de estudantes – e a luta pelas reformas de base⁴⁵⁰.

Atenta a esses movimentos, contudo, estaria a autora salvaguardando o direito à crítica ao regime? Sabe-se que, em qualquer comunidade humana, há embates pelo poder⁴⁵¹. E que emergem, nessas disputas, as heterogeneidades presentes dentro de cada grupo, ainda que compartilhem da mesma matriz ideológica. Ou seja, ter posturas ideológicas e políticas diferentes do grupo à frente do movimento, ainda que em consonância com o governo, não deveriam ser encaradas como oposição a esse ou como “crime ideológico”. Se essa era a sua intenção, fazia ela uma crítica às posturas mais radicais presentes no movimento?

Podemos inferir, a partir das fontes, que duas linhas ideológicas se aproximam para que, em sua atuação política pós-64, Rachel se posicionasse pró golpistas e se mantivesse afinada às medidas propostas por Castelo Branco: por um lado o antigetulismo, por representar, na leitura racheliana, aspectos fascistas; e, por outro lado o anticomunismo. Embora reverberasse em algumas de suas colocações, especialmente uma ideia de justiça social, para Rachel, o avanço do comunismo significaria abrir as portas para a destituição da propriedade privada no país. Longe de legitimar ou de justificar as suas escolhas, esse viés de entendimento sobre as opções políticas de Rachel é uma das possibilidades de reflexão abertas pelos documentos analisados. Certamente, ao olharmos mais a fundo a biografia da autora – o que não é proposto aqui –

⁴⁴⁹ Idem. *Ibidem*.

⁴⁵⁰ MENDONÇA, Sônia R. de; FONTES, Virgínia M^a. *História do Brasil Recente (1964-1980)*. São Paulo: Ática, 1991.

⁴⁵¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

encontraremos outros indícios a se somarem à sua participação em favor do golpe civil-militar de 64.

Esse caminho de discussões políticas está exemplificado nas crônicas em que a autora analisava questões relativas ao mundo do trabalho e à vida dos camponeses no sertão. Fortemente ligada ao seu anterior contato político com a esquerda, a autora desenvolve críticas ao PCB e às heranças políticas do governo Jango⁴⁵².

Observando o desenrolar da questão dos trabalhadores no Brasil, percebemos que as classes operárias e camponesas no Brasil seguiram caminhos diferentes em termos de agremiação sindical⁴⁵³. Seus desejos, apesar de similares, chegaram primeiro – mas não integralmente – aos trabalhadores urbanos, via Consolidação das Leis do Trabalho criada no governo Vargas (1930-1945). Naquela época, sindicatos de operários urbanos foram organizados e controlados pelo governo como forma de coibir as manifestações ligadas ao PCB, posto na ilegalidade em 1935. Entretanto, os trabalhadores do campo, apesar de sua origem remontar aos tempos coloniais da história do país, não eram considerados uma categoria até a formação das Ligas Camponesas, em 1950, lideradas pelo advogado e escritor Francisco Julião Arruda de Paula.

A aproximação entre o PCB e os trabalhadores do campo, em meio às apropriações do movimento camponês por vários partidos políticos e pela igreja, foi fundamental para a formação de movimentos pela reforma agrária⁴⁵⁴. Os ideais de esquerda brilhavam nas mentes daqueles que, relegados pelos governos à margem econômica, política e social, encontravam nos discursos comunistas a verdadeira “salvação de suas lavouras”. Pensava-se o seguinte: já que o governo não cuidava do equilíbrio na distribuição de terras, fizessem isso eles mesmos. Mesmo que, para tal, tivessem que invadir propriedades.

João Goulart parece haver entendido a intenção das Ligas Camponesas. Talvez por isso planejasse a distribuição de terras através do governo. O problema é que a noção de propriedade privada era muito cara às elites que sustentavam a política brasileira, tanto as urbanas quanto as rurais. Ao lado delas, lia-se a palavra da Rachel que tudo fazia para descaracterizar a legitimidade daquela organização de trabalhadores:

⁴⁵² Como visto anteriormente, Jango personificaria as críticas elaboradas por Rachel a Getúlio Vargas. Tomado como seu herdeiro político, era ferozmente atacado pela escritora. Cf. QUEIROZ, R de. “Última Página”, op cit. 1964-1975.

⁴⁵³ MENDONÇA, Sônia R. de; FONTES, Virgínia M^a. op cit.

⁴⁵⁴ GRZYNSZPAN, Mário. “A questão agrária no Brasil pós-1964 e o MST”. IN: FERREIRA, J.; DELGADO, L de A. N. op cit.

Se há obra que é inteiramente, totalmente, o resultado do trabalho paciente, cuidadoso, deliberadamente estudado, do Partido Comunista Brasileiro, essa obra foi a sindicalização rural. Começaram os comunistas da estaca zero, da terra virgem, da selva bruta; deles foi a ideia, iniciativa, a realização. E se o movimento não lhes obteve maiores e mais imediatos resultados, demos graças a Deus aos vícios da organização interna do PC, às suas dissenções [sic], aos choques das ambições e à corrupção dos prepostos utilizados, aos erros estúpidos e primários que eles sempre cometem na sua presunção de infalibilidade, enfim, ao conjunto de causas e efeitos que tem retardado e em outros casos impedido o avanço da pregação comunista no resto do Mundo.⁴⁵⁵

A escrita da autora indica que os sertanejos eram avessos à ideia de sindicato devido à associação dessas instituições aos movimentos sociais armados. Se pararmos para pensar, a lógica dessa concepção se fundamenta no imaginário social brasileiro que se apresentava impregnado de críticas aos movimentos operários desde a Primeira República⁴⁵⁶, época em que os sindicatos emergentes, que promoviam manifestações em prol de seus interesses, eram considerados “baderneiros” – imagem construída pelas classes empresariais e políticas detentoras do poder do Estado, que entendiam como legítimos apenas os sindicatos controlados pelo poder central⁴⁵⁷. Rachel compartilhava dessa postura crítica contra os sindicatos, colocando em dúvida a idoneidade dos questionamentos dessas instituições de representação tanto operárias quanto camponesas:

Para se fazer o saneamento da má semente, há pois, querer e começar tudo de novo. A própria palavra sindicato está hoje profundamente comprometida ante a massa rural. “Gente de sindicato”, para os sertanejos, quer dizer os ressentidos, os cabeças de motim, os promotores da desordem, os agitadores da pobreza. A ideia de sindicato está profundamente confundida, na inteligência dos homens do campo, com o janguismo, os pelegos, os promotores de uma “guerra” que de modo geral os assustava e repeliam, mas que lhes diziam inevitável.⁴⁵⁸

⁴⁵⁵ QUEIROZ, R. de. “Os Sindicatos Rurais”. op cit, 16/05/1964, p. 122.

⁴⁵⁶ GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

⁴⁵⁷ Idem. Ibidem.

⁴⁵⁸ Idem. Ibidem.

Aparentemente muito preocupada com o trabalhador rural, em especial os do Nordeste pela sua ligação afetiva com a cultura de sua terra natal, Rachel de Queiroz também mostrava o lado alegre e inventivo dos sertanejos. Em um trecho da crônica “Carta ao Patrão”, a autora assinala que lutando para sobreviver e no meio do embate entre forças políticas governistas e oposicionistas o povo ainda encontrava espaço e criatividade para obter um pouquinho mais de lucro em seus produtos, mostrando que astúcia não depende de intelectualidade. Pelo menos até que alguém descobrisse, como nos conta Rachel no trecho a seguir:

P.S. Você sabe como é o negócio dos dois couros num bode só? Foi no tempo em que o Boris comprava pele de cabra por unidade. Em vez de se dar ao bode um corte ao comprido da barriga, divide-se o bode em dois “hemisférios”: o de cima inclui o maxilar superior, a testa, o espinhaço, a parte externa dos membros e a metade superior da cauda; o de baixo compõe-se do queixo, a barriga, a parte interna dos membros e a parte inferior da cauda. Espiche os dois couros e cada um tem tudo, cabeça, corpo, mão, perna e rabo. (...)

Mas depois descobriram, e deram para comprar couro a peso. Estragou-se o ‘comércio’.⁴⁵⁹

Aproximando-se do linguajar e dos trejeitos populares, Rachel conquistava novos simpatizantes para as suas crônicas e também difusores de suas ideias e opções políticas⁴⁶⁰. Talvez ela considerasse que para chegar aos corações e lares dos seus interlocutores principais, os seus leitores, havia a necessidade de falar sobre a cultura popular, fazer críticas aos governos passados e informar aos grupos então hegemônicos o caminho que deveriam seguir para se manterem no poder de maneira clara e objetiva.

Notemos que, na perspectiva trabalhada pela autora, defender a justiça social e o trabalhador não necessariamente seria falar de esquerda:

O que D. Helder clama é, pois, justamente contra o abandono das bandeiras do cristianismo às mãos dos seus adversários. Justiça social, igualdade racial, combate à discriminação, ao privilégio, à exploração

⁴⁵⁹ QUEIROZ, R. de. “Carta ao Patrão”. op cit, 21/03/1964, p. 130.

⁴⁶⁰ GUERELLUS, N. S. op cit. 2013.

do homem pelo homem, são postulados da Igreja que não podem ser esquecidos; e assim D. Helder luta para que o catolicismo desfralde com coragem renovada as suas velhas bandeiras, e não, de modo nenhum, para que o catolicismo vá fazer *frente única* com o comunismo, à base de supostos interesses comuns.⁴⁶¹

O fragmento acima trata da descaracterização de que o recém constituído Arcebispo de Olinda, D. Helder Câmara, fosse comunista pelas suas ações humanitárias. Argumentando que suas atitudes são condizentes com as de um homem religioso e não de um político, Rachel afirma que D. Helder não pode ser enquadrado como um militante da esquerda, embora setores políticos dessa linha o aclamassem enquanto tal. Afinal, ser de esquerda seria ou não um problema para a escritora?

O problema é difícilimo. Todo o mundo está de acordo em que o governo precisa identificar e punir os inimigos públicos que estavam leiloando o Brasil a essa espécie de socialismo degenerado que se convencionou chamar “comunismo internacional”; mas todo o mundo também exige que a eliminação dos focos de insurreição se faça sem cair no erro extremo da caçada cega às feiticeiras, sem se atacar essa cidadela que é o próprio coração da democracia: a liberdade de pensamento e de palavra.

(...)

Ser comunista ou acreditar que o comunismo é a solução para os problemas do mundo pode ser um erro, um engano trágico, mas não é um crime. Democraticamente não o é. Só começa a ser crime quando o cidadão abandona a simples ideologia e entra no terreno da organização revolucionária, da conspiração e da revolta.⁴⁶²

Defendendo o direito à liberdade de expressão, tão caro ao ofício de jornalista, a autora surpreende ao afirmar que um pensamento comunista, uma ideia de esquerda, não seria crime. Surpreende porque a autora já havia se declarado anticomunista desde meados da década de 1930, com seu afastamento do PCB – apesar da permanência de suas relações com grupos trotskistas⁴⁶³. Lembrando que o veículo para o qual ela escreve

⁴⁶¹ QUEIROZ, R. de. “O Pastor de Olinda”. op cit, 02/05/1964, p.118.

⁴⁶² Idem. “Caça às Feiticeiras”. op cit, 27/07/1964, p.146.

⁴⁶³ GUERELLUS, N. de S. op cit, 2015.

circula majoritariamente entre camadas médias da população, devemos registrar aqui que sua fala se direciona principalmente a esse público que defendia a carnificina dos ideologicamente corrompidos pelo comunismo.

Além disso, podemos inferir que, como nossa escritora era ligada ao regime, temia que esse movimento fosse associado com o regime fascista de Vargas que a prendeu durante o Estado Novo pelos mesmos motivos de “crime ideológico” que tanto condenava nas crônicas. Nesse caso, sua visão política é dirigida pela consciência de que uma busca policial é muitas vezes equivocada:

Quando leio nos jornais que a casa de fulano de tal foi “visitada pela polícia” que, em suas buscas, apreendeu grande cópia de “literatura comunista”, tremo. Apesar de toda a minha gratidão pelo milagre que foi esta revolução, de toda a minha confiança nos homens que a chefiaram – tremo. Polícia que censura livros, revolução democrática que tem medo do pensamento e faz autos de fé, assustam. Será que os agentes apreendedores são capazes de fazer a indispensável distinção entre a boçal literatura de propaganda da insurreição, fartamente distribuída pelas agências internacionais do comunismo, e a literatura propriamente dita, os livros onde o pensamento humano se entrega ao seu mais nobre exercício, que é a especulação e a discussão dos problemas eternos – sociais, morais, religiosos? Que qualificação intelectual terão os agentes de polícia que dão as buscas para fazer essa distinção sutil, mas vital?

(...)

E não é ocioso lembrar que, afinal de contas, quem acabou com as bruxas e com a bruxaria não foram as fogueiras dos fanáticos; foi, ao contrário, a razão livre, o pensamento livre, o raciocínio livre dos homens –, *homens livres*.⁴⁶⁴

No entanto, em outra crônica admite a existência de um “período de ditadura revolucionária”. Fase que já estaria em vias de acabar, mas inevitável para a descontinuidade do que entendia como um governo indigno: o de Jango, deposto por militares. Conforme descreve, em vários momentos em textos sobre o golpe de 64, os

⁴⁶⁴ Idem. *Ibidem*.

*excessos*⁴⁶⁵ cometidos seriam justificáveis pela necessidade de se estabelecer a ordem⁴⁶⁶. Mas, afinal, que desordem era essa no governo João Goulart?

Que é que ainda funcionava neste País nos últimos dias de Jango? As empresas de serviço público, a indústria, o comércio, o próprio funcionalismo, paralisado diariamente pela onda ininterrupta das greves políticas? A triste agricultura, já de si tão fraca, abalada nas suas raízes pela cínica demagogia da SUPRA? As escolas e universidades onde – se possível – se faziam mais greves do que no Cais do Porto, focos de pregação da conjura comuno-peleguista? As Forças Armadas, convulsionadas pela indisciplina, induzidas ao motim sob a guia insensata dos “generais do povo”? A situação econômica, a dívida externa, ou sei lá como se chama o complexo das negociações de dinheiro a crédito que constituem as relações do Brasil com os países do exterior?⁴⁶⁷

Esses argumentos eram recorrentes na mídia, via *Rede da Democracia*. A própria revista *O Cruzeiro* apresentou, entre os anos de 1964 e 1967 cerca de 40 reportagens criticando os presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart bem como o então deputado federal Leonel Brizola⁴⁶⁸. Assim, como igualmente fazia parte do rol de críticas tanto do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais e do Instituto Brasileiro de Ação Democrática, o arcabouço discursivo da autora entrava em consonância com o jogo de forças que lutava para garantir a afirmação da hegemonia do capital monopolista.⁴⁶⁹

Entretanto, havia críticas de jornalistas ao regime militar. Usando-se de um artifício literário bastante comum em veículos de comunicação, a resposta às cartas de leitores – ainda que pudessem ser fictícias –, a escritora comenta:

⁴⁶⁵ Rachel usava a palavra excessos para referir-se às notícias de tortura, prisões e cassações dentro do regime. Em seu entendimento, não havia ditadura. C.f. QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M^a L.de. op cit.

⁴⁶⁶ Idem. “Manter as Aparências”. op cit, 01/08/1964, p. 114.

⁴⁶⁷ Idem. “A Grita Impaciente”. op cit, 12/09/1964, p. 130.

⁴⁶⁸ Este levantamento foi feito com base nas 156 edições da revista, publicadas entre os meses de abril de 1964 e março de 1967, compreendendo período de vigência da presidência do Marechal Humberto de Castelo Branco. Como já discutimos em nossa Introdução, assim como a escritora Rachel de Queiroz, a revista *O Cruzeiro* frequentemente optava por assumir posições mais conservadoras. Cf. ANDRADE, A. M. R; CARDOSO, J.L. op cit.

⁴⁶⁹ MENDONÇA, Sônia R. de; FONTES, Virgínia M^a. op cit, p. 15.

A gente recebe cartas curiosas. Uma delas, por exemplo, pode servir de resumo a todas: “Ninguém entende vocês jornalistas. Desde que se instalou o governo revolucionário, só fazem reclamações, exigências e queixas. Vivem apontando falhas e faltas. Afinal, vocês são contra ou a favor deste governo? Que é que queriam? Milagres? Roma não se fez num dia!”

Bem, confesso que se o uso do cachimbo faz a boca torta, trinta anos de oposição habitua a resmungar, perde-se o costume de aplaudir governo e nos é quase impossível essa atitude tão doce aos governistas por vocação: o apoio incondicional. A estes, o que é difícil é ser contra falar mal de autoridade: a nós, mesmo quando aprovamos, o duro é tecer louvores.⁴⁷⁰

Na suposta carta recebida Rachel, e outros colegas jornalistas, são chamados à atenção por um leitor que os entendia como sendo desfavoráveis ao regime militar. Ao que a cronista se defende explicando que não foi habituada a tecer louvores por ter sido frequentemente membro de oposição aos governos anteriores. Mas a discussão acima importa porque a autora visa marcar que existiria espaço na mídia para haver questionamentos ao poder instituído pós-64, e que os jornalistas se mantinham críticos mesmo apoiando o regime, ao contrário do que a oposição apregoaria em suas manifestações contra a ditadura.

Os destaques da revista, entre anos de 1964 a 1967, procuram legitimar o movimento militar que derrubou João Goulart do poder. Contudo, aparecem ao menos 12 reportagens significativamente críticas à chamada “Revolução de 64”, termo pelo qual a própria revista *O Cruzeiro* designava aquele movimento. Em duas delas, são apresentados dossiês importantes sobre os atos de tortura cometidos por autoridades militares em carceragens em Goiás. E além das tensões políticas, endossando a análise que classifica *O Cruzeiro* como revista de consumo⁴⁷¹, são encontradas cerca de 15 reportagens cuja matéria principal focaliza os investimentos econômicos no país: fomento de indústrias, participação do Brasil em alianças de livre comércio nas Américas, além das incontáveis chamadas publicitárias em suas páginas.

⁴⁷⁰ QUEIROZ, R. de. “Ser Contra ou A Favor”. op cit, 15/08/1964, p. 130.

⁴⁷¹ CORRÊA, T. S. op cit.

Para a autora, esse espaço de crítica ao regime significaria a manutenção, pelos militares, da liberdade crítica e intelectual. Cita Sobral Pinto como exemplo de respeito à autonomia intelectual:

Ah, alegam – um homem como Sobral Pinto está reclamando, está decepcionado, está enfurecido. Muito bem. Gosto quando Sobral Pinto reclama, e vocifera, e escreve cartas de denúncia. É sinal de que há liberdade. O que me doía era vê-lo manietado e amordaçado, sem poder clamar como é o seu gosto e o seu direito. Vaiado pelos transviadinhos da UNE, ameaçado pelos pretorianos do General Jair, achincalhado pelos esbirros do Dr. Jurema.

Quando não se escuta a voz de Sobral Pinto, quando nos jornais não há espaço para as suas cartas, é que as coisas estão mal. Porque sua voz é uma espécie de contraponto da liberdade.⁴⁷²

A despeito dessa “liberdade” proclamada por Rachel, notícias sobre a brutalidade das forças policiais são frequentemente dispostas na mídia. Ela mesma nos informa, escandalizada, um exemplo:

Um grupo de guardas de trânsito, vendo passar a Kombi, apitaram. Mas a Kombi, em vez de parar, continuou correndo. (...) Armados de revólver e metralhadora avançaram, atirando sobre os passageiros da Kombi e logo atingiram mortalmente, na boca, um menino de catorze anos. Mas acharam pouco um morto e ainda atiraram, alcançando dessa vez outro menino, na perna.⁴⁷³

Tratava-se de uma família que, desafortunadamente, estava sendo conduzida por um motorista sem carteira de habilitação, em São João de Meriti, região da Baixada no Rio de Janeiro. Alertados pela sirene policial, não pararam. Ao que foram recebidos à bala. Conta ainda que uma *mocinha* teria sido abusada pelos policiais. Um flagrante exemplo de que a militarização agia violentamente coibindo as liberdades de certa parcela da população antes mesmo da edição do AI-5. Continua Rachel:

⁴⁷² QUEIROZ, R. de. “Às Vésperas de 65”. op cit, 16/01/1965, p. 114.

⁴⁷³ Idem. “A Operação Para Pedro”. op cit, 11/11/1967, p. 154.

E isso, meus senhores – senhor Presidente da República, senhor Ministro da Justiça, senhor governador do Estado do Rio –, isso tem que ter um paradeiro. A imagem da polícia, no Brasil inteiro, não pode ficar suja do sangue dessas crianças bestialmente assassinadas. É preciso que se apanhem mesmo os criminosos. E não só os criminosos que pegaram nas armas, mas os outros, os do escalão acima, que os acobertaram.

Chegou a vez do povo dizer “Pára, Pedro”!⁴⁷⁴

As reclamações sobre os abusos e o endurecimento militar se fazem sentir dentro e fora dos partidários do regime militar. Embora prometessem resolver eficientemente todos os problemas enfrentados pela economia e sociedade brasileira, a realidade se apresentava bastante diferente. As visões políticas internas ao governo se debatiam em torno das possibilidades e recursos existentes para solucionar as tensões históricas do país. Rachel reconhecia:

Não, absolutamente não irei dizer que esta não era a revolução dos meus sonhos. Melhor não sonhávamos, nem diferente, naqueles dias escuros de 1962, 1963, 1964. A mim, se me mandassem refazer tudo, chamaria exatamente os mesmos homens – salvo um ou dois! – pois não tinha melhores para lhes por no lugar. Principalmente o Presidente, que até agora não nos decepcionou, e, verdade seja dita, em muitas ocasiões excedeu nossa expectativa.

(...)

O Governo está fazendo. O Ministério da Agricultura se esforça e as Secretarias estaduais se desdobram. Mas é muito grande o espaço que medeia entre a mão do Governo e a mão do pobre – e há muitas outras mãos preenchendo esse espaço. O Governo manda distribuir sementes, por exemplo; abrem-se postos de distribuição nas cidades do interior. Mas o grosso da população dos municípios que se espalha pelas fazendas e povoados distantes – a eles nada chega. Posso afirmar porque estou vendo: nada chega.⁴⁷⁵

⁴⁷⁴ Idem. *Ibidem*.

⁴⁷⁵ Idem. “Primeiro Aniversário”. op cit, 01/05/1965, p. 114.

Sabemos das divergências existentes entre a *linha moderada* e a *linha dura* dos militares⁴⁷⁶. Atenta a isso, a autora menciona que “chamaria exatamente os mesmos homens – salvo um ou dois!”. Entretanto, a brutalidade policial sempre se fez presente. A econômica também. A concentração de renda crescia assustadoramente e os auxílios aos desvalidos apenas remediavam o irremediável: a falta de uma política de controle fiscal, fomento ao trabalho, proteção ao pequeno e médio agricultor e empresário⁴⁷⁷. Os olhares políticos dominantes sabiam, assim como a autora, que nada chegava aos mais necessitados – nada que resultasse em efetiva diminuição das desigualdades e da miséria. Que desdobramentos isso vai ter em termos de consolidação desta nação em meio a uma ditadura?

4.2 Projetos de Nação?

Uma Constituição não é uma panaceia para as angústias de um povo ou os sofrimentos de uma nação. É remédio de ação lenta, cujos efeitos dependem, em grande parte, de fatores aparentemente secundários, mas por vezes essenciais no roteiro dos fins colimados. No caso brasileiro, isto é, no que tange à viabilidade da Constituição de 1967, em seu conteúdo pleno ou nas suas inovações mais discutíveis, há que se aguardar, para bem medi-la, a elaboração de incontáveis leis complementares, a conduta dos partidos políticos em função do texto novo, a ação dos três poderes, notadamente o Executivo.⁴⁷⁸

Esse trecho é um fragmento do livro *A Constituição ao alcance de todos*, de Paulo Sarasate, que a autora reproduziu em sua crônica. Rachel argumenta que sua escolha se deu porque a explicação sintetizaria o que pensa sobre um dos maiores documentos de uma nação: a Constituição. Assim, em termos de nação, como nossa cronista sintetiza os projetos, os anseios e as sugestões de políticas públicas e privadas a serem elaboradas

⁴⁷⁶ Segundo Denise Rollemberg a *linha dura* pode ser caracterizada pelos “segmentos militares contrários à abertura, encastelados na chamada comunidade de informações e nos órgãos da polícia política”, em oposição à chamada *linha moderada*. A autora chama ainda a atenção para que há um processo de revisão histórica dos termos, questionando-se a pertinência dessa classificação. Cf. ROLLEMBERG, Denise. op cit, p. 03.

⁴⁷⁷ SKIDMORE, T. op cit.

⁴⁷⁸ QUEIROZ, R. de. “A Constituição ao alcance de todos”. op cit, 30/09/1967, p. 146.

pelos governos militares? Existe, de fato, um projeto nacional encampado pela escritora? Em seus textos, percebemos algumas noções nesse sentido. Em especial, quando elabora crônicas de análise sobre as conjunturas existentes. no país. Seu discurso passa por uma ação de governo democrático e justo:

Um governo que realize a democracia com perfeição, que tenha como base a justiça social, a verdade eleitoral, a austeridade dos servidores públicos; que incentive a honradez particular, o trabalho e o estudo, que dê valor à palavra do homem de bem; só um governo assim tem possibilidades de reconquistar a mocidade, convertê-la pelo exemplo, seduzi-la com as perspectivas de liderança abertas, não aos *vivos*, não aos *espertos*, não aos *acordados* – mas aos *crentes*, aos *caxias*. Porque então *crente* e *caxias* terá deixado de ser nome feio.⁴⁷⁹

Ao analisamos as crônicas, encontramos um conjunto de textos que tratam de questões operacionais, isto é: para que o governo proposto dê certo, teria que construir uma consolidação nacional, centralizada, e que estivesse presente no cotidiano das massas do país. São os textos cujo tema abrange a “Revolução”, nomeação usada pela própria Raquel, e somam 48 textos. E como se processaria essa integração entre os rincões mais afastados do Brasil? Rachel nos apresenta, no trecho a seguir, essa consolidação através de um importante meio: o rádio.

Lembrete para a próxima revolução: proponho que as estações se dividam em dois grupos: o dos discursos e o das notícias. Nada mais desesperante para o ouvinte longínquo, louco para saber do que se passa, do que escutar um chato correligionário a discorrer sobre as excelências de Democracia, quando a gente quer saber é qual foi o general que aderiu e qual político que se entregou.

Mas como por milagre, naquela confusão sem sentido de discurseira e bombos, pega-se o Rio; e se escuta a voz clara de Sandra Cavalcante, a soar no alto-falante como um sino de prata: Jango fugiu para Brasília, o Guanabara está salvo! O General Castello Branco mandou os tanques na hora.⁴⁸⁰

⁴⁷⁹ Idem. “Regeneração”. op cit, 18/07/1964, p. 130.

⁴⁸⁰ Idem. “Revolução pelo Rádio”. op cit, 09/05/1964, p. 130.

Reclamando das notícias falhas e truncadas, o documento demanda maior organização da chamada *Rede da Democracia*⁴⁸¹. Entendendo o país enquanto unidade constituída, tendo o Brasil um território de dimensões quase continentais, os meios de comunicação são importantes no processo de integração e consolidação das forças do Estado – especialmente o rádio cuja audiência abrangia as áreas mais distantes, sendo muito utilizado pela própria Rachel como recurso de informação e entretenimento em suas estadas no interior do Ceará. E sua crítica continua:

Mas quando se trata de rádio oficial brasileira – misteriosamente, estranhamente, a emissão é péssima, o som cai e sobe como um bêbedo, é todo intercalado de ruídos de frituras, assobios de estática, interferências abafantes, portadoras uivantes, - um tal acúmulo de elementos espúrios, que tentar ouvir do começo ao fim um programa oficial já não é sacrifício, é martírio. E martírio inútil, porque ao cabo de tudo não se escutou coisa com coisa.

No dia da posse do Presidente Castello Branco, em Brasília, em vão tentou o ouvinte provinciano escutar a cerimônia pelo rádio. Um programa em língua francesa, a cantar músicas de cabaré, interferia sistematicamente, no mesmo comprimento de onda, anarquizando a solenidade.⁴⁸²

A preocupação com as comunicações via rádio advém, dentre outros fatores, do entendimento de que as massas precisavam ser amparadas e conduzidas pelo Estado⁴⁸³. Nesse momento, o povo é como um público espectador, que assiste aos acontecimentos de longe. A autora tem essa consciência de que o movimento prescinde da participação popular, em nome de uma suposta manutenção da ordem constituída legalmente. Há, inclusive, fontes em que a autora insinua ser a deposição de Jango algo processado dentro da legalidade⁴⁸⁴.

⁴⁸¹ Já apresentamos a Rede no capítulo 1. Para maiores informações, ver CARVALHO, A. op cit.

⁴⁸² QUEIROZ, R. de. “Rádio Oficial”. op cit, 20/06/1964, p. 130.

⁴⁸³ Além da informação e do entretenimento ao alcance de localidades distantes dos grandes centros urbanos, Barbero discute a importante ideia de que a unificação do discurso hegemônico passa pelo uso dos meios de comunicação, como rádio, TV, mídia impressa, pelo Estado. BARBERO, Jesus-Martin. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6ªEd. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 2009.

⁴⁸⁴ São exemplos as crônicas: QUEIROZ, R. de. “A Grita Impaciente”. op cit; “Manter as Aparências”. op

Outros elementos de crítica aparecem no fragmento abaixo, em que Rachel pede auxílio ao Ministério da Viação e Obras Públicas objetivando a construção de estradas e outras formas de escoamento de mercadorias, para contornar os problemas causados por constantes chuvas no Nordeste. Com a leitura da “Carta ao Ministro da Viação”, temos acesso à descrição da situação enfrentada pelos sertanejos desde tempos imemoriais:

(...)nós, sabemos muito bem como é que as coisas se passaram sempre por aqui. Durante os oito meses secos, que todos os anos enxugam o Nordeste de qualquer resquício de água corrente, sem nenhum rio, ribeirão ou riacho perene, nem cadeias de montanhas de importância, sem florestas que mereçam esse nome, quase todo em grandes taboleiros[sic] abertos, o Nordeste se transforma, por esses meses de estiagem, numa enorme pista rodoviária. Com um mínimo de assistência do Governo, - algumas raras máquinas que raspam e melhoram um pouco a superfície das estradas carroçáveis, sem ser mister obras de reparação nas poucas rodovias federais (que o povo chama “abaluadas” ou “abauladas”) os nordestinos cortam o seu território em todas as direções, estabelecendo comunicações permanentes e intensas, que lhes garantem o despacho das safras, mormente a do algodão, o recebimento e a distribuição dos produtos industriais que vem do Sul pela Rio-Bahia, e até mesmo esse ir e vir meio cigano, esse amor do passeio que é quase um nomadismo, característico da nossa gente.⁴⁸⁵

Seguindo o texto, a autora discute a ação das intempéries climáticas: o verão, época de estiagem, exige força para enfrentar as jornadas sob o sol escaldante, sem o abrigo de florestas. Mesmo nos momentos em que as comunicações são “permanentes e intensas”, há de se lembrar que o pequeno e o médio agricultores sofrem com a perda de seus animais e safras com a falta de investimentos em irrigação. Além disso, a contribuição do governo para as estradas é mínima, apenas aplainando a terra em alguns trechos com o uso de máquinas. No inverno, tempo chuvoso:

cit; “A Nova Revolução”. op cit, dentre outras.

⁴⁸⁵ QUEIROZ, R. de. “Carta ao Ministro da Viação”. op cit, 30/06/1964, p. 122.

(...) as comunicações não se interrompiam, apenas se dificultavam. Quando se chegava pela carroçável ao pé de um rio que dava cheia, era só acampar na beira d'água por algumas horas e esperar que a cheia baixasse e permitisse a passagem. O Ministro há de se lembrar muito bem como era. Precisava ser mesmo um rio Jaguaribe para impedir passagem por mais de algumas horas, a cada cheia.⁴⁸⁶

Paciência, esse era o requisito necessário para que o sertanejo conseguisse atravessar os terrenos alagadiços. Culturalmente, na labuta cotidiana, acostumaram-se a aceitar e respeitar as intempéries climáticas. Contudo, segundo boletim da BBC, comentado pela autora na mesma crônica, as questões climáticas no Brasil sofreriam drasticamente com a alteração no eixo de rotação do planeta Terra. As novas condições trariam mais problemas:

Mas agora tudo isso mudou. Desde que começa o inverno, o tráfego das estradas nordestinas se interrompe, e não há esperar baixa da cheia, porque as águas não baixam mesmo. Sem pontes, sem obras de artes, a vida de cada comunidade fica aprisionada como numa ilha, e ilha que não tem meios para atravessar as águas que a cercam, carregada de calamidade – desabamentos, inundações, arrombamento de açudes, destruição de lavouras, morte das criações, doença e fome. As próprias estradas de ferro praticamente deixam de funcionar, porque também não estão condicionadas às novas circunstâncias, e veem seus aterros arrastados pelas águas, as pontes abaladas, os descarrilamentos se sucedendo com monótona constância.⁴⁸⁷

Cobrando uma atitude do ministro, aponta que os recursos emergenciais, enviados em socorro aos atingidos pelas enchentes, são um paliativo e não resolvem um problema que já estava há muito tempo relegado ao último plano dos governos brasileiros. Apontando soluções permanentes, Rachel chama a atenção para o fato de que, nem mesmo o regime militar, apoiado por ela, está sabendo administrar de maneira satisfatória o problema do semiárido:

⁴⁸⁶ Idem. Ibidem.

⁴⁸⁷ Idem. Ibidem.

Diz o noticiário que o Governo destinou 600 milhões para socorrer as populações flageladas pelas águas (flagelo *de água* no Nordeste, não é estranho?) mas não será com socorros de emergência que se dará remédio à situação. Será preciso fazer estudos e enfrentar as novas condições, se na verdade há novas condições e não uma coincidência fortuita de invernos pesados e sucessivos. (...) Não pode esta região que não é nenhum Amazonas deserto, mas povoada por muitos milhões de habitantes, quase tão densamente quanto as mais adiantadas do Sul, ficar anualmente parada por muitos meses, enquanto duram as chuvas. Como será possível tirar esta gente do subdesenvolvimento e da miséria, quando ela vive à lei da natureza, como em tabas de índios que o primeiro temporal pode arrasar?⁴⁸⁸

Levanta ainda outra questão: a de que os governos não tratam com igualdade todas as regiões do país. Segundo ela, para os estados do Sul e Sudeste há maiores recursos e investimentos. Para os do Nordeste, sobra a desolação. Esse documento, em forma de carta ao Ministro Juarez Távora, foi, ao mesmo tempo, um apelo e uma análise acurada das medidas equivocadas que estavam sendo tomadas pelo governo:

Se isso não for feito, tudo o mais – programas de assistência agrícola, ajuda econômica, eletrificação, industrialização, etc., fica em pura demagogia. O velho Washington Luiz, que o Tenente Juarez Távora ajudou a derrubar, já dizia que “governar é fazer estradas”. E nunca esse *slogan* antigo pareceu tão atual e tão justificado quanto neste nosso infeliz Nordeste, afogado num dilúvio, um dilúvio até agora sem Arca e sem Noé. (...)

P.S. – E já que estamos conversando, permita que pergunte: o Ministério da Viação já se informou do que andavam fazendo com os navios da Costeira, tipo “Princesa”, prometidos para as linhas costeiras do Brasil e que nunca chegaram direito a cumprir a tarefa, porque eram cedidos às companhias de turismo para cruzeiros de passeio, sendo que foi num desses cruzeiros que quase afundaram o Ana Nery? E agora, Deus que me perdoe, o “Princesa Leopoldina” até servindo de prisão, em vez de navegar, como se não fizesse tanta falta!⁴⁸⁹

⁴⁸⁸ Idem. Ibidem.

⁴⁸⁹ Idem. Ibidem.

Ora, será que essas também não seriam críticas presentes nas alas de esquerda? Certamente, tanto a oposição quanto a situação compreendiam a amplitude dos problemas enfrentados no país. No entanto, com o estabelecimento do regime pouco havia mudado em termos de investimentos em obras públicas que favorecessem a população em geral – em especial a camponesa. Havia a compreensão de que o governo era recém inaugurado, contudo, algumas medidas políticas não se fizeram tardar como a disposição de navios para servirem de prisão. Por que então as obras tão importantes para a população tanto demoravam?

A resposta não é fácil de ser encontrada, mas, na crônica intitulada “O Grande Desafio”, de 22 de agosto de 1964, a autora aprofunda a questão discutida na crônica anterior, “Carta ao Ministro da Viação”, de 30 de maio de 1964: a preocupação com investimentos na região.

Vive-se no interior do Brasil com pouca diferença do que se vivia cem anos atrás. Sem conhecer governo. E mesmo quando este se faz presente em grandes obras – como uma importante barragem ou uma usina hidrelétrica – forma-se em torno dela uma linha urbana na desolação do interior e os benefícios que poderiam advir da obra se circunscrevem a um pequeno círculo ao seu redor. A poucos quilômetros da Usina de Paulo Afonso fica o mais agreste sertão baiano, tão intocado e mais despovoado do que no tempo da Guerra de Canudos. Em S. Paulo, o multimilionário S. Paulo, em algumas das suas zonas do litoral, ou nos trechos mais exaustos do Vale do Paraíba, não se acredita estar em território paulista, tanta é a pobreza, tanto é o atraso local. Imagine-se agora o que não serão o extremo Norte e as Zonas fronteiriças do Norte e Nordeste.⁴⁹⁰

Mais uma vez, a cronista usa seu espaço na literatura nacional para aprofundar uma importante premissa: a de que o desenvolvimento de um povo não se faz só com ferro e concreto. De nada adianta uma obra monumental, como a usina hidrelétrica de Paulo Afonso (BA) – apesar de sua inegável contribuição para a ampliação das redes de energia que sustentam a infraestrutura e os investimentos em comércio, indústria e mesmo

⁴⁹⁰ Idem. “O Grande Desafio”. op cit, 22/08/1964, p. 130.

habitação – se esta obra não vier também acompanhada de outras medidas de superação dos problemas, tal o grau de abandono daqueles que habitam o derredor da usina.

Os desafios encontrados por aquelas populações são relacionados especialmente à luta para que os governantes compreendam que a vida humana não se resume à existência enquanto seres biológicos. Como condição inerente à vida humana em sociedades constituídas aparece a necessidade de habitação, escola, hospitais, lazer:

Sim, é em solidão e abandono que o homem do interior nasce, cresce, procria, trabalha e morre. Começa que nem existe como cidadão, porque desconhece o registro civil. (...). Menino não se vacina contra nada, pode rebentar de verme e comer terra – o maior trato que lhe dão é um bento no pescoço. Alimenta-se com os mais rudes frutos da terra (...). Chega à idade escolar, não tem escola para ir e cresce analfabeto. Talvez aprendesse alguma coisa no quartel. Mas o serviço militar comodamente “dispensa” os rapazes do campo. (...)

Analfabeto, o brasileiro não é eleitor, e continua a não ter direitos civis, como um criminoso político. E como não se registrou, não se casa no civil – as duas cerimônias são caras e a do padre “é a que vale”. Se adocece, morre à mingua, tomando xaropadas e chás de raiz(...). Aos vinte anos começa a perder os dentes, porque mais inacessível que o médico é o dentista. E morto, continua no seu anonimato, porque não lhe dão atestado de óbito e se enterra como Deus é servido, sem sequer a encomendação de padre.⁴⁹¹

Resolver o problema da seca, longe de simplesmente abastecer de água, engloba também desencadear toda uma rede de ocupação e gestão do território com políticas públicas efetivas até então impensáveis para o Nordeste. O desafio que se impõe é incorporar o sertanejo, tal qual ele precisa e merece, no contexto da estrutura adotada tanto pelas políticas públicas quanto pela iniciativa privada nos grandes centros urbanos país afora⁴⁹².

A autora destaca que a ajuda oficial se encaminha. Todavia, longe de ser o que se divulga nas mídias:

⁴⁹¹ Idem. Ibidem.

⁴⁹² ALBUQUERQUE, D. M. de. op cit.

(...) só a recebem os políticos de prestígio – os que se beneficiam das rodovias traçadas para valorizar suas terras, dos açudes e os poços profundos para as irrigar, da maquinaria do Governo para as desbastar e cultivar. Os ricos touros para lhes melhorar os rebanhos. As sementes importadas, o inacessível arame, os adubos, os implementos caros. Tudo vai apenas para o coronel, o deputado, o governador, o ministro, o presidente – como se isso fosse um imenso país de Trujillos.⁴⁹³

Em “Ceará Industrial”, de 23 de janeiro de 1965, aprofundando o pensamento anteriormente defendido no texto “O Grande Desafio”, a cronista agora apelava para que a iniciativa privada atuasse política e financeiramente na região Nordeste. Para a autora, relegado à condição de produtor agrícola, o Nordeste exercia uma atividade eminentemente inadequada ao sertão, porque os gastos com os investimentos na seca e na chuva superam os lucros, além da condição inóspita do terreno para tal exercício.

As providências realmente salvadoras seriam as medidas de longo alcance: a continuação da indispensável açudagem, a irrigação, o armazenamento, a silagem, a difusão da lavoura seca, etc.; e acima de tudo, a gradual conversão do Nordeste de região basicamente agrícola (atividade para a qual é notoriamente inadequada) em região industrial.⁴⁹⁴

Além da perspectiva de aproveitamento do espaço, para o estabelecimento de parques industriais, a discussão proposta pela autora ainda levanta outras questões, como o fato de que as instituições do Estado estariam abrindo frentes para facilitar a chegada dos empreendimentos, como o funcionamento da usina hidrelétrica, a isenção de impostos. Para Rachel, cumpre ainda valorizar o que a terra tem de mais precioso: sua gente.

(...) precioso potencial de mão de obra que lá está a espera de aproveitamento. Não sou eu quem o diz, é fato notório, o cearense, como em geral o nordestino, é um artesão nato, e como tal basta-lhe um mínimo de aprendizado técnico para se tornar excelente operário

⁴⁹³ Idem. *Ibidem*.

⁴⁹⁴ Idem. “Ceará Industrial”. *op cit*, 23/01/1965, p. 114.

especializado. Dotado de grande habilidade e inteligência, é curioso, interessado, de grande capacidade de improvisação e inventiva. Até dói ver aquela gente tão dotada, entregue ao grosseiro labor que é a sua agricultura primitiva, por imposição de pobreza, quando a sua capacidade inata lhe poderia abrir outros horizontes.⁴⁹⁵

Sem dúvida, sua postura política está alinhada à defesa da propriedade. Apesar de ter seu passado ligado ao PCB, Rachel era herdeira de uma família de alta classe cearense e preconizava, em seus textos, o valor do trabalho, do emprego, da propriedade e do capital. Não há referência a uma revolução social em que homens do campo, operários ou demais camadas aliadas do poder se fizessem preponderantes e subjugassem os grupos hegemônicos existentes. Olhando a fundo, seu discurso segue e tenta “abrir os olhos” dos grupos que estão no poder para que se evite, exatamente, a grita popular.

A jornalista encosta na parede os empresários, apontando que os problemas do Nordeste não são apenas responsabilidade do governo, mas sim de todos. Com isso, apresenta uma proposta de “toma-lá-dá-cá”, na qual todos sairiam ganhando:

Senhores, vocês aqui do Sul são os aristocratas, os milionários, a locomotiva que puxa os vagões vazios; nós lá somos os pobrezinhos, os subdesenvolvidos. Mas pertencemos todos ao mesmo corpo nacional, e vocês não conseguirão se libertar do atraso e da pobreza enquanto não nos tirarem da nossa pobreza maior. Ajudem o Ceará, ajudem o Nordeste – e nós os ajudaremos. Deem-nos o que ganhar, ensinem-nos a aproveitar nossas riquezas que se escondem debaixo da terra ou desaparecem por cima dela – e a riqueza maior de todas é o homem. Que passa fome e anda nu e poderia viver farto e rico – se vocês quisessem.⁴⁹⁶

“Brejo e Sertão”, crônica publicada em 16 de setembro de 1967, apesar de trazer uma perspectiva territorial diferenciada para o Nordeste, aprofunda ainda mais as discussões sobre as condições de vida entre as populações nordestinas.

⁴⁹⁵ Idem. Ibidem.

⁴⁹⁶ Idem. Ibidem.

Se, para as outras regiões do país, o semiárido é imagem referência da região⁴⁹⁷, para os habitantes dali o Nordeste não é uniforme, homogêneo, ou mesmo portador de identidade fechada. Os moradores dos estados que compõem aquela região, muitas vezes confundidos em seu sotaque com os vizinhos, fazem questão de marcar suas peculiaridades culturais – que se traduzem em uma melhor ou pior possibilidade de acesso aos meios necessários para o gozo de seus direitos sociais e políticos. Compreender as diferenças ajuda a promover políticas públicas que efetivamente sejam adequadas às demandas prioritárias em cada caso.

A questão do subdesenvolvimento e miséria do Nordeste, que tão justamente impressiona a opinião nacional (...) tem sido – segundo me parece – muito mal apresentada sob certos aspectos básicos. Quando se escuta falar no Nordeste e sua explosiva miséria, sua situação de barril de pólvora já com mecha acesa, situação que, ou é remediada ou estoura, (...) se referem especificamente à ZONA CANAVIEIRA (...), aquela faixa de litoral que vai da Paraíba às Alagoas, e onde se situam os grandes canaviais e usinas de açúcar.⁴⁹⁸

Nesse espaço, segundo a escritora, é grande o abismo que separa a qualidade de vida dos grandes usineiros, daquela vivenciada pelos paupérrimos operários que habitam choças, palafitas e demais moradias insalubres no que se costumou chamar – pejorativamente ainda segundo Rachel – de “brejos”. Em oposição, o território do “sertão”, cuja qualidade de vida dos pobres moradores continua insatisfatória e apresenta outras facetas:

Esse quadro assustador [refere-se às casas insalubres, crianças desnutridas, famílias em desespero], que tão justamente impressiona os estudiosos, é um quadro característico da zona do brejo. Do sertão, nunca.

Claro que não estou querendo dizer que o sertão seja nenhum paraíso. Lá também há fome, pobreza, embora pouca doença. Mas é uma pobreza mais limpa, mais enxuta, menos premente e desesperada.⁴⁹⁹

⁴⁹⁷ ALBUQUERQUE, D. M. de. op cit.

⁴⁹⁸ Idem. “Brejo e Sertão”. op cit, 16/09/1967, p. 156.

⁴⁹⁹ Idem. Ibidem.

Amenizando a situação de miséria no sertão – seu berço de nascimento – Rachel revela a ausência do contraste entre o rico e o pobre ali. Coisa que aparece como já dito, com muito mais ênfase, no brejo. A crônica continua distinguindo brejo e sertão, do ponto de vista dos diferentes tipos de pobreza:

O problema do sertão é, digamos, técnico, o problema do brejo é acima de tudo social. Um, o sertão, é pobre, e dificilmente chegará a rico. O outro é rico, ou seria se uma justa política social lhe corrigisse as distorções. Para estabelecer melhor a diferença, basta dizer que a zona canaveira é por definição território agrícola, tendo, numa agricultura progressista e socialmente justa, o seu melhor futuro. A zona semi-árida do sertão só é agrícola à força, por que a gente de lá não tem recursos para fazer outra coisa. Mas seu futuro estará na industrialização, com a energia de Paulo Afonso ou das grandes barragens; ou na mineração do seu falado “rico subsolo”.⁵⁰⁰

O que chama a atenção nesse texto é a preocupação em retirar a responsabilidade pela pobreza do sertão dos grandes proprietários de terra, ao dizer que há ali uma “agricultura progressista e socialmente justa”. No entanto, sabe-se que assim como os usineiros do litoral, os latifundiários possuem grande soma de capital e não investem na região⁵⁰¹.

Em “Brejo e Sertão”, a partir da visão da autora, parece-nos que a *vantagem* de ser pobre no sertão está associada à possibilidade de o governo entrar com recursos, como a construção da usina de Paulo Afonso (BA) e promover o progresso do povo. Já para os habitantes do litoral, não. Estariam à mercê dos investimentos de usineiros que nunca efetivam seu apoio financeiro à região, apesar de localizarem-se em um meio rico em produção e circulação de capital.

Continuando com a comparação entre sertão e brejo, a crônica “Seca e Trabalho”, publicada em 18 de agosto de 1970, aprofunda a mesma diferenciação proposta no texto

⁵⁰⁰ Idem. Ibidem.

⁵⁰¹ Provavelmente a sua origem ligada aos proprietários de terra no Ceará a levassem a manter seu posicionamento orientado para o conservadorismo e para a defesa dos donos latifundiários no sertão, como discute Guerellus. Cf. GUERELLUS, N de S. op cit, 2015.

anterior. Sertão *versus* brejo competem em uma disputa de misérias. Quem a teria em maior vulto?

Para a autora, a vitória, no assunto miséria maior, é do litoral e não do semiárido.

Ao contrário do que consta nas estatísticas perfunctórias ou demagógicas, o sertão do Nordeste, em épocas normais, é terra onde se morre muito pouco. Ali o povo é magro, (...), mas sadio. (...). Onde, porém se morre muito, onde a mortalidade infantil, sobretudo, representa taxa altíssima, é nos canaviais da zona açucareira nordestina. Mas isso não é sertão, é brejo.⁵⁰²

Alteram-se, no entanto, essas boas perspectivas de vida do sertanejo, de acordo com a visão expressa por Rachel em seu texto, quando de tempos em tempos frentes de trabalho são abertas pelo governo:

As excelentes condições sanitárias do sertão se alteram contudo, quando, como agora, surge um período de calamidade; as populações sertanejas precisam se deslocar dos seus lares para os acampamentos improvisados, junto aos locais de trabalho criados pelo governo. (...) Pois nesses ajuntamentos formados à beira das obras, reúnem-se milheiros de famílias mal comidas, mal vestidas, dormindo ao relento ou em barracos improvisados, bebendo água de cacimbas contaminadas ou, quando nem essa água existe, bebendo água trazida de longe, em pipas.⁵⁰³

Apresentando severas críticas ao modelo de trabalho adotado pelo governo⁵⁰⁴ para suprir as demandas dos sertanejos em época de seca, a autora prossegue levantando questionamentos impensáveis para o período em questão. É em pleno “Milagre Econômico” que Rachel aponta milhares de mortes nas condições de trabalho oferecidas. Imaginamos que, por causa das limitações da censura, o censo citado nas crônicas é de 1932 e aponta 30.000 mortos em Choró (CE). Contudo, considera que em sua

⁵⁰² QUEIROZ, R. de. “Seca e Trabalho”. op cit, 18/08/1970, p. 146.

⁵⁰³ Idem. Ibidem.

⁵⁰⁴ As críticas também aparecem na obra *Soldados da Borracha*, no qual Veronica Secreto discute a imigração de sertanejos do semiárido nordestino, especialmente do Ceará, como força de trabalho na extração da borracha na floresta. Cf. SECRETO, M. V. op cit.

contemporaneidade possa haver 60.000 pessoas morando em aglomerados como os descritos no texto. O que nos leva a uma perspectiva não muito longe daqueles 30.000 mortos de 1932. Para Rachel,

É dessas concentrações que o sertanejo tem medo. Ele tem a dura experiência na sua carne, não se esquece do que passou em mortos, nas grandes obras das secas passadas. (...) E fica então sujeito ao dilema doloroso: ou não procura o trabalho do governo e morre de penúria, junto com a família, ou vai sozinho para as frentes, deixando em casa mulher e filhos.⁵⁰⁵

Analisando esse pequeno fragmento, o discurso posto em relevo por Rachel é de que, enquanto as políticas públicas e a iniciativa privada renegarem o trabalhador, a consolidação do Brasil enquanto nação não se processará.

Observando as fontes, há alguns indicativos de que o espelho usado para delinear um projeto de nação está refletindo o modelo nacional desenvolvimentista estabelecido desde 1955⁵⁰⁶. Seguindo essa linha, Rachel transparece em seus textos que o nacional desenvolvimentismo depende da atuação em conjunto de instâncias políticas, sociais, empresariais.

Chegamos à derradeira questão: após compilar seus projetos, referências intelectuais, ideológicas e profissionais, que imagens de si a autora nos apresenta? Suas inserções filosóficas são mais uma contribuição para esse trabalho de compreensão de seus posicionamentos políticos.

4.3 Filosofias de Vida

E, assim, dentro de cada um de nós, a gente procurando sempre encontra os perfis superpostos, encartados um por dentro do outro, sem se misturarem. É só saber como esgaravatar que você descobrirá fácil no sentencioso senhor de cinquenta anos o inseguro pai de família principiante que ele foi aos trinta anos ou o belo atleta descuidado que foi ele aos dezoito. Ali está cada um, aparentemente esquecido mas incólume. E estanques todos. Porque um não penetra no outro e

⁵⁰⁵ QUEIROZ, R. de. “Seca e Trabalho”. op cit, 18/08/1970, p. 146.

⁵⁰⁶ MENDONÇA, Sônia R. de; FONTES, Virgínia M^a. op cit, p. 22.

aparentemente um não tem o mínimo em comum com o outro; nem sequer influi no outro – as mais das vezes são antípodas e adversários.⁵⁰⁷

O documento acima nos permite refletir sobre o enigma posto no início desse capítulo pela própria Rachel de Queiroz: “E serei eu todas elas?”, ao se referir às experiências de vida de cada uma das pessoas. Dentro de um misto de memórias; identidades; valores; experiências; deslocamentos e projetos nós residimos: nossa porção particular dentro da coletividade que nos arroteia⁵⁰⁸. O tempo e o espaço nos perpassam, atravessando nossas trajetórias de vida e nos modificando – assim como nós igualmente os transformamos.

Nessa caminhada, acumulamos coisas:

Gadgets. Máquinas. Isso é a suprema aspiração do homem da sociedade de consumo. A descoberta da prestação me permite adquirir todas as maquininhas que supostamente devem fazer tudo em lugar dele; que lhe enriqueçam a vida com música, imagens, informação, arte; que proporcionem um meio ambiente artificial e ameno sem as agressões do ambiente natural.⁵⁰⁹

Consumismo e ícones do progresso e do desenvolvimento econômico que, embora almejados pela sociedade brasileira e propagandeados inclusive pelos militares⁵¹⁰, são alvo da mais fervorosa resistência de nossa jornalista, seguida por alguns nomes como José Cândido de Carvalho e Herberto Sales:

Não gostamos de máquinas – desde a máquina motor de explosão à máquina submarino atômico. Não gostamos de cidades grandes, nem suas pompas, nem suas obras. Seus altos edifícios, feitos inteiramente fora da escala da pessoa humana, suas avenidas destinadas unicamente ao tráfego alucinado dos monstros de rodas, seus viadutos, seus bilhões de estúpidas toneladas de cimento, seus outros bilhões de igualmente

⁵⁰⁷ QUEIROZ, R. de. “Águas Passadas”. op cit.

⁵⁰⁸ HELLER, Agnes. op cit, pp. 20-21.

⁵⁰⁹ QUEIROZ, R. de. “Tempos Modernos”. op cit, 26/06/1974, p. 114.

⁵¹⁰ CARVALHO, A. op cit.

estúpidas toneladas de asfalto. Sua falta de árvore, de flor, de passarinho. Sua robotização progressiva e inexorável.⁵¹¹

A vida em sociedade exige sacrifícios de todos os seus contemporâneos, em nome desse desenvolvimento descrito no fragmento da crônica acima. Ritualizam-se cenas de convívio, dentro do imaginário social⁵¹², e o pertencimento a determinada parcela da coletividade passa a ser demarcado, por exemplo, pela posse de itens de consumo. Percalços esses destacados pela autora:

A gente aperta o cinto, paga um imposto desgraçado, engole inflação, deflação, abre mão do supérfluo em benefício da exportação, submete-se a toda espécie de vexames fiscais que a civilização ocidental inventou para garantir a marcha do seu progresso –, bem, mas as futuras gerações irão viver a era da abundância e do desenvolvimento, serão ditosos membros de uma “afluente” Grande Sociedade brasileira.⁵¹³

Fazendo uma crítica velada aos problemas existentes em sua contemporaneidade, mesmo após dez anos do estabelecimento da ditadura militar⁵¹⁴, tão festejada por Rachel, encontramos aspectos de descontentamento da autora. O progresso almejado lhe sai muito mais caro, pois parece nas pesadas condições que a vida lhe apresenta para que apenas gerações vindouras possam usufruir das benesses sociais propagandeadas pelo sistema. Oferece, como contraste, a vida rural que tanto lhe apraz:

A máquina de morar reduz-se a simples abrigo contra intempéries – paredes de taipa, teto de telha-vã (ou de palha), chão de terra batida. O fogão de jirau, o pote da água, a lamparina, a rede de dormir. A facapeixeira que é utensílio de mesa e cozinha e arma de ataque e defesa.

⁵¹¹ QUEIROZ, R. de. “SPCCMM”. op cit, 28/08/1974, p.82.

⁵¹² BACZKO, B. op cit.

⁵¹³ QUEIROZ, R. de. “Geração”. op cit, 4/4/1973, p. 130.

⁵¹⁴ Esse ano de 1974 é marcado por vários eventos emblemáticos. Um desses é a comemoração dos 10 anos do regime militar, festejado nas páginas de vários jornais e revistas. Outra é a lembrança dos 20 anos da morte de Getúlio Vargas, a quem a ABI homenageia abertamente, segundo Denise Rollemberg, apesar de uma das faces conhecidas de Vargas ser a de ditador e da ABI arrogar-se a imagem de baluarte contra a ditadura. Tem início nesse ano também o desmonte da revista *O Cruzeiro* que, afundada em dívidas, foi fragmentada e vendida a vários empresários da cadeia dos DA. Cf. ROLLEMBERG, D. op cit; NETTO, A. op cit.

Uns pratos, duas colheres, um caneco, dois tamboretos. O grande luzo é a mesa de três palmos encostada à parede da sala.⁵¹⁵

Da simplicidade à felicidade. Passada a sua jornada diária, encontrar conforto e tranquilidade, segurança e prazer. Seria possível encontrar contentamento, alegria, felicidade à altura dos seus mais de 60 anos?

E o que será realmente a condição de felicidade, ou prazer continuado, para uma senhora – a velha senhora? Digamos, não um mês ou um ano, mas um dia feliz?

(...)

Então digamos, acordar cedo espontaneamente. Olhar pela janela o sol já claro, mas ainda não quente. (...) Abluções, robe – e aí chega a hora verdadeiramente feliz do dia todo que é esperada com um suspiro de antecipação. Um gole de café preto, um cigarro e, dobrados junto à poltrona da sala, inviolados, cheirando a tinta – os jornais do dia.⁵¹⁶

Mais uma vez, sinalizando que o prazer da vida está nas pequenas coisas. Uma casa simples, uma vida rústica, pouco consumo. Da mocidade, queria a força:

Pois eu, de mim já digo que me trocava por qualquer uma com vários quilos e vários achaques a menos. Imagina! Poder nadar de novo de mar a fora, lá para além da arrebentação (...) com aquele belo, aquele inimitável fôlego de tempos de dantes!

(...)

Queria era o poder da mocidade, a força da mocidade, mas sem o ônus da mocidade, sem o compromisso de viver mais tantos e tantos anos.⁵¹⁷

Convocada a discursar sobre sua vida e obra, ela ainda procurava deixar bem claro que as suas ações da mocidade já foram devidamente “pagas” ao longo de sua vida:

Era essa a mocinha que escreveu O Quinze e responsável por ele, e pelos seus ingênuos desabafos de principiante da vida e do ofício. E

⁵¹⁵ Idem. “Tempos Modernos”. op cit.

⁵¹⁶ Idem. “Dia Feliz”. op cit, 02/06/1971, p. 130.

⁵¹⁷ Idem. “Mil novecentos e setenta e um”. op cit, p.130.

quem é a velha senhora que vocês enganadamente chamam a dar testemunho? Que tem ela em comum (...) com a insolente rapariga que, quarenta anos atrás, ia ajudar a reformar o mundo?

A velha devorou a moça!⁵¹⁸

Contraditoriedades à parte, envelhecer também não lhe parecia ser tão problemático:

Hoje li umas palavras sábias ditas por quem menos se esperaria – Brigitte Bardot. Declara a estrela que não tem medo da velhice, que “envelhecer não me angustia, que é bonito uma senhora de idade com cabelos brancos; as mulheres deveriam aceitar envelhecer e uma mulher de idade que tem aparência de avó é muito mais bonita que uma mulher de idade esticada, tingida, colorida e maquilada”.

Essa também tem sido a minha tese, mas não é uma tese geralmente aceita.⁵¹⁹

Avançar no tempo significa avançar na idade. Idosos, velhos, antigos. Seja qual for a nomenclatura, Rachel começa a pregar em seus escritos a conformidade com o que lhe cerca, diferente do que argumenta na crônica “A Arte de Ficar Velho”⁵²⁰, de 1965, em que defende que envelhecer é reinventar-se, ao contrário de conformar-se simplesmente. Diminuir o consumo, a alimentação, cultivar antigas amizades:

Pode haver nada mais confortável neste mundo do que um amigo velho? Não tem surpresas conosco, mas também não espera de nós o que não podemos dar. Não se escandaliza com o que fazemos (...). Não precisa a gente lhe explicar nada, o mecanismo de novos interesses e até mesmo de novos amores, porque o velho amigo conhece todos os nossos mecanismos. (...) Se ele é testemunha nossa, nós somos testemunhas dele. Se ele está pronto a tudo entender e a praticamente perdoar tudo – nós, também, em relação a ele, tudo entendemos e tudo perdoamos.⁵²¹

⁵¹⁸ Idem. “Carta aos alunos e mestres(...)”. op cit, p.146.

⁵¹⁹ Idem. “Velho & Velhice”. op cit, 10/04/1974, p. 114.

⁵²⁰ Idem. “A arte de Ficar Velho”. op cit, 27/11/1965, p. 114.

⁵²¹ Idem. “Amigos”. op cit, 08/01/1975, p. 82.

Nascer, crescer, reproduzir, envelhecer, morrer. Ordenação biológica do corpo vivo, experimentada já em sua quarta fase por Rachel, que passa a figurar nas crônicas dos anos de 1972 em diante. São cerca de 10 textos em que a autora menciona sua velhice, adoecimento de amigos e conhecidos, enfim, põe-se a pensar sobre a cercania da morte – dela mesma e de contemporâneos seus. Sonhava em viver e morrer com dignidade e argumentava:

Os americanos iniciam agora um movimento contra esses excessos [uso de aparelhos hospitalares prolongando a sobrevivência de doentes terminais] usando o slogan “Morrer com dignidade”; e isso muito me apraz, porque morrer livre das indignidades da última hora é reivindicação minha já de muitos anos. Em escritos, em conversas, em pedidos à família, venho rogando: não deixem que os médicos atrapalhem a minha morte. Na hora em que ficar desenganada – parem com tudo, pelo amor de Deus. Salvo alguma morfina amiga contra as dores, se virem fortes, ou outra ajuda assim misericordiosa, par ao conforto do trespasse.⁵²²

Depois da doença, a morte. Destino de todos os seres vivos, o perecimento do corpo humano também não escapou aos olhos da escritora. Várias são as fontes em que trata da morte. Seja como passagem, seja como suspiro derradeiro e final da existência humana.

Meu amigo Afrânio Soares faz uma enquete sobre incineração de mortos e eu lhe pirateio a ideia, porque esse assunto de queima de defunto sempre foi muito da minha predileção.

(...)

Por mim, não quero outro destino para esta fatigada carcaça. Joguem a cinza pelo mundo, porque o mundo todo eu amei; e talvez algum punhadinho seja levado pelo vento até ao Ceará.⁵²³

⁵²² Idem. “Morrer com Dignidade”. op cit, 09/01/1974, p. 122.

⁵²³ Idem. “O Pó ao Pó”. op cit, 25/04/1973, p. 130.

Preocupada crescentemente com seu fim, a autora cria alegorias para a sua morte. A morte da autora, da mulher, da mãe, da jornalista. De sua passagem pela terra, nos deixa a seguinte imagem:

Não era um pesadelo, não dava angústia nem medo, mas sonhei que estava morta. Creio que morta de muito, podia dizer mumificada, mas não: estava era como que transformada em terra, tendo de gente apenas a forma e essa mesmo se desfazendo aos poucos. Virada numa espécie de estátua de barro e areia, jogada numa elevação nua do solo, num leito de seixos miúdos, sem lhes sentir contido as asperezas, porque afinal a nossa substância, a dos seixos e a minha, era quase a mesma. Exposta ao sol e à chuva, os cabelos eram como ervas secas, com as raízes mais secas ainda se afundando no crânio argiloso, os braços da terra dura atirados em cruz, as pontas dos dedos se esfarinhando, o nariz, as orelhas, começando a se esbeçar. Dentro do peito oco uma pedra jazia de encontro à espinha terrosa – e aquela pedra era o meu coração.⁵²⁴

Calcados na premissa de que a realidade é histórica e culturalmente construída⁵²⁵, estivemos imersos em algumas das visões deixadas pela escritora, cronista, jornalista multifacetada, Rachel de Queiroz.

Em sua imagem derradeira, termina sua contribuição comparando seu coração a uma pedra. Seu corpo seco como o sertão. Sua carne se esfarelando como as cinzas após a cremação por ela demandada no momento de seu desencarne.

Paralelamente a essa descrição de seu desenlace carnal, nas páginas da revista, a morte de Rachel enquanto colaboradora pode ser percebida em duas imagens do expediente de *O Cruzeiro*, do ano de 1975. A primeira conta com a colaboração de Rachel. A segunda, não mais:

⁵²⁴ QUEIROZ, R. de. “Um Sonho”. op cit, 27/11/1974, p. 82.

⁵²⁵ BURKE, P. op cit.

Pereira, Gerardo Romarico, Robinson de Farias, Wanderley Lopes, Jorge Segundo, Rubens Américo, Ayrton Quaresma, Gilberto do Vale, Jankiel Gonczarowska, Masaomi Mochizuki, Paulo Cordeiro, Tânia Mara, Fernando Calmon, Cleto Oliveira, Fredy Milanesi, Berilo Dantas, Renato Kloes, Roberto Valença, Dino Américo Aguiar e Irineu Barreto Filho.

DEPARTAMENTO DE TEXTO: Antônio Nogueira Machado, Ary Vasconcelos e Washington Pombo Veiga.

PESQUISA: Manoel Aristarcho (chefe).

ARTE: J. A. de Barros, Jesus José da Costa, José da Rocha Pereira, Jorge Albino, Euclides Galdino, Manoel Tenreiro e Willy.

REVISÃO: João Octávio Facundo Bezerra (chefe).

DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO: Maria José Reis Pereira (chefe).

COLABORADORES: Rachel de Queiroz, Thereza de Paula Penna, Amilde Pedrosa, Alceu Penna, Nehemias Gueiros, Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Pedro Lima, Edith Pinheiro Guimarães, Odorico Tavares, Omar Cardoso, Edmar Morel, Rosa Maria de Barros Carvalho, Tavares de Miranda, Zilda Brandão, Tumminelli e Jozrez Odilon.

SUCURSAIS

São Paulo — Diretores: Arlindo Silva e Amílcar Mercadante Leite do Cantô. Redação: Sete de Abril, 230, 9.º andar. Telefone 34-6945. Publicidade: Telefone 32-0217 (São Paulo). Minas Gerais — Diretor: Eugênio Silva. Rua Goltcases, 15/715. Telefones 24-0137 e 24-4551 (Belo Horizonte). Brasília — Conjunto Nacional de Brasília, L. 35. Telefone 42-3767. Região Nordeste — Av. Cruz Cabugá, 394 — 1.º andar. Telefone 21-0747 (Recife). Rio Grande do Sul — Diretor: Evaristo Cardoso. Av. Júlio de Castilhos, 440, 5.º andar, conjunto 52 (Porto Alegre). Região Leste (Bahia, Sergipe e Alagoas) — Cleto Oliveira (interino). Avenida Sete de Setembro, 119, 5.º andar. Telefones 3-0451 e 3-1902 (Salvador).

CORRESPONDENTE — Lisboa: Margarida Sarda Sá Borges. Avenida Antônio Augusto de Aguiar, 150-F, 2.º Direito.

REPRESENTANTES — EUA — M & Z Representatives. 112 Ferry St. — Newark, 07105, N.J. PORTUGAL — Livraria Bertrand SARL. Apartado 37, Amadora. ARGENTINA — Jalro Monteiro. Calle Cuenca, n.º 70 — Villa Lynch, San Martín (Buenos Aires).

Redação e Administração:

Rua do Livramento, 189/203, Rio de Janeiro. Telefone: 243-4977 — Publicidade: 243-7293 e 243-7073. Endereço telegráfico: **Constelação**.

Assinatura anual: Cr\$ 416,00

Ilustração 12: Expediente com a colaboração de Rachel de Queiroz. *O Cruzeiro*. 12/03/1975.

Editor de Texto Antônio Nogueira Machado
Editor de Fotografia Helmut Otto Hanke
Coordenador de Produção Valentino Lo Bianco

REPÓRTERES: Indalécio Wanderley, Ubiratan de Lemos, Jorge Audi Mário de Moraes, Geraldo Viola, Afrânio Brasil Soares, Glauco Carneiro, Miguel Ângelo M. Gonçalves, Fernando Seixas, Tobias Granja, Joarez Ferreira, Geraldo Romualdo, Robson de Freitas, Wanderley Lopes, Jorge Segundo, Rubens Américo, Ayrton Quaresma, Gilberto do Vale, Jankiel Gonczarowska, Masaomi Mochizuki, Paulo Cordeiro, Tânia Mara, Fernando Calmon, Cleto Oliveira, Fredy Milanesi, Berilo Dantas, Renato Kloss, Roberto Valença, Dino Américo Aguiar e Irineu Barreto Filho.

DEPARTAMENTO DE TEXTO: Antônio Nogueira Machado, Ary Vasconcelos e Washington Pombo Veiga

PESQUISA: Manoel Aristarcho (chefe).

ARTE: J. A. de Barros, Jesus José da Costa, José da Rocha Pereira, Jorge Albino, Euclides Galdino, Manoel Tenreiro e Wiliv

REVISÃO: João Octávio Facundo Bezerra (chefe).

DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO: Maria José Reis Pereira (chefe).

COLABORADORES: Thereza de Paula Penna, Amilde Pedrosa, Alceu Penna, Nehemias Gueiros, Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Pedro Lima, Edith Pinheiro Guimarães, Odorico Tavares, Omar Cardoso, Edmar Morel, Rosa Maria de Barros Carvalho, Tavares de Miranda, Zilda Brandão, Tumminelli e Juárez Odilon.

DEPARTAMENTO DE REPORTAGENS ESPECIAIS: Murilo Gondim

COORDENAÇÃO: Eugênio Sampaio

SUCURSAIS

São Paulo — Diretores: Arlindo Silva e Amílcar Mercadante Leite do Canto, Redação: Sete de Abril, 230, 9.º andar, Telefone 34-6945. Publicidade: Telefone 32-0217 (São Paulo). Minas Gerais — Diretor: Eugênio Silva, Rua Goitacases, 15/715, Telefones 24-0137 e 24-4551 (Belo Horizonte). Brasília — Conjunto Nacional de Brasília, L. 35, Telefone 42-3767. Região Nordeste — Cleto Oliveira, Av. Cruz Cabugá, 394 — 1.º andar, Telefone 21-0747 (Recife). Rio Grande do Sul — Evaristo Cardoso, Av. Júlio de Castilhos, 440, 5.º andar, conjunto 52 (Porto Alegre). Região Leste (Bahia, Sergipe e Alagoas) — Paulo Cordeiro, Avenida Sete de Setembro, 119, 5.º andar, Telefones 3-0451 e 3-1902 (Salvador).

CORRESPONDENTE — Lisboa: Margarida Sarda Sá Borges, Avenida António Augusto de Aguiar, 150-F, 2.º Direito

REPRESENTANTES — EUA — M & Z Representatives, 112 Ferry St. — Newark, 07105, N.J. PORTUGAL — Livraria Bertrand SARL, Apartado 37, Amadora. ARGENTINA — Jairo Monteiro, Calle Cuenca, n.º 70 — Villa Lynch, San Martín (Buenos Aires)

Redação e Administração:

Rua do Livramento, 189/203, Rio de Janeiro, Telefone: 243-4977 — Publicidade: 243-7293 e 243-7073. Endereço telegráfico: **Constelação**.

Assinatura anual: Cr\$ 416,00

Reg. do D.P.F., sob n.º 586-P 209/73

PROPRIEDADE DA EMPRESA
GRÁFICA "O CRUZEIRO" S.A.

Ilustração 13: Expediente da revista sem a constar a colaboração de Rachel de Queiroz. *O Cruzeiro*, 23/04/1975.

Passamos pelos olhares construídos sobre ela mesma; sobre suas visões políticas e sobre os seus projetos de nação, se é que assim podemos designar as ideias atribuídas por ela ao governo militar ou quem sabe, suas propostas para a Nação. Esse movimento culmina em uma descrição dela sobre sua própria morte e com as imagens do expediente do periódico indicando seu desligamento da revista, que se deu sem qualquer palavra de despedida ao leitor: tal qual a morte, simplesmente, se foi. Memórias, identidades, ideologias, sempre em baila nesse processo de construção daquela realidade vivida pela autora.

Se em princípio questionava a continuidade do “eu”, ao longo do tempo, termina por aceitar que nós somos os mesmos, apenas transformamos nosso olhar e nossas ações de acordo com a contingência experimentada⁵²⁶.

Daquele envelhecimento que reinventa a pessoa ao tempo que lhe consome, o discurso transforma-se: já não mais caberia lutar pelas mudanças e adaptações, mas sim conformar-se com a realidade alcançada. Sem contestar, a autora agora apregoa que há de se perdoarem os excessos, tanto os dos velhos amigos quanto os seus próprios pelos velhos amigos.

A simplicidade do meio rural em contraposição ao devaneio urbano. Megalópoles são desconstruídas pela autora que se volta ao interior – o dela e o do país – a refletir sobre o fim. Entretanto, sua última página de vida, que só viria a acontecer anos mais tarde, ocorre no Leblon, em 4 de novembro 2003, na rede de sua casa, onde costumava dormir⁵²⁷.

⁵²⁶ ELIAS, N. op cit.

⁵²⁷ GUERELLUS, N. de. S. op cit, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos aos momentos derradeiros de nossa escrita com a sensação de que ainda há muito o que se indagar às fontes. Nossa proposta inicial, de cunho mais cronológico, biográfico e encadeado, deu lugar ao alargamento das análises sobre as crônicas e sobre a revista *O Cruzeiro*. O perigo é que se assumiu o risco da escolha de certos temas e abordagens que, por carências e ausências inerentes ao trabalho de investigação debruçado sobre textos literários e subjetivos, parecem fragmentários, partidos, incompletos. Mas há vários lados positivos.

O primeiro deles é o contato com a escrita racheliana. Preenhe de significados, sua obra é plural. Os desdobramentos das leituras das crônicas são incomensuráveis. A cada novo olhar, o pesquisador encontra outros argumentos e temas em que a atenção da pesquisa precisa de indagações, confirmações e resulta em diferentes construções explicativas para suas questões.

Uma segunda vantagem é a disponibilidade do acervo. Sendo uma revista totalmente microfilmada e em processo de digitalização na FBN, o acesso ao periódico foi bastante facilitado. Encontramos algumas falhas no acervo, entretanto elas puderam ser preenchidas com o acervo da ABI, sem graves transtornos.

Descortinar as informações contidas nas páginas da revista assusta, em um primeiro momento, dada a multiplicidade de assuntos e possibilidades investigativas. O trabalho criterioso de seleção foi muito importante para que não se perdesse o foco das problematizações eleitas a fazerem parte da escrita. No entanto, a cada imagem, artigo ou crônica encontramos solo fértil para discussões sobre as mais variadas facetas da nossa sociedade. Sempre há material para se utilizar e, apesar das ausências, falhas e silêncios, o pesquisador consegue desenvolver boas análises a partir da publicação.

Das questões e objetivos originalmente elencados no projeto de pesquisa, descartamos os diretamente relacionados ao conceito de cidadania. Entretanto, mantivemos os ligados ao conceito de política e ao conceito de cultura. Acrescentamos discussões mais adequadas ao perfil racheliano, relativas a memória, identidades, regionalismos. Desse modo, a partir dos encaminhamentos aqui propostos, pudemos encontrar algumas conclusões interessantes.

Terminamos o primeiro capítulo, **Uma escritora, uma revista, 430 crônicas**, apresentando alguns dos caminhos percorridos por Rachel e por *O Cruzeiro*. Devido ao contexto histórico em que estavam circunscritos, suas condições de produção, as crônicas

escritas discutiam temas ligados aos estrangeiros, ao golpe de 64 e aos sertanejos. O horizonte de possibilidades dos textos ligava-se diretamente aos interesses da linha editorial dos *DA*, mas deixava margem para pequenas transgressões críticas da autora sobre a realidade vivida.

Transitando em meio às negociações de Chateaubriand, para manter a circulação da revista sem maiores entraves, *O Cruzeiro* conseguiria manter uma margem de críticas ao regime militar, pelo menos até o ano de 1968. Após esse período, e a morte de *Chatô*, a censura abateu-se sobre o periódico sem, contudo, extinguir de todo as incursões críticas da própria Rachel.

Os olhares da autora voltavam-se para o forasteiro, o estrangeiro em **Caleidoscópios rachelianos: dos apelos estrangeiros à cultura nacional**. Nosso segundo capítulo procurou compreender que visões produzidas pela autora condiziam com as imagens e representações nacionais do momento. Buscamos, com isso, entender suas concepções sobre cultura e identidade nacional, em uma tentativa de desvendar a nós mesmos, brasileiros, por meio da comparação com o outro, estrangeiro. Naquele capítulo, descortinamos o que definimos como nossa *primeira hipótese*: a de que a escritora produziu muito mais do que descrições sobre outras culturas, contribuindo para uma circulação de representações e imagens de consolidação da própria identidade brasileira, por absorver modelos culturais distintos e os traduzir criticamente aos leitores brasileiros, confrontando-os com a própria cultura nacional.

As crônicas abordadas priorizaram revelar as representações que, na concepção da autora, sintetizavam o um *ethos* brasileiro, em contraposição ao vivido e experimentado no mundo afora. Elencamos crônicas sobre os presidentes norte-americanos, a cultura popular, a ONU. Mas também trouxemos textos em que a autora falava sobre a língua nacional, o povo e as tradições populares brasileiras. A censura mais uma vez se fez presente nessa análise, por interferir diretamente nos discursos proferidos pela autora em suas palavras semanais ao público leitor de *O Cruzeiro*. Nesse momento, discutir a censura era também definir as bases de formação da cultura e da intelectualidade no Brasil. Por isso, entra em cena a atuação da escritora como conselheira no CFC. Além de ser uma literata, Rachel fazia parte de um dos aparelhos de Estado da ditadura. Seus pareceres contribuía para permitir ou vetar, eventos, projetos e publicações culturais.

Voltando nosso foco para o interior do Brasil, as crônicas colecionadas em **O nacional em mosaicos: escritas regionalistas**, nosso capítulo três, procuraram distinguir

identidades regionais, expressas pela autora. Tal escolha se justifica pelo fato de Rachel de Queiroz ser considerada, nos cânones da Literatura Brasileira, uma escritora tipicamente regionalista⁵²⁸. Essa caracterização deve-se à preocupação constante em demonstrar imagens do Nordeste, do sertão, do camponês, da fome e da miséria. Todavia, nossa autora parece ir muito além dessa escrita regional. As tramas textuais expressam um impulso latente em conformar uma identidade nacional e integrar as áreas mais distantes do país ao fazer circular símbolos da cultura popular entre os leitores.

Dessa forma, discutimos no terceiro capítulo a *segunda hipótese* delineada para nosso trabalho. Lembrando que essa consistia na ideia de que Rachel teria construído uma visão parcial e fragmentária sobre algumas cidades dentro das regiões brasileiras, atribuindo-lhes valor de unicidade ao tentar forjar uma identidade regional e, por tabela, nacional.

O capítulo quatro, **Últimas páginas de Rachel de Queiroz: multiplicidade na singularidade** pretendeu resgatar a Rachel plural, apenas apontada e esboçada no primeiro capítulo. Suas memórias pessoais, suas opiniões políticas, seus projetos de nação, sua filosofia de vida foram alguns dos aspectos abordados ali. A escolha de uma imagem da capa de uma edição especial, da própria revista *O Cruzeiro*, para iniciar o capítulo seria uma referência da relação intrínseca entre as ações e os discursos políticos de Rachel de Queiroz e o período militar.

Gostaríamos de apontar aqui que nossa *terceira hipótese*, a de que sua trajetória política a teria levado ao conservadorismo devido a sua origem em família tradicional e proprietária de terras, sua desilusão com as propostas socialistas e seu arraigado antigetulismo⁵²⁹, encontra-se discutida ao longo de toda a Tese, e não em um capítulo apenas. Falamos dela ao discutirmos suas influências familiares no capítulo primeiro, mas também exploramos sua concepção anticomunista e antigetulista nos capítulos terceiro e quarto.

Acreditamos que, com esse trabalho, pudemos contribuir para discussões mais amplas concernentes aos estudos sobre histórias de vida – sejam eles biografias ou desenhos de trajetórias de vida – quando mostramos que trajetórias intelectuais são complexas. Percebemos, ao estudar Rachel de Queiroz, que é necessário problematizar

⁵²⁸ ALBUQUERQUE, D. M. de. op cit.

⁵²⁹ O apoio a derrubada de Jango, como veremos adiante, é justificado pela autora por entender aquele político como herdeiro direto de Getúlio Vargas considerando-o parte da “oligarquia varguista-juscelino-janguista que nos consumia há 35 anos”. Cf. QUEIROZ, R. de. “Balanço de Fim de Ano”. op cit, 08/01/1966, p. 114.

narrativas que tendem a enquadrar trajetos de intelectuais em classificações rigorosas sejam políticas, sejam ideológicas. Essas classificações, muitas vezes, não dão conta da complexidade dos processos históricos que envolvem uma vida.

Outra contribuição que procuramos apresentar seria relacionada aos estudos sobre o período militar no Brasil. Ao discutir os posicionamentos ora de adesão e ora de crítica da autora ao governo ditatorial, tentamos demonstrar que esse par dicotômico é reducionista. No caso da nossa intelectual, Rachel de Queiroz, encontramos aspectos que remetem tanto à adesão quanto à crítica ao regime.

Enfim, ao enveredar em estudos sobre os intelectuais, a Tese busca desconstruir a simplificação com que a história literária trabalha a noção de escritores regionalistas. Ao discutir que a reflexão sobre o regional não pode perder de vista a sua relação com o nacional ou mesmo com outros países e outras culturas, buscamos contribuir para ampliar e ressignificar o lugar da chamada escrita regionalista.

Como (pen)últimas palavras, reconhecemos que as questões relativas à participação de Rachel de Queiroz no CFC foram aqui apenas sinalizadas, pois não constituíam-se objetivos centrais desse trabalho. Certamente integrarão outros textos em um futuro próximo. Da mesma forma que as ações de Rachel na ABL e sua relação com a abertura política pós 1979, eventos importantes em sua trajetória pós 75, não estavam nesse projeto. Outra promessa que, possivelmente, será cumprida em breve.

Tomamos assim, por empréstimo, a marca literária de alguns dos romances rachelianos: o leitor tem o poder de refletir e decidir sobre qual caminho seguir para concluir a história. Uma história aberta.

Anexo I

MAPEAMENTO DE ATAS E PARECERES DA REVISTA CULTURA

Cultura. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/MEC. 1968-1970.

N/DATA	OBSERVAÇÕES	PARECER	ATA
Nº14 (ago. 1968)		272º (p.72-73): Rachel nega apoio a publicação de cordel do autor Carolino Leobas. “A primeira vista dir-se-ia que este assunto deveria ser encaminhado ao Instituto Nacional do Livro. Mas depois de um exame da matéria literária que deseja por em livro, parece à Relatora que seria melhor recomendar o arquivamento do processo, pois nada teriam a ganhar as letras nacionais com a publicação em livro da poesia proposta”.	
Nº 16 (out. 1968).			103ª (27/09/1968, p.84): Rachel de Queiroz Coloca-se contra Ariano Suassuna, quando da eleição do parecer em que se suprime o segundo conjunto de estrofes do Hino Nacional (Ela aceita a alteração do Hino). Há pedido dela, para a criação do Dia Nacional da Poesia, pelo grêmio Brasileiro de Trovadores, encaminhado para o CEC-BA. 104ª (21/10/1968, p.88): Rachel manifesta consternação perante a morte de Manuel Bandeira. Publica artigo (19/10) no <i>Jornal do</i>

			<p><i>Commércio</i>, sobre o acontecimento.</p> <p>106^a (23/10/1968, p.94): Rachel comenta a morte de estudante, aluno na escola de D. Marcos Barbosa. Publicou artigo sobre o ocorrido no Jornal do Brasil.</p>
Nº 17(nov. 1968).			<p>111^a (27/11/1968, p.75): Rachel propõe inauguração, no dia 14/11/68, de exposição sobre Machado de Assis, na Biblioteca Nacional.</p> <p>113^a (29/11/1968, p.82): Rachel lê parecer de Irmão Ótão que indica necessidade de reforma da parte elétrica da Biblioteca Nacional.</p>
Nº 18 (dez. 1968)		<p>340^o (15/07/1968, p.162): Rachel se posiciona negativamente sobre o pedido da Centro Cultural de Patos (PB), informa que devem pedir primeiro ao CE-PB o auxílio pretendido.</p> <p>351^o (16/07/1968, p.169): Idem só que para o Centro Cultural José do patrocínio (Caxias-RJ), que deve pedir auxílio primeiro ao CE-RJ.</p>	
Nº 19 (jan. 1969)	Estudos propostos: "Rachel de Queiroz. Escritor Profissional." Por: Gilberto Amado. (P. 34). Elogios sobre Rachel e sua obra.		<p>114^a (2/12/1968, p.69): Rachel coloca-se contra o projeto de lei que restringia cantores estrangeiros no Brasil, por temer</p>

			<p>represálias (Autor: Waldir Simões. Proposta: cada disco estrangeiro deveria possuir um lado exclusivamente com músicas nacionais).</p> <p>Obs.: Traz interessante debate sobre direitos autorais e fomento a obras nacionais e estrangeiras.</p> <p>116ª (4/12/1968, p.74): Rachel manifesta-se a favor de voto por carta para a escolha de presidente do CFC, em caso de ausência do conselheiro no dia da eleição.</p> <p>Obs.: Término do mandato de Josué Montello.</p>
Nº 20 (fev. 1969).	<p>Início do mandato de Arthur Cezar Ferreira Reis, na presidência do CFC.</p> <p>Cita artigo elogioso de Rachel ao livro <i>Jeremias sem Chorar</i>, de Cassiano Ricardo (09/02/69, p. 9).</p>		<p>119ª (28/01/1969, p. 83): Rachel propôs monção de repúdio aos ataques de um jornal contra Rodrigo Mello Franco de Andrade (Por causa de obras no que viria a ser o atual Aterro do Flamengo).</p>
Nº 21 (mar. 1969).	<p>“Com a institucionalização da cultura brasileira pelo poder público, entrou o país num novo período em que aquela passou a integrar-se no próprio processo de desenvolvimento nacional” (p.5) Ministro Tarso Dutra. Suplemento especial publicado por O Jornal e O Globo trazem Plano Nacional da</p>	<p>383º (p. 57): Rachel nega pedido da Academia Marianense de Letras para auxílio para a construção de prédio, solicita que se vá ao CE-MG.</p>	<p>120ª (29/01/1969, p.69): Rachel pede que seja aprovado auxílio para a Biblioteca da Prefeitura Municipal de Alfenas (MG).</p> <p>122ª (31/01/1969, p.73): Rachel pede que sejam aprovados os auxílios para a PUC-RS publicar estudo sobre a obra de Ariano Suassuna (Auto da</p>

	<p>Cultura (Pres. CFC Arthur Cezar F. Reis). Objetivo do CFC: Política Pública para “institucionalizar a cultura, mas defini-la, defende-la, garanti-la, assegurando-lhe uma continuidade permanente e insofismável. Arts 171 e 172 Constituição Federal” (p. 12). “O Plano Nacional da Cultura (...). Deve, portanto, possuir um sentido de globalidade que exija, em sua elaboração, a presença atuante dos que, nos altos organismos federais e privados, realizem tarefas, em seus campos próprios, mas que são partes do que devemos entender por cultura brasileira” (p. 12). Dispõe mandato de 2 a 6 anos para Conselheiros e Presidente.</p>		<p>Compadecida) e para a Academia de Letras do Rio Grande do Norte.</p> <p>126ª (27/02/1969, p.83): Rachel pede que seja aprovado o pedido de auxílio financeiro para a Prelazia de Parintins.</p> <p>127ª (28/02/1969, p.87): Rachel dá aprovação da concessão de auxílio ao pedido direto do governador do Espírito Santo, para a reforma do teatro Carlos Gomes de Vitória (Rachel perguntou se o pedido deveria ser encaminhado antes ao CE-ES, contudo a resposta foi negativa).</p>
<p>Nº 22 (abr. 1969).</p>		<p>420º (25/09/1968, p.68): Rachel encaminha ao presidente da Câmara de Letras pedido de providências para auxílio à Casa Anísio de Brito (PI).</p> <p>421º (26/09/1968, p.68): Sobre pedido da Biblioteca Capistrano de Abreu (CE), pede que se enviem livros através do Instituto Nacional do Livro e que a biblioteca entre em contato com o Conselho Estadual de Cultura – CE para auxílio financeiro.</p>	

		422° (27/09/1968, p.69): Sobre pedido do Grêmio de Trovadores da Bahia, pede que entrem em contato com o Conselho Estadual de Cultura – BA, para oficializar Dia Nacional da Poesia.	
Nº 23 (maio 1969)	Falecimento de Rodrigo Mello Franco de Andrade (Presidente da Câmara do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Rachel escreve artigo em <i>O Jornal</i> , sobre isso.	135ª (16/04/1969, p.87): Rachel encaminha pedido da Liga Brasileira de Esperanto, sobre publicação de obra <i>Canaã</i> (de Graça Aranha), em esperanto.	
Nº 25 (jul. 1969).		489° (2/12/1969, p.61): Sobre pedido da Prelazia de Parintins, pede que esta encaminhe primeiro ao Conselho Estadual de Cultura – AM. 512° (29/10/1969, p.74): Sobre pedido de convênio com a prefeitura de Alfenas – MG, para ampliação de biblioteca, pede que esta consulte o Conselho Estadual de Cultura – MG. 526° (29/01/1969, p.79): Apóia publicação de estudo sobre a obra <i>O Auto da Compadecida</i> , de Ariano Suassuna, pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul.	
Nº 26 (ago. 1969).		528° (29/01/1969, p.35): Perante o cumprimento de exigências, pede que seja feito o pagamento de subvenção	153ª (25/08/1969, p.79): Solidariza-se com Burble Marx que teve obra danificada e retirada pelo governo do Estado.

		<p>preliminarmente concedida a Academia de Letras do Rio Grande do Norte.</p> <p>541° (29/02/1969, p.41): Aprova a concessão de verbas para a Prelazia de Parintins, pois esta consultou o CEC-AM.</p> <p>564° (27/03/1969, p.56): Pede que Instituto de Arquitetos do Brasil encaminhe seu pedido de auxílio, para a publicação da Revista de Arquitetura, ao COLTED (Comissão do livro técnico e do livro didático).</p> <p>569° (14/04/1969, p.59): Sobre a obra Canaã em esperanto, pede que a Liga Brasileira de Esperanto consulte o Conselho Estadual de Cultura da Guanabara.</p>	<p>156ª (28/08/1969, p.88): Comentários sobre a morte de Gilberto Amado</p>
Nº 27 (set. 1969).	Tem texto da RQ publicado, falando sobre o centenário de Mahatma Ghandi (p. 16).	647° (30/06/1969, p.71): Pede que Academia de Letras do Vale do Paraíba-RJ vá ao CEC-RJ para pedir auxílio.	162ª (26/09/1969, p.93): É indicada para participar, junto com Afonso Arinos, Octávio de Faria e Adonias Filho, de elaboração de lista das 30 obras de literatura mais significativas do Brasil. É convocada a falar sobre texto escrito sobre Mahatma Ghandi, mas se abstém e pede que o mesmo seja publicado em revista.
Nº 28 (out.1969)	Artigo: “Sobre Festival da Canção”. Dom Marcos Barbosa (p.20). Fala que	661° (04/07/1969, p.40): Reconhece importância do pedido do Prefeito de	

	<p>concorda com sugestão de Rachel de Queiroz que se premie canção brasileira e estrangeira.</p>	<p>Castanhal (PA), mas nega verba.</p> <p>662° (04/07/1969, p.41): Nega pedido da Liga Brasileira de Esperanto para financiamento de tradução de obras nacionais para o esperanto.</p> <p>689° (27/08/1969, p.63): Sobre Revista de Arquitetura: descreve meandros burocráticos (importante crítica aos entraves burocráticos para a construção civil no país).</p> <p>690° (27/08/1969, p.64): Pedido de pagamento de aposentadoria ao editor Antônio Simões dos Reis.</p>	
Nº 30 (dez. 1969)			<p>177ª (05/12/1969, p.155). Rachel concorda que os bailes de carnaval não sejam mais efetuados no Theatro Municipal, pois dessa maneira são restritos às elites e não para o povo, além de desgastar o prédio.</p>
Nº 31 (jan. 1970)		<p>771° (p.48). Aceita fornecer a concessão de verba para a Casa José de Alencar, feita em uma nova rogativa da Universidade do Ceará, com pedido menor do que o anterior (80.000,00 NCr\$).</p> <p>805° (p.70). Pede ao Conselho Municipal de Desenvolvimento de Três Passos (RS)</p>	

		que inicie processo pelo Conselho Estadual e depois volte ao CFC para sua demanda.	
Nº 31 (fev. 1970)		<p>828º (p.60). Concede verba de 25.000,00 NCr\$ para a Editora Permanência publicar revista <i>Permanência</i>.</p> <p>841º (p.74). Atende nova rogativa da UFCE para a Casa José de Alencar, de 80.000,00 NCr\$, para comprar um ônibus para os alunos.</p> <p>842º (04/02/1970, p.74). Pede que se aceite pedido de Maria Elizabeth Lins do Rego para que compre-se documentário sobre José Lins do Rego, concordando com o parecerista anterior Octávio de Faria.</p>	
Nº 33 (mar. 1970)		<p>871º (p.77). Sobre indicação de representante do CFC para integrar Conselho Superior de Censura: O parecer de Raymundo Faoro mostra-se confuso em que demonstra desgosto com o tipo de solicitação e termina por dizer que o CFC irá indicar funcionário seu para o CSC, mas não um Conselheiro.</p>	
Nº 35 (maio 1970)		877º (p.41). Sobre auxílio para a conclusão das obras da Casa de Cultura de Castanhal (PA) que volta ao conselho, pela segunda vez, pedindo verba para	

		terminar a obra e Rachel recomenda que peça ao CEC-PA.	
Nº 36 (jun. 1970)		927º (p.59). Sobre a criação do “Dia do Poeta”, Rachel afirma: “Não cabe ao CFC a criação de dias dedicados a comemorações, mas ao Poder Legislativo”.	

Anexo II

IDEIAS, TEMAS, INTELECTUAIS, PERSONALIDADES E INSTITUIÇÕES NAS CRÔNICAS

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro. 1964-1975.

N	DATA	P.	TÍTULO	IDEIA	TEMAS	INTELEC-TUAL	PERSONAL I-DADE	INSTITUI-ÇÃO
1	07/03/64	130	Passado & Presente	Responde às críticas de um leitor sobre transformações urbanas. Que cada tempo deixa suas marcas.	Cidades			
2	14/03/64	130	Moda	Modismos que surgem na agricultura, medicamentos, sem comprovação científica.	Ciência			
3	21/03/64	130	Carta ao Patrão	Elogia o governo por obras do MVOP e da Sudene no Nordeste.	Nordeste			MINISTÉRIO DA VIAÇÃO; SUDENE
4	28/03/64	146	Ideal	Descreve como ter um ideal de vida transforma o homem. Para ela, o ideal da humanidade é o progresso.	Ser Humano			
5	04/04/64	130	Neuma	Fala dos sonhos de uma criança nordestina, em contraposição ao que ela vive.	Nordeste			
6	11/04/64	130	Brazil	Crítica os estrangeirismos e equívocos presentes na língua nacional. Crítica a Conan Doyle.	Estrangeiros	CONAN DOYLE; RICHARD KATZ; BILLY ROSE; ROGER BAX; MACHADO DE ASSIS; STANISLAW PONTE PRETA		
7	18/04/64	130	Lavoro	Diferencia afazeres femininos: lavoro é o que chamamos de 'hobby', e trabalho doméstico é o cansativo cotidiano da dona de casa. Faz apelo para que as senhoras bordem ouvindo as notícias do rádio, sobre a 'revolução'.	Mulheres			
8	25/04/64	130	Carta aos Meninos	Escreve aos netos, contando sua estadia no Ceará.	Família			

9	02/05/64	118	O Pastor de Olinda	Sobre a posse de D. Helder Câmara como Arcebispo de Olinda. Defesa ao padre, dizendo não ser ele comunista, como pensa a oposição ao regime.	Anticomunismo		D. HELDER CÂMARA; PAULO VI; JOÃO XXIII; PRINCESA ISABEL	IGREJA CATÓLICA
10	09/05/64	130	Revolução pelo Rádio	Reclama da falta de notícias sobre a 'revolução', através do rádio. Cita a Rede da Democracia.	Revolução	CASTRO ALVES	GOV. MAGALHÃES PINTO; GAL. MOURÃO FILHO; ADHEMAR DE BARROS; GAL. AMAURYKRUDEL; GOV. LACERDA; ALMIRANTE ARAGÃO; EVANDRO PEQUENO; SANDRA CAVALCANTE; JANGO; CASTELO BRANCO	RÁDIO TUPI; RÁDIO NACIONAL
11	16/05/64	122	Os Sindicatos Rurais	Crítica aos sindicatos rurais, todos tidos por ela como comunistas.	Anticomunismo			PC; MINISTÉRIO DO TRABALHO; CONGRESSO
12	23/05/64	130	A Nova Revolução	Fala sobre a eficiência da 'revolução' em eliminar a oposição. Elogia Castello Branco.	Anticomunismo		GETÚLIO VARGAS; CAFÉ FILHO; CARLOS LACERDA; GAL DUTRA; FIDEL; PERÓN; JIMENEZ; STROESSNER; GOV. MAGALHÃES PINTO; BRIZOLA; JUREMA; CASTELO BRANCO	FORÇAS ARMADAS
13	30/05/64	122	Carta ao Ministro da Viação	Pede providências ao transporte e à comunicação no nordeste ao ministro. Faz crítica aos navios que estão sendo utilizados como prisões.	Nordeste		JUAREZ TÁVORA; WASHINGTON LUIZ	BBC- LONDRES; MINISTÉRIO DA VIAÇÃO
14	06/06/64	122	Os Mestres das	Crítica aqueles que dão 'pitacos' de como o governo deve agir. Pede que se	Anticomunismo		CASTELO BRANCO; JOÃO GOULART	CONGRESSO

			Obras Feitas	vigie os inimigos da ordem pública que continuam impunes e se coloca contra as perseguições ao chamado 'crime ideológico'.				
15	13/06/64	130	Material Humano	Comenta sobre a falta de políticos novos que 'obriga' o executivo a nomear sempre os mesmos nomes para as legislaturas.	Revolução		PRUDENTE DE MORAIS; CAFÉ FILHO; DULCE MAGALHÃES; BRIG. EDUARDO GOMES; BROCHADO DA ROCHA; SAN THIAGO DANTAS; CARLOS LACERDA; RAFAEL DE ALMEIDA MAGALHÃES; SANDRA CAVALCANTE; HÉLIO BELTRÃO; CASTELLO BRANCO; FELINTO MULLER	
16	20/06/64	130	Rádio Oficial	Crítica à baixa qualidade da rádio oficial enquanto as outras rádios, até estrangeiras, apresentam melhor sinal de propagação.	Revolução			RÁDIO TUPI; RÁDIO GLOBO; RÁDIO NACIONAL
17	27/06/64	146	A Caça às Feiticeiras	Fala que governo deve acabar com as conspirações sem ferir o princípio democrático da liberdade de pensamento e de palavra. É contra a censura indiscriminada de livros.	Anticomunismo		SALAZAR; FRANCO	
18	04/07/64	122	Não Há Repouso para o Guerreiro	Pede que o Sr.Eugênio Gudin não se afaste do governo, mantendo suas ações políticas.	Governo		EUGÊNIO GUDIN;	
19	11/07/64	130	Cidadania Honorária	Crítica à distribuição indiscriminada de títulos de 'cidadão honorário', pelos governos passados.	Antigetulismo	JOÃO BRÍGIDO	JOSÉ OLYMPIO; BRIZOLA	

20	18/07/64	130	Regeneração	Fala da renovação 'ética' trazida pela revolução.	Revolução		FLORIANO; DEODORO; CAFÉ FILHO;	
21	25/07/64	130	JK	Duras críticas à conduta política de JK (forçado ao exílio pelo golpe).	Antigetulismo		JUSCELINO KUBITSCHK; JOÃO GOULART; GENERAL LOTT; BRIZOLA; CASTELO BRANCO	CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL
22	01/08/64	114	Manter as Aparências	Defende a repressão estabelecida para conter a 'desordem'. Diz que seria uma fase passageira de ditadura revolucionária.	Revolução	TRISTÃO DE ATAÍDE; SOBRAL PINTO	GETÚLIO VARGAS; JÂNIO QUADROS; CAFÉ FILHO; GENERAL LOTT; JOSÉ LINHARES CARLOS LUZ; CASTELO BRANCO; BRIZOLA	PCB
23	08/08/64	130	A Batalha da Fome	Fala do contrabando de café, das falsas promessas de ajuda dos latifundiários ao regime.	Revolução		JANGO	
24	15/08/64	130	Ser Contra ou a Favor	Fala das opiniões divergentes sobre os caminhos da 'ditadura'. Sobre o voto dos analfabetos (coloca como se analfabeto fosse prestigiado com isso)	Revolução		MILTON CAMPOS; LUIZ VIANA; JUAREZ; GOLBERY; CASTELO BRANCO; JOÃO GOULART; MELO MOURÃO; GENERAL LOTT	
25	22/08/64	130	O Grande Desafio	Importante crítica ao descaso dos governos com o homem do campo.	Nordeste		JULIÃO (FRANCISCO JULIÃO)	
26	29/08/64	130	Propriedade Agrária	Discute sobre o que é ter propriedade sobre algo.	Política econômica	PIERRE PROUDHON		
27	05/09/64	130	Rio, de Novo	Discute as mudanças no Rio de Janeiro, a carestia dos alimentos, o papel da SUNAB.	Política econômica	MANUEL BANDEIRA	CORONEL FONTENELE; AFONSO EDUARDO REIDY	SUNAB; MUSEU DE ARTE MODERNA;
28	12/09/64	130	A Grita Impaciente	Elogios às mudanças feitas pelo regime militar, embora reconheça que alguns erros possam existir.	Revolução		GENERAL DE GAULE; JANGO	SUPRA

29	19/09/64	130	Carta a Daniel Pereira, Editor	Aproveita a carta de incentivo ao editor, para elogiar as mudanças que o regime estabeleceu ao longo do ano.	Revolução		DANIEL PEREIRA	
30	26/09/64	130	Polícia	Sobre a 'contaminação' da polícia pelos 'marginais com que convive'. Coloca algumas soluções, como a elevação da educação dos policiais (mas considera que 'é inerente a profissão que alguns se corrompam', como o médico que adoece, por exemplo).	Segurança			
31	03/10/64	114	Carta Aberta ao Presidente da República	Sobre as instituições de assistência ao menor.	Infância		MARIA CELESTE FLORES DA CUNHA; ODILON BRAGA; CAFÉ FILHO; GETÚLIO VARGAS; PAULO NOGUEIRA FILHO; PRADO KELLY; GENERAL LOTT; ANITA CARPENTER, GUIOMAR MANCINI; JUSCELINO; PEDRO ALEIXO; JÂNIO QUADROS; PEDRO VIEIRA; EDUARDO BARTLETT JAMES; D. CÂNDIDO PADIM; HELENA IRACI JUNQUEIRA; JOÃO MANGABEIRA; ABELARDO JUREMA; MILTON CAMPOS;	UDN; SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AO MENOR; AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA;

							DR. BULHÕES	
3 2	10/10/64	114	Brasil, Ontem e Hoje	Sobre as mudanças que estão ocorrendo durante o “governo revolucionário”. Importante, pois relata a participação de líderes civis e reconhece que a cultura é o setor mais importante do país.	Revolução			
3 3	17/10/64	130	Do Precon ceito de Cor	Fala sobre a proibição de Elza Soares se hospedar em hotel de São Paulo. Fala que o Brasil é uma “democracia racial”. Importante visão sobre direitos civis e democracia.	Preconceito racial/ Mulher/ cidadania		ELZA SOARES; GARRINCH A; VERA LUCIA COUTO	
3 4	24/10/64	134	Do Precon ceito de Cor II	Discute a pertinência da valorização racial (seja negro ou qualquer outro) Polêmica sobre a questão da “consciência negra”	Preconceito racial/ cidadania		ATAULFO ALVES; GRANDE OTELO; VERA LÚCIA; JORGE BEM ELZA SOARES; DUQUE DE CAXIAS	
3 5	31/10/64	130	A Eterna jeune - fille	Faz diferença entre a moça de família e a ‘moça de vida fácil’, usando termos da pequena-burguesia da época, orientada ainda pelos hábitos franceses.	Mulher	CHARLOTE BRONTË		
3 6	07/11/64	130	América do Lado Leste (I)	Descreve sua visita a Washington, fala das belas praças e jardins, fala do apartheid racial, fala das ‘flores artificiais’ que enfeitavam os jardins e floristas.	Estrangeiros		PIERRE- CHARLES L’ENFANT; LAFAYET TE; GENERAL WASHING TON; PRES. KENNEDY	
3 7	14/11/64	130	América, Ribeira do Atlântico	Fala da restauração da cidade de Williamsburg, na Virgínia (EUA).	Estrangeiros		MAGALHÃE S PINTO	
3 8	21/11/64	130	América, Ribeira do Atlântico II:	Sobre os costumes das mulheres norte- americanas, mães de família.	Estrangeiros/ Mulher			

			Girls, girls, girls					
3 9	28/11/64	138	Pequena cantiga de amor para Nova Iorque	Sobre as qualidades de Nova Iorque.	Estrangeiros			
4 0	05/12/64	130	As Eleições America nas (I)	Sobre a campanha eleitoral norte- americana	Estrangeiros/ cidadania		LYNDON JOHNSON; BARRY GOLDWA TER; ROBERT KENNEDY; EDWARD KENNEDY; JOHN KENNEDY.	
4 1	12/12/64	130	As Eleições America nas (II)	Sobre o dia da eleição em St. Louis, Missouri (descreve o andamento da votação em uma seção eleitoral).	Estrangeiros/ cidadania		LYNDON JOHNSON; BARRY GOLDWA TER	
4 2	19/12/64	145	As Eleições America nas (III)	Sobre as fraudes eleitorais, a exclusão dos negros como eleitores, processos criminais sobre os negros. Eleição de Lyndon Johnson	Estrangeiros/ cidadania		LYNDON JOHNSON; BARRY GOLDWA TER; JOHN KENNEDY; WALTHER JENKINS; NIKITA KRUTCHEV;	
4 3	26/12/64	148	Desuma nização da Vaca	Sobre o tratamento não humanizado que os norte-americanos dão às vacas e ovelhas, usando-as somente como produto e não como ser vivo.	Estrangeiros/ política econômica /cultura			
4 4	02/01/65	114	Comidas America nas	Faz uma descrição sobre as três principais refeições dos Estados Unidos. Cita várias regiões e compara com as comidas brasileiras.	Estrangeiros/ cultura	OTÁVIO MANGABEI RA		
4 4	09/01/65	114	Natal	Sobre as diferenças no Natal: consumo exagerado, canções de propaganda (jingles) que substituem as canções natalinas, etc.	Estrangeiros/ cultura		DOM CIRILO	
4 5	16/01/65	114	Às Vésperas de 65	Sobre a 'crise' estabelecida antes de março de 64 e da	Revolução/ anticomu nismo	SOBRAL PINTO	GENERAL JAIR; DR. JUREMA.	UNE

				‘mudança’ operada após o movimento militar. Cita as críticas de Sobral Pinto à falta de democracia, como sendo um ‘contraponto de liberdade’.				
46	23/01/65	114	Ceará Industrial	Sobre os investimentos feitos no Ceará, e no Nordeste como um todo, criando oportunidade para a fixação de indústrias na região.	Nordeste/economia		DR. LUIZ VIEIRA; GOV. VIRGÍLIO TÁVORA; JACQUES KLEIN; ANTÔNIO BANDEIRA; CLÓVIS BEVILACQUA; DR. HÉLIO CÂMARA; JUAREZ TÁVORA; MAGALHÃES JÚNIOR; JOÃO GONÇALVES DE SOUZA; JURACY MAGALHÃES; DR. DAGMAR CHAVES; MARECHAL CASTELLO BRANCO	SUDENE
47	30/01/65	114	Hospitalidade	Sobre a má vontade de uma funcionária brasileira em atender a turistas, em contraste com as norte-americanas que atenderam muito bem a comitiva brasileira.	Estrangeiros/cultura		GEORGE BOHERER; ZILÁ FIGUEIRA;	
48	06/02/65	114	Oh, Minas Gerais	Sobre as disputas de poder entre brigadeiros e almirantes pelo controle do comando das Forças Armadas e por causa do porta-aviões Minas Gerais.	Revolução			FORÇAS ARMADAS
49	13/02/65	114	Churchill	Sobre a vida e as conquistas de Churchill, em homenagem a ele, em pesar por sua doença e prelúdio de sua morte.	Estrangeiros		W. CHURCHILL	

50	20/02/65	114	O Parque do Aterro	Sobre a construção do Aterro do Flamengo, e as impressões que causou na população do Rio de Janeiro (Foi inaugurado em 12/10/1965).	Rio de Janeiro		LOTA MACEDO SOARES; PELÉ; GARRINCHA	MAM
51	27/02/65	114	Paulo Afonso no Ceará	Os benefícios levados ao Ceará com a construção da usina hidrelétrica. Ela convoca empresários a se estabelecerem no estado.	Nordeste/economia	JORGE DE LIMA	DEP. COLOMBO DE SOUZA; DEP. VIRGÍLIO TÁVORA	
52	06/03/65	106	Irmão	Homenagem ao irmão.	Família			
53	13/03/65	122	Oswaldo Goeldi	Memórias sobre o artista, em homenagem aos quatro anos de sua morte.	Intelectuais	OSWALDO GOELDI; MANOEL BANDEIRA; ANÍBAL MACHADO; SIMEÃO LEAL; BEATRIX REYNAL		
54	27/03/65	114	A Batalha Ganha	Sobre a vitória dos partidários de Castello na Câmara.	Revolução		GETÚLIO; DUTRA; CAFÉ; NEREU; JUSCELINO; JÂNIO; JANGO; EDUARDO GOMES, MILTON CAMPOS, JURACY MAGALHÃES, BILAC PINTO, PAULO SARASATE, LUIZ VIANA	PSD
55	03/04/65	114	Retrospecto do Carnaval	Elogios sobre o carnaval carioca, faz análise sobre os aspectos da festa.	Rio de Janeiro/cultura			
56	10/04/65	98	Mouro na Costa	Sobre livro de David Nasser, que fala sobre Portugal, com olhar sobre as influências mouras	Intelectuais	DAVID NASSER; MANUEL BANDEIRA; ARY BARROSO;		
57	17/04/65	114	Colégio da Imaculada Conceição	Memórias de sua passagem pelo colégio, em homenagem ao centenário da instituição.	Nordeste/Memórias			

58	24/04/65	114	Aves de Arribação	Sobre romance regionalista de Antônio Salles.	Intelectuais	ANTÔNIO SALLES		
59	01/05/65	114	Primeiro Aniversário	Sobre as angústias, decepções e reflexões sobre o primeiro ano do regime.	Revolução			
60	08/05/65	106	Viagem a Amazônia (I)	Faz crítica a Brasília, como construção inútil, desperdício de dinheiro, em defesa da Indústria e Comércio de Minérios do Amapá (ICOMI – copieie relatório sobre a empresa)	Antigetulismo			ICOMI-AMAPÁ
61	15/05/65	114	Viagem a Amazônia (II)	Continua elogiando o trabalho da ICOMI na Amazônia.	Política econômica		GENERAL LUIZ MENDES	
62	22/05/65	114	Viagem a Amazônia (III)	Fala sobre a interação entre Belém e os outros estados através das rodovias e vias aéreas. Faz elogios ao JK por ter construído a Bel-Bras.	Antigetulismo		BERNARDO SAYÃO; JARBAS PASSARINHO;	MUSEU GOELDI
63	29/05/65	114	Eleições	Importante: sobre eleições experimentais em SP e PE. Manifesta opinião favorável ao dirigismo político.	Cidadania		BRIGADEIRO FARIA LIMA	
64	05/06/65	114	Clamor no Deserto	Crítica sobre os déficits nos sistemas de transporte e comunicações.	Nordeste			
65	12/06/65	114	A Liderança da América	Fala que a liderança norte-americana se assemelha ao Império Romano e que sua força se eleva à custa de sangue.	Estrangeiros		PASTOR LUTHER KING; PRESIDENT E KENNEDY	
66	19/06/65	106	A América e seus negros (I)	Sobre a 'aparente' liberdade entre brancos e negros nos EUA.	Estrangeiros/ racismo	JOHN STEIN BECK		
67	26/06/65	114	A América e seus negros (II)	Continua falando sobre a questão racial norte-americana.	Estrangeiros/ racismo			
68	03/07/65	114	Coragem	Fala sobre o processo de estabelecimento do regime militar e sobre as críticas que são dadas à situação.	Revolução	SOBRAL PINTO	JANGO; CAMPOS SALES; RODRIGUES ALVES; OSWALDO CRUZ;	OEA

							PEREIRA PASSOS;	
69	10/07/65	114	O Rei dos Caminhos	Fala sobre os caminhoneiros e a vida que levam. Coloca-os como profissionais autônomos, independentes e idealiza sua vida, positivando-os.	Trabalhadores			
70	17/07/65	114	Louvor do Quarto Centenário	Sobre as comemorações dos quatrocentos anos do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ; VIVALDO COARACY; MANUEL BANDEIRA; CARLOS DRUM MOND DE ANDRADE; STANISLAW PONTE PRETA; CHARLES DARWIN; JOÃO DO RIO; MACHADO DE ASSIS;	JOSÉ OLYMPIO; DEBRET; RUGENDAS; PORTINARI; VERA LUCIA COUTO	
71	24/07/65	114	A Novilha Paraíba-I	Sobre novilha que tinha em seu sítio no Ceará. Conta os desastres das chuvas torrenciais da época.	Nordeste/Memórias	JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO; PAULO SARASATE	MARECHAL JUAREZ TÁVORA	BBC
72	31/07/65	106	A Novilha Paraíba-II	Fala sobre a intriga da novilha com outras vaquinhas e que provocou a morte de uma vaca maior que ela.	Nordeste/Memórias	ARIANO SUASSUNA		
73	07/08/65	106	Congresso de Jornalistas	Sobre Congresso de Jornalistas em Iguatu. Comenta do trabalho árduo de quem, ao mesmo tempo pesquisa, elabora e edita os periódicos no interior do país.	Nordeste/imprensa	JOSÉ LINS DO REGO; GILBERTO AMADO; GUIMA RÃES ROSA; CARLOS DRUM MOND; JOSÉ DE ALENCAR		
74	14/08/65	114	Caça e Pesca	Sobre as fontes de alimentação no nordeste, num ano de graves inundações.	Nordeste			DNOCS
75	21/08/65	114	Centros Mater	Analisa a situação de entidades criadas	Antigetulismo		D. TERESA CRISTINA;	LBA

			nais	pelas primeiras damas e que são abandonadas depois do mandato do presidente/governador. Fala da LBA que atuava com auxílio da igreja católica no Ceará. Elogia Darci Vargas, pela criação da entidade.			DARCY VARGAS; D.SARA KUBITS CHEK; D. LUIZA TÁVORA;	
76	28/08/65	114	Palavra de Rei	Fala do seu apoio à reeleição do presidente e dos governadores (reforça o caráter honesto do Castello)	Revolução		GAL. DUTRA; CASTELO BRANCO; GAL. LOTT; JANGO; JÂNIO; DE GAULLE; VARGAS; JUSCELINO; CAFÉ FILHO	PSD
77	04/09/65	106	Província	Sobre antologia de contos de 12 autores escolhidos, intitulada 'Uma antologia do conto cearense'.	Intelectuais/ Nordeste	CAMARA CASCUDO; JOÃO CLIMACO BEZERRA; MOREIRA CAMPOS; BRAGA MONTENEGRO; FRAN MARTINS; EDUARDO CAMPOS; JOSÉ MAIA; ARTHUR EDUARDO BENEVIDES; MILTON DIAS; JUAREZ BARROSO; SINVAL SÁ; LÚCIA FERNANDES MARTINS; MARGARIDA SABOIA CARVALHO;		
78	11/09/65	106	Risco Calculado	Sobre as eleições que se organizavam pelo país. Fala da importância do voto e da democracia; monta estrutura de embates partidários.	Cidadania	(IGNACY JAN) PADEREWSKY; AFONSO ARINOS;	BRIG. EDUARDO GOMES; JUSCELINO KUBITSCHK; GUSTAVO CAPANEMA; CASTELO BRANCO; TIÃO MEDONHO;	PTB; UDN; PSD;

							FLEXA RIBEIRO; LACERDA; HÉLIO DE ALMEIDA; MARECHAL LOTT; NEGRÃO DE LIMA; OSWALDO ARANHA FILHO	
79	18/09/65	114	Ocidente e Oriente (I)	As táticas de guerra usadas por russos, para vencer os alemães e retomar cidades anteriormente perdidas.	Estrangeiros/ guerra	ELLIOTT ARNOLD	HITLER; STALIN; MAO TSE-TUNG	
80	25/09/65	114	Ocidente e Oriente (II)	Continua comparando as táticas de guerra orientais e ocidentais; o peso da ideologia na liderança de um povo.	Estrangeiros/ guerra			
81	02/10/65	114	Missa em Português	Severa crítica à tradução da missa para o português, que teria lhe tirado a poesia e a sonoridade do latim. A folha da impressão é preta (sinal de luto?)	Estrangeiros/ língua portuguesa	GUSTAVO CORÇÃO;	ARCEBISPO THOMAS CRANMER; D. MARCOS BARBOSA	EDITORA FTD; CNBB;
82	09/10/65	114	Lavrar a Terra	Problemas e transformações industriais que se passam nas lavouras mundo afora.	Estrangeiros/ política econômica			
83	16/10/65	114	Brasil no Futuro	Faz ponderações sobre o lugar do Brasil no futuro da humanidade. Coloca o problema da liderança, que traz consigo o ônus da guerra. Também põe em debate a grandiosidade do território. Chega à conclusão de que quer um país de classe média, sem grandes projeções e ambições mundiais.	Nacionalismo		JUSCELINO; JÂNIO;	PSD
84	23/10/65	114	O Caçador de Tatus	Conta a história de um homem que, habituado a caçar tatus, certa vez deparou-se com uma onça, que devorou a sua montaria.	Nordeste/ cultura		JOSÉ AMÉRICO; ARTHUR BERNARDES; EPITACIO PESSOA;	DNOCS; IFOCS

85	30/10/65	114	A Carne é Forte	Sobre a carestia da carne, compara com os EUA e os europeus que variam o tipo de carne e que no Brasil a carne de segunda é desperdiçada porque é mal tratada e cortada de qualquer maneira, desvalorizando-se o produto.	Estrangeiros/política econômica			SUNAB
86	06/11/65	114	O Boi e o Banco	Fala da relação entre o comércio da carne e as especulações bancárias, a burocracia de estado, da burguesia do Banco do Brasil.	Nacionalismo/política econômica			BANCO DO BRASIL; MINISTÉRIO DA AGRICULTURA; UNIVERSIDADE DO CEARÁ; SUDENE
87	13/11/65	122	Sete Meses de Ausência	Fala das belezas do Rio de Janeiro e do tempo que ficou fora da cidade.	Rio de Janeiro		CARDEAL RICHELIEU	
88	20/11/65	114	O Ato número dois	Defesa do AI-2.	Revolução		JAÑIO QUADROS; VARGAS; NAPOLEÃO; FRANCO; SALAZAR; JANGO; GAL. LOTT	
89	27/11/65	114	A Arte de Ficar Velho	Auto reflexão sobre o envelhecimento (parece fazer uma autocrítica sobre a sua mocidade).	Memórias			
90	04/12/65	114	O Quarto Poder	Sobre a informação que chega às pessoas através da imprensa. Fala dos jogos de poder dentro da imprensa e do traço jornalístico.	Imprensa	OSÓRIO BORBA; BRAGA; PEDRO DANTAS	JUSCELINO; GETÚLIO	RÁDIO ASSUNÇÃO; PRE 9; RÁDIO TUPI; RÁDIO BANDEIRANTE; ONU
91	11/12/65	114	A Educação e a Cultura	Fala da separação entre os ministérios, da necessidade de cada ministro se ater às dificuldades de sua área, e não um ministério só, que encampe as duas áreas tão abrangentes. (Importante por se tratar da visão dela sobre onde a política interfere na cultura e na educação)	MEC			MINISTÉRIOS DO GOVERNO; SERVIÇO NACIONAL DO TEATRO; PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL;
92	18/12/65	122	A Feira das Vaidades	Fala sobre os tradutores de obras estrangeiras, e faz	Estrangeiros/Intelectuais/Tradução	RUTH LEÃO; CARLOS LEÃO;		

				propaganda da obra A Feira das Vaidades, traduzida por Ruth Leão.		W.M. THACKE RAY		
9 3	25/12/65	122	Tempo de Preá	Sobre os preás que comem as plantações, uma praga que não teria predadores naturais lá.	Memórias/ Nordeste		JUSCELINO KUBITS CHEK; PAULO PINHEIRO CHAGAS; MIN. ROMERO DA COSTA; JÂNIO QUADROS	SUDENE
9 4	01/01/66	106	Votos de Natal	Fala dos desejos de fim de ano de todos e do medo do iminente estabelecimento de uma ditadura no país, onde só e faz tardar por causa da figura do Presidente que ainda procura evitar o regime.	Revolução			
9 5	08/01/66	106	Balanço de Fim de Ano	Mais uma vez elogia a atuação do governo, defende o AI2, exalta as conquistas econômicas do país no ano de 65 (colheitas, exportações...), critica os jornais franceses e os portugueses que condenam o AI2. Finaliza desejando que se “consolidem as instituições republicanas, democráticas, liberais e cristãs”.	Revolução		SEM. JOÃO AGRIPINO; ALACID; PASSARI NHO; JOSÉ SARNEY; DE GAULLE	UDN; PSD
9 6	15/01/66	114	Ano Novo & Ano Velho	Fala de como os dias passam rápido e os acontecimentos se sucedem velozmente, não deixando espaço para aproveitarmos o tempo.	Memórias			FORÇAS ARMADAS
9 7	22/01/66			PÁGINA RETIRADA DA REVISTA.				
9 8	29/01/66	106	O Ladrão de Babilô nia	Tradução de obra de Elizabeth Bishop: conta a história dos moradores do morro da Babilônia no Rio de Janeiro. Em forma de poema.	Intelectuais/ Estrangeiros	ELISABETH BISHOP		

99	05/02/66	114	Os Cachorros de Deus	Explica que os problemas que nos afligem são como cães que Deus nos envia, para que expiemos nossos erros.	Revolução			
100	12/02/66	114	Morte & Vida	Fala das enxurradas, dos mortos e do desdém que se têm pela vida, em certos momentos, negligenciando-a, provocando a perda de pessoas. Também fala da vida que deve seguir, apesar da morte das pessoas.	Cidades	GUIMARÃES ROSA; PEDRO NAVA		
101	19/02/66	114	O Clube da Mulher do Campo	Associação feminina de trabalhadoras ou habitantes do campo, originária na Inglaterra e copiada em várias nações europeias, a entidade tem como finalidade dar suporte às mulheres para seu sustento. Menciona o aparecimento dessas em Pernambuco.	Mulheres		CONSUL PUSSY WELLINGTON; NANIE SIQUEIRA SANTOS	ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DAS MULHERES DO CAMPO (ACWW-LONDRES)
102	26/02/66	114	O Lunik-9	Sobre nave espacial russa que desceu à lua e fala das discórdias entre ingleses e russos sobre a autoria das fotos tiradas do satélite.	Ciência		IURI GAGARIN	
103	05/03/66	114	O "Nude-Look"	Fala sobre a mudança nas roupas femininas, encurtamento, transparências, e o que isso acarreta nas culturas e nas gerações de mulheres.	Mulheres		RAINHA MARY; JORGE V;	
104	12/03/66	130	Medida de Tempo	Critica a medida de tempo que damos, a necessidade de controlar dos eventos e diz que a natureza não tem tempo definido para nada.	Memórias			
105	19/03/66	130	SOS	Conta a experiência de uma instituição filantrópica criada para atender pessoas em condições de miséria, fornecendo	Instituições de assistência social		D. ELZA FERNANDES; MAJOR JOÃO SARAIVA COELHO	SERVIÇO DE OBRAS SOCIAIS

				roupa e comida ao invés de esmolas, evitando-se a profissionalização da mendicância entre as famílias. A instituição contava também com assistência social e psicológica, médica, educacional.				
106	26/03/66	122	Navios do Mar	Críticas ao fim da navegação fluvial e ao pouco incentivo dado à navegação marítima.	Política econômica			SUDENE
107	02/04/66	114	A Jovem África	Descreve as independências na África como o surgimento de novas realidades no mundo. Debate as questões da colonização inglesa e portuguesa nas Américas (coloca como se fôssemos o 'alterego' dos europeus)	Estrangeiros/cultura	MICHELET		
108	09/04/66	122	Sapiência	Fala sobre as enciclopédias, os prós e os contras. Elogia a Delta Larousse.	Ciência	GUSTAVO BARROSO; AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA; LAUDELINO FREIRE; ALDO CANAZIO; MILTON O'REYLLU; JÚLIA OLIVEIRA; JOÃO CLIMACO DA ROCHA; ALARICO SILVEIRA; ARTUR GRIZ; FLORIVAL SERRAINE; PEREGRINO JUNIOR; FLEXA RIBEIRO; MANUEL BANDEIRA; ALCEU AMOROSO LIMA; HAMILTON NOGUEIRA; PEDRO CALMON;		ED. CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA; ED. JOSÉ OLYMPIO; LIVRARIA FREITAS BASTOS

						ANÍSIO TEIXEIRA; HERMES LIMA; HEITOR GRILO; SILVIA AUTUORI; PAULO RONAI; PICO DE LA MIRAN DOLA		
109	16/04/66	122	A Taça Roubada	Crítica aos ingleses pelo roubo da Taça Jules Rimet, em Londres.	Estrangeiros	FERNANDO SABINO		
110	22/04/66	114	O Último Boêmio (I)	Fala sobre um personagem da Ilha do Governador a quem a autora deu o nome de Luisinho e seria o 'último boêmio'.	Personagens		MADAME SANTOS LOBO	
111	29/04/66	114	O Último Boêmio (II)	Continua falando sobre o assunto anterior.	Personagens			
112	06/05/66	114	Manuel	Sobre Manuel Bandeira, aniversário de 80 anos.	Intelectuais			
113	13/05/66	114	Eternidade	Reflexão sobre o apego dos homens aos detalhes da vida, como se fosse garantida a sua eternidade.	Memórias			
114	20/05/66	114	Os Bons Tempos	Sobre um passado de nostalgia de quem vinha para o Rio e se maravilhava com as belezas da cidade. Faz crítica ao Estado Novo e à 2ª Guerra, colocando a culpa do desajuste neles. Finaliza dizendo que 'já não se tem quase: esperança'	Rio de Janeiro/ Antiguetulismo		SR. BATISTA LUZARDO; GETÚLIO; CHURCHILL DE GAULLE	
115	26/05/66	114	Os Mortos	Reflexão sobre a vida, a morte, a saudade.	Memórias			
116	02/06/66	114	11 Anos na Amzônia	Sobre o livro de mesmo nome publicado por seu tio Dr. Espiridião de Queiroz Lima, que viveu 11 naquele estado.	Intelectuais/ Família/ Resenha	JÚLIO VERNE; ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS	PLÁCIDO DE CASTRO; OSWALDO CRUZ;	
117	09/06/66	114	As Vozes de Fora	Fala sobre as denúncias de enfraquecimento da	Estrangeiros/ cultura/ imprensa			

				soberania nacional, através da influência do capital norte-americano na imprensa nacional				
118	16/06/66	114	O Mano Caçula	Fala sobre a petulância de Bob Kennedy, irmão caçula de John Kennedy.	Estrangeiros		NAPOLEÃO III; THEODOR ROOSEVELT; FRANKLIN ROOSEVELT; PERÓN; EVITA; JOHN KENNEDY; JACQUELINE; EDWARD; ROBERT; PERRY MASON; GOVERADOR FAUBUS; MALCOM X	
119	23/06/66	114	Língua Portuguesa	Em defesa da mobilidade da língua portuguesa do Brasil, que não precisaria ficar presa a uma regra clássica ultrapassada.	Língua Portuguesa	LUIZ CARLOS LESSA; RUY BARBOSA; TRISTÃO DE ATAÍDE; BANDEIRA; CASSIANO; JOSÉ LINS; JORGE AMADO; MARQUES REBELO; GUIMARÃES ROSA; ADONIAS FILHO; AURÉLIO BUARQUE DE HOLLANDA	DE GAULLE	
120	29/06/66	114	Seca	Sobre o que a fome provoca nos homens, e a conduta na seca do nordeste.	Nordeste			
121	06/07/66	114	O Homem na Lua	Analisa os feitos na era espacial, a ida dos homens ao espaço e os preparativos para a chegada do homem à Lua. Compara com as navegações	Ciências		IURI GAGARIN;	ONU
122	13/07/66	114	Reforma Agrária e os questioná	Descreve itens burocráticos sobre a Reforma agrária e a realidade da	Revolução			INSTITUTO BRASILEIRO DE REFORMA AGRÁRIA (IBRA);

			rios do IBRA(I)	propriedade de terra. Importante crítica sobre como a burocracia do Estado é descolada da realidade.				SUPRA;
1 2 3	20/07/66	114	Reforma Agrária e os questionários do IBRA(II)	Idem	Revolução			IBRA; SUDENE
1 2 4	26/07/66	114	Seu Geraldinho	Sobre personagem de romance do autor Antônio Olavo Pereira.	Intelectuais	JOSÉ LINS DO REGO; ANTONIO OLAVO PEREIRA		JOSÉ OLÍMPIO
1 2 5	02/08/66	114	Debulha	Conta as crendices do povo da roça, sobre um “fantasma” que teria aparecido para crianças de uma família.	Nordeste/Me mórias			
1 2 6	09/08/66	114	Crime e Política	Sobre os crimes contra a humanidade na África do Sul (apartheid). Faz reflexão contra esses crimes.	Estrangeiros/cultura/racismo			NAÇÕES UNIDAS
1 2 7	16/08/66	114	Carta a Odylo, em Lisboa	Dá conselhos ao amigo que fique por Portugal, porque a vida no Brasil está difícil.	Intelectuais	ODYLO COSTA FILHO		
1 2 8	23/08/66	114	De Cabeça Fria	Críticas às competições estrangeiras de futebol.	Estrangeiros/esporte		PELE;	PETROBRAS
1 2 9	29/08/66	122	Quem matou Chico preto?	Morte de pessoa no Nordeste.	Nordeste/ Personagem			
1 3 0	05/09/66	114	Fim de Governo	Sobre a inauguração da usina de Paulo Afonso (BA), pelo então governador Virgílio Távora.	Nordeste/ Revolução		GOV. VIRGÍLIO TÁVORA; DESEMB. COLOMBO DE SOUZA	
1 3 0	12/09/66	130	O Coro das onze mil virgens	Fala dos reclames contra a ditadura por parte de pessoas que participaram de outras ditaduras no Brasil.	Revolução	SOBRAL PINTO; TRISTÃO DE ATAÍDE	GAL. LOTT; JANGO; BRIZOLA; JUSCELINO; CARLOS LACERDA; CAFÉ FILHO	FORÇAS ARMADAS
1 3 2	19/09/66	114	A Cachaça é Nossa	Fala sobre os bens culturais e a falta de verbas que motivou a cobrança de impostos	Nacionalismo			MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; PATRIMÔNIO HISTÓRICO;

				sobre as bebidas alcoólicas no país (Na página ao lado da crônica, há a propaganda da 'caninha Tatuzinho')				BIBLIOTECA NACIONAL; INSTITUTO DO LIVRO; MUSEU HISTÓRICO
1 3 3	25/09/66	122	Neves de Antanho	Crônica auto reflexiva, sobre o passado contado através de fotografias antigas.	Memórias			
1 3 4	02/10/66	114	Divulgação	Faz crítica à divulgação científica extremamente resumida.	Ciência	MARX; FREUD; EINSTEIN;	JOÃO XXIII; PE. TEILHARD DE CHARDIN	
1 3 5	09/10/66	114	Imigração	Sobre as correntes migratórias e seus efeitos sobre as sociedades e as economias mundiais.	Estrangeiros/ cultura		PRINCIPE SADDRUDD IN IGNEZ B. CORREIA D'ARAUJO; PORTINARI; MENOTTI DEL PICCHIA; MANABU MABE	ONU
1 3 6	16/10/66	122	Nova Iorque	Sobre a chegada em Nova Iorque em uma tarde chuvosa e a sua luta para conseguir um taxi.	Estrangeiros/ cultura		NEGRÃO DE LIMA	
1 3 7	23/10/66	114	As Duas Guerras	Fala das guerras norte-americanas (fora: Vietnã – dentro brancos X negros). Comenta casos de violência racial nos EUA.	Estrangeiros/ racismo			
1 3 8	30/10/66	122	Broad way	Fala da cultura dos norte-americanos, as festas que comemoram os dias dos estrangeiros: St. Patrick, Pulasky Day, Columbus Day...Chama a Broadway de mafuá, por causa das luzes bagunçadas.	Estrangeiros/ cultura		CARDEAL SPELLMAN; GENERAL CLARK; PULASKI; SOBIESKI; PADEREWS KI;	
	05/11/66	122	A Ordem nas Desordens (I)	Conta a história de um russo morador de Nova Iorque que luta pelo direito dos pobres.	Estrangeiros/ cultura			
1 3 9	12/11/66	114	A Ordem nas Desordens (II)	Continuação da crônica acima	Estrangeiros/ cultura		LUTHER KING	

140	19/11/66	122	O Ar que se Respira	Sobre a poluição nos EUA e o que estão fazendo em LA para diminuir a emissão de poluentes no ar.	Estrangeiros/ciências			
141	26/11/66	118	Um Herói	Sobre mortes de personalidades	Intelectuais		ELIZABETH ARDEN; CLIFTON WEBB; RALPH BUNCH; DOUGLAS R. STRINGFELLOW; FLEMING	
142	03/12/66	122	Amor e Guerra	Ainda em Nova Iorque fala sobre a guerra do Vietnã	Estrangeiros/ guerra		NAPOLEÃO	
143	10/12/66	168	Marcha para trás	Sobre eleições de membros racistas aos governos estaduais norte-americanos.	Estrangeiros/ racismo		LESTER MADDOX	
144	17/12/66	122	Imprensa Americana	Crítica à imprensa norte americana, veladamente censurada, racista, marrom.	Estrangeiros/ imprensa/ racismo		PRESIDENT E JOHNSON; DE GAULLE	
145	31/12/66	114	O Herói Maddox	Sobre a eleição do racista Maddox ao governo da Geórgia.	Estrangeiros/ racismo		LESTER MADDOX	
146	07/01/67	122	A Penetração	Fala da penetração do capital estrangeiro norte americano no mundo	Estrangeiros			ONU
147	14/01/67	122	O País, meu País	Retorno da autora ao Brasil, após visita aos EUA como representante do país na ONU (fala que quase todos os jornais do Brasil são de oposição)	Estrangeiros		D. PEDRO II; JUSCELINO; JOÃO GOULART;	ONU
148	21/01/67	122	Um Homem Livre	Homenagem a Gustavo Corção	Intelectuais	GUSTAVO CORÇÃO		
149	28/01/67	126	Liberdade de imprensa	Crítica aos norte-americanos por censurarem as leis brasileiras quando lá também há racismo, censura, etc.	Imprensa/ Estrangeiros			
150	04/02/67	118	O Goeldi de Reis Junior	Sobre biografia de Oswaldo Goeldi. Faz importantes considerações sobre o caráter de uma biografia.	Intelectuais	OSWALDO GOELDI		
151	11/02/67	118	Tromba-D'Água	Reflexão sobre as mortes nas enchentes no Rio de Janeiro.	Rio de Janeiro			

1 5 2	18/02/67	130	A ONU(I)	Conta a história e os propósitos da ONU	Estrangeiros			ONU
1 5 3	25/02/67	130	A ONU(II)	Continua, mas aprofunda a história para a questão da personalidade dos representantes de cada país.	Estrangeiros			ONU
1 5 4	04/03/67	130	A ONU (III e Última)	Fala do papel dos negros, brancos, e mulheres na ONU.	Estrangeiros			ONU
1 5 5	11/03/67	130	O Rio no Temporal	Crítica aos governos que relegam ao segundo plano as ações de contenção contra enchentes.	Rio de Janeiro	PAULO RODRIGUES ; MÁRIO FILHO; NELSON RODRIGUES	HÉLIO COIMBRA BUENO; NEGRÃO DE LIMA	
1 5 6	18/03/67	114	O Mistério da China	Sobre as particularidades do mundo chinês.	Estrangeiros			
1 5 7	25/03/67	130	Missão Cumprida	Sobre último dia do mandato presidencial de Castello Branco	Revolução		CASTELO BRANCO	
1 5 8	01/04/67	130	Quem Matou o Presidente?	Sobre o assassinato de John Kennedy	Estrangeiros		JOHN KENNEDY	
1 5 9	08/04/67	114	Vendaval da Liberdade	Sobre obra de Edmar Morel que fala dos libertadores abolicionistas.	Intelectuais	EDMAR MOREL		
1 6 0	15/04/67	118	Dieta	Crítica a teorização das dietas norte-americanas enquanto os nordestinos fazem sua dieta pobre e mesmo assim se mantêm fortes para o trabalho. Dá o registro de 7 famílias de sua fazenda que não tiveram problemas de saúde em 13anos, mesmo comendo pobremente.	Estrangeiros/ Nordeste/ cultura			
1 6 1	22/04/67	122	O Amigo do Homem	Importante reflexão sobre amizade ao Presidente Castello Branco.	Revolução		CASTELO BRANCO	
1 6 2	29/04/67	114	Quem Atira a Primeira Pedra	Sobre a atuação do Papa na sua nova encíclica.	Religião			
1 6 3	06/05/67	114	O Príncipe das Trevas	Conta episódio de abordagem de um 'Capiroto'(diabinho) a um senhor em	Nordeste/ Memórias			

				Quixadá – lendas da cultura nordestina.				
1 6 4	13/05/67	114	Um Senador America no I	Crítica a um senador norte-americano que menosprezou a capacidade de desenvolvimento do brasileiro (conclui na próxima)	Estrangeiros/ cultura nacional			FUNDAÇÃO ROCKEFELLER; FUNDAÇÃO FORD
1 6 5	20/05/67	114	Um Senador America no II	Responde ao senador com a lembrança da existência de grupos racistas, governadores preconceituosos, morte de negros, assassinatos em igrejas e escolas negras nos EUA o que, supostamente, não ocorria no Brasil. Profetiza um futuro onde o Brasil ajudaria países desenvolvidos como os EUA.	Estrangeiros/ cultura nacional		MADDOX	
1 6 6	27/05/67	114	Controle de Natalidade	Resposta às insinuações de que o Brasil deveria implantar controle de natalidade na população, para evitar o aumento da pobreza.	Nacionalismo		BOB KENNEDY; CONDE DE GOBINEAU; DR. GOEBBELS	
1 6 7	03/06/67	162	Retrato do Brasil I	Inicia crítica a jornalista do “Time” que retrata o Brasil de maneira, segundo ela, inverídica com relação a realidade. Sublinha os pontos de discordância às críticas do jornalista em questão. Conclui na seguinte crônica.	Estrangeiros/ imprensa	BENJAMIN CONSTANT	CASTELO; MAMEDE, JUAREZ; CORDEIRO DE FARIAS; COSTA E SILVA; DENYS, SIZENO, GOLBERY; GEISEL;	
1 6 8	10/06/67	154	Retrato do Brasil II	Continua a crítica ao jornalista, apontando as falhas e a indignação que teve com a matéria.	Estrangeiros/ imprensa	CASTRO ALVES; TOBIAS; RUI	REI ALBERTO; D. AGNELO ROSSI; D. HÉLDER CAMARA; PRESIDENTE JOHNSON; EMBAIXADOR TUTHILL	IGREJA CATÓLICA; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
1 6 9	17/06/67	122	O Homem e o Tempo	Reflexão filosófica sobre a vida, o progresso humano, os desperdícios e excedentes	Ciências	JANE AUSTEN		

				produzidos pelo homem. Termina por dizer que o homem deveria ser um robô.				
170	24/06/67	122	Israel	Comentário sobre a guerra entre árabes e judeus.	Estrangeiros		IMPERADOR TITO; LORD BALFOUR; GAL. NASSER	
171	01/07/67	114	Quem conta um sonho	Conta um pesadelo que teve, envolvendo viagens ao polo Sul (Antártida).	Memórias			
172	08/07/67	114	Vivaldo Coaracy	Conta das obras e feitos do falecido Vivaldo Coaracy.	Intelectuais	VIVALDO COARACY;	JOSÉ DO PATROCÍNIO; LAURO SODRE; BORGES DE MEDEIROS; GETÚLIO	
173	15/07/67	130	A Moça que dormiu no mato (I)	Narra a história da personagem Nazaré, moça de olhos verdes, felinos, que saiu para caçar e dormiu no matagal. Continua na seguinte.	Personagem			
174	22/07/67	130	A Moça que dormiu no mato (II)	Continuação da anterior.	Personagem			
175	29/07/67	122	Máquinas	Faz importante reflexão sobre o uso de máquinas nas fabricas e a ação delas sobre a condição dos operários.	Ciências		CHARLES CHAPLIN	
176	05/08/67	122	ABC e Catecismo	Discute a importância da educação de fato e não apenas da alfabetização das crianças. Contrapõe o aumento da alfabetização com o decréscimo da catequese, pois os religiosos, segundo ela, não fazem fé de catequisar as crianças analfabetas.	Educação/ infância			
177	12/08/67	134	O Cego Aderaldo	Sobre a morte do cantador Aderaldo Ferreira de Araújo.	Intelectuais	CEGO ADERALDO (ADERALDO FERREIRA DE ARAÚJO);	REI ALBERTO; NAPOLEÃO BONAPARTE;	

1 7 8	19/08/67	130	A Morte Provisória	Comenta notícia equivocada sobre sua morte em acidente de avião.	Memórias		ALBA FROTA	
1 7 9	26/08/67	138	Morreu um homem	Crônica de elogio a Castelo Branco, após sua morte.	Revolução	RAUL FERNANDES; EUGÊNIO GUDIN; GUSTAVO CORÇÃO; JOSÉ AMÉRICO; TRISTÃO DE ATAÍDE; SOBRAL PINTO	CASTELO BRANCO; BRIG. EDUARDO GOMES; JOSÉ MARIA WHITAKER; CAFÉ FILHO;	
1 8 0	09/09/67	138	O Menino e o Caravelle	Narra a história do primeiro voo de um menino, as descobertas sobre o avião.	Família			
1 8 1	16/09/67	156	Brejo e Sertão	Sobre os problemas enfrentados no nordeste, tanto no sertão (área seca) quanto no brejo (área plantada com cana-de-açúcar). Contraste entre ricos usineiros e boias-frias no brejo e seca e fome no sertão.	Nordeste/cultura	ARTHUER SCHLESINGER JR.	PADRE HELDER	
1 8 2	23/09/67	138	Nico, o herói	Sobre adolescente italiano que, vindo com os pais ao Brasil para morar, fica doente e deficiente auditivo, visual e móvel. Consegue, após muita luta, aos poucos se reestabelecer.	Personagem			
1 8 3	30/09/67	146	A Constituição ao alcance de todos	Comentário sobre o livro homônimo de Paulo Sarasate, em que discute a necessidade e explica a importância de uma constituição.	Intelectuais	AFONSO ARINOS	GENERAL DUTRA; MARECHAL LOTT; PAULO SARASATE; JOSAPHAT MARINHO	MDB
1 8 4	07/10/67	138	Carta ao Prefeito de Fortaleza	Pede ao prefeito de Fortaleza que, ao restaurar o Parque da Liberdade, de o nome da falecida Alba Frota a uma das escolas do complexo escolar dali, pois teria sido colaboradora.	Política/Revolução/cidades		ALBA FROTA; CASTELO BRANCO; ZILDA MARTINS RODRIGUES; JOSÉ WALTER	

1 8 5	14/10/67	130	Profecias	Comenta as profecias que Eça de Queiroz teria feito em uma de suas crônicas, de que o Brasil após a proclamação da República seria desfeito em unidades fragmentadas.	Intelectuais	EÇA DE QUEIROZ	DEODORO DA FONSECA; PRUDENTE; CAMPOS SALES; RODRIGUES ALVES; FLORIANO; D. PEDRO II; PRINCESA ISABEL	
1 8 6	21/10/67	162	A Livraria São José	Fechamento da livraria e da falta que fará para os intelectuais e pessoas ligadas às letras.	Intelectuais	GUIMARÃES ROSA		GARNIER; JOSÉ OLYMPIO; LIVRARIA SÃO JOSÉ
1 8 7	28/10/67	170	Raul Fernandes (I)	Comemoração aos 90 anos de Raul Fernandes, tem importante reflexão contrastante com 'Neves de Antanho', sobre a biografia de alguém.	Intelectuais	RAUL FERNANDES		
1 8 8	04/11/67	130	Raul Fernandes (II)	Continuação da crônica anterior, mantém a comparação e a sinalização das permanências entre o Raul da juventude e o idoso que aniversariava.	Intelectuais	CARLOS CHAGAS		
1 8 9	11/11/67	154	A Operação 'Para Pedro'	Importante reflexão sobre a truculência policial ao fiscalizar o trânsito no Rio de Janeiro. Morte de crianças em nome do 'respeito às leis de trânsito'. Convoca Presidente e governadores a reverem esta situação. Traz foto da criança.	Segurança/ cidades			MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
1 9 0	18/11/67	162	Hora de Verão	Duras críticas ao Horário de Verão, contestando a sua eficácia. Retoma a crítica a truculência e a impunidade da polícia que cometeu assassinatos no RJ, na crônica anterior.	Antigetulismo		JOSÉ AMÉRICO	LIGHT
1 9 1	25/11/67	150	A Escalada do Negro	Em resposta a questão 'por que não há negros nos postos de poder no Brasil',	Brasil/ Racismo		MADDOX	

				atribui ao fato de que por causa da 'democracia racial', há miscigenação e as gerações de descendentes de escravos foi branqueada. Importante para problematizar a questão da cidadania em relação a etnia.				
1 9 2	02/12/67	154	1997	Série de crônicas que conta de uma expedição fictícia a Vênus, de um artefato espacial russo não tripulado e que trava contato com venusianos. Tal contato teria sido interceptado por laboratório brasileiro em São José dos Campos. Prenúncio de livro que pretendia publicar.	Ciências		DANIEL PEREIRA;	
1 9 3	09/12/67	138	1997(2º)	Continuação	Ciências		DANIEL PEREIRA; GABRIEL ATOS; JOSÉ OLYMPIO	
1 9 4	16/12/67	162	1997(3º e último)	Continuação	Ciências		DANIEL PEREIRA; JOSÉ OLYMPIO	
1 9 5	23/12/67	170	As bandeiras da revolução	Sobre as mudanças e flexibilizações na Igreja Católica e sua relação com o mundo soviético.	Estrangeiros/cultura	RICHELIEU	CARLOS V; MARIA TEREZA DE ÁUSTRIA	IGREJA CATÓLICA
1 9 6	30/12/67	162	Final de Ano	Despedida ácida a 1967, maldizendo as mortes ocorridas no ano, e desejando que este passado não retorne mais.	Revolução		JOSÉ OLIMPIO; SADDRU DIN; D. MARCOS	ONU
1 9 7	06/01/68	122	O Coração de Washkan sky	Sobre um dos primeiros transplantes de coração. Reflete sobre a ideia de cambiar órgãos entre os humanos. Lamenta a morte do transplantado, 18 dias após a cirurgia.	Ciências		MARIA CALLAS	

198	13/01/68	122	O Votos de Ano Novo	Importante reflexão sobre mudanças: compara o Brasil de 5 anos antes. Coloca que as mudanças estão ocorrendo, ressalta que há problemas, mas não critica o regime.	Revolução		JOSEPH STALIN	
199	20/01/68	130	Demócrito	Reflexão sobre Demócrito Rocha e o jornal Cearense O Povo, fundado por ele. Morreu em 29/11/1943.	Intelectuais/Imprensa	DEMÓCRITO ROCHA	ADAGISA CORDEIRO	
200	27/01/68	122	Professores Militares	Faz apelo para que os cientistas militares continuem dando aulas nas universidades. Ressalta que a intelectualidade militar fez parte da 'revolução de 64' e é importante na formação cidadã dos soldados.	Ciências/Revolução/cidadania		BRIGADEIRO C. MONTENEGRO	UFRJ ITA FORÇAS ARMADAS
201	03/02/68	130	O Prêmio Camões	Celebração ao David Nasser por ter ganhado o prêmio no biênio 66/67.	Intelectuais	DAVID NASSER; CAMÕES; MANUEL BANDEIRA		
202	10/02/68	130	O tremor de terra na Serra do Pereiro	Crítica aos geólogos que, apesar dos indícios evidentes nas rachaduras das casas e peças quebradas, negam ter havido tremor de terra no sertão do Ceará. Coloca a questão como falta de patriotismo, por não aceitarem o tremor no Ceará. Também coloca dois pesos e medidas, já que para o Nordeste sobra a seca enquanto outros estados possuem vantagens e atrativos.	Cidades/ciências	COPÉRNICO; GALILEU; DARWIN; ARISTÓTELES; CUVIER	CHICA DA SILVA	SUDENE
203	17/02/68	130	Léguas de Promissão	Comentários elogiosos sobre os livros de Adonias Filho (Léguas de Promissão) e Octávio de Faria (Novelas da Masmorra).	Intelectuais	OCTAVIO DE FARIA; ADONIAS FILHO		
204	24/02/68	150	Buckle e o Brasil	Tradução de parte do livro de H Thomas Buckle, 1857, sobre o	Intelectuais	H. THOMAS BUCKLE; GONÇAL		

				Brasil do século XIX. Crítica e desmonta o argumento de atraso, aplicado pelo autor ao nosso país.		VES DIAS; ALENCAR; MACHADO DE ASSIS		
2 0 5	02/03/68	130	Vietname	Compara uma situação limite entre crianças que destruíam carros em uma praça na Ilha do Governador e o resultado desta 'molecagem', com os conflitos no Vietnã, e as possíveis consequências no caso de uma guerra atômica.	Estrangeiros/ guerra			
2 0 6	23/03/68	122	Béatrix e Goeldi	Fala da relação entre a Beatrix Raynal e Oswaldo Goeldi, que entregou a ela o controle sobre suas obras, antes de vir a falecer.	Intelectuais	OSWALDO GOELDI; BEATRIX REYNAL		MEC CURZ VERMELHA BRASILEIRA
2 0 7	30/03/68	142	O Bem-estar do menor	Comenta da inauguração da FUNABEM, em substituição a SAM que cuidava dos menores em situação de risco, mas que deixava criar bandidos dentro da instituição. Estima que a nova formatação dê certo.	Educação/ Infância	ODYLO COSTA FILHO; MARIA CELESTE FLORES DA CUNHA	MARIO ALTENFELD ER	FUNABEM; SAM
2 0 8	06/04/68	122	Galáxia	Sobre a revista de ficção científica Galáxia 2000, lançada. Comenta sobre os colaboradores e sobre as matérias que farão parte do periódico.	Ciências	DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ; FAUSTO CUNHA; LÚCIA BENEDETTI; ANTÔNIO OLINTO; ZORA SELJAN; JULES VERNE; ASIMOV	MÁRIO CAMARI NHA	
2 0 9	04/08/70	130	O Recomeço	Faz discurso de retomada da sua página na revista, fala da crise sucessória do governo após a morte de Castello Branco, cita Aurélio de Lyra Tavares, como articulador da sucessão. Elogios aos	Revolução		COSTA E SILVA; AURÉLIO DE LYRA TAVARES	

				militares e a Transamazônica.				
210	11/08/70	138	Mudança	Mudança da Glória para o Leblon, onde começa a arrumar novo apartamento e acostumar-se com as coisas diferentes, na casa e no bairro.	Rio de Janeiro/ Memórias	PEDRO NAVA; NIETA NAVA; PASCOAL CARLOS MAGNO; ODYLO	JOSÉ OLYMPIO	
211	18/08/70	146	Seca e trabalho	Compara o sertão na fase da seca, onde as doenças pouco consomem o povo, com a fase das enchentes, que arrastam os sertanejos a mudarem de casa, morrem crianças das doenças da chuva, devido aos alojamentos mal estruturados. Critica o pagamento dado aos sertanejos nas frentes de trabalho, pois o dinheiro é pouco e não dá sustento ao pai de família.	Nordeste			DNOCS; SUDENE
212	25/08/70	138	A Trégua	Sobre assinatura de trégua no Oriente Médio	Estrangeiros/ guerra			
213	01/09/70	138	Os Sequestros	Faz reflexão sobre os sequestros no Brasil e na América Latina, e as críticas que o governo brasileiro recebe, dos norte-americanos, por ser uma ditadura. Pondera que os sequestradores é que são antidemocráticos e que o governo brasileiro, apesar de ser tido como ditadura, salvou os sequestrados do cárcere.	Segurança		EMBAIXA DOR ELBRICK; KOSSIGUIN; MAO TSE-TUNG; FIDEL CASTRO; DAN MITRIONE	
214	08/09/70	146	A Sudene	Defesa aos planos da SUDENE, apesar dela não resolver o problema da seca no nordeste (criada inicialmente em 1959, foi desmantelada em 2001 e reativada em 2007). Fala da intervenção	Nordeste/ Revolução			SUDENE; SUDAM; SUDEPE; EMBRATUR

				presidencial em abril de 1970 para que fossem abertas mais frentes de trabalho que absorvessem os sertanejos, dando-lhes emprego e renda no período da seca. Revê a postura crítica ao valor do salário pago pelo governo, elogiando!!				
215	15/09/70		Gosto de Brasil	Fala das eleições parlamentares e dos 'avanços' do regime na economia.	Revolução			
216	22/09/70	154	Aniversários	Fala sobre as comemorações de aniversário em sua infância, as diversões propostas pelos pais em lugar das tradicionais festas de aniversário.	Memórias/ Família			
217	29/09/70	146	Viva o Vasco!	Fala da paixão 'discreta e consciente', racional, do torcedor que como ela escolheu o Vasco para time. Elenca os campeonatos, a data de fundação do time e traz foto dos jogadores do campeonato carioca de 1970 (Vasco foi campeão carioca, mas o Fluminense levou o Brasileiro).	Memórias/ Esporte			CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA
218	06/10/70	154	Voto de Pobreza	Crise que se abateu sobre o clero, com perda de padres, fiéis, perda de privilégios sociais e de vantagens econômicas. Faz um balanço do que era o sacerdócio antes e na sua época.	Religião			
219	13/10/70	154	Bibliotecas Circulantes	Fala da novidade criada pelo cearense Luiz Cruz de se alojar em bairros de Fortaleza e do interior do Ceará para emprestar livros a quem queira ler. Circulando os livros entre os bairros, visava aumentar o	Personagem/ Educação		LUIZ CRUZ	

				público leitor do interior. Para suprir a falta de escolas no interior e a conseqüente carência de leitores, ele deu a fundar escolas. Pede para que o INL contemple o referido com livros.				
2 2 0	20/10/70	154	Os Governadores	Fala sobre a eleição dos governadores dos estados, da escolha de Chagas Freitas para o estado da Guanabara(MDB) e do governador que vai assumir o Ceará em ano de seca.	Revolução		ERNANI SATIRO; ERALDO GUEIROS; RONDON PACHECO; ANTÔNIO CARLOS MAGA LHÃES; LUIZ VIANA FILHO	ARENA
2 2 1	27/10/70	158	Os candidatos e a TV	Crítica a falta de profissionalismo com que as propagandas eleitorais eram feitas ao longo da campanha. Sugere que haja profissionais (marqueteiros) que cuidem da imagem dos candidatos e os apresentem com mais profissionalismo.	Revolução		DANTON JOBIM	ABI; ARENA; MDB; TSE
2 2 2	03/11/70	154	O Mal de Todos	Reflexão sobre os movimentos sociais extremos, em terras 'democráticas', ditaduras, comunistas, 'subdesenvolvidas' em vários países do mundo, sejam povos brancos, negros, índios e as formas de combate e repressão a esses movimentos. Justifica a existência dos 'governos fortes' para evitar a disseminação desses movimentos.	Revolução		PIERRE LAPORTE; PRES. ARAMBU RU; BEM. ELBRICK	
2 2 3	10/11/70	146	Carta aos alunos e mestres da Faculdade de Letras de Friburgo	Em meio a escusas para não ir a comemoração dos 40 anos de O Quinze, na Faculdade de Friburgo, faz uma reflexão apontando que a senhora idosa	Memórias/ Educação		JUAREZ; SIQUEIRA CAMPOS; JOÃO ALBERTO; EDUARDO GOMES;	

			(Especialmente aos alunos)	nada teria a ver com a mocinha que escreveu o livro.			LUIZA CARLOS PRESTES	
2 2 4	17/11/70	146	Pesquisas	Fala do Arquivo Nacional e da importância dos documentos ali depositados para a cultura nacional. Cita o CFC e suas atribuições com esses órgãos culturais.	Instituições/ Ciências	CAPISTRANO DE ABREU; CESAR LATTES; FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA	MARQUES DE OLINDA	ARQUIVO NACIONAL; TORRE DO TOMBO; MEC; MINISTÉRIO DA JUSTIÇA; CFC; SPHAN; BIBLIOTECA NACIONAL; INL
2 2 5	24/11/70	174	Desenhos de Carlos Leão	Abre a crônica com poema de Carlos Drummond de Andrade sobre a arte de Carlos Leão e informa ao leitor que há exposição do artista em andamento no Rio de Janeiro (na General Osório ao que ela denomina de “Coração da República de Ipanema”). Detalha as obras do artista e informa novas técnicas usadas por Leão.	Intelectuais	CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE; CARLOS LEÃO; JOSÉ GERALDO VIEIRA		
2 2 6	01/12/70	140	Queimar Leite em Pó	Usa uma notícia aventada nas mídias de que o excesso de leite em pó poderia ser queimado para haver estoques, para chamar a atenção para a pobreza e a miséria do Nordeste. Cita que o Presidente Médici deveria ter atenção a essa notícia para que, se confirmada, houvesse empenho para enviar o excesso dos estoques aos nordestinos em agonia. Termina a crônica praticamente “rogando praga” aos cooperativados que queimassem o leite.	Revolução/ economia	NELSON RODRIGUES	PRESIDENTE MÉDICI	SUDENE
2 2 7	08/12/70	154	O Poeta faz Bodas de Esmeral	Presta homenagem aos 40 anos da carreira de Carlos Drummond de	Intelectuais	CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	RODRIGO DE MELO FRANCO DE ANDRADE	SPAN

			da	Andrade. Faz elogios a sua obra que, segundo ela faz parte do mundo misterioso e mágico decifrado somente pelos poetas.				
2 2 8	15/12/70	146	O Equilíbrio Biológico	Sobre tragédias naturais e/ou provocadas pelos homens. Cita o caso do Paquistão.	Meio ambiente/ cidades/ciências			
2 2 9	22/12/70	146	Meu Pai	Fala das memórias sobre seu pai, em uma manhã de passeio pelas terras do Sítio Não me deixes, em Quixadá-CE. Fala dos planos deixados por ela, para quando ela herdasse a terra, realizados com o seu casamento com o médico Oyama.	Nordeste/ Memórias			
2 3 0	29/12/70	146	Caboclo Branco I	Fala da obra do húngaro Gabriel Molnar, que conheceu através de Paulo Ronai, e que trata especialmente do Brasil. Questiona-se por que os brasileiros não conhecem Molnar, apesar de sua forte ligação aos costumes brasileiros. Divide a crônica em duas partes. Na primeira, conta as experiências de Molnar na Amazônia brasileira.	Intelectuais	GABRIEL MOLNAR; PAULO RONAI;		MUSEU NACIONAL DA HUNGRIA
2 3 1	06/01/71	146	Caboclo Branco II	Continuação da crônica anterior, que foi partida por falta de espaço. Conta das memórias de Molnar que, em livro escrito após acidente que o fez retornar à Hungria, relata suas experiências na Amazônia. Com tiragens de 40 mil exemplares, segundo a autora, os livros nunca haviam sido traduzidos. Indaga aos ministros Jarbas Passarinho e Mário Andreazza, e ao	Intelectuais	GABRIEL MOLNAR; PAULO RONAI; ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS	MÁRIO ANDREAZZA; JARBAS PASSARINHO.	

				professor Arthur Cesar Ferreira Reis, presidente do CFC, se eles não se interessam em patrocinar a tradução de tais obras.				
2 3 2	13/01/71	146	ABC do Brasil 71	Faz uma lista, de A à Z, dos problemas resolvidos no Brasil, e os que precisam ser solucionados.	Nacionalismo	CAPISTRANO		
2 3 3	20/01/71	130	Mil novecentos e setenta e um	Faz uma reflexão sobre a vida, os acontecimentos, o otimismo. Embora critique o ano que se inicia, profetizando que não crê que será um bom ano, termina rendendo vivas a 1971.	Memórias			
2 3 4	27/01/71	138	A crise do teatro	Tenta explicar a crise no teatro a partir da crítica aos estrangeirismos, nudismos e imitações de espetáculos de outras culturas, bem como as retóricas e teorias que tentam rotular os espetáculos.	Nacionalismo/ cultura	BRECHT; GENET; BECKET		
2 3 5	03/02/71	130	Manhã na casa de João José	Conta um dia do cotidiano de uma família de sertanejos.	Personagens/ Nordeste/ Cultura			
2 3 6	18/02/71	130	Praia do Leblon	Fala do público que frequenta a praia do Leblon durante a tarde, nos dias de semana. Mulatas belas, que são empregadas ou babás, adolescentes “gordinhos”, idosas e idosos.	Rio de Janeiro/ cultura	AFONSO ARINOS		
2 3 7	17/02/71	130	Um mundo só	Sobre o satélite de comunicações Intel Sat IV, lançado pelos norte-americanos em convênio com outros 71 países que poderão usufruir dos dados do aparelho. Prevê que as comunicações possam por fim às distâncias ideológicas criadas e apaziguar	Estrangeiros/ ciências			

				com as informações um mundo de conflitos.				
2 3 8	17/03/71	186	Entrevista	Publica entrevista que uma estudante de jornalismo fez a ela. Conta suas memórias e alguns dos seus desejos e medos.	Memórias	MANUEL BANDEIRA; JOSÉ CANDIDO DE CARVALHO		
2 3 9	24/03/71	146	Megalópole	Fala da necessidade dos homens em viverem em aglomerados humanos, urbanos.	Cidades/Ser humano			
2 4 0	31/03/71	146	Televisão	Malefícios e benefícios da TV às crianças e jovens.	Modernidade/Imprensa/Infância		SHEPPARD	
2 4 1	07/04/71	154	A Lei da Selva	Começa falando da morte de Anísio Teixeira, para emendar o assunto sobre o crescimento urbano desordenado, o caos urbano, e termina por falar da violência urbana e do 'salve-se quem puder'	Intelectuais/cidades/segurança	ANÍSIO TEIXEIRA		
2 4 2	14/04/71	146	O Rei Pelé	Crônica sobre Pelé e o que ele representa na época para o esporte nacional	Personalidades/ esportes		PELE	
2 4 3	21/04/71	130	A Manuel, ausente	Apresenta poema de Homero Sanchez, em homenagem a Manuel Bandeira	Intelectuais	MANUEL BANDEIRA; HOMERO ICAZA SANCHEZ; VINÍCIUS; ODYO DRUM MOND		
2 4 4	28/04/71	146	O Governo chega ao Sertão	Fala dos empréstimos contraídos pelos proprietários de terra, pequenos ou grandes e das dificuldades em se produzir gêneros agrícolas no Nordeste. Elogia o socorro providenciado pelo Médici aos minifúndios (idealizados, segundo ela, por inconsequentes)	Nordeste/política econômica			
2 4 5	05/05/71	138	Caramuru	Sobre as viagens espaciais. Guerra espacial entre russos e norte-americanos	Ciência/ Personagem		GAGARIN; SHEPPARD	

				que resulta em falsas notícias de viagens, segundo um personagem citado por Rachel				
2 4 6	12/05/71	130	Notícia para o Presidente Médici	Elogio ao Médici por providências tomadas para auxiliar os trabalhadores nordestinos no período de seca.	Política econômica			
2 4 7	19/05/71	130	Os Passarinhos	Fala da natureza ao redor do seu sítio.	Memórias/ Nordeste		CHIQUINHA GONZAGA	
2 4 8	26/05/71	130	Obsolência	Trata dos avanços tecnológicos da humanidade, como materiais de ferro e plástico mas que não duram nada	Ciências/ tecnologia			
2 4 9	02/06/71	130	Dia Feliz	Explica o que faz, para ela, um dia feliz.	Memórias/ Filosofia de vida			
2 5 0	09/06/71	130	O Pouco e o Muito	Critica a riqueza desmedida, sem caridade e sem Deus	Memórias/ Estrangeiros /Filosofia de vida			
2 5 1	16/06/71	130	Cirurgia Esportiva (Ao meu amigo dr. Dogmar Chaves)	Conta de um personagem que se machucou e que foi endireitado pelos colegas de Futebol	Personagem/ Cultura popular/ Esporte			
2 5 2	23/06/71	130	Rondon Mauá & Capistrano	Sobre projeto que beneficiaria estudantes de História que se dedicassem a organizar o acervo do Arquivo Nacional. Faz apelo a Jarbas Passarinho para projeto Capistrano de Abreu.	Educação/ NO DE ABREU	CAPISTRA NO DE ABREU	RAUL LIMA; JARBAS PASSARIN HO	ARQUIVO NACIONAL
2 5 3	30/06/71	130	Não há mais distâncias	Crítica sobre as esperas no aeroporto, que não compensa a velocidade da viagem.	Memórias/ Transportes			
2 5 4	07/07/71	130	Verão	Fala das condições climáticas do Nordeste no verão. Necessidades e variações naturais. As condições passageiras do clima e da natureza	Nordeste/ Memórias/ Cultura popular			
2 5 5	14/07/71	130	Marmota	Histórias e lendas sobre almas penadas	Nordeste/ cultura- folclore/			

					Memórias/ Personagens			
2 5 6	21/07/71	130	Rapadura	História sobre adultério, resolvido a golpes de rapadura.	Personagens	NELSON RODRIGUES		
2 5 7	28/07/71	130	A Morte dos Astronautas	Sobre a morte de três astronautas russos. Faz reflexão sobre as limitações do corpo humano e os progressos da ciência que extrapolam essas limitações.	Ciências/ Estrangeiros.			
2 5 8	05/08/71	130	'Certo ou Errado'	Usa o escândalo de Nixon para discutir até onde devem ir os segredos de um governo, e a questão da liberdade de imprensa.	Estrangeiros/ Imprensa		LINCOLN; J. KENNEDY; MARTIN LUTHER KING; NIXON	
2 5 9	12/08/71	130	Quatro anos	Memórias do governo Castelo Branco, falecido há quatro anos.	Revolução/ Personalidades		CASTELO BRANCO; LUIZ VIANA	
2 6 0	19/08/71	130	Também Chamam de Ipê	Natureza em seu sítio. Fala que as coisas não são permanentes, tudo é passageiro.	Memórias/ Nordeste/ Natureza/ Família			
2 6 1	26/08/71	130	Botija	Sobre propriedades de sua família, lendas e histórias de fortuna.	Família/ Memórias			
2 6 2	01/09/71	130	O Leão Doente	Cita a Fábula de La Fontaine para referir-se a crise dos EUA (Nixon e crise econômica).	Estrangeiros	LA FONTAINE; MACHIA VEL	NIXON; MAO TSE- TUNG; EISENHOWER; LINCOLN; ROOSEVELT ; KENNEDY	
2 6 3	08/09/71	130	Hora Decisiva	Fala que a hora de ocupar o Brasil desocupado chegou, para que os estrangeiros não o façam	Nacionalismo/ Estrangeiros			
2 6 4	22/09/71	130	Ariano Suassuna	Comentário sobre o Livro A Pedra do Reino, de Suassuna.	Intelectuais			
2 6 5	29/09/71	130	O Caso dos Bem-Te-Vis	Bem-te-Vis em fio de Central do Brasil pegam fogo e paralisam o transporte	Transportes/ Cidades/Rio de Janeiro			
2 6 6	06/10/71	130	O Homem Morto	Sobre a morte de Carlos Lamarca, suas considerações sobre a guerrilha.	Revolução/ Anticomunismo			

267	13/10/71	130	O Discurso na ONU	Elogio ao discurso de Gibson Barbosa, chanceler brasileiro na ONU, sobre a entrada de outros países na Assembleia	Estrangeiros/ Nacionalismo		MARIO GIBSON BARBOSA; RUI BARBOSA	ONU
268	20/10/71	130	Albergues da Juventude	Sobre a iniciativa de criação dos Albergues da Juventude, para abrigar jovens estudantes.	Educação/ Personagens/ Cidades		PASCOAL CARLOS MAGNO; ANA AMÉLIA; MARIO ANDREAZZA	
269	27/10/71	130	As Heranças do Passado	Controle sobre as demolições nas cidades em nome do progresso. Respeito à história urbana através dos seus prédios.	Cidades/Rio de Janeiro			
270	03/11/71	130	Poluição	Sobre a poluição dos mares, lixo atômico, etc.	Cidades/ Natureza			
271	10/11/71	130	Castro Alves	Sobre o centenário de morte de Castro Alves. Fala que todos somos baianos. Que o poeta deveria ter homenagem em rua do Rio de Janeiro.	Nordestinos/ Intelectuais/ Cidades	CASTRO ALVES	RUI BARBOSA; CHAGAS FREITAS	
272	17/11/71	130	Luanda Beira a Bahia	Sobre romance homônimo de Adonias Filho. Influências entre Bahia, Brasil, Luanda, Angola.	Preconceito racial/Nacionalismo	ADONIAS FILHO		
273	24/11/71	130	Automóveis	Reflexão sobre a importância e os usos dados aos automóveis nos centros urbanos. Convoca o leitor a repensar sua atitude frente ao caos urbano e a bolarmos estratégias para diminuir o uso de carros nas cidades	Cidades/ Rio de Janeiro Transportes.			
274	01/12/71	154	Os Peixes	Sobre a mortandade de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas – RJ.	Cidades/ Natureza/ Rio de Janeiro			
275	08/12/71	130	O Desastre	Sobre queda de viaduto em construção no Rio Comprido. Termina dizendo que se houve erro era pelo progresso.	Cidades/Rio de Janeiro			

2 7 6	15/12/71	130	A Pracinha	Sociabilidade na praça da Matriz em Ipanema.	Cidades/Rio de Janeiro/ Cultura popular		LEILA DINIZ	
2 7 7	22/12/71	130	A Palavra de Deus	Sobre criação de convento em Jacarepaguá que reproduzia com simplicidade a palavra de Deus.	Personagem/ Religião/ Rio de Janeiro		D.JAIME CAMARA	
2 7 8	29/12/71	130	O Milagre e o Sertão	Sobre o Milagre econômico e o fato dele ainda não ter sido sentido no Nordeste.	Nordeste/ Política Econômica/ Memórias		PRES. MÉDICI; PE. CICERO ROMÃO BATISTA	SUDENE
2 7 9	05/01/72	130	ABC	Repete o estilo da crônica ABC do Brasil de 1971, de janeiro passado.	Nacionalis mo	LAUREANO DE JESUS		
2 8 0	12/01/72	130	Declara ções para 1972	Comenta sobre a sua idade nos anos 2000, que expectativas e vontades tem.	Memórias/ Família/ Filosofia de vida			
2 8 1	19/01/72	130	Amigos	Teoriza sobre os benefícios da amizade.	Memórias/ Filosofia de vida	DAVID NASSER; NOEL ROSA		
2 8 2	26/01/72	130	Claro e Escuro	Crônica fragmentada em dois temas: a eleição de Octavio de Faria para a ABL e a morte de Hélio Viana.	Intelectuais	OCTAVIO DE FARIA; DRUM MOND; PEDRO NAVA; PEDRO CALMON; HÉLIO VIANA	JOSÉ BONIFÁCIO	ABL; CFC
2 8 3	02/02/72	130	Publicida de	Fala dos tipos de publicidade que enganam o consumidor ocultando parte do valor de produtos.	Cidadania/ Política Economia		YVES SAINT- LAURENT	
2 8 4	09/02/72	130	Os Três Irmãos Kennedy	Reflexão sobre os dons e os defeitos dos irmãos Kennedy. John e Bob já falecidos e Teddy ainda jovem.	Estrangeiros/ Personalida des		JOHN KENNEDY; ROBERT KENNEDY; EDWARD KENNEDY; ROOSE VELT; TRUMAN; EISENHO WER	
2 8 5	16/02/72	130	Carta para Lota de	Homenagem a Lota por ter idealizado e lutado pela	Personalida des/ Cidades/ Rio de Janeiro	MANUEL BANDEIRA	LOTA DE MACEDO SOARES; REIDY	

			Macedo Soares	concretização do Parque do Flamengo				
286	01/03/72	130	O Carnaval do Rio Continua Lindo	Sobre os bailes e desfiles de carnaval.	Cultura-folclore/Cidades/Rio de Janeiro	EÇA DE QUEIROZ		
287	08/03/72	178	O São Francisco	Sobre a importância do rio São Francisco para o Nordeste. Fala também das obras da Transamazônica	Nordeste/Transportes		ASSIS CHATEAU BRIAND; PRES. MÉDICI	
288	15/03/72	130	Pequenos Museus de Arte	Sobre coleção de museu que reproduz as obras célebres da humanidade, para ser exposta em locais sem acesso aos acervos oficiais.	Cultura- artes/ Intelectuais/	OCTAVIO DE FARIA; VERA PACHECO JORDÃO	GAUGUIN; MICHELAN GELO; DA VINCI	ED. JOSÉ OLYMPIO
289	22/03/72	130	O Amor é seu Espaço	Sobre livro de poemas de Odylo Costa Filho	Intelectuais	ODYLO COSTA FILHO		
290	29/03/72	130	A Lei na Megalópole	Fala sobre o crescimento das cidades, os usos intelectuais e ideológicos que se fazem nela	Cidades/ Rio de Janeiro/ Segurança			
291	04/04/72	130	Os Pais e os Jovens 'Bichos' (Folhetim nº1)	Sobre a juventude e novos hábitos adquiridos pelos jovens ao estudar, falar, relacionar-se com os outros.	Cultura-valores			
292	11/04/72	130	Os Pais e os Jovens 'Bichos' (Folhetim nº2)	Explora nova face dos jovens: a questão dos cabelos longos. Rachel concorda que homens usem cabelos longos	Cultura-valores			
293	19/04/72	130	Os Pais e os Jovens 'Bichos' (Folhetim nº3)	O assunto da semana são as vestimentas e, mais uma vez, Rachel se mostra a favor das mudanças propostas pela moda masculina (colorida, bordada, rendada).	Cultura-valores			
294	26/04/72	130	Os Pais e os Jovens 'Bichos' (Folhetim nº4)	Termina a série de crônicas fazendo uma reflexão sobre "dirigir" jovens e a relação entre as gerações: somos mais próximos aos jovens do que se imagina, lutamos com os mesmos anseios e frustrações.	Cultura-valores		PRINCIPE ALBERTO; RAINHA VITÓRIA; H.D. LAWRENCE	

2 9 5	03/05/72	130	Pega Ladrão	Sobre prática coercitiva dos mercados cearenses em exigir que as clientes deixem suas bolsas na entrada dos “mercantis”.	Cultura-valores/ Nordeste			
2 9 6	10/05/72	130	Joga, Cunhado !	Sobre a travessia de barco do Rio Amazonas e as tradições locais.	Cultura-valores/ Norte			
2 9 7	17/05/72	130	A Zona Franca de Manaus	Sobre a industrialização de Manaus e a interiorização do Brasil ao Amazonas com a construção da Transamazônica	Norte/ política econômica/ cidades		GOV. FERREIRA REIS; GO. ARTHUR CESAR	
2 9 8	24/05/72	130	O Homem	Sobre o pagamento das primeiras aposentadorias aos homens do campo no governo de Médici (a quem chamam de O Homem, no Nordeste).	Nordeste/ Cultura-valores		PRES. MEDICI	
2 9 9	31/05/72	130	Grilos, Sapos, Passarinhos	Sobre a morte em cadeia de sapos desequilibrando a fauna em Pernambuco.	Nordeste/ Cultura-valores			
3 0 0	07/06/72	130	Ai, Amazonas	Sobre a exuberância do rio Amazonas, sua fauna e flora. Mas também sobre os males do contato direto com as inundações (lama, doenças)	Norte/ Cultura-valores/ Meio ambiente			
3 0 1	14/06/72	130	Fogos de São João	Crítica ao uso de fogos nas comemorações de São João, na Ilha do Governador.	Cultura popular/ Cultura-tradições			
3 0 2	21/06/72	122	Mapinguari	Sobre lenda amazonense do Mapinguari: figura de caboclo gigante e ruivo canibal	Cultura-folclore/ Norte			
3 0 3	28/06/72	130	Os 14 Degraus	Sobre romance homônimo de Emy Bulhões Carvalho da Fonseca	Intelectuais	EMY DE BULHÕES CARVALHO DA FONSECA		
3 0 4	05/07/72	130	Ausência	Sobre ausência da igreja Católica nos rincões mais afastados do país.	Cultura-valores			
3 0 5	12/07/72	130	A Terra e os	Em relato fictício, apresenta carta de ET	Cultura-valores/			

			Viajantes das Estrelas	sobre os habitantes da terra, os quais acreditam ser os carros e os homens seus escravos	Ciência/Cidades			
306	19/07/72	130	Sesquicentenário	Comentário sobre os 150 anos da independência com crítica aos meios de transporte urbanos.	Cidades/Nacionalismo/Transportes		D. PEDRO I; D. CARLOTA; D. PEDRO II	
307	26/07/72	130	Maria Graham e o Disco Voador	Sobre relato da inglesa Maria Graham, sobre luz não identificada avistada em viagem ao Chile	Ficção/Intelectuais	MARIA GRAHAM; AMÉRICO JACOBINA LACOMBE	D. PEDRO II; D LEOPOLDINA; D. MARIA DA GLÓRIA; AUGUSTUS CALLCOTT	
308	02/08/72	146	O Arsenal de Marinha	Sobre as faces do Arsenal da Marinha: área de tecnologia, porta-armamentos, casamentos, batizados, obras de arte, enfim, um mundo desconhecido dos cariocas.	Militares/Cidades		VICE-ALMIRANTE ARNALDO DE NEGREIROS JANUZZI	
309	09/08/72	122	Vossa Excelência	Discute o uso dos pronomes de tratamento. Cita o uso da palavra cidadão. Responde a uma crítica de um leitor.	Língua Portuguesa/Cultura-valores			
310	16/08/72	122	Os Dois Candidatos	Sobre as eleições norte-americanas.	Estrangeiros/Democracia		NIXON; MCGOVERN; HUMPHREY; MUSKIE; WALLACE; KENNEDY; ABRAHAM LINCOLN; MARTIN LUTHER KING; KISSINGER; JANIO	
311	23/08/72	122	Pinto Martins	Sobre o raid de Pinto Martins em hidroavião dos EUA ao Brasil na comemoração de 1922, do centenário da independência.	Tecnologia/Nacionalismo	GEORGE THOMAS BYE	GAGO COUTINHO; SACADURA CABRAL; EUCLIDES PINTO MARTINS; WALTER HINTON; JOHN EDWARD WILSHOUSEN; JOHN THOMAS BATZELL;	

							ADAHIL BARRETO	
3 1 2	30/08/72	122	Amati, Mationã	Sobre índio pintor de nome Amatiunã, conhecido como Amati ou Mationã.	Intelectuais/ Cultura-artes		AMATI	
3 1 3	06/09/72	122	Árvore & Ave	Sobre discussão de árvore e ave símbolos do Brasil ao que discorda da escolha do Ipê, mas defende o Sabiá como símbolo	Nacionalismo/ Cultura-tradições	GONÇALVES DIAS	TOM JOBIM; CHICO BUARQUE; FRANK SINATRA	
3 1 4	20/09/72	138	Olimpíada	Crítica a falta de incentivo aos esportistas nacionais.	Esportes			
3 1 5	27/09/72	138	A Guerra de Campeões	Fala que as guerras devem ser resolvidas com o duelo entre os líderes de Estado (cita Kadafi da Líbia).	Política/ Guerras/Militares/ Tecnologia		MARTIN LUTHER KING; MALCOM X; WALLACE; HENRIQUE III; HENRIQUE IV; HASSAN II; GOLDA MEIR; PRES SADAT; KADAFI	
3 1 6	04/10/72	130	Munique	Sobre o ataque terrorista que marcou as olimpíadas de Munique	Guerra/ Esporte			
3 1 7	11/10/72	130	Cavalo versus Automóvel	Responde a uma crítica de um leitor, que defende o uso de automóveis, enquanto Rachel não concebe a quantidade de carros nas ruas.	Cidades/ Tecnologia	ELSIE LESSA	NAPOLEÃO; D. PEDRO II	
3 1 8	18/10/72	130	Águas Passadas	Reflexão sobre as muitas características das fases da vida de cada um que se superpõem tal qual as Matryoshkas / Mamushkas (bonecas russas)	Memórias/ Cultura-valores			
3 1 9	25/10/72	130	Brasília (I)	Reflexão sobre a construção de Brasília, sua imponência e arte.	Cidades/ Cultura-artes		LUCIO COSTA; NIEMEYER; JUSCELINO KUBITS CHEK;	
3 2 0	01/11/72	202	Brasília (II)	Continuação das considerações sobre Brasília, só que do ponto de vista dos usos da cidade	Cidades/ Cultura-artes		LUCIO COSTA	

3 2 1	08/11/72	130	S.O.S. nos Inhamuns	Sobre a seca na região de Inhamuns. Fala das providências tomadas para solucionar os problemas.	Nordeste/ Política econômica/ Seca	JOSÉ DE ALENCAR	PRES. MEDICI	SUDENE; DNOCS
3 2 2	15/11/72	130	Incentivos para Cultura	Traz importante definição sobre o que ela entende como cultura. Explica que o Senado procura criar leis para incentivar a cultura	Cultura/ Política cultural		JOSÉ SARNEY	SPHAN
3 2 3	22/11/72	130	Os Mitos da Época	Sobre as novas tecnologias para o uso das donas de casa. Faz crítica aos problemas com a limpeza dos eletrodomésticos.	Cultura-tradições/ Tecnologias/ Mulheres			
3 2 4	29/11/72	130	Pedestres na Niemeyer	Sobre os usos do caminho Niemeyer no Rio de Janeiro	Cidades/ Transportes/ Rio de Janeiro			
3 2 5	06/12/72	130	Direito e Averso	Sobre doenças que acometem as pessoas e os preconceitos inerentes.	Doenças/ Cultura-valores			
3 2 6	13/12/72	130	O Cabeludinho	Sobre personagem que defende o uso dos cabelos grandes pelos homens, com literatura e história.	Personagem/ Cultura-valores.		MME. POMPA DOUR; MME DU BARRY; CASANOVA; LUIS XV; PEDRO ÁLVARES CABRAL; LAMPIÃO	
3 2 7	20/12/72	122	Os Bichos no Céu	Sobre livro de Odylo Costa Filho.	Intelectuais	ODYLO COSTA FILHO		
3 2 8	03/01/73	122	Vida de craque não são rosas	Sobre as viagens cansativas de avião que os esportistas têm que fazer para percorrer o país em época de campeonato.	Tecnologia/ Esporte	ADONIAS FILHO	JOSÉ OLYMPIO	
3 2 9	10/01/73	122	Jardins do Rio	Crítica aos jardins particulares mal cuidados que enfeiam a cidade.	Cidades/ Rio de Janeiro		GILDO BORGES	
3 3 0	17/01/73	122	Petrolina	Sobre viagem que fez a Petrolina (PE)	Nordeste/ Cidades/ Cultura-valores		SIMÃO AMORIM DURANDO	
3 3 1	24/01/73	122	Piedade	Pede piedade aos sobreviventes do acidente na	Estrangeiros/ Cultura-valores			

				cordilheira dos Andes que, para resistirem, precisaram cometer canibalismo.				
3 3 2	31/01/73	122	O Direito de morrer	Sobre o direito à eutanásia.	Cultura-valores/ Cultura-tradições		PRES. TRUMAN	
3 3 3	07/02/73	122	Os Sobrenomes	Sobre as origens dos sobrenomes.	Cultura-tradições	PEDRO NAVA		
3 3 4	14/02/73	122	Os Nomes dos índios	Sobre a grafia dos nomes indígenas não ser padronizada pela língua portuguesa, havendo grafias estrangeiras para as tribos e nomes.	Nacionalismo/ Língua Portuguesa.			ABL; FUNAI; CONGRESSO MEC; CFC;
3 3 5	21/02/73	114	Máquinas da morte	Crítica ao uso indiscriminado e irresponsável dos automóveis.	Tecnologia/ Cidades/ Transporte			
3 3 6	28/02/73	122	Noel Nutels	Reflexão sobre a morte do sanitarista Noel Nutels.	Personalidades	MANUEL BANDEIRA; ANTONIOU HOUAISS	NOEL NUTELS; DI CAVALCANTI; VILAS BOAS	
3 3 7	07/03/73	130	Pacatuba	Sobre livro homônimo de Manoel Albano Amora, Rachel conta memórias de sua juventude ligadas a Pacatuba	Intelectuais/ Memórias/ Nordeste	MANOEL ALBANO AMORA; PAULINO NOGUEIRA	JOAO NGUEIRA	
3 3 8	21/03/73	130	Carnaval	Crítica ao apelo comercial tomado para o Carnaval.	Cultura-valores/ Cultura-folclore			
3 3 9	28/03/73	130	Águas de Março	Falta a última linha da crônica. Começa falando da música de Tom Jobim, para em seguida falar do Nordeste e da relação chuva-seca-março	Nordeste/ Cultura-tradições		TOM JOBIM	
3 4 0	04/04/73	130	Geração	Fala que nós sofremos em prol das gerações futuras mas não temos garantias de que essas gerações vão fazer jus aos benefícios deixados.	Cultura-valores/ Filosofia de vida	PEDRO NAVA		
3 4 1	11/04/73	130	Mulungu na Serra	Crônica cortada no final. Sobre livro homônimo de Stela Nascimento. Conta	Intelectuais/ Memórias/ Nordeste	STELA NASCIMENTO;		

				memórias dos habitantes de Mulungu, Baturité.		LUCIA BENEDETTI; HELENA MORLEY; RUBEM BRAGA		
3 4 2	18/04/73	130	A Herança	Crítica ao pensamento de que os europeus que foram para os EUA não teriam preconceitos. Mostra que o preconceito racial é um dos mais fortes no mundo.	Estrangeiros/ Preconceito racial/		EUGÊNIO GUDIN	
3 4 3	25/04/73	130	O Pó ao pó	Sobre a incineração de cadáveres. Prefere a cremação ao sepulcro.	Filosofia de vida.	AFRANIO SOARES		
3 4 4	02/05/73	130	Salvar o Caraça	Campanha para restaurar o centenário colégio e grupo cultural mineiro Caraça.	Cultura- artes/Cultura- tradições	HENRIQUE TA LISBOA; ANTONIO DE LARA RESENDE;	MARQUES DE POMBAL; AFONSO PENA; ARTUR BERNARDES; MELO VIANA; CARD. CARLOS CARMELO; HAROLDO STRANG; WALTER MOREIRA SALES; ALAIR COUTO GILERTO FARIA; MENDES JUNIOR; TIAO MAIA; MAGA LHÃES PINTO	
3 4 5	09/05/73	122	Suspeita & Crime	Crítica às notícias que antecipam os nomes de suspeitos de crime sem comprovação.	Cultura- valores/ Imprensa.			
3 4 6	16/05/73	130	Turismo na cadeia	Sobre o reaproveitamento de antiga cadeia para centro turístico em Fortaleza.	Cidades/ Nordeste/ Cultura-artes			
3 4 7	23/05/73	130	Juarez	Coloca o movimento de 64 como herdeiro e continuador do tenentismo da década de 20, por conta de	Revolução		JUAREZ TAVORA; PRESTES; EDUARDO GOMES	

				Eduardo Gomes e Juarez Távora, militares que participaram do golpe.				
3 4 8	30/05/73	130	As Atas	Sobre o cultivo de fruta de conde/pinha/ata.	Nordeste/ Cidades/ Política econômica			
3 4 9	06/06/73	130	Nudez	Crítica a nudez indiscriminada de corpos feios de homens e mulheres, seja nas praias convencionais ou nas de nudismo. Repete que o que é feio deve ser escondido.	Cultura- valores/ Filosofia de vida			
3 5 0	13/06/73	130	Os Bispos	Elogios a dois bispos de Fortaleza: D. Antônio de Almeida Lustosa e D. José de Medeiros Delgado	Personalida des.		D. ANTONIO DE ALMEIDA LUSTOSA; D. JOSÉ DE MEDEIROS DELGADO; PAPA PIO XII; PAPA JOÃO XXIII; PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA	
3 5 1	20/06/73	130	O Presidente dos Estados Unidos	Sobre a progressiva dessacralização da figura do presidente dos EUA.	Estrangeiros		ELEANOR ROOSEVELT; JOHN KENNEDY; NIXON	
3 5 2	27/06/73	130	Drogas	Uso indiscriminado de antibióticos no Nordeste e nas pequenas cidades do interior.	Nordeste/ Segurança/ Cultura- tradições			
3 5 3	04/07/73	130	Na Estrada (1)	Começa a contar a história de uma família que decide viajar em carro e camping para o Rio de Janeiro, parando em beira de estrada.	Nordeste/ Personagens Transportes.			
3 5 4	11/07/73	130	Na Estrada (2)	Termina a história anterior, onde a família teve o carro roubado e recuperado.	Nordeste/ Personagens/ Segurança			
3 5 5	18/07/73	122	SOS, Embratel !	Sobre defeito causado em antena por causa de ninho de beija-flor. Pede ajuda a Embratel para informar se um ninho	Meio Ambiente/ Ciências/		CHACRI NHA	EMBRATEL

				prejudica a recepção de sinal. E aos naturalistas, quanto tempo dura um choco de beija-flor				
3 5 6	25/07/73	130	A Decoração da fama	Crítica aos que imaginam que os famosos vivem no glamour o tempo inteiro, faz menção a sua casa rústica e a Manuel Bandeira que pegava ônibus.	Memórias/ Personalidades/ Intelectuais/ Culturavores	MANUEL BANDEIRA		
3 5 7	01/08/73	130	Noticário de Rádio	Comentário sobre as rádios que ouve no Ceará.	Imprensa		GONTIJO TEODORO	PRA-9; CEARÁ RÁDIO CLUBE; GLOBO; BANDEIRANTES
3 5 8	08/08/73	130	Héctor e a Renúncia	Renúncia do Presidente argentino Hector Campora	Estrangeiros/ Personalidades		PRES. HECTOR CAMPORA; PERÓN; PRES. LANUSSE	
3 5 9	15/08/73	122	Ainda o Escândalo	Sobre Watergate e suas conseqüências para o poderio americano.	Estrangeiros.		RICHARD NIXON; GETÚLIO	OTAN
3 6 0	22/08/73	130	Balé e Brasil	Rebate as críticas de Márcia Haidée, sobre as mazelas do Brasil.	Nacionalismo.	AFRANIO BRASIL SOARES	MARCIA HAIDEE; GAL. DE GAULLE; ELEAZAR DE CARVALHO	
3 6 1	29/08/73	130	Governo itinerante	Sobre as viagens presidenciais pelo Brasil, com o objetivo de fazer circular o poder de Estado pela Nação.	Governo/ Revolução.		JANIO QUADROS	
3 6 2	05/09/73	130	Sociedade de Consumo	Sobre as tecnologias que cercam até o mais simples cidadão no dia a dia.	Ciências/ Cidades/ Culturavores.			
3 6 3	12/09/73	130	O Cometa	Sobre as crendices populares que envolvem a passagem do cometa pela terra	Cultura popular/ cultura-tradições.			
3 6 4	19/09/73	130	Cadê Carlinhos	Sobre o desaparecimento de menino de 10 anos.	Segurança/ Família/ Culturavores			SCOTLAND YARD; FBI
3 6 5	26/09/73	130	400 Toneladas de ouro	Sobre fortuna acumulada por Perón, que a estaria vendendo na Suíça.	Estrangeiros.	MANUEL BANDEIRA	JUAN DOMINGO PERON; GETULIO; RAINHA JULIANA;	

							RAINHA ELIZABETH; ISABELITA; EVITA	
3 6 6	03/10/73	130	O Caju	Sobre as faces da fruta, seus usos e sua produtividade.	Política econômica/ Nordeste/ Memórias.			
3 6 7	10/10/73	130	O Teatro Duse	Comenta livro que conta a história do Teatro Duse	Personalidades/ Cultura- artes	ORLANDA CARLOS MAGNO; MANUEL BANDEIRA	HERENEGIL DO DE BARROS; PASCOAL CARLOS MAGNO; GLAUCE ROCHA; AGILDO RIBEIRO; TERESA RAQUEL; OTHON BASTOS; B. DE PAIVA;	
3 6 8	17/10/73	130	Falta papel	Proposta de criação de um papel a base de plástico para suprir a falta do papel vegetal	Ciências/ Tecnologia/ Imprensa		MARIA ANTONIETA	
3 6 9	24/10/73	130	A ONU e a guerra	Sobre o papel da ONU nos conflitos do Oriente Médio e seu progressivo descrédito, causado pelas atuações independentes de EUA e URSS.	Estrangeiros/ Guerra/ Política Internacional			ONU; LIGA DAS NAÇÕES
3 7 0	31/10/73	130	A Guerra do Iom Quipur	Sobre os lados da guerra na Palestina entre árabes e judeus	Estrangeiros/ Guerra/ política Internacional			
3 7 1	07/11/73	130	Visita a Raul Fernandes	Aspectos da cidade de Vassouras, onde viveu Raul Fernandes.	Cidades/ Cultura-artes	RAUL FERNANDES	LEÃO VELOSO	
3 7 2	14/11/73	130	Hotelaria	Sobre a decadência dos hotéis na região serrana do Rio de Janeiro.	Cidades/ Rio de Janeiro			
3 7 3	21/11/73	130	Encontro em Brasília	Sobre encontro de escritores no DF para recebimento de prêmios literários.	Personalidades/ Intelectuais/ Língua Portuguesa/ Revolução	AUTRAN DOURADO; ADONIAS FILHO; JOSÉ CANDIDO DE CARVALHO; NELSON OMEGNA; JORGE LIMA;		

						ODYLO COSTA FILHO; GONÇAL VES DIAS		
374	28/11/73	130	O Urso	Sobre o poder dos países árabes com o petróleo e o apadrinhamento da URSS	Estrangeiros/ Guerra/ Política Internacional			ONU
375	05/12/73	122	Maré baixa	Comenta sobre a decadência dos investimentos em turismo pornô na Dinamarca, e a queda do interesse pelo mesmo aqui no Brasil.	Cultura-valores/ Estrangeiros			
376	12/12/73	122	Brasília e o Rio	Apesar das críticas que tem a Brasília e a forma como foi construída, acredita que o Rio de Janeiro ganhou muito com a transferência da capital, por deixar de concentrar para si a migração populacional que uma capital atrai.	Cidades/ Rio de Janeiro/ Brasília.			
377	19/12/73	130	Balão cativo	Sobre obra de Pedro Nava, de mesmo nome	Intelectuais	PEDRO NAVA; ANTONIO SALLES		
378	26/12/73	130	Natal de Guerra	Pede paz, em nome do natal e de Deus, aos povos em guerra no Oriente Médio	Estrangeiros/ Guerra/ Política Internacional			
379	02/01/74	130	Boas Festas	Crítica ao preço do alimento.	Cultura-valores/ Cidades/ Família		TIÃO MAIA	
380	09/01/74	122	Morrer com dignidade	Sobre os avanços da ciência para manter o corpo vivo, mesmo que em condições precárias, entubado etc.	Filosofia de vida			
381	16/01/74	122	Promessas de ano novo	Sobre o aumento da criminalidade nos grandes centros, mortes não solucionadas.	Segurança/ Cidades			
382	23/01/74	122	O Papel da ONU	Desenvolvimento e mudanças do papel e da influência da ONU nos cenários internacionais após fragmentação dos apoios da URSS e do capital norte-	Estrangeiros/ Guerra/ Política Internacional			ONU

				americano na América Latina.				
3 8 3	30/01/74	114	A Era do petróleo	Profetiza o fim do uso do petróleo e o nascimento de novas fontes de energia limpa.	Ciências/ Tecnologias/ Política econômica			
3 8 4	06/02/74	114	Turismo	Observações sobre o comportamento dos turistas que chegam a cidade em época do carnaval e a percepção que habitantes locais tem desses turistas, em especial com relação a praia.	Cidades/ Cultura popular/ Cultura-valores			
3 8 5	13/02/74	114	Vida-Vida	Comentário sobre livro de Lelena Cardoso.	Intelectuais	LELENA CARDOSO; LUCIO CARDOSO		
3 8 6	20/02/74	130	A Casa Branca e os robôs	Sobre a crise Watergate e a questão da robotização do presidente e da gravação de conversas na casa branca.	Estrangeiros/ Política Internacional		RICHARD NIXON	
3 8 7	27/02/74	130	Viagem	Comenta que na juventude gostava de viajar e a sua condição de idosa já não suporta mais os traslados ao aeroporto.	Memórias/ Cultura-valores/ Filosofia de vida		MIN. ANDREAZZA	
3 8 8	20/03/74	114	Recado do Ceará	Comenta sobre a chuva que cai sobre o Ceará e elogia o presidente por ter enviado auxílio na época da seca.	Revolução/ Nordeste			
3 8 9	27/03/74	114	O Pequeno adeus ao Presidente	Tece elogios ao Médici, no momento de sua transição para o fim do governo.	Revolução/ Personalidades		PRES. MEDICI	SNI
3 9 0	03/04/74	114	A Velha chama	Breve resenha sobre o livro homônimo de Ascendino Leite	Intelectuais/ Língua Portuguesa	ASCENDINO LEITE		
3 9 1	10/04/74	114	Velho & Velhice	Sobre envelhecer e aceitar-se velho.	Filosofia de vida			
3 9 2	17/04/74	114	Eletrificação Rural (1º)	Sobre extensão de rede elétrica para o interior do Ceará (COELCE), pelo governo, usando sobra de energia.	Nordeste/ Tecnologia		JOSAMAR LEÃO	COELCE
3 9 3	24/04/74	114	Eletrificação Rural - II	Continuação da crônica anterior	Nordeste/ tecnologia			COELCE

3 9 4	01/05/74	114	Trem de ferro	Comentário sobre a necessidade de se retomar a construção e ampliação da rede ferroviária e hidroviária no Brasil.	Nordeste/ Transportes/ Revolução			
3 9 5	08/05/74	114	A Chuva castiga deira	Crendices populares sobre a chuva que assola o país.	Cultura-tradições/ Cultura popular/ Religiosidade			
3 9 6	15/05/74	114	Graúna	Prometeu uma graúna ao Daniel (J.Olympio?), mas não consegue cumprir a promessa pois não há infraestrutura de transportes nacional para carregar o animal de Quixadá ao Rio.	Nordeste/ Personagens/ Transportes			
3 9 7	22/05/74	114	O Rádio	Sobre a forma de comunicação e informação mais utilizada no interior: o rádio.	Nordeste/ Tecnologia/ Imprensa			
3 9 8	29/05/74	114	Willy Brandt	Sobre a deposição de Willy Brandt, chanceler alemão.	Personalidades/ Estrangeiros		WILLY BRANDT	
3 9 9	05/06/74	114	O Açude	Sobre o açude de sua fazenda no Ceará que resiste às chuvas.	Nordeste/ Memórias/ Família/	CAMÕES	D. PEDRO I	
4 0 0	12/06/74	114	As Seletas	Sobre antologias nacionais.	Intelectuais/ Língua Portuguesa	FAUSTO BARRETO; CARLOS LAET; CONDESSA DE SEGUR; JULES VERNE; LUIZ GUIMARÃES FILHO; GILBERTO AMADO; DRUM MOND; MANUEL; CASSIANO; GILBERTO FREYRE; PEREGRINO; CASCUDO; CECÍLIA; GUIMARÃES ROSA; SUASSUNA; DINAH; ORÍGENES LESSA;		JOSÉ OLYMPIO

						MÁRIO PALMERIO; LÍGIA FAGUNDES; AUGUSTO MEYER; MARQUES REBELO; HERVERTO SALES		
401	19/06/74	114	A Fila do óleo	Discussão na fila do óleo de um supermercado descamba para falar de política de segurança nacional dos EUA, penas de morte, etc.	Personagens/ Estrangeiros/ Segurança			
402	26/06/74	114	Tempos modernos	Repete a mesma crônica intitulada “Sociedade de Consumo”, publicada em 05/09/1973.	Ciências/ Cidades/ Cultura- valores.			
403	03/07/74	114	Os Governadores	Sobre a eleição dos governadores e a concordância do presidente Geisel.	Revolução		PRES. ERNESTO GEISEL; PRES. EMÍLIO MEDICI	
404	10/07/74	114	América	Ainda sobre o caso Watergate.	Estrangeiros/ Personalida des.		RICHARD NIXON; HENRY KISSINGER	
405	17/07/74	114	Milênio	Compara o tempo de incertezas internacionais, guerra, terrorismo, do século XX aos momentos de tensão vivenciados na Idade Média.	Segurança/ Estrangeiros/ Cultura- valores/ Guerra			
406	24/04/74	82	Enfermeiras	Convoca moças para que se tornem enfermeiras, alegando que a profissão carece das características femininas e que o Brasil precisa de enfermeiras.	Profissões/ Mulheres			
407	31/07/74	82	Depois das chuvas	Comenta sobre o cenário de terra arrasada que se forma nas estradas e no interior do Ceará após a passagem das águas da chuva.	Nordeste/ Transportes			
408	07/08/74	82	Ufania	Elogia, ao contrário da crônica anterior, as estradas asfaltadas que os Estados estão	Nordeste/ Transportes		MARIO ANDREAZ ZA	

				fazendo. Elogio a Andrezza				
409	14/08/74	82	Palácio da Luz	Comentário sobre a demolição dos poucos prédios históricos do Ceará para dar lugar a novos prédios de arquitetura moderna. Elogio aos governos que mantiveram prédios e restauraram.	Nordeste/ Personalidades/ Culturas- artes		JANGO; TÁCITO TEÓFILO	
410	21/08/74	82	Beau Geste	Crônica saudosista sobre Adauto Lúcio Cardoso.	Intelectuais	ADAUTO LUCIO CARDOSO; ODILON BRAGA; MILTON CAMPOS PEDRO ALEIXO; CARLOS DRUM MOND; PEDRO NAVA; JOÃO ALFONSUS; AFONSO ARINOS; RODRIGO DE MELO FRANCO; ANIBAL MACHADO; MARIA ALICE BARROSO; HELENA CARDOSO;		
411	28/08/74	82	SPCCM M	Crônica sobre a fundação da Sociedade Protetora da Criatura Contra Máquinas e Megalópoles.	Intelectuais/ Tecnologia/ Cidades/ Filosofia de vida	JOSE CANDIDO DE CARVALHO; HERBERTO SALES		
412	04/09/74	82	Regresso	Lamento por ter que retornar ao Rio de Janeiro.	Nordeste/ Cidades/ Rio de Janeiro			
413	11/09/74	82	Neves de Antanho	Repete a mesma crônica, de mesmo nome, publicada em 25/09/1966	Memórias			
414	18/09/74	82	Democracia	Crítica a revista americana que questionava a existência de democracia no Brasil.	Estrangeiros/ Nacionalismo/ Revolução		NIXON; GERALD FORD; NELSON ROCKEFELLER; HITLER	

4 1 5	25/09/74	82	Música popular	Pede chance ao jovem músico José Barreto, de Quixadá.	Cultura-artes		JOSÉ BARRETO	
4 1 6	02/10/74	82	Fusão	Comentário sobre a fusão do Rio de Janeiro com a Guanabara. Opinião a favor da fusão por não gostar do nome guanabarrino.	Cidades/ Cultura-identidades			
4 1 7	09/10/74	82	Viajar	Compara as condições das estradas de 1954 a 1974.	Cidades/ Transportes			
4 1 8	16/10/74	82	Milagre	Sobre sínodo de bispos que discutia evangelização em 1974. Pede mais ação da Igreja e menos debate.	Religiosidade.			PETROBRAS; OSB; LOIDE BRASILEIRO
4 1 9	23/10/74	82	A Crise	Comentário sobre a crise do papel e o impacto que tem sobre a produção de livros, jornais e disseminação da cultura.	Política econômica/ Cultura- artes/ Imprensa.			
4 2 0	30/10/74	82	Andorinhas	Sobre o inverno Suíço que se antecipou e matou andorinhas o que fez com que o governo as levasse de avião para terras mais quentes. Termina comparando a civilidade europeia com a (in)civilidade nacional que alimenta-se de aves de pequeno porte.	Estrangeiros/ Nacionalismo/ Meio ambiente			
4 2 1	06/11/74	82	A Suíça e a Europa	Sobre a validade da Comunidade Europeia, nascente naquele momento, e o plebiscito suíço que definiu pela permanência de estrangeiros no país.	Estrangeiros/ Cultura-identidades		NAPOLEÃO; HITLER	
4 2 2	13/11/74	82	A Dublagem	Comentário sobre a dublagem de filmes estrangeiros. Não concorda com a dublagem.	Língua Portuguesa/ Estrangeiros.			
4 2 3	20/11/74	82	Outra terra, outro mar	Resenha de livro homônimo de Antônio Bulhões.	Língua Portuguesa/ Intelectuais	ANTONIO BULHOES		
4 2 4	27/11/74	82	Um Sonho	Sobre sua morte em sonho.	Filosofia de vida			

4 2 5	04/12/74	82	Eleição	Elogio às eleições que teriam sido “honestas”.	Revolução		PINHEIRO MACHADO; LIGIA LESSA BASTOS; SANDRA CAVALCAN TI	MDB; ARENA
4 2 6	11/12/74	82	U Thant	Sobre a morte do ex-secretário geral da ONU	Personalidades/ Estrangeiros		U THANT	ONU
4 2 7	18/12/74	82	Terminal doméstico	Severas críticas às condições do terminal doméstico do aeroporto do Galeão.	Transportes/ Cidades			
4 2 8	25/12/74	82	Iaiá no seu jardim	Sobre menina que adorava seu jardim e nele imaginava o desenrolar de sua vida.	Personagem.			
4 2 9	01/01/75	82	História de Natal	História sobre um ateu que se converte após beijar imagem de Jesus na manjedoura e sentir calor e carne humanos.	Personagem/ Religiosidade			
4 3 0	08/01/75	82	Amigos	Sobre amizade e experiência de vida que se confundem ao longo do tempo. Amigos devem ser da mesma idade para que haja troca de saberes iguais.	Filosofia de vida	MAURIAC; BILAC; EMÍLIO DE MENEZES		
4 3 1	15/01/75	82	José Piquet Carneiro	Sobre a morte de José Piquet Carneiro.	Personalidades.	JOSÉ PIQUET CARNEIRO; ODYLO COSTA		
4 3 2	22/01/75	82	Um Tesouro	Sobre a descoberta dos manuscritos originais de TIL de José de Alencar	Língua Portuguesa/ Cultura-artes	JOSÉ DE ALENCAR; PLINIO DOYLE; LÚCIO DE MENDONÇA		

Bibliografia

ACERVOS DIGITAIS:

- ACADEMIA Brasileira de Letras. “Biografia da Rachel de Queiroz”. Disponível em: www.academia.org.br. Acesso em 21/04/2015.
- ANDRADE, Ana M. R.; CARDOSO, José L. “Aconteceu, virou Manchete”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 41, 2001, pp. 243-264. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n41/a13v2141.pdf>. Acesso em: 21/04/2015.
- BARBOSA, Marialva. O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira. *Ciberlegenda*. Nº7, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/331/212>. Acesso em 21/04/2015.
- BRANCO, Anselmo L.; MENDONÇA, Cláudio; LUCCHI, Elian. *Geografia para todos*. Disponível em: <http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=s126>, acesso em 21/04/2015.
- BRASIL. “Estatuto da Criança e do Adolescente”. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm, acesso em 21/04/2015.
- _____. “Estatuto do Idoso”. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm, acesso em 21/04/2015.
- _____. “Código de Defesa do Consumidor”. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18078.htm, acesso em 21/04/2015.
- CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. “Declaração: Por tempos Novos, com liberdade e democracia”. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/imprensa-1/noticias/13944-declaracao-por-tempos-novos-com-liberdade-e-democracia>. Acesso em 21/04/2015.
- DICIONÁRIO online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/alteridade/>. Acesso em 21/04/2015.
- GAVA, José Estevam. “Momento Bossa Nova: Arte e modernidade sob os olhares da revista O Cruzeiro”. *Estudos de Jornalismo e Mídia*. Santa Catarina: UFSC, v. II, nº 1, 1ºsem/ 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2092/1833>. Acesso em: 21/04/2015.

- JÚNIOR, Arnaldo Nogueira. “Releituras”. Disponível em: http://www.releituras.com/racheldequeiroz_bio.asp, acesso em 21/04/2015.
- LIBRARY of Congress. “Continuing Resources”. IN.: LOC. MARC, 2010. Disponível em <http://www.loc.gov/marc/bibliographic/bd008s.html>, acesso em 21/04/2015.
- MEYRER, Marlise Regina. *Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro (1955-1957)*. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina: UEL, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Marlise%20Regina%20Meyrer.pdf>. Acesso em 21/04/2015.
- MIGUEL, Luiz Felipe. Retrato de uma ausência: a mídia nos relatos da história política do Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V. 20, nº39, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882000000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 21/04/2015.
- MONTEIRO, M. A.; COELHO, M. C. N.; SILVA, R. P. *A ICOMI no Amapá: comportamento social e trabalhista – Relatório geral de observação*. Florianópolis: Instituto Observatório Social, 2003. Disponível em: <http://www.observatoriosocial.org.br/site/>, acesso em 21/04/2015.
- MOREL, Marcos; BARBOSA, Marialva. *História da Imprensa no Brasil: Metodologia. Rede Alfredo de Carvalho*. São Paulo, 2002. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/redealcar_inventario.htm. Acesso em 21/04/2015.
- NISKIER, Arnaldo. Programa *Frente a Frente*. Rede Vida de Televisão. Disponível em: <http://www.arnaldoniskier.com.br/obra/programas-de-tv/frente-afrente-raquel-de-queiroz.html>. Acesso em 21/04/2015.
- OLIVEIRA, P. P.; Oliveira, M.C.C. “Rachel de Queiroz e a tradução na década de 40 do século XX”. *Tradução em Revista* (Online), v. 5, 2008. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_1460.D2W/INPUT0?CdLinPrg=pt. Acesso em 21/04/2015.
- PINTO, José; SOUZA, José de. “Ouro para o Bem do Brasil”. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/>, acesso em: 21/04/2015.

- ROSA, Susel Oliveira da. "Apesar de vocês amanhã vai ser outro dia" Imprensa alternativa versus ditadura militar em Porto Alegre. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/4850/2768> – acesso em 21/04/2015.
- SERPA, Leoní Teresinha Vieira. *A Máscara da Modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Dissertação. Passo Fundo: UFP, 2003. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000097.pdf>. Acesso em: 21/04/2015.
- Templo Cultural Delfos. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2012/11/rachel-de-queiroz-dama-sertaneja-das.html>. Acesso em 21/04/2015.

FONTES PRIMÁRIAS:

- CONSELHO Federal de Cultura. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: MEC, 1971-1975.
- _____ . *Cultura*. Rio de Janeiro: MEC, 1967-1970.
- _____ . *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: MEC, 1969-1974.
- *O CRUZEIRO*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica “O Cruzeiro”. 1964-1975.
- QUEIROZ, Rachel de. “Última Página”. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: Empresa gráfica “O Cruzeiro”, 1964-1975.
- REIS, Artur Cezar Ferreira. “Discurso transcrito para a revista Cultura”. IN: *Cultura*. Rio de Janeiro: MEC, N.20, Ano3(mar-1969).

FONTES SECUNDÁRIAS:

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste*. 2ª Edição. Recife: FJN/Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Claudio Aguiar. *Cultura e Sociedade no Brasil: 1940-1968*. 6ª ed. São Paulo: Atual, 1996.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade*

contemporânea. Trad. de. Paloma Vidal. Rio de Janeiro-RJ: Ed. da UERJ, 2010.

- AZEVEDO, Cecília; ROLEMBERG, Denise(orgs). *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- BACZKO, Bronislaw. ‘Imaginação social’. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, v. 5.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.
- BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa no Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: MauadX, 2007.
- BASSANEZI, Carla. “Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)”. *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP. Nº1, 1993.
- BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. “A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região”. IN: *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- _____ . “A Ilusão Biográfica”. IN: Ferreira, Marieta. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CALABRE, LIA. “O Conselho Federal de Cultura, 1971-1974”. IN.: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, nº37 (jan-jun 2006).
- _____ . “Intelectuais, e política cultural: O Conselho Federal de Cultura”. IN.: *Intellèctus. Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no mundo Ibero-Americano*. Rio de Janeiro, 17-18/05/2006.
- CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In: CÂNDIDO [et. al]. *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, R. (orgs). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- _____ . *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2011.
- CARVALHO, Aloysio Castelo de. *A Rede da Democracia*. Niterói: EDUFF, 2010.

- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____ . *Rachel de Queiroz: cadeira 5, ocupante 5*. Rio de Janeiro: ABL; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.
- CARVALHO, Luiz Marklounf. *Cobras Criadas*. 2ª ed. São Paulo: SENAC-SP, 2001.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de M. (orgs). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- CHALHOUB, Neves e Pereira. *História em cousas miúdas*. Campinas, Ed. UNICAMP, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CIAMBARELLA, Alessandra. “A tradição abre as portas a modernidade...” IN: FERREIRA, Jorge (org). *O Rio de Janeiro nos Jornais*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2011.
- COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e Segmentação dos Impressos”. IN: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R.(orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CORRÊA, Thomás Souto. “A era das revistas de consumo”. IN: MARTINS, A.; LUCCA, T.(orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.
- COSTA, Sérgio. “Da mestiçagem à diferença: nexos transnacionais e formação nacional no Brasil”. IN: DUTRA, E. de Freitas (org). *O Brasil em dois tempos: História, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- COUTINHO, Afrânio (dir.). *A Literatura no Brasil: Era Modernista*. 4ª Ed. São Paulo: Global, 1997 (Vol. 5).
- _____ . *A Literatura no Brasil: Relações e Perspectivas Conclusão*. 4ª Ed. São Paulo: Global, 1997 (Vol. 6).
- COUTO, Ronaldo da Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura: Brasil 1964-1985*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CUNHA, L. *Nas páginas do tempo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

- CUNHA, Maria de Fátima. Homens e Mulheres nos anos 60/70: um modelo definido? História: questões & debates. Curitiba: UFPR. Nº 34, 2001.
- CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. SP: EDUSP, 2003.
- DALLARI, D.de A. *O que é participação política?* São Paulo: Abril Cultural-Brasiliense, 1984.
- DUTRA, E. de Freitas (org). *O Brasil em dois tempos: História, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- ENGEL, Magali G. “História da Sexualidade”. IN: CARDOSO, Ciro F./ VAINFAS, R. (orgs). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus. 1997.
- FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira: III. O Brasil Republicano* (I. Estrutura de Poder e Economia 1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- FERREIRA, Luciana da Costa. *Entre a Colombo e a Academia: o intelectual boêmio Emílio de Menezes*. Tese (Teoria Literária). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura-UFRJ, 2014.
- FERREIRA, M. de Moraes; AMADO, J. *Usos e abusos da História Oral*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- FERREIRA, Jorge (org) *As Repúblicas no Brasil: política, sociedade e cultura*. Niterói: EDUFF, 2011.
- _____(org). *O Rio de Janeiro nos Jornais*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2011.
- _____; DELGADO, L. de A. N.(orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – o regime militar e movimentos sociais em fins do século XX* (Livro 4). 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- FICO, Carlos. *O golpe de 1964*. Rio de Janeiro FGV, 2014.
- _____. “Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. IN: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N.(orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – o regime militar e movimentos sociais em fins do século XX* (Livro 4). 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *A Ordem do Discurso*. 19ª Ed. São Paulo: Edições Loyola,

2009.

- GASPARI, Élio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002(V.1).
- _____ . *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002(V.2).
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- GRYNSZPAN, Mário. “A questão agrária no Brasil pós-1964 e o MST”. IN: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N.(orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – o regime militar e movimentos sociais em fins do século XX* (Livro 4). 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- GUERELLUS, Natália de Santana. *Regra e exceção: Rachel de Queiroz e o Campo Literário dos anos 1930*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- _____ . *Como um Castelo de Cartas*. Tese (História). Niterói: Programa de Pós-Graduação em História-UFF, 2015.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Rachel de Queiroz*. São Paulo: Global, 2004.
- _____ ; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

- LABORIE, Pierre. “Memória e Opinião”. IN: AZEVEDO, Cecília; ROLEMBERG, Denise(orgs). *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- LE GOFF, Jacques. “Memória-História”. IN: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, v.1.
- LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. IN: FERREIRA, M. de Moraes; AMADO, J. *Usos e abusos da História Oral*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno X: Da biografia à história*. BH: Autêntica Editora, 2011.
- LUCA, Tânia Regina de. “A Grande Imprensa na primeira metade do século XX”. IN: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R (orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

- MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. PUF: Littératures Modernes, 1984.
- MAIA, Tatyana de Amaral. *Os Cardeais da Cultura: O Conselho Federal da Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975)*. São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2012.
- MANGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª Ed. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1997.
- MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios as mediações : comunicacao, cultura e hegemonia*. Traduzido por Ronald Polito; Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MARTINS, A.; LUCCA, T.(orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MAUAD, Ana Maria. “Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.13. n.1, jan. - jun. 2005.
- MELLO, Maria Celina Moreira de. “Questões de método”. IN: *A Literatura francesa e a pintura: Ensaio crítico*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
- MELO, José Marques de. *Para uma leitura crítica dos meios de comunicação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- MENDONÇA, Sônia R. de; FONTES, Virgínia Mª. *História do Brasil Recente (1964-1980)*. São Paulo: Ática, 1991.
- MESQUITA, Samira Nahid de. *O Enredo*. São Paulo: Ática, 1986 [Série Princípios].
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o Rei do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. *A Imprensa na História do Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-RJ/Desiderata, 2005.
- NAPOLITANO, Marcos. *O Regime Militar Brasileiro: 1964-1985*. São Paulo: Atual, 1998.
- NASSER, David. *A Revolução que se perdeu a si mesma*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1965.
- NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio(Orgs.). *E. P. Thompson: As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. São Paulo: EDUNICAMP, 2001.

- NETTO, Accioly. *O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1998.
- NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: CÂNDIDO [et. al]. *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- _____ . “História da Crônica. Crônica da História”. IN: RESENDE, Beatriz(org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio; CCBB, 1995.
- _____ . “ O Povo na Rua: um ‘Conto de duas cidades’ ”. IN: PECHMAN, R. M. (org). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1994.
- NISKIER, Arnaldo. *Evocação de Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Edições Consultor, 2010.
- NORA, Pierre. “Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares”. IN: *Projeto História: História e Cultura*. São Paulo: PUC-SP/PPGH, n° 17(dez. 1993).
- NOVAES, Washington. *A quem pertence a informação? (2ª edição)*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- NUCCI, Priscila. *Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil*. São Paulo: AnnaBlume; FAPESP, 2010.
- OLIVEIRA, C.; Velloso, M. P.; Lins, V. *O Moderno em Revistas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- PEREIRA, Leonardo A. de M.; CHALHOUB, Sidney. “Apresentação”. IN: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. de M. *A História Contada...* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: Siciliano, 1993.
- _____ . *Memorial de Maria Moura*. 8ª Ed. São Paulo: Siciliano, 1992.
- QUEIROZ, Rachel de; Queiroz, Mª Luiza de. *Tantos Anos: uma biografia*. Rio de Janeiro: Arx. 4ª Ed. 2004.
- QUELHAS, Iza; CORRÊA, Irineu E. Jones. *Papéis Efêmeros, Explorações Permanentes*. São Paulo; Rio de Janeiro: FAPERJ/Livre Expressão, 2014.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. “Ditadura e Sociedade: as reconstruções de memória”. IN: SEMINÁRIO 40 Anos do Golpe de 1964. *1964-2004: 40 Anos do Golpe de 64: ditadura militar e resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

- _____; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, R. Patto Sá. *O Golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- RESENDE, Beatriz (org). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- RIDENTI, Marcelo. “Cultura e Política: os anos de 1960-1970 e sua herança”. IN: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N (orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1985 [Série Princípios].
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: O ano que não devia terminar*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SANTOS [FERREIRA], Raquel França dos. *Antônio Maria: Visões sobre o cotidiano do Rio de Janeiro na década de 1950*. Dissertação. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2003.
- _____. “O Cruzeiro e Rachel de Queiroz: explorando crônicas do pós-64”. IN: QUELHAS, Iza; CORRÊA, Irineu E. Jones. *Papéis Efêmeros, Explorações Permanentes*. São Paulo; Rio de Janeiro: FAPERJ/Livre Expressão, 2014.
- SECRETARIA Especial de Comunicação Social (SECS). *O Cruzeiro: a maior e melhor revista da América Latina*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade Rio/ SECS, Cadernos da Comunicação 3, jun/2002 [Série Memória].
- SECRETO, M.V. *Soldados da borracha*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1994.
- SOIHET, Rachel. “Introdução”. IN.: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- _____. “História das Mulheres”. In: CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo: EDUSP; Com-Arte, 2010.
- THOMPSON, E. P. “Lucha de Clases sin Clases?”. IN: *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.
- _____ . *A Formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. 1, 1987.
- _____ . “Folclore, Antropologia e História Social”. IN: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio(Orgs.). *E. P. Thompson: As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. São Paulo: EDUNICAMP, 2001.
- _____ . *Os Românticos: a Inglaterra na Era Revolucionaria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VAINFAS, R. “Caminhos e descaminhos da História”. IN: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, R. (orgs). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus. 1997.
- VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- _____ . *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *Que cara tem o Brasil?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- _____ . “As distintas retóricas do moderno”. IN: OLIVEIRA, C.; VELLOSO, M.; LINS, V. *O Moderno em Revistas*. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ, 2010.
- VENANCIO, Giselle Martins. “Brasiliiana segunda fase: percurso editorial de uma coleção que sintetiza o Brasil (1956-1993)”. IN.: DUTRA, E. de F. (org). *O Brasil em dois tempos: História, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____ . “Da escrita impressa aos impressos da biblioteca: uma análise da trajetória de leitura de Francisco José de Oliveira Viana”. IN.: DUTRA, E.de F.; MOLLIER, J-Y (orgs). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX*. São Paulo: Anablume, 2006.

- WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver*. 6ª Ed. Rio de Janeiro, Record, 1988.
- WHITE, Hayden. “Teoria Literária e escrita da História”. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 7, n. 13, 1994.